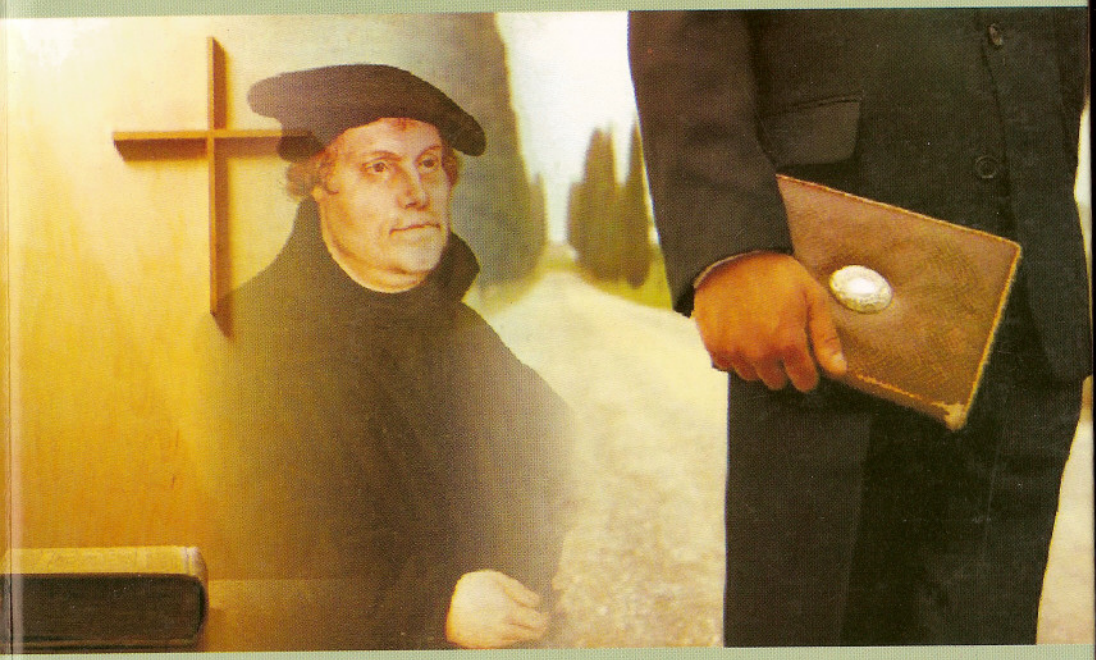
Gustaf Wingren



A VOCAÇÃO SEGUNDO LUTERO

Martinho Lutero Hoffmann
(Tradutor)

Editora Concórdia

Editora da ULBRA

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martinho Lutero
Sist. 360895
Reg. 038548506
Proc. D.
Data 20/07/06

Título original: *Luther on vocation*
Nova Iorque: Muhlenberg Press, 1957

© do autor
1ª edição: 2006
Direitos reservados desta edição: Universidade Luterana do Brasil

Capa
Juliano Dall'Agnol
Preparação de texto e revisão
Cláudia Luciane de Oliveira
Projeto gráfico
Everaldo Manica Ficanha
Editoração
Isabel Kubaski

Gustaf Wingren (1910-2000) nasceu em Tryserum, Östergötland (Suécia). Foi professor de Teologia Sistemática na Universidade de Lund. É autor de *Criação e Lei*, *Evangelho e Igreja*, *O Homem e a Encarnação*, *Credo* e *A Palavra de Vida*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W772v Wingren, Gustaf
A vocação segundo Lutero. / Gustaf Wingren ; tradução Martinho Lutero Hoffmann. – Canoas: Ed. ULBRA, 2006.
268p.

1. Teologia – Lutero - vocação. 2. Religião - Luteranismo. I. Hoffmann, Martinho Lutero. II. Título.

CDU 284.1

Setor de Processamento Técnico da Biblioteca Martinho Lutero - ULBRA/Canoas

ISBN 85-7528-158-5

Dados técnicos do livro

Fonte: Carmina BT
Papel: offset 75g (miolo) e supremo 240g (capa)
Medidas: 14,8x21cm

Impressão: Gráfica da ULBRA
Maio/2006

Co-edição:

Editora Concórdia
Av. São Pedro, 633 - São Geraldo
Porto Alegre - RS - 90230-120
Fone/Fax: (51) 3342.2699
www.editoraconcordia.com.br
editora@editoraconcordia.com.br

Nota do Editor

Esta obra faz parte de um projeto que visa à publicação de obras teológicas de produção nacional e internacional. Busca resgatar trabalhos monográficos, dissertações e teses produzidas por teólogos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), bem como traduzir obras teológicas – especialmente relacionadas com o pensamento sobre a teologia de Lutero – da língua inglesa e língua alemã.

Além de proporcionar o acesso a este conhecimento ao público de língua portuguesa, estamos focando o **11º Congresso Internacional de Pesquisa em Lutero**, que acontecerá no Brasil, pela primeira vez, aqui na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em 2007.

Valter Kuchenbecker
Canoas, maio de 2006.

Prefácio do tradutor

Pouco se conhece no Brasil sobre o pensamento original de Lutero, embora haja um milhão de luteranos no país, mais de mil pastores e, dentre esses, uma meia dúzia de luterólogos. É que a produção nessa área tem sido pequena e, ainda assim, pouco divulgada. Traduções também não são muitas. Nesse contexto, vale destacar a tradução das obras de Lutero feita pela Comissão Interluterana de Literatura (CIL) e publicada pelas editoras Concórdia e Sinodal, no início dos anos 90. Cumpre citar *A Nossa Vocação*, de Einar Billing, um autor sueco a exemplo de Wingren.

Por outro lado, se Lutero não foi bem compreendido pelos adversários, igualmente nem sempre o foi pelos próprios luteranos, pois a originalidade e abrangência das suas posições requerem paciência, tempo e muita acuidade. Além disso, o tamanho da sua obra alcança mais de cem volumes, cada qual tendo mais de mil páginas, fato que levou um de seus biógrafos a fazer o seguinte cálculo: para copiar à mão toda a sua produção literária, seria preciso um homem trabalhar oito horas por dia durante dez anos.

No que tange à temática vocação, o livro de Wingren toca em um ponto crucial do pensamento lutérico, pois é a versão dele para a doutrina da santificação, doutrina essa que Lutero entende sempre como a prática do amor numa relação interpessoal e nunca num "aperfeiçoamento moral", individual, fora do mundo, fora, pois, das relações interpessoais. Daí a sua recusa e condenação à santificação monástica entre quatro paredes, à imitação dos santos, pois o que eles faziam, na maioria das vezes, era uma obra sem correspondência com o próximo; e à santificação dos *Schwärmer* (palavra alemã que fica a meio cami-

nho entre fanático e entusiasta) caracterizada puramente por uma visão negativa das coisas do mundo, uma recaída, portanto, na ética monástica medieval. Para Lutero, sem amor não há santificação, e amor se entende como o querer e fazer bem ao próximo. O amor a Deus, por sua vez, que é também exigido pela lei e criado no coração do ser humano pelo Espírito Santo mediante a palavra do evangelho, esse amor, como dizia, manifesta-se unicamente pela fé, ou seja, pela confiança na sua pessoa. Logo, não há o que dar para Deus, não há sacrifício a fazer para ele. Se, então, há alguma coisa que o homem deseja fazer movido pela graça que o traz à fé, essa coisa pode ser apenas as obras de amor em favor do próximo, obras feitas num espírito espontâneo, pois não visam a alcançar méritos face a Deus.

A tradução, como tal, não apresentou sérias dificuldades. Somente lembro que Wingren é sueco e escreveu na língua materna. Daí foi traduzido para o inglês por Carl C. Rasmussen e publicado em 1957. Tradução de tradução implica sempre em mais riscos. Sendo o português uma língua de pouca tradição luterana, a dificuldade aumenta em razão de, em certos momentos, não haver uma palavra específica para transmitir o sentido exato proposto pelo texto, fato que nos obriga a rodeios ou a tentativas de criar um vocábulo novo. Além do mais, como o português é pródigo em dentais (d e t) e o texto em inglês a toda hora nos apresentava palavras que, traduzidas no primeiro instante, reclamavam uma correspondente em ão (*vocation* – vocação; *prayer* – oração, etc.) isso nos obrigou a apelar para sinônimos pouco usados e ainda mais rodeios ou, então, mudanças para adjetivos, tendo como propósito evitar colisões e ecos e, ao mesmo tempo, tentar proporcionar uma prosa limpa, fluente, elegante (isso, pelo menos, foi tentado) — sem perder nem alterar o sentido original. Por isso, aparecem palavras como lutérico (próprio de Lutero para diferenciar de luterano), orante (a pessoa que ora), chamado (como sinônimo de vocação) e, de vez em quando, inversões no interior das frases.

Martinho Lutero Hoffmann

Sumário

Introdução 11

I TERRA E CÉU 17
1 O Reino Terreno 17
2 O Reino do Céu 26
3 Os Governos Espiritual e Terreno 39
4 Fé e Amor 52
5 Cruz e Desespero 65
6 Relacionamento com Deus e Vocação 77

II DEUS E O DIABO 93
1 A Noção de Governo 93
2 O Conceito de Liberdade 107
3 A Confusão dos Reinos 121
4 Cooperação 136
5 Regeneração 155

III O HOMEM 175
1 A Sua Situação 175
2 Vocação – Imitação 184
3 Oração 196
4 O Mandamento de Deus 210
5 Stündelein 223
6 Ocultação e Escatologia 244

Índice Remissivo 261

Introdução

A tarefa à qual nos entregamos nesta pesquisa do ensino de Lutero sobre a vocação é puramente histórica no senso de que sua única finalidade é compreender o pensamento de Martinho Lutero sobre um determinado ponto em especial. Nosso estudo não pretende ser um tratamento sistemático dos seus princípios fundamentais, nem uma análise crítica da teologia contemporânea, nem uma comparação do pensamento luterano com o romanista, nem mesmo um tratamento comparativo entre Lutero e seus seguidores. No momento em que a visão do próprio Lutero estiver bem clara para todos, nós daremos por terminado este empreendimento. Havendo, assim, definida nossa missão, fixamos seus limites com mais clareza ao estabelecer o modo como procuramos entender o ensino de Lutero sobre a vocação. Nosso objetivo não é traçar o progressivo desdobramento dessa visão no pensamento de Lutero através das sucessivas modificações ocasionadas pelas suas várias experiências e pela marcha dos seus esforços reformatórios. Uma tal investigação deveria ser cronológica iniciando com seus escritos mais antigos (os do jovem Lutero) e prosseguindo com os mais recentes (os do Lutero maduro) até o *Comentário de Gênesis*. É inevitável que isso seja tratado, ao menos ligeiramente, nesta pesquisa; mas esse não será o nosso objetivo direcionador. A nossa finalidade será, antes, uma tentativa de integrar as afirmações de Lutero sobre a vocação com a base da sua teologia, ou seja, apresentar expressões concernentes ao *Beruf* (chamado, vocação, etc.) no contexto dos seus conceitos fundamentais – lei e evangelho, obra de Cristo, liberdade, pecado, etc. A pureza do

esforço interpretativo do ensino de Lutero sobre a vocação pode ser demonstrada simplesmente pela sua clareza e congruência com a sua perspectiva total. O propósito primeiro, em razão disso, torna o nosso tratamento dessa matéria um tanto sistemático, no sentido de que a nossa busca é a visão global de uma pessoa histórica definida: Lutero.

Esse procedimento sistemático no estudo do pensamento de uma pessoa histórica descansa na implícita assunção de que a sua posição teológica fundamental é em si mesma uniforme. É dito que tal assunção não é completamente válida no caso de Lutero. A posição do Lutero da pré-Reforma torna freqüentemente necessário um tratamento cronológico do assunto e uma atenção para o desenvolvimento histórico do seu ponto de vista. Por exemplo, a nossa discussão do seu *Treatise on Good Works* (*Tratado sobre as Boas Obras)* de 1520 estará preocupada com a transposição do seu pensamento pré-reformatório[1]. Mas o problema da evolução de Lutero permanece fora da natureza do conceito que pretendemos investigar – a vocação. Palavras como pecado, justiça, fé, etc., têm um lugar central tanto nos escritos do jovem Lutero quanto nos da sua maturidade e nos dos seus anos mais velhos. O conteúdo desses termos mudou consideravelmente entre 1516 e 1525. Mas a palavra vocação (*vocatio*) é, no sentido que ele lhe deu, um produto da tese central da Reforma do Lutero maduro. A sua doutrina da vocação pressupõe que o ideal monástico já afundara internamente, ou seja, a partir de dentro. Nas suas aulas sobre a *Epístola aos Romanos*, 1515-1516, descobrimos uma inequívoca insistência de que todo ofício na sociedade impõe sua exigência peculiar, que é negligenciada se uma pessoa, em lugar dela, imita a lenda de alguma vida santa[2].

---

[1] Veja o capítulo I, seções 5 e 6.

[2] *WA* 56, 417 e 418. Aqui, o termo *status* está no senso ordinário; mas, na página 417, usa-se a expressão "de acordo com a sua vocação" claramente como aplicada à ocupação secular porque se refere a "pessoas incultas". Mas existe uma

Essas afirmações esporádicas, antigas, nunca tomam a forma de uma proclamação decididamente expressa; elas se ressentem do verdadeiro ponto da sua posterior doutrina da vocação, a saber, a discussão contra a vida monástica solitária, isolada da família e da vida do mundo. Só depois que a vida no claustro foi julgada como algo mau, as palavras *Beruf* e *vocatio* começam a aparecer em mais quantidade nos escritos de Lutero. Com respeito à palavra *Beruf*, no geral não aparece antes de 1522[3]. A definitiva rejeição da vida em clausura foi feita em *De Votis Monasticis* (*A Respeito dos Votos Monásticos*), de 1521. Ao dizermos que o Lutero da Pré-Reforma estava escassamente preocupado com a vocação terrena, nós simplificamos em muito o problema. É agora admitido que depois da sua ruptura com a vida claustral, Lutero apresenta uma perspectiva unificada. Segue-se que as declarações sobre vocação, por exemplo, mesmo de diferentes anos da sua obra, podem ser incorporadas num quadro inclusivo. A prova disso pode ser mostrada apenas pela apresentação a seguir.

---

diferença básica entre esse e o ponto de vista posterior de Lutero porquanto nas suas aulas sobre a *Epístola aos Romanos*, ele ainda considera a vida monástica um *status* instituído por Deus.

[3] Em *Gesammelte Aufsätze* III, p.217 (*Die Geschichte des Wortes Beruf*), de Karl Holl, o que está compreendido no conceito de vocação aparece de maneira mais indefinida do que no caso da palavra *Beruf*. Arvid Runestam assinalou que Lutero não usa o conceito "vocação" no seu livro, *A Liberdade do Homem Cristão*, escrito em 1520, mas que, em essência, a idéia está "pronta para entrar". Ela aparece mais claramente em um opúsculo seu do mesmo ano, *Treatise in Good Works* (*Tratado sobre as Boas Obras*). A isso é necessário apenas acrescentar que, no tratado com respeito ao batismo, de 1519, aparece uma visão de vida nas ordens terrenas, que mais tarde se torna característica do conceito plenamente desenvolvido por Lutero sobre a vocação (cf. *WA* 2, 724s). Todavia, tudo o que aparece nesse período é prólogo. Como Holl enfatiza, o conceito de vocação irrompe claramente, pela primeira vez, na *Kirchenpostille*, de 1522, após o ideal monástico ter sido repudiado completamente em 1521. Veja também *WA* I , 451 (*Decem Praecepta*), 1518: "A primeira coisa é dares atenção àquilo que o Senhor exigia de ti, a obra de qualquer ofício que ele impôs sobre ti como diz o apóstolo Paulo: "Cada um permaneça na vocação em que foi chamado". A afirmação de Paulo é encontrada em 1Co 7.20.

Uma limitação a mais da nossa investigação deve ser dada. Não é só a questão do desenvolvimento psicológico de Lutero que fica fora do nosso objetivo principal; o mesmo acontece com os "efeitos" e "influências" originárias de várias fontes. O ponto de vista de Lutero é provavelmente uma transformação do pensamento medieval. Resta aí a tarefa de traçar as linhas que retornam de Lutero à escolástica e ao misticismo germânico. Todos os pensamentos de Lutero, porém, têm significação que pode ser determinada mesmo sem tratarmos dessas fontes. Alcançarmos uma visão abrangente sobre a vocação relacionada com o restante dos seus pensamentos é, assim, a tarefa delimitada que nós colocamos para nós mesmos. No que tange ao conceito de vocação, Johann Tauler seria considerado uma fonte e base de comparação. Podemos referir-nos à análise de Tauler, feita por Karl Holl em *Die Geschichte des Wortes Beruf* (*A História da Palavra Vocação*, em: *Gesammelte Aufsätze* III, 1928, pp.204 e ss.). O oponente romanista de Holl, Nikolaus Paulus, uma autoridade em Idade Média, já em 1911 tinha escrito *Die Wertung der weltlichen Berufe im Mittelalter* (*A Valorização das Vocações Seculares na Idade Média*, in: *Historisches Jahrbuch der Goerresgesellschaft*, pp.308-316). Em 1925, na mesma publicação (pp.725-755), ele examinou criticamente a contribuição de Holl, que tinha aparecido separadamente em 1924, não oferecendo a mais leve objeção à análise de Holl sobre Tauler. Como Tauler concede ao monge uma santidade mais elevada só por ser um monge, a sua posição e a de Lutero não podem ser a mesma. À medida que a idéia da vocação está em foco, não se encontra nenhuma prova dessa influência nas notas marginais feitas por Lutero no livro dos sermões de Tauler[4]. Mas a questão, seja como for, é de nenhuma importância para a nossa empreitada. O conteúdo do ensino de Lutero sobre a vocação pode ser terminantemente assegurado mesmo sem uma resposta para a questão concernente à sua gênese.

[4] WA 9, 95f. Lutero deve ter começado a ler Tauler em 1516, e suas notas marginais parecem pertencer a esse ano.

A seguinte apresentação é dividida em três capítulos. No capítulo "Terra e Céu", a visão de Lutero sobre os dois reinos é discutida: o reino da lei sobre o corpo na terra e o reino do evangelho sobre a consciência no céu; o primeiro temporal, e o último, eterno. Esses reinos se justapõem e não são de *per si* hostis um ao outro. Tanto o reino terreno quanto o espiritual estão nas mãos de Deus. Mas, como diz Gustav Tornvall sobre esse tema, o pensamento de Lutero quase sempre avança para a justaposição do reino de Cristo ao reino do diabo. Deus e o diabo não estão lado a lado, mas são inimigos um do outro. Seu mútuo antagonismo atravessa os dois reinos. Essa faceta complica bastante a visão de Lutero. Esse problema é clareado no segundo capítulo "Deus e o Diabo". É nosso propósito conservar a individualidade desses dois capítulos à medida do possível. Nós estamos preocupados com os "poderes" ou "ordens" como tais: no capítulo I, os regimes ou reinos; e no capítulo 2, Deus contra o pecado. Deixar o homem totalmente fora de consideração é, naturalmente, impossível; e, por essa razão, o terceiro capítulo, "O Homem", será, em certa medida, uma repetição dos dois anteriores. O homem, na sua vocação, está no reino terreno esperando pelo reino celeste, que vem a ele através do evangelho, mas que não será plenamente revelado em poder senão após a morte. Assim está ele entre o céu e a terra. Mas também está ele entre Deus e o diabo. A sua vocação é uma das situações em que ele escolhe os lados na batalha entre Deus e o diabo. A repetição, porém, dos dois primeiros capítulos no terceiro é compensada por um ganho. É bom ter a visão de Lutero apresentada com ênfase no que tange ao seu significado para o indivíduo, especialmente agora quando parece, algumas vezes, ser niilística a visão de Lutero sobre o homem. Além do mais, serão expostos assuntos suplementares que não aparecem nos primeiros dois capítulos, particularmente a concepção de Lutero sobre a oração e a sua expressão distintiva em relação ao "tempo" e à "hora".

Os muitos problemas a serem vistos na apresentação que segue não podem ser abrangidos por uma fórmula comum e inclusiva.

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martinho Lutero

Mas há um assunto que aparecerá repetidas vezes em todos os três capítulos; de certa forma, a questão principal no pensamento de Lutero sobre a vocação é o relacionamento entre estabilidade e mobilidade, entre liberdade e compulsão. Algumas vezes, a vida na vocação aparece como sujeita a uma realidade predeterminada e fixa; mas, em outras vezes, o ser humano, mediante a fé e o amor, irrompe através daquilo que é exterior e se apresenta como um ser livre e capaz de recriar aquilo que é determinado. Por certo, é justamente essa feição quase despreocupada na ética de Lutero que está por trás da sua fé em Deus como aquele que de novo está sempre criando. O dualismo – estabilidade e mobilidade – dá um colorido peculiar à visão de Lutero sobre criação. A discussão que vem a seguir não procura resolver esse problema, mas aqui e ali retorna a ele, colocando-o no centro da fé de Lutero. A "solução" poderia encontrar-se no simples fato de que tanto Deus quanto o diabo estão sempre presentes. O diabo usa a vocação estática para o seu propósito, e Deus responde com a nova criação livre. O diabo usa a liberdade do homem para promover a anarquia, e Deus responde colocando barreiras impositivas contra a liberdade. Mas sobre isso, veremos mais nas partes posteriores da nossa discussão. Por agora, a nossa justaposição não é Deus *versus* o diabo, mas terra *versus* céu.

I
TERRA E CÉU

1 O Reino Terreno

Vocatio pode significar diferentes coisas. Pode referir-se ao próprio anúncio do evangelho mediante o qual os seres humanos são chamados para ser filhos de Deus. Pode ser usada como significando o trabalho que toda pessoa faz: agricultor, artesão, etc. Esse emprego do termo ocorre em 1Co 7.20, em que é afirmado que todos permanecerão na mesma vocação (*klesis*) em que foram chamados. Se Lutero está certo na sua interpretação de *klesis* como a significar o *status* ou a ocupação exterior, é uma questão que não precisamos responder aqui. Em certa medida é um terceiro uso de *vocatio* ou *vocatus* quando a palavra é empregada para designar o chamado para o ofício da pregação. Em tal caso não é o ofício como tal que se chama *vocatio*, mas a ação pela qual alguém entra nesse ofício de forma correta[1]. Igualmente a palavra *Beruf* tem mais que um sentido. Mas Lutero usa-a, na maioria das vezes, como posição ou ocupação externa. Essa utilização do termo é nova com Lutero.

---

[1] Numa obra latina, a saber, no seu *Large Commentary on Galatians* (Grande Comentário a Gálatas), Lutero fala do ofício da pregação como sendo *ministerium*. Voltando-se da pregação para os magistrados, chefes de família, servos, etc., passa a usar a palavra *vocatio* (cf. *WA* 40 II, 152-153). Nos escritos alemães, todavia, *Beruf* é usada como também se referindo à obra do ministro como, por exemplo, em *WA* II, III (*On War Against the Turks* = Sobre a Guerra contra os Turcos, de 1529).

Ao falarmos do ensino de Lutero sobre a vocação, sempre temos na mente a vocação de acordo com a interpretação de Lutero de 1Co 7.20. Não negamos que esteja incluído igualmente na vocação terrena o chamado para ser filho de Deus através do evangelho. Tanto quanto podemos determinar, Lutero não usa *Beruf* ou *vocatio* em referência à obra de um não-cristão. Todos têm posição (*Stand*) e ofício; mas *Beruf* é a obra terrena ou espiritual do cristão. Nós estamos perguntando apenas qual a concepção de Lutero sobre o trabalho terreno e não o que é vocação em qualquer outro sentido[2].

Há alguma posição ou ocupação que não seja *Beruf* nem posição (*Stand*) no verdadeiro sentido?

Em *De Votis Monasticis*, Lutero demonstra serem os votos monásticos contrários à fé, à liberdade, ao mandamento de Deus e à razão. Um voto monástico é, conseqüentemente, um voto para fazer o mal. Ele deve, pois, ser quebrado da mesma forma que um voto feito para roubar, mentir ou matar. "Não deveria ser discutido se fizeste o voto com boa ou má intenção quando é certo que aquilo que prometeste era mau. A pessoa deve ser fiel ao evangelho; e tais promessas por qualquer motivo, com qualquer intenção e em qualquer tempo que elas tenham sido feitas, devem ser rejeitadas com toda a confiança e ficar sujeitas à liberdade da fé do cristão"[3].

A discussão nessa obra tem o objetivo de afirmar que a ordem monástica é um falso *Stand*, no qual nenhum cristão com fé e amor confirmados pode permanecer. Mas ele faz certas ressalvas. Se alguém é tão humilde e simples que possa fazer o voto de castidade unicamente porque é respeitável e santo viver assim, que ele faça o voto de castidade e sirva a Deus fora do casamento[4]. Tais

---

[2] Teremos várias oportunidades de voltar à questão das relações entre o mundo secular e a fé ou oração (isso é, a comunhão com Deus).

[3] *WA* 8, 668; cf. 664.

[4] *WA* 8, 611-612.

pessoas, porém, dificilmente são encontradas; o simples fato de alguém tomar os votos para sempre mostra que ela espera assim conseguir algo de Deus[5]. Num sermão da sua *Kirchenpostille*, baseado em 1Co 7.20, Lutero levanta claramente a questão quanto ao que significa ter vocação. Ele responde que tu ocupas uma posição (*Stand*), que tu és marido ou mulher, filho ou filha, rapaz ou moça. Ele, então, enfatiza a grandeza dessas responsabilidades envolvidas nesses relacionamentos externos; se um homem tivesse quatro cabeças e dez mãos, ainda assim tal homem seria incapaz de cumpri-las todas. É óbvio, por exemplo, que ser casto e moderado faz parte da vocação de uma pessoa jovem enquanto filho ou filha[6]. Com toda a certeza, os Dez Mandamentos são pensados como aplicáveis sob o termo *Beruf*.

Em conexão imediata com essa referência, Lutero continua mencionando o príncipe, o bispo, o prelado, que são servos e têm vocações, ainda que os últimos dois não as cumpram rezando missas sem o cuidado pelo povo. Mais para a frente nesse sermão, Lutero faz o caminho completo e declara que as ordens do papa, do bispo, do sacerdote e do monge, "como elas são agora", são ordens pecadoras como roubo, usura e prostituição[7]. Ordens legítimas, como as ordenadas por Deus ou as cuja existência não são contrárias à vontade de Deus, são maridos e esposas, meninos e meninas, senhores e senhoras, governantes, regentes, juízes, funcionários públicos, agricultores, cidadãos, etc.[8]. No seu trabalho com respeito à abençoada ordem dos soldados, em 1526, enfatiza que a vida do soldado é um ministério do amor e uma vocação. "Assim, por ser de Deus que o soldado

---

[5] *WA* 8, 620.

[6] *WA*,10 I, 1, 308 e s.. Cf. Werner Elert, em *Morphologie des Luthertums* (1930), II, p.65.

[7] *WA* 10 I, 1, 317.

[8] *WA*, 10 I, 317.

recebe sua aptidão para realizar a batalha, serve ele dessa maneira servindo com a sua competência e habilidade a quem deseja seus serviços; e ele pode aceitar pagamento por esse trabalho. Porque isso também é uma vocação que emana da lei do amor"[9].

Se eu me vejo como ocupando alguma dessas categorias de vida que sirva para o bem-estar dos outros, não devo alimentar a mínima dúvida no que respeita ao agrado de Deus, mas crer no evangelho. O ponto significativo não é se entro em tal posição como alguém pecador e indigno. A questão é se o "estado" em si é pecaminoso, ou não[10]. O pecado da pessoa é julgado e perdoado no céu, onde não há nenhum questionamento quanto a vocação, estado ou ofício mas tão só quanto ao coração. Na terra, por outro lado, é necessário dar atenção ao ofício e estado, não ao pecado do coração.

Por isso, deve-se evitar as ordens que sejam pecaminosas. Mas a mesma reserva que aparece em *De Votis Monasticis* aflora mais uma vez na *Kirchenpostille*: se uma pessoa conseguir evitar fazer de sua vida de clausura uma questão de certo e errado e não tiver nenhum pensamento de que se torna santo por ser um monge, deixa-o ficar no mosteiro para lá exercitar sua fé como em qualquer outro lugar no mundo e amar o seu próximo[11]. Isso, em princípio, é realmente uma negação do monasticismo, alterado por condições exteriores que logo passaram quando o hesitante abandonou a vida no claustro. Quando, após 1532, os sermões de Lutero foram reeditados, essa afirmação quanto a permanecer no mosteiro foi eliminada.

A vocação é um "estado" que por natureza é proveitosa aos outros se ela, evidentemente, for observada. É importante enfatizar que o fato da vocação não se limita a uma ocupação, mas inclui também o que Betke chama de ordens biológicas: pai, mãe, filho,

---

[9] *WA* 19, 657.

[10] *WA*, 10 I, 1, 316-7.

[11] *WA*, 10 I, 493.

filha. Qualquer tentativa de fazer diferenciações entre a esfera do lar, onde reina o amor cristão pessoal, e a esfera do ofício, onde regras de vocação mais impessoais detêm o poder, logo de saída incorre num erro no que tange à terminologia de Lutero. A vida no lar, a relação entre pais e filhos, é tão vocação quanto o é a vida no campo do trabalho, a relação entre empregador e empregado. Em tudo o que envolve ação, em tudo o que diz respeito ao mundo ou ao meu relacionamento com o próximo, em tudo isso, portanto, Lutero sustenta, não há nada que caia numa esfera puramente privada ficando fora do estado, ofício ou vocação. É tão-só perante Deus, isso é, no céu, que o indivíduo está só. No reino terreno, o homem está sempre *in relatione*, sempre vinculado ao outro[12]. Disso é claro que todo cristão ocupa uma grande variedade de ofícios ou estados ao mesmo tempo e não apenas um: um mesmo homem, por exemplo, é pai de seus filhos, marido de sua mulher, senhor de seus servos e conselheiro da câmara municipal. Conforme o que foi estabelecido nas passagens que citamos da *Kirchenpostille*, todos esses ofícios ou estados são vocações.

Para entendermos os pontos de vista de Lutero com respeito a essas posições na vida, precisamos começar com a passagem que Holl discutiu: "Todos esses estados se destinam a servir os outros"[13]. Como um exemplo de como o trabalho em todos esses estados concorre para o bem dos outros, Lutero aponta para uma mãe que toma conta de seus filhos e para um pai que precisa levantar-se de madrugada e trabalhar para dar sustento aos seus filhos. Holl se vale de todas as afirmações como essa em apoio da sua tese familiar de que o central na ética de Lutero é a razão, a qual, em sua natureza, é cristã. *Lex naturae* é só um outro nome para o mandamento cristão do amor. Se as ordens terrenas são terrenas, faltando-lhes a

---

[12] *WA*, 32, 390 e s.. *The Sermon on the Mount* (O Sermão do Monte), 1530-32.

[13] *WA*, 15, 625.

fé cristã, elas são eticamente vazias. Quando Lutero emprega exemplos desses estados da vida, sempre escolhe exemplos de amor, o que vem a ser, afirma Holl, exemplos da "moralidade cristã". Essa interpretação é incorreta.

O ponto essencial nessa passagem de Lutero citada acima é o contraste entre propósito e prática. "Todos os estados estão projetados para servir aos outros. Mas nós agora servimos duma forma e depois de outra"[14]. Descobrimos qual é, para Lutero, o decisivo contraste entre o amor que se doa, que vem de Deus, e o egocentrismo do homem. O ser humano é teimoso, desejando que, tudo o que acontece, aconteça para sua própria vantagem. Quando o marido e a mulher, no casamento, servem um ao outro e a seus filhos, isso não se deve a uma espontânea e imperturbável expressão de amor do coração, dia após dia, hora após hora. Pelo contrário, no casamento como instituição alguma coisa obriga os desejos egoístas do marido a render-se e, da mesma forma, inibe o egocentrismo do coração da mulher. O agir, no casamento, encontra-se em um poder que obriga a autodoação em favor da esposa e dos filhos. Dessa maneira, é o "estado" em si mesmo o agente ético, pois é o próprio Deus que é ativo através da lei sobre a terra.

O que é realizado mediante essas ordens da sociedade não se deve a uma íntima transformação do coração humano. A corrupção do coração é corrigida no céu, através do evangelho de Cristo. Ali, o ser humano é uma "pessoa sozinha", e é ali que se faz o interrogatório quanto à iniqüidade interior, mesmo que na terra ela tenha sido incessantemente reprimida e impedida de expressão externa. Na terra e em relação com seu próximo, ele desempenha um "ofício"; aí, o ponto principal é ser mantida a criação, ou seja, que os filhos recebam alimentação, vestes e cuidados. A obra de amor, Deus

[14] Holl deve ser informado de que as palavras "viramos todas as coisas de pernas para o ar" contêm um significado que é problemático para a interpretação de Lutero. O significado de Lutero faz de "todos os estados" o objeto, e não de nós que ocupamos esses estados, não os cristãos pelo seu comportamento moral.

a efetua na terra através das "ordens" – a ordem do casamento, do professor e dos alunos, do governo, etc. Até as pessoas que não tomaram o evangelho em seus corações servem a missão de Deus mesmo sendo ignorantes quanto a isso, pela própria razão de estarem desempenhando as funções exteriores dos seus respectivos estados.

Nenhum ser humano deve tomar a vida do outro; Deus, porém, é livre e assim o faz. Ele o faz através dos ofícios do juiz e do executor. Ao juiz declara Deus: "Se tu não queres matar e punir, tu serás punido"; pois, nesse caso, o juiz estaria falhando na sua vocação[15]. O homem não deve olhar para uma mulher a fim de cobiçá-la; mas no "estado" que Deus instituiu para a propagação da espécie, Deus mesmo efetua o desejo para tanto[16]. Um ministro não deve condenar a ninguém; mas o ofício da pregação assim o faz. "Já disse várias vezes que o ofício da pregação não é nosso, mas de Deus; não somos nós, mas Deus que realiza aquilo que é de Deus"[17]. Essa linha de pensamento não se limita a *Exposition of the Sermon of the Mount* (*Exposição do Sermão do Monte*) de Lutero, de 1530-32. Encontramo-la da mesma forma no seu tratado *Whether Soldiers too can be saved* (*Se também os Soldados podem ser salvos*), de 1526, e no seu *Kleiner Sermon von der Wucher* (*Pequeno Sermão sobre a Usura*), de 1519[18]. Esse tratado de 1519 é a mais clara contribuição que Lutero fez para a

---

[15] *WA*, 32, 382 (*The Sermon on the Mount*, 1530-1532).

[16] *WA*, 32, 382 e s..

[17] *WA*, 32, 398. Nem todas as pessoas que o ofício ocupam, são devotas, mas Deus não questiona isso; "seja a pessoa o que for, o ofício, entretanto, é correto e bom, pois não é do homem e, sim, do próprio Deus" (*WA*, 32, 529).

[18] "Não é o homem que enforca, tortura, decapita, estrangula e faz a guerra. Essas constituem suas obras e seus julgamentos" (*WA*, 19, 626, *Whether Soldiers Too Can Be Saved* = Se também os soldados podem ser salvos). Cf. *WA* 6, 4 (*Von Dem Wucher* = Da Cobiça).

idéia da efetividade dessas ordens em si como instrumentos na mão de Deus sem levar em conta a qualidade da pessoa. Lutero discute certas afirmativas de Mt 5, em que se diz que não se deve resistir ao perverso. Ele considera a objeção que, se fôssemos obedecer a tais colocações, apenas os aventureiros sobreviveriam, e tudo o mais terminaria num caos social. Ele responde que a espada temporal olha para isso de modo que as coisas não continuem assim. Por haver um governo rigoroso, o homem pode aceitar o Sermão do Monte com a máxima seriedade. Através da espada temporal, o próprio Deus protege os seus filhos. É um mal-entendido pensar que as pessoas estão divididas em dois grupos, um dos quais (juízes, executores, etc.) resiste ao mal e não obedece à palavra de Cristo enquanto o outro, por escapar dessa responsabilidade, pode ser cristão. O paradoxo jaz em Deus: é ele que, energicamente, resiste ao mal, através dos ofícios do juiz e do executor, e ordena a todas as pessoas a não resistir ao mal como indivíduos, mesmo que sejam eles juízes e executores. Pois, aquilo que o ofício faz não é da conta do ser humano mas de Deus[19].

A idéia de Lutero quanto ao ofício constitui um elemento importante no seu farto conceito de criação, que é peculiarmente concreto e vital. Os pássaros a cantar, embora não saibam o que irão comer, são para nós um exemplo. Deus espalha seus dons, sementes, ervas e criaturas comestíveis. Nosso cuidado único deveria ser, então, o que devemos fazer com todo esse bem que Deus produziu de modo que ele possa beneficiar nosso próximo. Em lugar disso, porém, nos preocupamos em como pegar o máximo possível para nós mesmos; e assim nos colocamos de modo contrário à generosa corrente da criação.

---

[19] Dessa forma, Lutero distingue radicalmente o ofício e a pessoa (cf. *WA* 19, 655, 656).

Nos sermões de 1525, Lutero interpreta a ordem de Cristo para não ficar ansioso referindo-se aos lírios e passarinhos. Nota, por exemplo, a alusão à lã e à ovelha (p. 418): "Ele dá a lã, mas não sem nosso trabalho. Se ela está na ovelha, a ovelha não faz nenhuma roupa". Deus nos dá a lã, mas ela deve ser tosquiada, cardada, fiada, etc. Nessas vocações, o trabalho criativo de Deus se põe em ação chegando a seu destino só com o próximo que precisa de roupa[20].

As vocações diferem de nós (ou seja não coincidem exatamente com os nossos propósitos pessoais): agricultores, pescadores e homens de todas as ordens que manuseiam ou comercializam os gêneros da criação, entregam os dons de Deus aos seus próximos, mesmo não sendo sempre o seu objetivo o de servir. Deus é atuante nisso. Há uma direta conexão entre a obra de Deus na criação e a sua obra nesses ofícios. A prata e o ouro na terra, o crescimento nas criaturas das florestas, a fecundidade e a inextinguível generosidade do solo – tudo isso é a incessante obra do Deus da criação, que se desenvolve através dos esforços da humanidade[21]. Deus cria os bebês no corpo da mãe – sendo o homem apenas um instrumento na mão de Deus – e então ele os sustenta com seus dons, entregues aos filhos mediante o labor de pai e mãe no seu ofício parental. "Embora seja o pai o instrumento da procriação, o próprio Deus é que é a fonte e o autor da vida"[22].

Deus mesmo irá ordenhar as vacas através daquele cuja vocação é essa[23]. Quem se engaja na humildade do seu trabalho realiza a obra de Deus, seja ele um jovem ou um rei. Dar a atenção devida ao ofício não é egoísmo. Devoção ao ofício é devoção ao amor porque

---

[20] *WA* 17 I, 414-418.

[21] *WA*, 15, 368-369 (*Psalm 127*, 1524).

[22] *WA*, 40 III, 210 e s. (cf. *WA* 10 II, 304, *Vom ehelichen Leben* = Da vida matrimonial, 1522; *WA* 15, 375, *Psalm 127*, 1524 e *WA* 40 III, 254 e s.).

[23] *WA* 44, 6 (*Commentary on Genesis*, 1535-45).

é pelo próprio ordenamento de Deus que seja sempre a obra do ofício dedicada ao bem-estar do próximo[24]. O cuidado pelo ofício de alguém é, no seu próprio quadro de referência na terra, participação no próprio cuidado de Deus pelos seres humanos.

Assim, a vocação pertence a este mundo, não ao céu; ela se dirige ao próximo, não a Deus. Essa é uma importante característica preliminar. Na sua vocação, o homem não está se elevando para Deus, mas, ao contrário, abaixando-se em direção ao mundo. Quando alguém faz isso, a obra criativa de Deus é levada adiante. A obra do amor de Deus toma forma sobre a terra, constituindo-se nos testemunhos externos do seu amor. Se notarmos com atenção quanto bem Deus nos outorga tanto pela sua criação direta quanto pelas suas ordens criadas, conheceremos a verdade de que ele nos perdoa os pecados. "Deus mostra o perdão dos pecados em toda a sua criação". Mas, ao tratar do perdão dos pecados, entramos em um outro reino, o eterno, o celestial.

2 O Reino do Céu

Em nenhum outro escrito, Lutero desenvolve com tamanha força a vocação como na sua *Kirchenpostille*. Mas aí, mais claramente que em nenhum outro lugar, a vocação é rejeitada como um meio para a salvação do homem e como *status* de filho de Deus. A vocação tem no céu, face a Deus, tão pouco para contribuir quanto as boas obras. As boas obras e a vocação (amor) existem em função da terra e do próximo, não em função da eternidade e de Deus. Deus não precisa das nossas boas obras, mas o nosso próximo sim. É a fé que Deus quer. A fé se eleva para o céu. A fé entra num reino diferente, no eterno, no divino, que Lutero considera tão evidente quanto o reino terreno, com os seus ofícios e ocupações, através dos quais Deus

[24] *WA* 32, 459 (*The Sermon on the Mount*, 1530-32).

efetiva sua obra criadora. No reino celeste, Cristo é rei, e o seu evangelho impera sozinho: nenhuma lei e, por isso, nenhuma obra. O que Lutero quer dizer com fé e seu reino no céu, em contraste com obras e seu reino na terra, não se torna claro fora da sua visão de lei e evangelho, regra espiritual e terrena, fé e amor. Por agora, devemos dar uma descrição geral do reino celeste. Começamos com referências em Lutero nas quais a vocação é, por assim dizer, excluída do céu e aplicada na terra. Em primeiro lugar, falaremos da passagem da *Kirchenpostille* há pouco citada[25].

Quando um monge ou freira ouve que o voto de vida enclausurada não contribui para a salvação, ele ou ela trocam o mosteiro pelo *status* de leigo para salvar-se. Seria tal coisa como viver sob o trágico mal-entendido de que uma pessoa deveria tornar-se sapateiro a fim de ser salvo e, então, cair na ilusão de que, sendo um alfaiate, ela pode ganhar o céu. A obra de Cristo é a vitória sobre a lei em todas as suas possibilidades: as boas obras não levam à salvação nem de um jeito nem de outro. Só a consciência, através da fé na obra de Cristo, está livre dessa falsa fé. Cristo não livra nem a mão do seu trabalho nem o corpo do seu ofício. A mão, o corpo e a sua vocação pertencem à terra. Nisso não há redenção, mas esse não é o propósito. O objetivo é que o próximo seja servido. A consciência tem sua base na fé em Deus e não faz nada que possa contribuir para a salvação; as mãos, porém, servem na vocação, que é a obra de Deus inclinado-se para baixo, para o bem-estar dos homens. Desse ponto de vista, a vocação não tem nenhuma relevância. Tão logo, no entanto, alguma qualidade de vida exterior reclame um lugar na consciência ou no céu, reivindicando ser uma condição para o perdão de Deus, a insignificância da vocação deve ser enfatizada. "A fé e o estado cristão são coisas tão livres que não estão ligados a nenhuma ordem especial, mas estão acima de todas as ordens, em todas as ordens, através de todas as ordens; por isso,

---

[25] *WA* 10 I, 1, 491, 492.

não há necessidade nenhuma de assumires ou deixar nenhum estado para ser salvo... É tudo livre, livre"[26].

É isso o que significa a famosa declaração sobre o príncipe e o imperador como *einzele person* (simples pessoa) perante Deus. "Dessa forma, o imperador, quando se volta para Deus, não é o imperador mas uma simples pessoa tal e qual uma outra pessoa qualquer face a Deus. Mas, se ele se volta para os súditos, ele é imperador tantas vezes quantas ele tiver os tais súditos. Assim devemos falar sobre todas as autoridades. Quando elas se dirigem para a autoridade que está acima delas, elas próprias não têm nenhuma autoridade. Mas, quando se tornam para aquelas que estão abaixo, elas se revestem, de novo, de autoridade"[27]. Deus outorga todos os estados e ofícios para que eles possam operar aqui embaixo; mas não confere nenhuma autoridade contra ou acima de si mesmo.

A verdade é que a necessidade alheia constitui um imperativo absoluto na vida do cristão no que tange ao amor, às obras, à vocação, mas isso é contado como nada perante Deus. O reino da fé no céu e o reino do amor na terra não devem ser confundidos; mas também não são desconexos. Conferir a memorável passagem em *WA* 34 II, 27: Aqui, embaixo, o homem deve obedecer aos governantes, amar a sua esposa. "Tais obras têm o seu lugar nesta vida. Na outra vida não teremos nem mulher nem filho, e os ofícios terão chegado ao fim. Lá tudo será igual. Por isso, a lei não terá o domínio lá." Aqui, nós vemos o reino da fé como um reino futuro, um reino após a morte; mas o reino da vocação está no presente e

---

[26] *WA* 12,126.

[27] *WA* 19, 652-653 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526, cf. 661, no qual o pensamento sobre o estado do soldado é resumido). O ser humano é salvo, não como soldado, mas como cristão. A obediência é prestada na vocação, não por ter em vista o céu, mas porque é boa a causa. Na morte, o soldado precisa confiar na graça de Deus, não em sua morte como soldado. Antes da batalha, por isso, deve o soldado entregar-se à misericórdia de Deus, por amor de Cristo, antes que ele pegue a lança e parta para a sua tarefa.

chegará a um fim. O reino da fé é um reino em que tudo é igual; mas o universo da vocação é cheio de graus e diferenças.

Quando alguém, seja ele um imperador ou um artífice, se volta para Deus em fé ou, mais concretamente, em oração, ele o faz sem o apoio externo que o "estado" concede em relação aos outros. A pessoa não está *in relatione*, nem se encontra com um outro ser humano, como o faz na sua vocação. Cada qual está sozinho perante Deus. O indivíduo, face a Deus, acha-se tão sozinho como se existissem apenas Deus no céu e ele na terra[28]. Face a Deus não só o estado passa, mas também toda a obra é vista como pecaminosa e indigna. Por isso, todas essas qualidades que fazem diferença entre os homens na terra são apagadas. O que faz a diferença na terra é a estrutura dos vários ofícios com as suas respectivas obras. Mas no céu tudo é igual. Todos simplesmente recebem e recebem, de forma igual, a graça de Deus. Assim, a igualdade no reino celestial depende só do fato de ser ele o reino de Cristo, governado por um divino dom, o evangelho, e não pela lei.

Quando alguém apresenta obras diante de Deus no reino dos céus, a ordem de Deus é rompida em ambos os reinos. Como o reino de Cristo Jesus reside no dar, na graça e no evangelho – o oferecer presentes é uma tentativa de depor a Cristo do seu trono. O ser humano faz suas obras competir com o Rei do céu. Ao mesmo tempo, seu próximo na terra é negligenciado porque as obras foram feitas claramente não em benefício dele, mas para alarde perante Deus. A fé é revogada no céu; e o amor, na terra. Nem Deus nem o próximo recebem aquilo que lhe é próprio. "Assim, eles corrompem as duas coisas, a fé e o amor... Eles negam suas obras ao próximo, dirigindo-as para si mesmos... Desse modo, a fé não pode subsistir"[29].

---

[28] *WA* 7, 566 (*The Magnificat*, 1521). Significa o estar só que a pessoa não vem com um séquito de boas obras (cf. *WA* 8, 66 e 79). Face a Deus há tão-só uma espécie de justiça, a saber, a fé; face a Deus há somente a justiça de Deus.

[29] *WA* 8, 363.

Divisamos a obra do demônio, através da qual as obras são empurradas para o céu, e a salvação é esperada mediante a lei, o que é não só blasfêmia contra Deus como também desprezo pelo próximo – uma realização impura da vocação (sobre a terra). A obra do diabo é uma direta contradição à de Deus e sempre compete com ela no mundo do homem. Deus, ao lutar com o diabo pela vida do homem, tem o seu instrumento no evangelho, que opera a fé no coração do homem; e a fé é canalizada para o próximo em obras de amor[30]. As obras pertencem ao reino terreno, estão a serviço dos outros, dirigem-se para baixo em vocação, a qual se caracteriza inteiramente pelo carimbo do reino terreno. E a vocação permanece mais pura e é realmente servida quando, mediante o evangelho, se torna claro que ela não tem nada a ver com a salvação. Deus recebe o que é dele, a fé. O próximo recebe o que é seu, as obras. Quebrar a lealdade estabelecida por Deus no coração do homem é um dos maiores desejos do diabo. Uma arma que serve ao diabo muito bem, para esse fim, é o claustro e a esplêndida santidade que não concerne à vocação. Lutero assinala isso enfaticamente em *De Votis Monasticis* (*A respeito dos Votos Monásticos*). Mais tarde, retornaremos ao dualismo entre Deus e o diabo. Referimo-lo a ele tão-só para clarificar o modo em que o reino celestial, no querer divino, se distingue do reino terreno.

Podemos assinalar que essa demarcação entre céu e terra é o ponto principal em dois escritos centrais de Lutero: *Large Commentary on Galatians* (*Grande Comentário sobre Gálatas*) e *The Bondage of the Will* (*O Cativeiro da Vontade*, mais conhecido pelo seu nome latino original *De Servo Arbitrio*). "Colocamos, como se houvesse, dois mundos, um celestial (*coelestis*) e um terreno (*terrenus*). Cada qual tem a sua própria espécie de justiça. A justiça da lei é a terrena, relacionada apenas com os afazeres terrenos e consiste em nossa prática de boas obras (*facimus bona opera*)... A celeste, a justiça pas-

[30] *WA* 8, 363 (cf. 372).

siva, não é de nós mesmos; recebemo-la do céu. Não a produzimos, mas a recebemos em fé (*non facimus, sed fide apprehendimus*)"[31]. Esse conceito dos dois reinos subjaz a todas as declarações nesta obra, que almeja uma correta diferenciação entre lei e evangelho. É diretamente afirmado, repetido e compreendido: "Assim, tais coisas devem ser notadas: que tu coloques o evangelho no céu e a lei na terra; que tu chames a justiça do evangelho celestial e divina, e a justiça da lei, terrena e humana"[32]. Mesmo quando a referência é feita somente à lei e evangelho, o que Lutero diz pode ser entendido na moldura dos dois reinos e, por isso, tornar-se o mais vital.

Mas é ainda mais impressionante que a distinção que Lutero faz em *The Bondage of the Will* entre "coisas que estão acima de nós" e "coisas que estão abaixo de nós" é exatamente a mesma, como já notamos há pouco, entre o céu e a terra. Lutero declara que falta ao homem o livre arbítrio com respeito ao que está acima dele, mas que ele tem o livre arbítrio (*liberum arbitrium*) naquilo que está abaixo dele. Devemos aprender a usar a expressão livre arbítrio de tal maneira que "o livre arbítrio no homem é admitido não em direção àquilo que está acima de nós, mas tão-só em direção àquilo que está abaixo de nós". Isso quer dizer, a vontade é livre, não perante Deus, mas unicamente em matérias terrenas[33].

Os termos "superior" e "inferior", que Lutero usa ao começo do seu tratado, ele os interpreta mais tarde ao lidar com uma dificílima

---

[31] *WA* 40 I, 46 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[32] *WA* 40 I, 207. Da mesma forma, ele escreve isso de novo inúmeras vezes, 208-210. Na página 214 e s. é afirmado que a lei deve governar o corpo (isso é, na terra) enquanto a consciência (isso é, a fé), habita com Cristo *in sublimi monte*, sem a lei. A distinção é desta forma enfatizada, na página 393 e s., entre a justiça do céu e o estado. Isso até aparece mais claramente nas páginas 469 e s. e 544 e s. (cf. 622-664) e também *WA* 40 II, 37-38, em que as expressões "perante Deus" e "perante os homens são usadas, significando o mesmo que "no céu" e "sobre a terra".

[33] *WA* 18, 638.

passagem de Siraque. Divide os seres humanos em dois reinos, *duo regna*[34]. Num reino, o homem age livremente no que tange às coisas que estão embaixo (*puta in rebus sese inferioribus*). Com a introdução da nossa idéia anterior do reino terreno, vemos a razão: nesse reino o homem deve realizar obras à medida que esse reino se acha tomado de ofícios e vocações e constante labor, e a liberdade do homem é ativa, sendo com isso um instrumento na mão de Deus, que, assim, desenvolve a sua obra criadora. Mas – a passagem em *The Bondage of the Will* continua – no outro reino (*altero vero regno*), o homem não é deixado à sua vontade própria. O *servum arbitrium* prevalece. Como dissemos antes, o homem não deve realizar nada aqui. Essa é a característica essencial do reino do céu. Nele não há lugar para a vocação, obras ou amor como acompanhamento humano. Só a fé tem permissão de entrar. Todo o resto é colocado em nível terreno, no qual o seu próximo precisa dessas coisas. Num reino em que o homem não é o agente, mas aquele que apenas recebe, sua vontade não é livre; está sujeita. Se a liberdade da vontade sobe ao céu, é isso uma infração da ordem divina, uma obra do diabo, idêntica à circunstância mencionada acima, na qual as obras são arremessadas para cima, face a Deus, não direcionadas para o próximo de uma forma livre, direta e simples. O livre arbítrio, conseqüentemente, existe em relação a Deus apenas como perversidade.

Por isso, é completamente natural para Lutero, em *The Bondage of the Will*, falar da cooperação do homem com Deus, *cooperatio*. Essa cooperação é inteiramente limitada à esfera que está "abaixo", "sob nós". Não apenas em *The Bondage of the Will*, mas também em outros escritos, Lutero fala da contínua obra da criação de Deus através da obra do homem nos seus vários estados. Encontramos isso na exposição de Lutero de *The Sermon of the Mount*, nos seus tratados sobre soldados e a Revolta Camponesa de 1525; da mesma forma, em ambas as versões, a latina e a alemã, da sua

[34] *WA* 18, 672 e s..

exposição do salmo 127 e no *Commentary of Genesis*. Por toda parte, nesses escritos, como em *The Bondage of the Will*, verifica-se a mesma clara diferenciação dos dois reinos[35]. Se o homem carece do livre arbítrio face a Deus no reino celestial, mas tem uma certa liberdade concernente às coisas e aos seres humanos no reino terreno, então a própria idéia de cooperação, confinada como está ao círculo terreno, é de fato uma ênfase maior sobre a verdade de que o homem não é livre perante Deus, mas de que todo o poder é de Deus.

Na conclusão do seu escrito contra Erasmo, Lutero volta mais uma vez à distinção entre as duas diferentes linhas da ação do homem, que devem ser conservadas como distintas ao se considerar a autonomia da vontade. "Nós não estamos perguntando... pela nossa situação sobre a terra (*super terram*), mas pela nossa situação face a Deus no céu (*in coelo coram deo*). Sabemos que o homem se tornou senhor sobre todas as coisas que estão abaixo dele (*inferioribus*), sobre as quais ele tem poder e livre arbítrio... mas o que nós estamos perguntando é se ele tem livre arbítrio perante Deus... Ouve a João Batista, que disse não poder ninguém receber alguma coisa a não ser que ela lhe tenha sido concedida, do céu (*nihil accipere posset, nisi donetur ei de coelo*). Por isso, o livre arbítrio fracassa"[36]. Nessa declaração, cada palavra é importante. Inferior é equacionado com terra, com o reino das obras. Aí age o livre arbítrio. A autonomia da vontade é negada no céu face a Deus porque o céu é o reino da divina doação, onde o homem pode apenas receber, mas não oferecer boas obras. Como veremos, o cativeiro da vontade, nesse aspecto, não quer dizer de modo algum mera passividade: o homem pode receber de Deus apenas em oração, e oração é luta, exatamente como a fé

---

[35] A principal referência à cooperação, em *The Bondage of the Will*, é achada em *WA* 18, 753-754.

[36] *WA* 18, 781.

também é luta. O homem eleva-se para Deus em oração e fé; e o próprio exercício delas demonstra a servidão de nosso arbítrio perante Deus. Podemos tomar ou receber tão-só de Deus. Se uma pessoa, orando, pede alguma coisa e não recebe – e também isso é possível – tal fato, mais uma vez, demonstra a servitude da sua vontade.

A continuidade de pensamento entre seus outros escritos e *The Bondage of the Will* nesse ponto é claramente mostrada no seu argumento contra Erasmo (*WA* 18, 767-768). É exposto que o reino do livre arbítrio é o reino da lei, no qual a justiça de acordo com a lei civil é possível, mas que a vontade está acorrentada em relação ao evangelho, a justiça que é dada a nós fora das obras da lei. "Para ilustrar, o livre arbítrio tem poder mediante seus próprios esforços para ir adiante num caminho ou noutro em manifestas boas obras conforme a justiça da lei civil ou moral; mas não pode subir até a justiça de Deus... Claramente, pois, distingue Paulo entre essas duas espécies de justiça atribuindo uma à lei e a outra à graça, dizendo que essa última é dada sem a primeira e sem os feitos próprios do homem" (p. 767 e s.). O bem que o homem faz na terra é criação de Deus e deve ser dirigido ao próximo. Face a Deus, o bem não é do homem mas de Deus[37]. Só perante o próximo, o bem realizado aparece como vindo daquele que o faz. É por meio desse fato que podemos entender a noção do homem como sendo "máscara" de Deus.

Essas afirmativas concordam literalmente com a tese de Lutero no *Large Commentary on Galatians*, freqüentemente repetida. A linha de pensamento dela conduz imediatamente aos reinos terreno e espiritual. Antes, porém, de tratar deles, devemos devotar alguma atenção ao fato de que o reino celestial é um reino além da morte, um reino vindouro.

Já chamamos a atenção para o que Lutero diz (*WA* 34 II, 27)

[37] *WA* 38, 373.

sobre a diferença entre a vida na terra e a vida no céu. Na terra, a pessoa deve considerar a autoridade do governo e dos pais, ser um bom esposo e um bom vizinho. No céu, o homem não tem nem mulher nem filhos porque cessam todos os ofícios e os seres humanos são todos iguais porque a regra da lei cai em desuso. O reino da vocação é provisório. Ele se encontra só no presente, nessa curta vida na qual estamos preocupados com os dons e encargos do ofício. A transitoriedade da vocação pode aludir a um outro aspecto do fato, já citado, de que a vocação como tal não tem nada a ver com a salvação. O evangelho, assim como a promessa da salvação, é igualmente a promessa da eternidade, a promessa de um reino que nunca passará. Na terra, nós recebemos de Deus aqueles dons que são transitórios; mas no reino celestial recebemos a Deus mesmo, que nunca passa. "Suas coisas boas são apenas dons que não duram senão uma estação; mas a sua graça e cuidado são a herança que dura para sempre, como S. Paulo diz em Rm 6: "A graça de Deus é a vida eterna". Ao oferecer os dons, ele não dá senão aquilo que é dele, mas na sua graça e no seu cuidado para conosco, ele nos dá o seu próprio ser"[38].

A fé não pode se apegar a um bem externo ou a um dom; pois, o dom passará. A fé, porém, deve elevar-se até Deus e repousar nele; fé é a entrada no céu. O amor está completamente em casa na terra, no mundo transitório, onde não se pode confiar em nada porque o amor é mal usado e traído[39]. O reino terreno é destruído pouco a pouco, e pouco a pouco novamente criado por Deus na natureza e em todos os ofícios. Nesse reino, nós vivemos "agora" sob a regra da lei. Se esse fosse o único mundo, o evangelho seria uma palavra vazia e sem sentido. "Todas as coisas que Deus fez no sábado são manifestos sinais de uma outra vida após esta. Por que

---

[38] *WA* 7, 751 (*The Magnificat*), 1521.

[39] *WA* 18, 651-652 (*The Bondage of the Will*, 1525) e *WA* 50, 567 (*On Councils and Churches*, 1539).

é necessário para Deus falar a nós através da sua palavra se não somos destinados a viver numa vida futura e eterna?"[40]

O evangelho é, assim, uma mensagem escatológica, no senso de que promete uma coisa que pertence ao futuro, à vida após a morte. Isso é claro na forma de Lutero diferenciar entre *iustitia civilis* (justiça civil) e *iustitia christiana* (justiça em Cristo). A justiça civil é promovida pela lei e é relevante nas cortes em geral e perante o homem como justiça competente. A justiça em Cristo é uma justiça outorgada e dela pode ser dito: consiste no perdão dos pecados. Lutero distingue essas duas espécies de justiça desta maneira: a *iustitia civilis* tem sua função na terra até a hora da morte; então, porém, se torna pecaminosa toda justiça civil. O perdão dos pecados é a única justiça que tem permanência. "Assim o homem deve ser visto à luz dessas duas espécies de justiça. Deixa-o viver honestamente nas relações externas de modo que tenha uma vida tranqüila. Mas, quando o fim da sua vida realmente vem, faze-o conhecer de que tipo é a verdadeira justiça. Pois, então, suas obras se transformam em pecados. Que ele aprenda a confessar: 'Mesmo que eu nunca tenha feito uma boa obra, creio, no entanto, no artigo do perdão dos pecados'. Não deveria nada ser cogitado senão a remissão dos pecados"[41].

Na morte, o homem cruza o limiar para o outro reino, que não está sujeito às condições que prevalecem na terra. Através do evangelho do perdão dos pecados declara-se, então, para nós uma justiça que é válida para a eternidade e que a fé já recebe na terra. No tempo e entre os seres humanos na terra, por outro lado, o perdão dos pecados não se mantém como justiça de fato; aqui, é necessário levar em conta as ações do homem. Está completamente certo e em harmonia com a vontade de Deus que, na terra, a justiça das obras

---

[40] WA 42, 61 (*Commentary on Genesis*, 1535-1545).

[41] *WA* 29, 572 (*Sermons*, 1529; Poach).

seja requerida. Essa justiça exterior, entretanto, é transitória, como, aliás, tudo o mais na terra. Ela não alcança tão longe quanto o céu. Junto ao portão do céu, na hora da morte com a sua ansiedade, ela cambaleia e desmorona.

O reino de Deus é, assim, nos dado como promessa. Quando a fé aceita a promessa e crê nela como verdadeira palavra de Deus, a vida eterna já começa aqui na terra, mas tudo o que está aqui desse lado da morte é apenas um pálido começo. A realidade é primeiro encontrada na ressurreição. A vida baseada na justiça civil é de tal natureza que ela sempre deve procurar escapar da morte, que a leva para o nada. Por outro lado, a vida construída sobre a fé prossegue para além da morte e espera por ela, olhando para a frente, para a revelação da justiça de Cristo[42]. Essa justiça está à frente da fé, e a fé a deseja. Não é nenhuma contradição afirmar que a justiça é anterior à fé porque ela é, por assim dizer, preparada e evidenciada mediante Cristo. Pois a obra de Cristo já foi realizada antes do nosso tempo, e nada lhe falta enquanto justiça que ele adquiriu pela sua morte e ressurreição. No entanto, ele ainda não a cumpriu totalmente em nós. Tal só é realizado em nossa morte e ressurreição, que estão ainda por vir. A fé, desse modo, está entre duas ressurreições, a ressurreição de Cristo, que já aconteceu, e a nossa própria ressurreição, que está à nossa frente. Essas duas ressurreições, Lutero as une com a sua maneira especial. A ressurreição de Cristo não se "completa" antes que venha a nossa ressurreição. Os crentes são o corpo de Cristo; o corpo de Cristo não se levanta enquanto aqueles que forem dele não ressuscitam. Por isso, dizer que a fé olha para a frente não é negar que seja ela a fé na obra de Cristo. A obra de

---

[42] *WA* 32, 468 e 469 (*The Sermon on the Mount*, 1530-1532). Assim, muito claramente (*WA* 2, 278 e s. e 734 e s.), por exemplo: "Assim, pois, a vida do cristão, do batismo à sepultura, nada mais é que o início duma abençoada morte; pois, no dia derradeiro, Deus o fará totalmente novo" (728, *Treatise on the Sacrament of Baptism*, 1519).

Cristo estende-se tanto para o passado quanto para o futuro. Ele ressuscitou ao terceiro dia e ressuscita novamente onde a fé é acendida. A ressurreição dos mortos, que tem início com o nascimento da fé na pessoa, ele a "cumprirá" completamente na morte e ressurreição da pessoa no céu. Em direitura a essa glória no céu, a fé olha para a frente[43].

Quando Stomps, do ponto de vista da sua filosofia, toma contato com o pensamento de Lutero, é essa qualidade do futuro, a extensão da fé para a frente, que ele assinala na sua visão da relação entre a fé e o conhecimento segundo Lutero. Esse é o ponto valorizado no seu tratamento filosófico, que, por outro lado, apresenta muita coisa que não é verdadeira em relação a Lutero. Mas ele faz uma boa observação nesta definição: a fé olha para coisas que são invisíveis e incognoscíveis; mas elas são invisíveis e incognoscíveis "não porque sejam basicamente incognoscíveis, mas porque 'ainda não' são visíveis, 'ainda não' cognoscíveis. A fé se dirige para aquilo que está por vir – é ela a maneira apropriada de esperar"[44].

"Quando ele (Cristo) nomeia só aquelas coisas que vêm para este mundo, ele mostra que fala apenas daquela luz da fé que brilha e auxilia nesta vida; após a morte, ninguém mais é iluminado por ela. Isso deve acontecer aqui através da fé no homem Cristo mas sem a sua divindade. Após esta vida, nós veremos não através da sua humanidade mediante a fé; contemplaremos sua divindade pura, desvelada, abertamente manifesta em si mesma"[45].

---

[43] Cf. *WA* 56, 372 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

[44] STOMPS, M. A. H. *Die Anthropologie Luthers* (A Antropologia de Lutero), 1935, p.121. Cf. também LÖWENICH, W. von. *Luthers Theologia Crucis* (A Teologia da Cruz de Lutero), 1935, pp.112-115.

[45] *WA* 10 I, 1, 222 (*Kirchenpostille*, 1522). Cf. *WA* 18, 784 (*The Bondage of the Will*, 1525).

3 Os Governos Espiritual e Terreno

Até este ponto, falamos dos dois reinos sem falar dos governos através dos quais esses dois reinos se desenvolvem. O próprio Lutero dificilmente o faz. É apenas porque os reinos são governados por Deus que eles subsistem. Deus diariamente mantém a paz externa temporal e uma vida suportável na terra mediante o governo secular e o acesso ao céu através do governo espiritual, ambos "contra o diabo", *adversus Diabolum, carnem et mundum*[46]. Fossem os reinos deixados a si mesmos por um momento, eles seriam arruinados pelo poder do mal e da destruição.

No seu tratado *Whether Soldiers Too Can Be Saved*, Lutero mostra o que ele quer dizer com os dois governos. "Pois ele (Deus) estabeleceu duas espécies de governo entre os homens. Um é espiritual, mediante a palavra, sem a espada, através do qual podem os homens tornarem-se devotos e justos de modo que junto com essa justiça possam eles receber a vida eterna. Essa justiça, ele a administra através da palavra que ele comissionou aos seus pregadores. O outro é um governo terreno administrado pela espada de sorte que aqueles que se recusam a tornarem-se devotos e justos para a vida eterna sejam por tal governo terreno compelidos a se tornarem devotos e justos perante o mundo. Essa justiça, ele a aplica através da espada. Embora não recompense com a vida eterna essa justiça, ele, contudo, insiste nela de modo que a paz venha a ser mantida entre os homens; e ele recompensa com bênçãos temporais"[47]. Essa afirmativa se enquadra muito bem no quadro que demos da visão de Lutero. Uma justiça é justiça para o mundo, não para a vida eterna, e é recompensada com *zeitlich gut* (coisas ou bens deste mundo). Novamente vemos o reino terreno, para o qual

---

[46] Ver a clássica referência sobre igreja, escola, lar, cidade e castelo no tratado: *On Councils and Churches*, 1539; *WA* 50, 652.

[47] *WA* 19, 629.

a nossa vocação é relevante e no qual Deus, constantemente, produz benefícios externos para a manutenção da vida. Conseqüentemente, isso tudo pertence à esfera do governo terreno. Sua obra é uma espécie de justiça, uma justiça de Deus e, ainda assim, uma justiça transitória que não alcança a eterna vida. A outra justiça é a justiça que é dada, concedida mediante o evangelho, e que tem o ofício da pregação como o seu instrumento sobre a terra. Na igreja é exatamente essa "regra espiritual" que opera, e o reino do céu aparece numa forma exterior, pois com isso a porta é aberta para a vida eterna[48].

O governo terreno apresenta um conteúdo variado. Lutero, via de regra, divide a sua obra em duas "hierarquias", economia política e economia doméstica (família). Uma terceira "hierarquia", a igreja, constitui sozinha o governo espiritual. Na economia doméstica, uma pessoa pode ser pai ou mãe, ou filho, ou filha. Descobrimos algo sobre as vocações de que falou a *Kirchenpostille*. O rol se completa na economia política, representada em todas as descendentes ramificações de governantes, do príncipe ao que maneja a espada, do soldado ao carrasco. Sobre todo esse vasto campo, o governo de Deus é continuamente realizado contra o diabo, contra todo o mal que surge entre os homens e que objetiva produzir atos ruins. Ao lado da espada do governo está a vara na mão paterna para a correção da criança[49]. Tudo isso está compreendido na lei, na lei de Deus e no seu uso civil (*usus civilis*). "Aqui (em questões externas), se tu és pregador, governante, cônjuge, professor, aluno, não há lugar para ouvir o evangelho mas a lei; aqui tu deves cumprir a

---

[48] O ofício da pregação, como ofício, é claramente um ofício entre outros; ele não pertence ao reino em que as outras ordens não têm lugar. Até o ofício do ministério é um *Beruf* sujeito às condições da vocação. Contudo, mediante essa vocação específica, Deus realiza algo distinto e completamente diferente de todas as outras vocações.

[49] *WA* 32, 316-317.

tua vocação!"[50]. A lei e a espada (*lex et gladius*) se pertencem mutuamente. A lei e a vocação pertencem uma à outra. A vocação cai dentro do reino da lei[51].

Da longa referência tirada de *Whether Soldiers Too Can Be Saved* (p. 24), poderíamos chegar a esta conclusão: o governo terreno deve reinar sobre um grupo de pessoas (os maus) e o governo espiritual sobre um outro grupo (os cristãos). Essa visão é sugerida igualmente no *Treatise on Secular Authority*, de Lutero[52]. Mas, é óbvio que essa afirmativa é um modo abreviado de expressão como: "O cristão não precisa de lei". Na realidade, o cristão é naturalmente um pecador mesmo quando ele é justo (justificado) e, como pecador, ele está sujeito à lei. Na primeira parte da nossa discussão, aduzimos citações de Lutero nas quais afirma ser o corpo governado na terra através da lei enquanto a consciência ou fé está no céu, do qual se acha excluída a lei e onde só o evangelho governa. Lutero freqüentemente enfatiza a simultaneidade desses dois governos sobre uma única e mesma pessoa. "Com o Espírito no paraíso da graça e paz, e com a carne no mundo de trabalho e cruz", o cristão vive a sua vida. "Assim como a lei detém o poder sobre a carne, a promessa reina supergraciosamente na consciência. Depois de haveres reconhecido a esfera própria de cada uma delas, tu caminhas do modo o mais seguro com a promessa no céu e a lei na terra, com o Espírito da graça e paz no paraíso e com o corpo de obras e cruz na terra"[53].

---

[50] *WA* 40 I, 210 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[51] *WA* 19, 629 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526). Cf. também *WA* 40 I, 429 e s. concernente ao uso civil ou político da lei (*Commentary on Galatians*, 1535), em que Lutero diz que se deve "reprimir o bárbaro e o mau". Refere-se ele especialmente à força que exerce o governo. Isso pode ser visto claramente em *WA* 40 I, 479-485.

[52] *WA* 11, 229-281. Ver, por exemplo, p.249: "Aqui devemos dividir os filhos de Adão, todos os homens, em duas classes: uma que pertence ao reino de Deus; a outra que pertence ao reino do mundo" (1523).

[53] *WA* 40 I, 469 (*Commentary on Galatians*, 1535).

Os dois governos realmente abarcam diferentes grupos de pessoas porquanto alguns não têm o evangelho, mas, de qualquer forma, vivem sob o governo terreno; mesmo, porém, após o evangelho ter libertado a consciência, o homem ainda está sujeito ao governo da lei na sua vocação terrena, significando, assim, os dois governos "duas posições diferentes" para uma pessoa, como Törnvall diz. A lei está realmente incorporada nas ordenanças externas, que exigem labor e realizações (*iustitia civilis*); e o evangelho está, similarmente, incorporado na igreja, que profere o perdão dos pecados (*iustitia christiana*)[54]. Agora, nós perguntamos se existe alguma conexão íntima entre esses dois governos.

A resposta é dúplice. Há uma conexão de cima, do ponto de vista de Deus, e uma conexão de baixo, do ponto de vista do homem. Da primeira, já falamos. Ambos os governos são expressões do amor de Deus. Na sua vocação, o homem faz obras que possibilitam o bem-estar dos outros; pois assim Deus realiza todos os ofícios. Através da sua obra nos ofícios do homem, prossegue a obra criadora de Deus e essa obra criadora é o amor, uma profusão de bens e dons. Com as pessoas nas suas "mãos" ou "cooperadores", Deus concede seus dons através das vocações terrenas em benefício da vida do homem na terra (alimento por meio dos agricultores, pescadores e caçadores; paz externa através dos príncipes, juízes e poderes constituídos; conhecimento e educação mediante professores e pais, etc.). Pela vocação dos pregadores, Deus concede o perdão dos pecados. Assim, o amor vem de Deus, fluindo para os seres humanos sobre a terra por meio de todas as vocações não só através do governo espiritual como também do secular. Isso pode ser

---

[54] Os sinais que mostram que a igreja está presente são "o batismo, o sacramento e o evangelho". *WA* 6, 301 (*On the Papacy at Rome*, 1520). Através desses meios, o perdão dos pecados é concedido; por conseguinte pode ser dito que "toda a igreja é perdão dos pecados". *WA* 2, 722 (*Treatise of the Sacrament of Penance*, 1519). Deve ser o homem lembrado de que o perdão dos pecados é justiça divina efetiva após a morte. Assim é a igreja uma realidade escatológica enquanto o comércio e a ordem civil são relevantes para a vida presente.

igualmente uma conexão entre os dois governos do ponto de vista do homem se ele pondera no que recebe dos outros segundo suas vocações. Ele recebe os dons do amor de Deus tanto mediante o príncipe quanto mediante o pregador.

Mas descobrimos uma conexão entre os dois governos também no plano horizontal. Isso aparece quando o homem olha para a sua posição dentro da sua vocação, não perguntando pelo que recebe, mas pelo que ele tem para fazer, pelo que Deus reclama dele. A vocação é a lei e o mandamento, a síntese das ordenações de Deus para a pessoa que ocupa o lugar específico na terra que seu ofício lhe determina. Na sua vocação, portanto, a lei se entranha nele tanto quanto o evangelho o faz na sua encarnação na igreja. Tanto a lei quanto o evangelho se imprimem no homem em forma terrena tangível: a lei através da vocação (a vida em família, o mundo ligado ao governo e aos funcionários públicos, o trabalho, os parentescos e talentos com seus correlativos estados) e o evangelho através da igreja, onde a palavra é pregada e os sacramentos administrados corretamente às pessoas. A igreja aponta sempre, originalmente pelo menos, para a eternidade, para o céu. A vocação aponta para o dia presente, para este mundo. Descobrimos aqui uma firme e definida conexão do ponto de vista do indivíduo.

O batismo é o sacramento basilar da igreja. No batismo, o receptor é sepultado com Cristo: aquele que o recebe deve morrer com Cristo para poder ressuscitar e viver com ele (Rm 6). Isso acontece dia após dia pelo morrer do velho homem e pelo ressuscitar do novo de entre o pecado[55]. Isso é completamente realizado na morte, quando o corpo do pecado murcha e a nova criação de Deus aparece na consumação; por isso, o homem deve alegrar-se com a morte. Mas, em vez disso, ele a teme. O velho homem não quer morrer e deixar o mundo do pecado; pelo contrário, deseja viver nele tanto quanto possível. Deus precisa ajudar o homem a morrer diaria-

[55] *WA* 2, 727-728 (*Treatise on the Sacrament of Baptism*, 1519).

mente. Ele, por essa razão, estabeleceu diferentes ordens, pelas quais o homem deve disciplinar-se e aprender a sofrer e a morrer. Em relação a tais ordens e seus efeitos, Lutero se refere de novo às suas vocações diferenciadas amplamente, todas imbuídas do mesmo divino mandato: "labor e aflição"[56]. Na vocação da pessoa está a cruz – para o príncipe, o marido, o pai, a filha, para, enfim, todo o mundo – e nessa cruz a natureza do velho homem deve ser crucificada. O lado do batismo concernente à morte é cumprido. Cristo morreu na cruz, e aquele que é batizado para a morte com Cristo deve ser posto para morrer mediante a cruz. Para entendermos o que está implícito na cruz da vocação, devemos apenas nos lembrar de que a vocação é ordenada por Deus para beneficiar, não àquele que cumpre a vocação, mas ao próximo que, estando ao lado, carrega a sua própria cruz para o benefício dos outros. Sob essa cruz, incluem-se mesmo até as mais triviais dificuldades como: no casamento, o cuidado com os bebês, que interfere no sono e lazer; no governo, pessoas turbulentas e promotoras de revolta; no ministério, a plena resistência à reforma; no trabalho pesado, a miséria, a sujeira e o desprezo do orgulhoso. Tem isso tudo o consolo da nobre e santa cruz de Cristo; mas até ela mesma também se achava numa profunda humilhação quando foi erigida.

Em *An die Pfarrherrn wider den Wucher zu predigen* (*Aos Pastores para pregarem contra a Usura*), de 1540, Lutero diz que um cristão deve sofrer (*e. g.*, p. 400) e continua: "Eu pergunto onde o nosso sofrimento deve ser achado. E eu logo te mostro: percorre todos os estados da vida, do mais baixo ao mais alto, e acharás o que tu procuras" (p. 400). Segue-se uma realística descrição de um dia, na Alemanha de 1540, dos camponeses, dos habitantes das cidades, dos nobres, etc. Lutero, então, resume: "Por isso, não te aborreças onde achas o sofrimento. Isso não é necessário. Vive simplesmente como um cristão sincero – pregador, pastor, cidadão, agricultor,

[56] *WA* 2, 734 (ibidem).

nobre, senhor – e cumpre o teu ofício com sinceridade e lealdade. Que o diabo se preocupe onde possa achar um pedaço de pau com que possa fazer uma cruz para ti; e que o mundo, onde possa achar uma vara para fazer um açoite para o teu couro" (412).

Na sentença final, a alusão à cruz de Cristo é manifestada. Por trás de toda essa visão de Lutero está a imagem da obra da vocação como a do amor divino descendo para a terra, o mesmo tipo de amor que estava em Cristo. Nenhuma pessoa que deixe a obra da sua vocação prosseguir sem se lamentar escapará de problemas, de ódio e perseguição[57]. Essa visão da vocação será encontrada freqüentemente em nosso estudo.

A crucificação de Cristo foi seguida pela sua ressurreição ao terceiro dia. Uma pessoa é batizada não só para morrer com Cristo como ainda para ressuscitar com Cristo; não só para a crucificação da velha natureza na vocação como ainda para a ressurreição da nova – através da fé no evangelho, pelo qual é dado o Espírito que outorga a vida. A nossa próxima seção tratará desses últimos temas (evangelho, fé, Espírito, nova criatura). Eles são referidos só numa forma bem resumida por incluírem a resposta para a nossa pergunta com respeito à conexão entre o governo terreno e o espiritual do ponto de vista do ser humano individual. O cristão é crucificado mediante a lei na sua vocação, sob o governo secular; e ele ressuscita mediante o evangelho, na igreja, sob o governo espiritual. Ambos os processos tomam lugar na terra, e ambos são dirigidos para o céu.

Pelos dois, o indivíduo é incorporado em Cristo; através da vocação, na cruz; através da igreja, na ressurreição. Cristo é o rei no céu, no reino além da morte. Esse é o destino em direção ao qual deve o cristão ser arrebatado. O batismo é, por isso, completamente cumprido só na morte, como vimos na explicação do batismo, de Lutero.

---

[57] *WA* 51, 325 e s..

Achamos uma nova possibilidade na qual Lutero fala sobre as duas diferentes direções de fé e obras. O verdadeiro amor é o amor de Cristo Jesus dirigido (mesmo que seu corpo seja crucificado) aos criminosos e ladrões. O ser humano, que na sua vocação serve ao próximo, cumpre a sua tarefa de amor por Cristo e recebe o mesmíssimo grau pobre de gratidão como aconteceu a Cristo. Essa é a única forma pela qual o amor de Cristo se torna concreto. Qualquer tentativa de selecionar um conjunto de pessoas santas ou mundanas para serem servidas tem como resultado violentar o amor – e esse não é o amor de Cristo. No mosteiro, onde essa compulsão domina, Cristo, conseqüentemente, não está presente com o seu amor. Cristo é excluído sempre que o próximo comum é excluído. E, além do mais, visto ser a fé simplesmente a presença de Cristo, significa isso que a fé, no claustro, é impossível. Onde Cristo é excluído não é possível para o homem ter fé. No mosteiro, o ser humano é forçado a realizar obras que substituem as obras que ele deveria "derramar sobre o seu próximo, em amor", por todo o mundo, livremente. As suas obras são feitas por uma razão outra que o objetivo terreno de estar a serviço de seu próximo; o seu objetivo agora é tornar-se santo. Isso é buscar a justificação face a Deus por obras. A fé é apagada.

Em consonância com isso, em *De Votis Monasticis*, Lutero declara que, ao desejar salvar um monge, ele o obriga a ocupar-se com coisas terrenas. É assim que Deus agiu com Bernardo de Claraval (Lutero tinha em mente a abrangente atividade política de Bernardo), e a mesma coisa aconteceu em outros casos. Foi essa espécie de milagre pelo qual foram salvos de se amolecerem no mosteiro com o seu amor engaiolado e fictício[58]. Dessa maneira, tem o casamento a função de obrigar a pessoa a trabalhar pelo bem dos outros. E, quando isso acontece, o homem geralmente se apresenta de mãos vazias e desamparado perante Deus. Isso quer dizer: a fé tem, assim, a chance de nascer.

---

[58] *WA* 8, 628.

Cristo se faz presente com os homens nessas obras porquanto servem eles aos outros. E presente ele se faz também criando a fé. Fé e obras nunca devem se divorciar. Se uma pessoa nasce na fé, logo as obras começam a saltar, pois a fé é Cristo. Se uma pessoa começa com obras que são realmente boas (a saber, as obras que servem aos outros, as obras da sua vocação), ela imediatamente vê que, por uma íntima necessidade, precisa a fé elevar-se até Deus, pois tais obras a esvaziam tão completamente que ela não pode prosseguir adiante sem Deus. Esse esvaziar-se é a "cruz", a cruz de Cristo e a cruz do homem, pois ambas são a mesma desde que esteja presente Cristo. Mas, por outro lado, o consolo da fé é o poder de Cristo, que ressuscitou.

Toda a sua vida, o monge é suprido de alimento, vestes e tudo o mais providenciado pelo trabalho dos outros no mundo, que põem à disposição dos habitantes do claustro todas essas coisas sob a forma de presentes e favores. Dessa maneira, está o monge seguro, sem perigos nem cruz. Procurar tal estado na vida é tentar escapar das tentações comuns da humanidade, é "evitar olhar para o céu esperando de Deus pelo pão de cada dia e confiando que Deus proveja o sustento"[59]. Tão logo uma pessoa deixa o mosteiro e se casa, tais preocupações aparecem, a saber, as ocasiões para a fé, para a confiança, para a prática da fé. No claustro, a fé não tem "nem espaço, nem lugar, nem tempo, nem ocupação, nem trabalho". Mas, o casamento é de tal caráter que ele "nos ensina e obriga a olhar para a mão e a graça de Deus e simplesmente nos dirige para a fé"[60].

Observamos, com respeito à vocação, constituir-se ela de tal forma que termina conduzindo ao bem-estar do próximo; ela serve os outros (amor). Com isso, o homem põe-se em uma correta rela-

---

[59] *WA* 12, 106 (*Exposition of I Corinthians 7*, 1523).

[60] *WA* 12, 106. Cf. *WA* 32, 511-512, onde o príncipe, o juiz, o marido, o menino e a menina são chamados de verdadeiros monges e freiras devido ao peso da sua cruz enquanto se afirma dos moradores dos claustros que eles brincam imprudentemente com a cruz (*The Sermon of the Mount*, 1530-1532).

ção tanto com a terra (amor) quanto com o céu (fé). Toda a obra de Deus é posta em movimento mediante a vocação: ele modifica o mundo e espalha a sua misericórdia sobre a humanidade oprimida. Assim que a vocação é abandonada, Deus solta o homem, e tanto a fé quanto o amor cessam, e, como não há livre arbítrio face a Deus, o diabo, esse poder objetivo que se opõe a Deus, toma o controle do homem.

Esse conceito sobre vocação não pode ser enfatizado suficientemente. Através da vocação está realmente a presença de Deus com o homem. Como o Deus da lei, ele se coloca acima da vontade egoísta do homem e leva o ser humano à oração, que é respondida pelo Deus do amor e do cuidado. Na vocação, as obras são constrangidas a moverem-se em direção ao próximo, em direção à terra; e a fé somente, a confiança, a oração, todas sem obras, sobem em direitura ao céu. Em tudo isso, a pessoa é incorporada a Cristo; a cruz na vocação é a sua cruz; e a fé, que rompe dessa cruz na vocação, é a sua ressurreição[61]. Esse último ponto discutiremos na próxima parte sobre a fé e o amor. Antes disso, porém, talvez devam ser feitas algumas citações específicas adicionais nas quais a ênfase é dada ao risco do serviço aos outros nesta vida terrena. Em *Heerpredigt wider den Türken* (*Pregação Militar contra os Turcos*) de 1529, Lutero fala da "cruz" "proveitosa ao homem para a salvação", na qual "a fé deve ser exercida e mantida"[62]. Era possível ser a cruz permitida por Deus para ser carregada naquele momento (1529) o aprisionamento pelos turcos e a conseqüente servidão sob condições ásperas numa terra estranha. À medida que a resistência aos turcos é possível, a resistência é a vocação de uma pessoa (esse é o ponto principal em

---

[61] Sobre o tema da participação do homem na crucificação e ressurreição de Cristo ver, por exemplo, *WA* 5, 128-129 (*Operationes in Psalmos*, 1519-21), *WA* 1, 112-113 (*Sermo in die S. Thomae*, 1516), e *WA Deutsche Bibel* V, 628 (*Preface to Romans*, 1529). A última referência fala do batismo exatamente como Lutero o fez em 1519 (*WA* 2).

[62] *WA* 30 II, 193, 1529.

todo o tratado). Mas, se alguém foi tomado como prisioneiro, o senhor turco se torna o próximo desse alguém e senhor legítimo sobre o seu corpo: um serviço fiel a ele, nesse caso, é a vocação dessa pessoa feita prisioneira. É assim que ela deve carregar a sua cruz. Foi isso que fez Jacó em Harã, José com faraó, os filhos de Israel na Assíria, os filhos de Judá na Babilônia. Essa foi a experiência de Jesus e de todos os santos. Cristo permitiu a Pilatos e Herodes fazer com ele o que eles fizeram[63]. Quando Lutero fala sobre o trabalho terreno, uma surpreendente alegria paira sobre as asperezas que sublinha suas palavras. Nessas dificuldades menores sobre a terra está a comunhão com o Filho de Deus, que foi injuriado e esbofeteado. Assim, por exemplo, se podem ver os esforços de Lutero, em um sermão de 1531, para expressar um fato enigmático: uma pessoa que ama o seu próximo é golpeada na boca, e o seu objetivo não prospera; mas no seu próprio fracasso, Deus está bem próximo sobre a terra, ativo e forte[64].

Às vezes, Lutero parece sentir que a vida terrena como tal ajuda o homem na direção da fé e do amor. Logo, no entanto, ele vê que ao homem secular, tanto quanto ao monge, pode acontecer que ele se desvie do próximo, sentindo-se tão confortável nessa posição que nem mais perceba a necessidade da fé em Deus. Observações como essa levaram Lutero a fazer propostas concretas para reformas da vida em sociedade, na qual, por exemplo, certas formas de comércio, etc., são condenadas. As declarações de Lutero sobre a usura são, com respeito a isso, de especial interesse.

A espécie de negociante que vive de emprestar dinheiro a juros para trabalhadores é para Lutero extremamente censurável, tão censurável quanto o monge. A sua posição é totalmente igual à do monge: completa segurança para si mesmo sem o menor trabalho

---

[63] *WA* 30 II, 193 e 194.

[64] *WA* 34 II, 181. Este pensamento é ainda mais claro na exposição de Lutero sobre o *Magnificat*.

(nenhum lugar, por isso, para a fé) e sem o cuidado para o próximo (nenhum lugar para o amor). Aquele que recebe o empréstimo e consente com a exigência de pagar juros tem de trabalhar para tornar produtivo o principal; nessa labuta, porém, está sempre debaixo do poder de Deus (*Gottes Gewalt*), em meio a milhares de perigos; doença, morte, incêndio, inundação, trovão, tempestade, animais selvagens e homens ruins[65]. O emprestador, com certeza, tomaria consciência da sua insegurança se ele mesmo, pelo seu próprio trabalho, tentasse fazer o seu dinheiro produtivo ao invés de emprestá-lo. Mas ele evita a insegurança reclamando um juro fixo para um determinado prazo (com a ameaça de que, se não for assim, privará o que tomou o empréstimo da sua propriedade posta como caução). Em tal situação, o emprestador não ora a Deus com sinceridade para Deus lhe dar o pão cotidiano; essa necessidade, ele próprio já a resolveu antecipadamente. Qualquer pessoa que não saiba o que é insegurança, não sabe também o que é fé[66]. A proposta feita por Lutero é que o emprestador receba juros, não em cima do principal do empréstimo, mas sobre o lucro obtido ao longo do ano pelo que tomou o empréstimo. Caso uma catástrofe sobrevier sobre o que tomou o empréstimo, o emprestador não receberá nada[67]. Mas,

---

[65] *WA* 6, 56 (*Grosser Sermon von dem Wucher* = Grande Sermão sobre a Usura, 1520).

[66] *WA* 6, 8 (*Kleiner Sermon von dem Wucher* = Pequeno Sermão sobre a Usura, 1519). Cf. *WA* 15, 299, onde é enfatizado que Deus nos conserva em contínua insegurança quanto ao futuro. Esse é o modo pelo qual Deus continua a ser Deus. Ver igualmente p.300: "Por essa razão, na Oração do Senhor (o Pai-Nosso), ele nos ordena pedir para hoje apenas o pão diário. Pois devemos viver e trabalhar em medo, sabendo que não há nenhum tempo em que a vida e os bens são absolutamente certos; devemos, antes, esperar e tudo receber de suas mãos, pois é isso que faz a verdadeira fé" (*Vom Kaufshandlung und Wucher* = Sobre o Comércio e a Usura, 1524).

[67] Essa é a posição tomada no *Kleiner Sermon von dem Wucher*, em 1519 (*WA* 6, 8; ela é desenvolvida no *Grosser Sermon* do ano seguinte (*WA* 6, 57). O pensamento de Lutero segue a mesma linha quando condena o monopólio em *Von Kaufshandlung und Wucher*, em 1524 (*WA* 15, 299 e s., por exemplo).

se as coisas correrem bem para o que tomou o empréstimo, elas correrão bem igualmente para o emprestador. Ambos estão no mesmo barco. A vantagem dessa um tanto quanto utópica proposta é que a pessoa rica partilha da insegurança e, com isso, é direcionada para a fé entrando numa verdadeira comunhão com o pobre e, dessa forma, é dirigida para o amor. Assim, ela se aproxima de uma correta relação tanto com Deus quanto para com o próximo. É esse o mesmo ponto de vista que Lutero apresenta quando aconselha o casamento como algo superior à vida no claustro. No casamento, ambos, a fé e o amor, são promovidos ao passo que no mosteiro eles são abafados.

Deus, mediante os governos terreno e espiritual, leva os homens às boas obras e à fé. A vida terrena como tal faz a pessoa trabalhar pelo bem do próximo e provoca a oração pelo auxílio de Deus como notamos Lutero dizer ao contrastar o casamento com a vida monástica. Assim, há um sensível impulso em todas as ordens seculares para servir aos outros[68]. Por outro lado, Lutero pode dar guarida a uma forma concreta de vida secular e propor reformas para desenvolver o mesmo estímulo – amor pelo próximo e fé em Deus – como testemunhamos com respeito àquilo que ele fala sobre a usura. Quando se reforma corretamente a ordem secular, sua reforma deve estar em harmonia com o impulso que Deus nela estabeleceu. Essa é, manifestamente, não uma característica estática das ordens seculares; ela sempre deve ser guiada através da lei. Entra uma qualidade enérgica e viva no reino das vocações que torna impossível o conservantismo. Alguém poderia perguntar por que tal reformulação das ordens se tornaria necessária. A resposta fica evidente à vista das medidas empregadas pelo avaro homem de negócios, cujas atitudes são contrárias à fé e ao amor. Lutero percebe uma clara expressão do "poder das trevas" ou do diabo: o usurário está nas mãos do

[68] *WA* 15, 625.

diabo[69]. Nas ordens seculares, Deus e o diabo estão ambos ativamente em ação. Tais ordens, por isso, nunca ficam em paz. Estão elas sempre sendo corrompidas porque o homem se desvia do querer de Deus. Mas elas são novamente melhoradas e reformadas por Deus, entre outras coisas, na fé e no amor cristão.

4 Fé e Amor

Anteriormente, repetidas vezes, tocamos na fé e no novo homem, mas sempre de forma não-abrangente. Sendo o homem crucificado pela lei, através da cruz da sua vocação, ele é vivificado e ressuscitado mediante a fé no evangelho. Enquanto as obras se voltam para o próximo e para o mundo, a fé se eleva para Deus, para o céu. Enquanto as obras têm a sua vida na visibilidade, a fé se estende para a vida após a morte, para fora da era presente. No *Sermon vom Leiden und Kreuz* (*Sermão do Sofrimento e da Cruz*) de 1530, Lutero coloca uma ênfase especial no caráter específico da fé de olhar para a frente[70]. A mesma idéia se acha no conceito, repetido com freqüência, de *vivificatio* como o próprio Cristo vivo porque a *vivificatio* do homem é a sua ressurreição no mesmo sentido em que a *mortificatio* do velho homem é a crucificação. Desse modo, a vida do novo homem é a ressurreição e a passagem para o céu, assim como o foi a ressurreição de Cristo. É significativo, por essa razão, que a noção de "passagem" nas aulas da Epístola aos Hebreus

---

[69] *WA* 15, 293 (*Von Kaufshandlung und Wucher*); *WA* 6, 60 (*Grosser Sermon von dem Wucher*, 1520). Em *An die Pfarrherrn wider den Wucher zu predigen* (1540), esse dualístico aspecto é muito notado. Ver, por exemplo, *WA* 51, 340: "Todo aquele que empresta e recebe de volta mais do que emprestou, peca ele como usurário contra Deus. Ainda que dessa forma preste um serviço, ele o presta ao maldito satã".

[70] *WA* 32, especialmente 31-36. A idéia é fundamental para todo o tratado, não podendo haver sido acrescentada por um editor posterior como já foi sugerido.

incluam três coisas: a ressurreição de Cristo, nossa passagem aqui do velho homem para o novo e nosso futuro falecimento corporal[71]. A nossa morte física é a morte do velho homem e a vida do novo, mas é também a passagem da terra para o céu.

O conceito de justificação tem igualmente um significado escatológico. O perdão dos pecados, assim como a justificação tem esta implicação: é só através do perdão dos pecados que o homem pode permanecer de pé no julgamento – ou melhor – no juízo final. Assim, o perdão dos pecados é o mesmo que a vida eterna. Como é a fé que recebe o perdão dos pecados, a fé é considerada como tendo uma dimensão escatológica. A justiça da fé significa, nesse contexto, ser a consciência livre e destemida mediante o evangelho embora o pecado continue em nossos corpos. Lutero relaciona a consciência intrépida à ressurreição de Cristo. Através da cruz de Cristo, chegamos a conhecer o nosso pecado, o que faz a nossa consciência tremer; mas, através da sua ressurreição, a consciência é libertada porque a ressurreição é a vitória contra o pecado[72]. O pecado sobre o qual Jesus Cristo vem a triunfar é o nosso pecado, o pecado de todos aqueles que crêem. E o poder do pecado que ele retira é, assim, o poder de acusar, essa capacidade que tem o pecado em falar contra a nossa pessoa no julgamento após a morte.

Ligado a essa orientação da fé para fora do mundo, Lutero pega a fé de repente quando ele interpreta o Sl 102.7, que fala do passarinho solitário no telhado. Com vigor poético genuíno aplica essa referência à fé e à sua posição entre céu e terra. O mundo é como um dormitório em cujo telhado sobe o homem – ele ainda não está no céu, mas também não está na terra. Ele paira "sozinho na fé"

---

[71] *WA* 57, 218, 223 e 232. Quanto à linha de pensamento, ver 131: "Quem teme a morte ou não está pronto para morrer ou não é suficientemente cristão. Ele está em carência de fé na ressurreição e ama esta vida mais que a futura". Ver também p.132 (1517-1518).

[72] *WA* 2, 139-140 (*Sermon von der Betrachtung von des heiligen Leidens Christi* = Sermão sobre a Contemplação do Santo Sofrimento de Cristo, 1519).

entre a vida deste mundo e a vida eterna[73]. Muito reveladora da mesma forma é a distinção entre alma e espírito no *Magnificat*. A alma dá vida ao corpo e se mantém ocupada não mediante coisas incompreensíveis, mas através de coisas que se encaixam dentro da competência da razão. O espírito, porém, é a habitação da fé e da Palavra de Deus, e sua atividade é "tomar posse das coisas incompreensíveis, invisíveis e eternas"[74].

Num outro contexto, Lutero particulariza a corrupção da vida claustral afirmando que ela "seduz o homem", isso é, tira-o da fé e "fá-lo dispersar-se em coisas temporais e externas". Mas, pela fé, ele rompe com aquilo que é externo e terreno e se evade puro para o céu. "Não há nada mais elevado nem mais íntimo em caráter que a fé; pois ela se agarra à Palavra de Deus e se despe de tudo aquilo que não é a Palavra de Deus"[75]. A fé escapa do mundo, das obras e da lei para o reino celestial do evangelho. Mas, agora perguntamos: como é possível para tal fé ser ativa no amor, a saber, nas obras em favor do nosso próximo na terra? Em outras palavras, por que essa fé desce espontaneamente para o reino que é dominado pela lei, o reino das obras, o reino terreno?

Em dois estudos sobre a concepção de Lutero com respeito à vocação, realizados no século XX, Lutero foi criticado exatamente nesse ponto, e essa foi a crítica principal em ambos os casos. Eger retorna a esse ponto sempre e sempre com estereotipadas formulações em *Die Anschauungen Luthers vom Beruf* (*As Concepções de Lutero sobre a Vocação*) de 1900: Lutero afirmou que a fé e o amor estão intimamente unidos, mas nunca o demonstrou. "Sérias conseqüências seguiram-se por causa da carência teórica dum relacionamento sistemático entre a fé justificante e o cumprimento da vocação

---

[73] *WA* 1, 199 (*Die Sieben Busspsalmen* = Os Sete Salmos Penitenciais, 1517). A exposição é a mesma da segunda edição de 1525 (*WA* 18, 511).

[74] *WA* 7, 550-551 (1521).

[75] *WA 12, 107 (Exposition of I Corinthians 7* = Exposição de 1Co 7, 1523).

em serviço de amor." Lutero fica satisfeito com a "afirmação de que um não pode estar sem o outro". Por isso, toda obra nas vocações se torna alguma coisa que percorre seu próprio curso, lado a lado com a fé e o relacionamento com Deus. A vocação não obtém o seu caráter da fé, mas existe como entidade pronta, inflexível. Assim também Schifferdecker, no seu *Berufsgedanke bei Luther* (*A Idéia da Vocação em Lutero*) de 1932, afirma: "A necessária unidade interna entre a fé e o poder que dela procede para o agir na vocação, isso Lutero não foi capaz de estabelecer". A vocação ameaça tornar-se uma esfera independente com normas outorgadas imutáveis. É isso verdadeiro em relação a Lutero?

É verdadeiro que a fé se livra das obras e repousa em Deus. Mas desse repouso em Deus, Lutero diz: "Só aquele que experimentou isso, e nenhum outro, pode reconhecer quão fortemente essa confiança o arranca do mal e o leva para o bem"[76]. Isso é importante porque mostra que a atividade da fé é inteiramente inesperada. Naquele que recebeu o evangelho em seu coração, nele habita o amor pelo próximo, um fato com o qual ele fica surpreso. Se Lutero tivesse desejado mostrar, mediante princípios lógicos, como a fé deve expressar-se em amor, como o querem Eger e Schifferdecker, ele não teria desenvolvido a sua visão de modo mais sistemático. Pelo contrário, ele teria substituído a realidade de Deus por uma construção intelectual e negado o caráter miraculoso de alguma coisa que é, em si própria, um milagre. Lutero sabia muito bem o que fazia quando simplesmente afirmou a relação entre a fé e o amor sem prová-la. Estar a fé unida com o amor é, na verdade, um milagre da mesma espécie daquele da humanação de Deus. Vive Deus em bênção no céu. Por que, então, ele desceu à terra em Cristo, que amou os homens e sofreu a morte na cruz? Deus é assim. A fé também vive em bênção no céu. Por que essa fé não fica lá, mas se torna amor que se preocupa com o próximo? Fé é Deus, e Deus é como

---

[76] *WA* 5, 459 (*Operationes in Psalmos*, 1519-21).

ela[77]. No seu *Large Commentary on Galatians*, a fé e a deidade de Cristo são colocadas juntas, num lado. "A fé é a natureza divina das obras e é derramada nas obras da mesma forma que, na pessoa de Cristo, a natureza divina é derramada na humana". No outro lado, Lutero coloca o amor e a humanidade de Cristo. Quando a fé atua em amor, ela desce e se encarna assim como Deus se tornou homem em Cristo. "Por isso, a fé justifica para sempre e sempre vivifica, mas ela não fica sozinha, o que significa, não fica ociosa... mas ela se encarna e se torna homem, a saber, não permanece desocupada ou desprovida de amor"[78]. "Vivifica" está no mesmo grupo de "justifica", não de "obras"! *Vivificatio* é ressurreição e é, por conseguinte, a passagem da terra para o céu. Descer à terra é uma outra coisa – a encarnação.

Através da fé nos tornamos filhos de Deus, ele diz na sua *Fastenpostille*; mas pelo amor servimos ao nosso próximo, assim como aquele que, sendo primeiro entre os filhos de Deus, toma a forma dum servo[79]. O amor que irrompe da fé permanece para Lutero, numa certa medida, algo inexplicável e incompreensível porque não podemos dar nenhuma explicação ou motivo para o amor de Deus. Quando Eger e Schifferdecker procuraram pela prova em lugar da afirmação, estavam tentando achar uma inconsistência no pensamento de Lutero; mas, significativamente, não encontraram nada.

Lutero fala de Deus como estando presente na fé, com mais freqüência ele fala de Cristo como ativo na fé, mas ainda mais freqüentemente ele fala do Espírito. No seu *Treatise on Christian Liberty* (*Tratado sobre a Liberdade Cristã*), o pensamento principal é que o cristão vive em Cristo mediante a fé e no seu próximo através

---

[77] *WA* 36, 423 e s.

[78] *WA* 40 I, 417 e 427.

[79] *WA* 17 II, 74-75 (1525).

do amor[80]. Assim como é Cristo que vem no seu evangelho, assim também o Santo Espírito é concedido quando em fé alguém ouve o evangelho e no Espírito ama o seu próximo de maneira sincera e não-dissimulada de modo a espontaneamente carregar os seus fardos[81]. Karl Thieme viu claramente essa característica na fé de Lutero. Mas em *Die Sittliche Triebkraft des Glaubens* (*A Motricidade Moral da Fé*) de 1895, ele se abstém de aceitar este pensamento de Lutero de que Deus, Cristo e o Espírito Santo sejam ativos na fé. Declara que o seu propósito nesse estudo é deixar claro que o amor ao próximo provém "diretamente da própria fé" – até onde isso pode ser visto nos escritos de Lutero. Essa é uma tentativa de explicação psicológica. Com isso, a investigação de Thieme é manifestamente enganosa, particularmente no ponto principal sugerido pelo título da sua obra – mesmo que em outros pontos ele tenha muito a ensinar sobre a ética de Lutero. Talvez a distorcida maneira de Thieme em explicar o surgimento do amor a partir da própria fé tenha ajudado a produzir a visão de Eger, segundo a qual a relação da fé e do amor é bastante obscura no pensamento de Lutero. Parece que os investigadores modernos em geral têm alguma dificuldade com as declarações de Lutero sobre Deus, o Espírito e Cristo se fazerem realmente presente na fé e no amor cristãos.

Pode isso dever-se a um mal-entendido. É sem dúvida uma falsa interpretação de Lutero entender as suas declarações como significando que a emergência do amor de dentro da fé pode ser introspectivamente apreendida como sendo uma descoberta de Deus ou de Cristo no interior da alma. O homem de fato acha alguma coisa, mas não exatamente isso. Ele descobre tão-somente que ele

---

[80] *WA*, 7, 38 e s. (1520; cf. *WA* 40 I, 229: A fé é a nuvem no coração que dentro nele oculta a presença de Cristo (*Commentary on Galatians*, 1535).

[81] *WA* 17 II, 53 (*Fastenpostille* = *Pregações Quaresmais* , 1525), 10 I, 1, 361 e ss. (*Kirchenpostille* = *Pregações após Trindade*, 1522), 40 I, 336 (*Commentary on Galatians*, 1535).

está contente pelo seu próximo, e o amor irrompe. O perdão dos pecados é dado mediante o evangelho e, com ele, "vida e salvação". Na fé, que aceita o presente, o homem descobre que não é apenas o "céu que é puro com as suas estrelas, onde Cristo reina com a sua obra", mas que também a terra é clara "com as suas árvores e a sua grama, onde nós estamos em casa com tudo o que é nosso"[82].

Não há nada mais agradável e cativante sobre a terra do que a proximidade entre as pessoas. O amor não pensa em fazer boas obras, ele acha a alegria nas próprias pessoas; e, quando alguma coisa boa é feita em favor dos outros, ela não aparece ao amor como sendo obras, mas simplesmente como dons que naturalmente fluem do amor. O amor nunca faz algo porque tem de fazer. Ele se permite agir. E a terra "com as suas árvores e a sua relva" é o local da vocação do homem. Aquele que tem o Espírito Santo sabe disso, entre outras coisas, pelo fato de que em fé e alegria ele cumpre a sua vocação[83]. Ele rejubila com o seu trabalho.

Quando uma pessoa dedica alegremente os seus esforços para as suas tarefas terrenas preenchendo as necessidades do seu próximo e atendendo a sua vocação, então o amor de Deus e de Cristo se torna ativo, então o Espírito se faz presente. Descobrir o amor é, assim, a mesma coisa que descobrir serem o próximo e a vocação uma circunstância na qual alguém pode viver com alegria. Nosso interesse não está em nosso amor; é para o nosso próximo e vocação para os quais o nosso interesse está voltado.

No seu *Treatise on Good Works* (*Tratado sobre as Boas Obras*), Lutero compara o poder da fé em amor com a saúde de uma pessoa sã[84]. A saúde da pessoa mostra-se em todos os seus atos;

---

[82] *WA* 36, 370.

[83] *WA* 40 I, 577 e s. (*Commentary in Galatians*, 1535). Em *Kirchenpostille*, por exemplo, Lutero fala com muita freqüência da alegria na vocação.

[84] *WA* 6, 213 (1520).

ela se revela num sem número de funções embora a pessoa que está agindo não atribua esses atos à sua saúde. Quando fica doente, vê-se incapaz de fazer as coisas que fazia anteriormente. De modo igual, o amor cessa quando cessa a fé. Cristo e o Espírito foram embora. Assim, o homem encontra-se sob a lei, e a sua vocação pesa sobre ele com as suas exigências. Sua vocação, então, se torna uma cruz, não uma alegria. Contra a diferenciação de Holl entre a *lex naturae* e o mandamento do amor cristão como algo mais elevado, H. M. Müller observou que o "mandamento" do amor cristão é idêntico à *lex naturae*. Não são esses que devem ser diferenciados, mas, sim, o mandamento do amor (lei) e o amor ativo de forma espontânea (que é especificamente o amor cristão). Franz Lau, numa crítica a Müller, enfatiza a tese contra Holl de que, segundo Lutero, a vida cristã é apenas fé, não obras como tais, nem mesmo obras de amor. Na visão de Lau, vemos novamente a fé como fuga do mundo, evasão para o céu, solidão perante Deus, espera pela morte. Tudo isso é puramente luterano. Mas, se nada mais temos a dizer, não teremos retratado Lutero completamente. Seremos capazes de falar mais, de falar algo ético sobre a fé sem introduzirmos pensamentos não-fiéis a Lutero, como o faz Holl? Se eu afirmo que na fé recebo a justiça de Deus e que tal justiça aparece depois nas minhas obras a favor do próximo, este seria o ponto de vista que Lutero rejeita naquilo que ele escreveu contra Latomo.

"Por isso, eu digo: a lei do Decálogo é realmente boa, se é guardada, isso é, se tens fé, que é o cumprimento da lei e da justiça; na verdade, essa lei significa morte e ira contra ti, não sendo boa se não a guardas, se não tens fé apesar de fazeres suas obras; pois a justiça da lei, não apenas a da cerimonial mas também a do próprio Decálogo, é impura e foi abolida por Cristo; pois ela é especificamente o véu da face de Moisés, que a glória da fé remove. Até a lei cerimonial de qualquer espécie é boa se a tu a segues, não te limitando às obras mas guardando-a em fé, isso é, se a realizas no

conhecimento de que a justiça repousa não sobre as obras mas sobre a fé[85].

Só como velho homem, ainda sob a lei, pergunta o cristão pela justiça das suas obras. A fé e o novo homem conhecem apenas uma única justiça: o perdão dos pecados. É no próximo que o novo homem encontra a sua alegria. O que se dá entre ele e seu próximo não são obras, cuja justiça seria do seu interesse; ele não pergunta pela dignidade daquilo que faz. Vê tão-somente o próximo, que provoca alegria nele.

No último dia, aquilo tudo que ele tiver realizado em amor a favor dos outros será manifesto (Mt 25). Na terra, isso, por assim dizer, não é notado. A vocação é eticamente uma purificação porque em sua modéstia ajuda alguém sem que deixar que a mão esquerda saiba o que a direita faz. Tal liberdade interior em relação às obras, o monge nunca a poderá ter[86].

É o próximo que se acha no centro da ética de Lutero, não o reino de Deus nem a lei de Deus nem o "caráter". A vocação e a lei beneficiam o próximo como faz também o amor que nasce da fé. O mesmo Deus age através da vocação e da lei, sem o Espírito, e através do amor, que nasce da fé, com o seu Espírito.

O amor que nasce da fé e do Espírito pratica uma verdadeira ruptura dos limites entre os dois reinos e derruba o muro de separação entre o céu e a terra, como fez Deus na encarnação de Cristo. O homem "desce do céu como a chuva que torna a terra produtiva". É dito, porém, expressamente que ele "caminha para

---

[85] *WA* 8,71 (*Rationis Latomianae Confutatio* = Confutação do Argumento Latomiano).

[86] Cf. *WA* 6, 45 (*Grosser Sermon von dem Wucher*, 1520), *WA* 6, 105 (*The Fourteen of Consolation*), *WA* 6, 253 e s. (*Treatise on Good Works*, 1520), *WA* 17 II, 99 e s. (*Fastenpostille*, 1525, uma passagem iluminadora), *WA* 23, 345, 363 (*Ob man vor dem Sterben fliehen moege* = Pode-se fugir da morte?, 1525), *WA* 8, 625 e s. (*De Votis Monasticis*, 1521), *WA* 30 II, 543 (*Sermon on keeping Children in School* = Sermão com respeito à permanência das crianças na escola, 1530).

um outro reino (*aliud regnum*) e pratica as boas obras que as suas mãos acham para fazer". Esse reino é o reino da vocação e do governo terreno, no qual, agora, como novo homem, ele age "com espírito voluntário e alegria na sua vocação", submetendo-se em amor à inflexível autoridade[87]. Esse não é realmente um novo reino; como "velho" homem, governado pela lei, sempre viveu nele. A lei, incorporada em muitos ofícios, tinha a função, nas mãos de Deus, de obrigar o homem a servir os outros quisesse, ou não fazê-lo. Seu estado, sua vocação, opera pela força, sem o seu coração. Mas agora, em fé e no evangelho, o coração foi feito novo. Nosso próximo com sua necessidade não constrange a nós contra a nossa vontade; pelo contrário, ele nos enche de alegria, pois servi-lo é o nosso prazer[88]. Aquilo a que nos compele o governo terreno fazemos agora livremente. Assim, o amor opera sobre a terra no reino da lei, embora de nenhuma lei esteja cônscio. O céu está na terra. Os limites entre o céu e a terra foram desfeitos por uma ponte nessa descida. A fé transfere para o amor a liberdade da lei que ela tinha no céu de modo que o amor na terra traz consigo a liberdade em relação à lei, que é a liberdade própria da fé.

A bem da verdade, a lei procura pôr o amor debaixo do seu controle, prescrevendo-lhe regras e formas próprias de tratar com o próximo que sejam para o cristão convenientes. A lei gostaria de "fazer do amor um serviçal" ao invés do senhor, que ele realmente

---

[87] *WA* 40 I, 51 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[88] Lutero emprega a ilustração dos dois amigos entre os quais todas as coisas boas são feitas sem regras: "Não há lei, nem código, nem compulsão, nem necessidade, mas, sim, pura liberdade e amizade". O amor cristão vê em qualquer outra pessoa um amigo; cf. *WA* I, 2, 178 (*Adventspostille* = Pregações sobre o Advento). Quando falta o amor puro, continua o cristão um pecador, debaixo da lei. A "pessimista" visão de Lutero sobre o homem reside no fato de que ele tem uma concepção mais elevada sobre o amor do que o têm seus críticos idealistas que julgam nobre uma pessoa caso ela responda à agressão contra si fazendo o bem.

é. Mas qual a chance que tem a lei? Seu negócio é forçar (resmungando) a atenção para o próximo. Perante o amor, que toma o próximo como realidade cativante, a lei deve caminhar ao lado, inofensivamente.

O amor "supera todas as circunstâncias", como sem parar diz Lutero[89]. Alegremente faz aquilo que requer a sua vocação ao ver que a obra dedicada beneficia o próximo. Com bastante clareza, porém, logo percebe quando, para o bem do próximo, velhas práticas devem dar lugar a alguma coisa nova. E Deus no amor, o mesmo Deus que estabeleceu as ordens sociais, é ativo com o seu Espírito. Ora ele muda essas ordens, ora altera o mundo, ora refaz a vocação. A criação terrena é renovada e reavivada mediante o amor no novo homem. Deus desce do céu e transforma a terra, agora aqui, depois ali, conforme a fé e o amor (*Glaube und Liebe*) se manifestam mediante a pregação do evangelho feita pela igreja, através do reino espiritual. A tarefa da igreja inclui uma contínua renovação das ordens seculares, um incessante alerta em todas as vocações, do trabalho principal ao menor[90].

Lutero é muito modesto em oferecer direções para a reforma do mundo. Ele não dá nenhum programa. Há para tanto uma razão fundamental, consistente com vários aspectos da sua fé; está convencido de que o diabo ainda se faz presente quando a mudança para melhor é feita; e a sua noção de pecado proclama que não há ordens pecaminosas à parte das pessoas pecadoras[91].

---

[89] Ver, por exemplo, *WA* 17 II, 95 (*Fastenpostille*, 1525).

[90] *WA* 30 II, 537-538 (*Sermon on Keeping Children in School*, 1530). O mundo se transforma pelo fruto que o evangelho produz. Além disso, a igreja prega a lei, o que envolve a inclusão de todos os estados e vocações na igreja.

[91] Lutero sustenta que, se a reforma que ele propôs quanto aos empréstimos a juros fosse adotada, o egoísmo começaria a expressar-se de maneira assustadora nos tomadores de empréstimos, cujas mãos seriam deixadas livres. A luta da Palavra contra o pecado humano jamais pára na terra; só no céu terminará (cf. *WA* 15, 302, em *Von Kaufshandlung und Wucher*, 1524).

Examinaremos apenas uma só característica da visão de Lutero pela qual todo o programa ético é sustentado.

Eger e Schifferdecker insistem que Lutero nunca mostra claramente a relação entre fé e amor dando a entender que Lutero jamais apresenta uma descrição abrangente do amor do novo homem pelo próximo nem a expressão concreta desse amor. Nas suas *Adventspostille*, Lutero explica por que intencionalmente rejeitou isso. No sermão do Primeiro Domingo no Advento, ele define o amor como o doar-se de alguém para o seu próximo. "Talvez perguntes agora quais as boas obras que deves realizar em favor do teu próximo. A resposta é que elas não podem ser nomeadas". A obra de Cristo, para nós, não se divide em partes; é uma totalidade que incluiu a morte na cruz. O amor é assim[92]. O amor descobre por si mesmo o que é de maior benefício para o próximo. Não pode se ocupar com obras ordenadas por regras de retidão pessoal ou de convenções sociais sem cessar de ser amor. Fazendo isso, torna-se uma servidão sob a lei, preocupação com a sua própria santidade de modo que o homem, inseguro da salvação, procura adquirir tal certeza submetendo-se aos sacrifícios pelo próximo. Esse "amor" tem nomes para todas as obras, um mais formidável que o outro. Esse "amor" esporádico não vive uma fé como a da criança; por isso, perde a certeza do Espírito. Não é amor porque seu primeiro interesse não é a necessidade do próximo, mas a salvação da sua própria alma.

Posteriormente, no mesmo sermão, explica Lutero que a uma só coisa necessária é *Glaube und Liebe* (fé e amor). Tudo o mais é deixado livremente ao amor para fazer, ou não, no seu trato com um próximo ou outro. "Particularmente, são necessários apenas a fé e o amor. Tudo o mais está na tua liberdade para fazer, ou deixa-

---

[92] *WA* 10 I, 2, 38 (1522). Essa passagem, sem dúvida nenhuma, passou por uma revisão editorial, mas o pensamento quanto às obras de amor que não têm nome se encaixa perfeitamente nas fontes autênticas de Lutero.

res sem fazer. Deves, por isso, num caso, fazer tudo, e, num outro, nada fazer e, em assim agindo, tornas-te igual para com todos"[93]. Essa ação variável, fazer ou não fazer, que a liberdade encontra na lei, depende do próximo de cada um. A sentença, "de acordo com o que a sociedade exige" (p. 176) tem o mesmo sentido.

Aqui vemos o papel central que o próximo desempenha na ética de Lutero. Onde existe amor não há rigidez legal. A ação do amor deve acontecer adaptando-se à prática usual, ou procedendo contra ela. Age de acordo com um princípio que não pode ser de antemão construído, mas que toma sua decisão mais uma vez à luz da necessidade do próximo, que sempre muda carregando agora um peso e depois um outro[94]. Todas essas obras, sempre novas e mutantes, Lutero as atribui à vocação, à relação entre marido e mulher, pais e filhos, senhor e servo, governante e súdito[95].

O amor, nascido da fé e do amor, é manifestamente óbvio apesar de Lutero declarar alguma timidez ao descrevê-lo em detalhe. Teme que essa descrição corra o perigo de se transformar em uma lei que "nomeie" todas as obras, numa substituta para o relacionamento com Deus, do qual flui essa nova criação através da inexaurível riqueza do amor ao descobrir em tudo ofícios e vocações. Provavelmente, o que Eger e Schifferdecker esperavam de Lutero fosse justamente essa descrição programática, ou seja, uma lei para o novo homem. Isso eles não acharam porque o novo homem não tem nenhuma lei. Só o velho a tem.

---

[93] *WA* 10 I, 2, 175.

[94] As expressões de Lutero, no que tange ao tempo e à hora, serão discutidas no final da nossa pesquisa.

[95] *WA* 10 I, 2, 41.

5 Cruz e Desespero

Em nossa exposição do amor nascido da fé, muitas coisas foram barradas como não pertencendo a ele: ansiedade em relação à deficiente justiça de nossas próprias obras; obediência ao mandamento de Deus contra o desejo do coração; amizade forçada em relação ao próximo que nos desagrada; fidelidade na obra que nos desgosta. Lutero, naturalmente, não exclui nenhuma dessas coisas da vida do cristão. Energicamente as reclama deles, mas adverte que elas não devem ser chamadas de amor ou tomadas como evidência do novo homem. Tudo isso, compreendido sob o termo "lei", Lutero proclama com a mesma força com que faz em relação ao evangelho; isso, porém, ele prega para o cristão enquanto velho homem, enquanto "pecador".

A fé, ou consciência, está no céu; e, como não é a lei, mas o evangelho que impera no céu, aí não está o pecado. Há pecado onde há lei[96]. Na terra, a lei e o governo secular comandam; e há também o corpo do homem, que deve ser crucificado com todas as suas concupiscências pecaminosas. Na sua *Rationis Latomianae Confutatio* (*Confutação do Pensamento Latomiano*) discute Lutero com ardor esse duplo aspecto do homem (*WA* 8, especialmente nas pp.103-107). Como vários já notaram, a terminologia de Lutero afasta-se da que ele normalmente emprega. Mas a linha de argumentação é familiar para quem tem intimidade com o *Large Commentary on Galatians* (*Grande Comentário sobre Gálatas*): a consciência é livre; simultaneamente, porém, está o corpo engajado em uma contínua batalha contra o pecado. Em Deus, a ira divina e o favor divino travam uma batalha. Se o favor divino (*gratia Dei* ou *favor Dei*) prevalece contra a ira divina, a vitória é total; *ira Dei* (a ira de Deus) é apagada. "A quem Deus recebe na graça, ele o recebe inteiramente, e a

---

[96] *WA* 19, 205 e s. (*Exposition of Jonah*, 1526): "Onde a lei não existe, aí também não existe nem pecado nem injustiça". Mais claro ainda é a página 248.

quem ele favorece, favorece-o totalmente. Por outro lado, com quem ele está irado, ele está completamente irado"[97]. No homem "inferior", a *corruptio naturae* (corrupção da natureza) prevalece. Como remédio contra a ruína, Deus confere dons mediante os quais pode o homem ser lentamente restaurado. A cura não será completa, diz Lutero repetidas vezes, antes da nossa morte e ressurreição. "Todas as coisas são perdoadas mediante a graça, mas nem todas as coisas são corrigidas por esse dom"[98]. A fé, inquestionavelmente, pertence a esse dom. A esfera em que a longa batalha deve ser lutada, pouco a pouco, é chamada *internum* ao passo que a relação com Deus é chamada *externum*. Isso é diretamente oposto ao modo usual de Lutero expressar-se.

Mesmo quando o homem na terra contende com um pecado externo específico, difícil de dominar, esse pecado é perdoado no céu, perante Deus. A batalha permanece fora da consciência e deixa a fé intocada porque ela descansa numa segura promessa de Deus. O pecado é resistido de tal forma que o homem não é lançado no desespero; o êxito é certo mediante a palavra de Deus sobre a eterna vida após a morte. Se o homem não pode acreditar seja perdoado o pecado contra o qual batalha, a lei subiu até a consciência (o que significa: até o céu), e a fé abre caminho para as obras diante de Deus. Nesse caso, a vida eterna não depende da promessa de Deus, mas do progresso do homem na luta contra o pecado. Isso é desespero.

O desespero aumenta a veemência da batalha contra o pecado e prepara o homem para ver o grande milagre no evangelho quando esse finalmente volta libertando a consciência e a acalmando. Deus quer do cristão a angústia que entra na crucificação do velho homem, pois a crucificação é comunhão com Cristo, e Cristo suportou a agonia do desespero na cruz. Nos seus escritos primeiros,

---

[97] *WA* 8, 106 e s. (1512).

[98] *WA* 8, 107.

Lutero exorta-nos a olhar para a cruz e sua opressão. Ainda no seu *Treatise on Good Works* (*Tratado sobre as Boas Obras*) de 1520, Lutero divide a morte do velho homem em duas partes: a que nós carregamos sobre nós mesmos e aquela a que nos sujeitamos em decorrência da ligação que têm nossas vidas com as vidas dos outros[99]. Isso é um resquício do pensamento de Lutero da pré-Reforma. Não observamos aí o ataque feito contra a cruz auto-escolhida e auto-imposta nas suas mais tardias e mais detalhadas exposições da cruz cristã. Os fanáticos distinguiam-se em apresentar um semblante sulcado. Com a percepção de Lutero de um novo espírito monástico nos círculos evangélicos, chegou o fim da sua recomendação das cruzes escolhidas pelo próprio cristão. A cruz não deve ser escolhida por nós; ela é posta sobre nós por Deus, ou seja, a cruz vem a nós, sem ser pedida, em nossa vocação[100].

Otto Ritschl, ao usar a expressão *theologia crucis* (teologia da cruz) para caracterizar a teologia de Lutero na pré-Reforma, faz da noção da cruz o critério para distinguir entre o Lutero da pré-Refoma e o Lutero maduro. Diz ele que o Lutero maduro torna a vocação o centro em lugar da cruz. Em consonância com essa idéia, Ritschl apresenta como algo novo e peculiar a Melanchthon a noção de que deveria a cruz aparecer na vocação e estar unida a ela. Contra essa interpretação deve ser afirmado que, desde o princípio, a vocação foi encarada como sendo o meio de concretizar a cruz na vida do cristão. Essa visão já se fazia presente nas declarações básicas de Lutero sobre a vocação por volta de 1520[101]. O próprio Ritschl deve ter, aparentemente, observado o fato, embora tenha optado não considerá-lo significativo na sua exposição sistemática. Ele usava a

---

[99] *WA* 6, 244 e s.

[100] *WA* 27, 466-467 (*Sermons*, 1528; Rörer) e *WA* 34 I, 355 e s. (*Sermons*, 1531; Rörer); também *WA* 40 II, 72 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[101] Não negamos ser essa idéia achada mais freqüentemente em Melanchthon.

expressão "teologia da cruz" apenas em referência ao período anterior à Reforma, durante o qual tinha Lutero falado positivamente sobre o sofrimento auto-escolhido.

Ora, Ritschl escreveu em 1912, e de lá para cá a pesquisa de Lutero se modificou totalmente nesse ponto. Walther von Löwenich, por exemplo, usa *theologia crucis* como título descritivo para toda a visão de Lutero. Outros eruditos também viram a cruz como o cerne da teologia de Lutero, tais como Erich Vogelsang, Erich Seeberg e Eduard Ellwein. Infelizmente, essa mudança de perspectiva implica em uma superênfase no Lutero jovem. Na moderna literatura sobre Lutero, é difícil aparecer uma palavra sobre a forte ênfase que o Lutero maduro imprime sobre a vocação como sendo o lugar onde o próprio Deus permite a cruz tomar a sua forma.

Isso coincide com uma deficiência comum na pesquisa relacionada com o Lutero maduro. Discute-se a fé extensivamente sem, ao mesmo tempo, considerar o "amor"; discute-se a relação com Deus sem, ao mesmo tempo, considerar as relações com o próximo. A fé e o amor, em verdade, movem-se em direções diferentes. Por isso, Deus e o próximo são diferentes pontos focais. Mas o cristão vive em um relacionamento simultâneo com Deus e com o próximo, no céu e na terra. Não podemos isolar a relação do homem com Deus, falando apenas da fé e passando por cima da relação do homem com o próximo.

Quando Lutero declara que as obras desempenham um papel, não face a Deus, mas apenas perante os homens, esse é o outro lado do fato de que a cruz do cristão não realiza nada no seu relacionamento com Deus, mas é relevante para o seu relacionamento com o próximo, para a vocação. Face a Deus, uma cruz auto-imposta pertence à categoria das obras. Sua motivação não é a carência do próximo, e, sim, o desejo pessoal de conseguir santidade. A cruz não desaparece da posterior teologia de Lutero da mesma forma que as obras também não, mas a cruz, as obras e o ofício estão confinados à terra e ao próximo, excluídos, pois, do céu.

Lutero insiste que Jesus nos manda fazer tais obras "no que tange às pessoas, aqui embaixo, que estão em necessidade, e não aquelas que interessam a Deus ou aos anjos. Por isso, a vida cristã não consiste naquilo que certos homens, como os monges, inventam; ela não impele as pessoas para o deserto ou para o mosteiro. É Satã que te ordena a abandonar os homens. A vida cristã, pelo contrário, te envia para as pessoas, para aquelas que precisam das obras tuas[102].

Essa face da "teologia da cruz" de Lutero não pode assumir seu direito pleno à medida que o relacionamento com Deus é visto como o é agora, em muito da mais recente literatura alemã nesse campo. A natureza da cruz para o cristão é imaginada como consistindo mais da miséria do pensamento, mais da perpétua bancarrota da razão, do que nas fadigas tangíveis e concretas que surgem na vocação e nas questões puramente seculares.

Uma boa exposição do que se quer dizer com o velho e novo homem encontra-se na discussão final com respeito ao batismo no *Large Catechism* (*Catecismo Maior*) de Lutero (1529). Caracteriza-se o velho homem por inveja, ira, avareza, malandragem, orgulho, descrença e outros pecados óbvios como esses, que manifestamente constituem um obstáculo à vocação e ao próximo. Quando a exigência da vocação e do próximo é posta sobre o velho homem, ele se torna submisso. Esses pecados são reprimidos e dão lugar a um gentil e paciente novo homem, que recebe da mão de Deus a sua vida. O batismo, em sua diária atividade, concretiza-se como diário arrependimento[103]. Assim, o cristão vem a ser tanto velho homem quanto

---

[102] *WA* 29, 403 (*Sermons*, 1529; Rörer). Na sua *Fastenpostille*, nega todo mérito em nosso carregar a cruz e dor, isso é, a cruz não conta nada face a Deus; perante ele, a pessoa fica somente com a fé. A cruz tem o seu lugar no amor. No relacionamento com o próximo, o cristão caminha "no caminho do amor e da cruz". *WA* 17 II, 173, 175 (1525). Cf. *WA* 39 I, 93 e s.: "Face a Deus se encontra a fé no lugar próprio, não as obras; perante os homens, as obras e o amor estão no lugar adequado".

[103] *WA* 30 I, 220-222. Comparar com a resposta à questão no *Small Catechism* (Catecismo Menor): "O que significa esse batizar com água?"

novo homem não apenas em relação ao juízo de Deus e ao seu perdão, mas também no seu encontro com a vocação e o próximo. Ele é ainda o velho homem à medida que tal encontro o irrita – e novo homem quando o encontro acontece com íntima tranqüilidade e alegria. Sendo o próximo não apenas uma pessoa específica mas várias em uma certa hora e tendo sua vocação muitas ramificações, a interação das mutáveis situações da vida se acha, no seu todo, ligada ao relacionamento com Deus. Nisso está o significado real da fórmula *simul justus et peccator* (simultaneamente justo e pecador).

No seu tratado *Wider die himmlischen Propheten* (*Contra os Profetas Celestiais*), Lutero, contra a sua prática usual, resume toda a sua perspectiva em seis pontos: o segundo uso da lei, o evangelho, o julgamento (a obra do velho homem para a morte), o amor do próximo, o primeiro uso da lei (governo secular), liberdade cristã[104]. A mortificação do velho homem, a cruz, assume um lugar central na instrução evangélica do povo. Ao descrever como o velho homem deve ser abafado e subjugado, usa Lutero todos os detalhes da crucificação de Cristo. A irritável e orgulhosa natureza em nós deve ser amarrada, desprezada, amaldiçoada, crucificada com espinhos, etc., e, finalmente, morta[105]. Se uma pessoa de modo sincero admite sua pecaminosidade, não começa a se lamentar de doença, difamação e coisas que tais. Tudo isso ela aceita e recebe da mão de Deus[106]. Deve

---

[104] *WA* 18, 65-66 (1525). Toda a polêmica é dirigida contra Karlstadt e os entusiastas, que ensinam coisas erradas sobre a mortificação da carne: "Esses falsos profetas não lidam nem mesmo com estas mortificações da forma correta, pois não aceitam o que Deus inflige sobre eles, mas só o que eles mesmos escolhem – vestem casacos cinza, tentam parecer camponeses e fazem muitas outras coisas bobas". (65 e s.)

[105] *WA* 1, 337. (*Sermo I de passione Christi*, 1518).

[106] *WA* 56, 231-233 (*Commentary on Romans*, 1515-16). É difícil uma pessoa agir sinceramente ao confessar os pecados. No *Commentary on Romans*, o prelado eclesiástico ou o superior no mosteiro age como diretor de disciplina, a qual, mais tarde, é conformada com a ordem social e política. Ver, por exemplo, *WA* 56, 251-252.

ser tomada a mesma atitude em relação aos governantes medíocres: uma pessoa não pode, via de regra, ter um governante pior do que merece[107]. Dessa maneira, os vários aspectos das circunstâncias externas servem ao seu papel na crucificação do velho homem. "São essas as verdadeiras mortificações, não em lugares desertos longe da companhia das outras pessoas, mas precisamente na ordem política e social"[108].

É nas coisas externas e seculares que a mortificação da carne deve ser efetuada; a crucificação de Cristo certamente não foi algo interno e refinado. A comunhão com Cristo se concretiza em coisas aparentemente nada espirituais da mesma forma que a palavra e os sacramentos, que para nós são a vida rediviva de Cristo, parecem coisas profanas e externas.

O homem é assim mortificado mediante a cruz e o sofrimento, e ressuscitado pelo evangelho ou, através da igreja, renascido como nova criatura. A cruz de Cristo é agrupada à lei, ao velho homem, à vocação, à terra. A ressurreição de Cristo, porém, diz respeito ao evangelho, ao novo homem, à igreja, ao céu. O velho homem deve ser crucificado e morto mediante a lei, que na vida sobre a terra assume a forma do governo secular. Somos disciplinados na vocação, no trabalho e nas exigências da vida social. A vocação é terrena, tão chocantemente terrena quanto a humanidade de Cristo, isenta na aparência de qualquer divindade. Na crucificação de Cristo, a natureza divina estava apenas oculta, não ausente; estava presente no humilde amor pelos soldados e ladrões.

De maneira igual, Deus encobre sua obra de amor para os homens na vocação crucífera, que é de benefício real para o próximo. Na vitó-

---

[107] *WA* 19, 637 (*Whether Soldiers Too Can Ce Saved*, 1526).

[108] *WA* 43, 214 (*Commentary on Genesis*, 1535-45). Cf. todo o tratado *Vom Ehelichen Leben*, 1522, onde se descreve a *mortificatio* na ordem social (*WA* 10 II, 267 e s.); também a carga dum príncipe a governar em *Treatise on Secular Authority*, 1523, onde o regime secular é descrito (*WA* 11, 229 e s., especialmente 278 e s.): "A cruz logo repousará em cima do pescoço dessas venturas".

ria de Cristo sobre a cruz, que parece tão pobre – a vitória do amor na humilhante baixeza – Deus está oculto; por isso, a ressurreição acontece ao terceiro dia. Mas a vitória de Cristo é oferecida por meio do evangelho ao homem severamente provado, que nos labores da sua vocação passa pela crucificação da sua velha natureza. Através da fé no evangelho, eu ressuscito como novo homem, nascido da igreja, na esperança de possuir o céu e a vida eterna além da morte corporal[109].

Da aspereza da vida na terra, abre-se uma imagem de vida e liberdade no reino que virá, e só um caminho leva até ele – sujeição à cruz. Através da cruz foi Jesus até a Páscoa, e só nele podem ser achadas a vida e a ressurreição. Dessa forma, por exemplo, liga Lutero as corriqueiras dificuldades no casamento com a certeza da vida eterna após a morte[110]. Como o corpo deve ser ressuscitado, vivemos em nossa vocação, na qual, suportando a cruz, é o corpo levado pelo caminho cujo fim é a ressurreição. Sendo o homem, ao mesmo tempo, velha e nova natureza, tanto a crucificação quanto a ressurreição já se encontram no caminho de se concretizarem. O homem está envolvido no processo que faz dele dois seres, mesmo sendo psicologicamente um só e completo. Se uma pessoa convalesce de uma doença, não está ela dividida em dois sujeitos psíquicos, um doente e outro são. Ela é um indivíduo, uno, envolvida num processo que a leva de uma condição para outra, da enfermidade para a saúde[111]. Para começar, esse homem é só um doente; mais tarde, a moléstia e a saúde contendem; e, finalmente, ele se torna são. De modo semelhante, o homem, simplesmente, no primeiro momento, é um pecador. Mediante a obra de Cristo, entra numa vida em que ele é *simul justus et peccator* (simultaneamente justo e pecador). Finalmente vem a plena recuperação na morte corporal, quando o corpo crucificado

---

[109] *WA* 40 I, 443-445. Cf. 662 e s. e 40 II, 170-173 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[110] *WA* 12, 93 (*Exposition of I Corinthians 7*, 1523).

[111] *WA* 56, 343 e 350-351 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

do homem é vivificado na ressurreição como totalmente justo. O tempo da terra, então, já terá passado, e o céu é alcançado. A era da lei terá findado. Vocação, ofício, ordens, cruz – tudo isso é passado. O velho homem é absorvido no novo homem, que é agora novo e santo mesmo também no corpo e não só na consciência, como era o caso durante a batalha terrena. Viver uma vida puramente terrena, como faz o homem, significa para a fé uma vida com referência escatológica. A existência ordinária do homem, na sua mesma ordinariedade, é uma vida que se projeta para além da terra quando a mensagem da igreja com respeito ao céu é proclamada em meio ao labor da vocação. Como se tem afirmado várias vezes, a lei e as obras não têm nenhuma função a cumprir nem perante a consciência nem muito menos face a Deus. Foi dito nesta seção que o desespero e a dúvida aparecem quando a lei se intromete na consciência; e que Deus, na verdade, quer isso porque ele deseja a crucificação do velho homem. Esse notável paradoxo precisa de posterior explicação, encaixando-se bem na análise do segundo uso da lei.

O velho homem não pode ser crucificado a não ser pelo temor que a lei provoca na consciência. É a Semana da Paixão e a Sexta-Feira Santa; mas "agora chegamos à Páscoa e à ressurreição de Cristo", e todos os nossos pecados são vencidos. Se lançamos nossos pecados sobre aquele que ressuscitou, podemos, em simples fé livre de responsabilidade, "libertar a consciência"[112]. A consciência é libertada através do evangelho.

Runestam, na sua dissertação doutoral, observou o caráter notável do ensino de Lutero do uso político (*usus politicus*) da lei. "Chegamos aqui ao ponto fundamental na doutrina de Lutero sobre a liberdade de consciência em relação à lei, ao ponto no qual as contradições parecem empilharem-se. Ele – o próprio Lutero – afirma ter Cristo banido a lei da consciência ou já, da lei, arrancado a ira de Deus. Da mesma forma nega à lei qualquer direito de oprimir a

---

[112] *WA* 2, 139-140 (*Sermon von der Betrachtung des heiligen Leidens Christi*, 1519).

consciência embora muita coisa dessa lei possa reinar sobre o corpo e a carne. No entanto, é na consciência que a lei deve cumprir seu mais importante papel, o *usus Theologicus seu Spiritualis* (uso teológico ou espiritual), ou seja, a função de levar o homem a tomar ciência do seu pecado. É na consciência, no final das contas, que a lei deve operar – e com isso efetuar uma boa obra – na consciência, lugar onde ela é uma hóspede não-convidada".

Os dois usos da lei são apresentados mais completamente no *Large Commentary on Galatians* (*Grande Comentário sobre Gálatas*)[113]. Sua primeira função é colocar em xeque pessoas brutas perigosas. Aqui a lei aparece como governo secular. Quando o corpo do cristão é dito como estando sob a lei, isso implica também o uso civil ou político da lei. Aí o combate contra o pecado perdura por todo o tempo, abaixo do nível da consciência; e nem o medo nem o tremor abaixam a guarda. O segundo uso da lei deve causar angústia e aumentar o senso do pecado na consciência, e esmagar toda segurança. O homem, então, não pode ver a coisa de outra maneira senão desta: a sua vida eterna se acha na dependência das suas obras na terra. Assim, a lei governa tanto no céu quanto na terra. As obras não contam somente na terra e no que tange ao próximo; elas clamam posição perante Deus e obscurecem a fé e a confiança. Esse é o uso teológico e espiritual da lei, o terror da consciência, o qual em si mesmo não é um fim, mas a preparação para a entrada do evangelho na consciência e a retirada da lei para o corpo[114]. A graça não seria a graça sem o terror de consciência que a antecede.

O homem não é capaz de permitir que a sua justiça civil, mo-

---

[113] *WA* 40 I, 429 e s., 479 e s., 528 e s. (1535).

[114] Ademais, o terror de consciência aprofunda a veemência do homem na batalha contra o pecado. Esse terror não é final, portanto, no mesmo sentido em que a fé o é. Da consciência (a fé), a lei, após ter provocado a contrição, deve ir embora e dar lugar ao evangelho. No corpo, a lei deve continuar sua luta contra o pecado. O aprofundar o vigor e a sinceridade na guerra contra o pecado é, assim, a função dessa angústia espiritual além do uso ordinário da lei.

desta e humilde, seja só alguma coisa que Deus efetue na terra através da vocação humana. Intimamente, ele se exalta sobre os outros por causa dela. Isso é deixar que as boas obras se elevem até o céu de modo que o homem não sinta mais necessidade alguma do perdão dos pecados. Deus precisa, por meio da lei, estabelecer a ordem correta; e isso acontece apenas por meio da ocorrência do terror (ou seja, o senso de que precisa do perdão) na consciência[115].

Dessa maneira, Cristo vem ao homem no evangelho assim como ele veio à terra, quando se tornou homem e sofreu e ressuscitou. Insistentemente, Lutero acentua o fato de que o acontecido historicamente através de Cristo agora acontece diariamente a cada cristão de forma espiritual. "O que foi feito na história e de acordo com o tempo quando Cristo veio – mediante o que a lei foi abolida, e a liberdade, e a vida eterna foram trazidas à luz – é feito espiritualmente a cada dia em cada cristão, no qual se acha alternadamente, ora o tempo da lei e ora o tempo da graça"[116].

Dada por meio da lei e do evangelho é a salvação que Jesus conquistou através da sua cruz e ressurreição. Dessa forma, segundo Lutero, a lei é a obra "estranha" de Deus, que tem o evangelho em perspectiva; e o evangelho é a obra "própria" de Deus (*opus proprium*), sua obra "pessoal". A função da lei é, assim, dupla, civil e espiritual. A primeira é a função ordinária da lei (na terra governando o corpo), enquanto a segunda é o ingresso da lei numa área que não é a sua (face a Deus, na consciência). De modo bastante peculiar é a segunda função que é a tarefa "correta" e "própria" da lei[117]. Notamos novamente o fundamento escatológico do pensa-

---

[115] Cf. *WA* 40 I, 224-225 (*Commentary in Galatians*, 1531; Rörer).

[116] *WA* 40 I, 523-524 (*Commentary on Galatians*, 1535). Ver também 492 e s. e 550-551.

[117] *WA* 40 I, 482: "o uso específico e absoluto da lei". Cf. 499 e 512: "se percebeste o uso verdadeiro e próprio da lei"; 520: "Esse é o uso verdadeiro e particular da lei"; 534: "O uso civil da lei é bom e necessário, mas o uso teológico é o uso

mento de Lutero. A função da lei em promover ordem na terra é subordinada e sem importância em comparação com a sua obra de perturbar o homem e dirigi-lo para o evangelho em oração, de conduzir-nos pelo caminho da terra para o céu.

Por causa do orgulho de suas obras na terra, o homem riscou o evangelho da sua consciência já que não tinha mais necessidade do perdão de pecados. A lei, porém, dirigindo-o para o terror, prepara de novo um lugar para o evangelho no seu coração. Agora o evangelho, a fé e o Espírito e o novo homem estão vivendo porque o velho homem e o seu orgulho estão esmagados. Humildemente, o homem se humilha sob sua vocação. Desempenha sua tarefa seguindo sua vocação, uma pobre e humilde obra, que, no entanto, é agradável a Deus quando feita "em fé, em alegria de coração, em obediência e gratidão a Deus"[118]. Citamos quanto a isso aquilo que dissemos na seção anterior sobre fé e amor, sobre a alegria do novo homem e a sua imunidade no que tange à compulsão.

Tentamos mostrar que as obras do novo homem, direcionadas para a terra e livres da lei, rasgam a fronteira entre céu e terra. A liberdade do evangelho na consciência também confere liberdade nas ações que o amor, pelo Espírito, realiza no reino que, de outra forma, está sob o domínio da lei, o reino terreno, o reino do próximo e da vocação. Tentamos mostrar que o segundo uso da lei implica uma invasão do céu, uma ruptura entre os limites que circunscrevem os dois reinos[119]. No desespero da dúvida, não há nada se-

específico e o mais elevado"; cf. 612 (*Commentary on Galatians*, 1535). Que mesmo só um único homem seja levado para o céu é mais importante que a ordem e a paz para todos os outros na terra; cf. *ibid.*, 40 I, 644-645. Ver também *WA* 19, 247 (*Exposition of Jonah*, 1526).

[118] *WA* 40 I, 573-574 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[119] Usamos impropriamente as expressões "primeiro e segundo uso da lei". Lutero mesmo não diz "primeiro" e "segundo", mas uso político ou civil e espiritual ou teológico. Qualquer outro uso da lei além desses dois, Lutero não o reconhece.

não a lei no céu e na terra; a consciência padece debaixo da lei, cuja função é propriamente governar o corpo. É assim que Deus o quer. O *usus spiritualis* da lei, como o diz o próprio termo, é obra do Espírito Santo. Essa é a mais nobre tarefa da lei e a mais sublime. Dessa maneira, em sua oposição ao diabo, Deus refaz aquilo que ele mesmo instituíra. Pois o próprio homem, sem fé e sem necessidade do perdão dos pecados (o homem está nas mãos do "diabo"), por puro orgulho de suas obras pessoais, removeu o evangelho do seu trono. Deus, por isso, concedeu à lei a permissão de passar além do seu limite e "com relâmpagos incendiar e destruir a besta selvagem"[120]. O dualismo de Deus e Satã vem à tona tanto na obra redentora de Cristo quanto na batalha do homem pela fé.

6 Relacionamento com Deus e Vocação

Na conclusão de *Vom Abendmahl Christi* (*Da Santa Ceia de Cristo*, 1528), Lutero resume sua doutrina em uma impressionante confissão. A vocação tem seu lugar na profissão de três "santas ordens e instituições estabelecidas por Deus": o ofício do ministério, o casamento e governo terreno[121]. Se houvesse apenas essas três "hierarquias" e nada mais, as vocações ficariam fixas e seriam imutáveis dentro dos muros das três. Mas, acima desses três "fundamentos e ordens", há uma ordenação inclusiva à qual são incorporadas essas três. Essa tal ordenação é o amor cristão, com o qual o homem serve a todos quantos se acham em necessidade, perdoa aos seus inimigos, em favor de todos e espontaneamente sofre injustiça[122]. O amor é uma disposição íntima de suportar e fazer tudo o que é

---

[120] *WA* 40 I, 482 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[121] *WA* 26, 540 e s.

[122] *WA* 26, 505.

requerido pela vocação e ele o faz alegremente e sem resistência. Em verdade, espontaneamente excede aquilo que se lhe exige; e isso dá ao amor o direito de julgar todas as leis.

Não há nada nessas obras todas que salve o homem, nem a obra feita conforme vocação de uma pessoa nem o exercício do amor, colocado sobre todos os estados na vida. Tudo isso, tanto as obras quanto o amor, pertence à terra. "Dessa forma, todas elas são chamadas simplesmente boas e santas obras. No entanto, nenhuma dessas obras é caminho para a salvação. Há um só caminho, que está acima de todos, a saber, a fé em Jesus Cristo"[123]. Ele não quer dizer que a fé esteja acima da igreja, isso é, acima do evangelho, mas que está acima do "ofício sacerdotal". Esse é o termo que Lutero emprega para abarcar toda a obra da igreja. Ver a p. 504. A fé está acima de todas as vocações de serviço para a igreja.

Acima das três hierarquias e acima do amor, a fé alcança o céu. A obra regeneradora do Espírito acontece apenas em fé. Através do amor que nasce do Espírito mediante a fé, a liberdade da fé é ativa nas três hierarquias.

Em 1523, Lutero diz que 1Co 7.20 fala do chamado do evangelho que vem ao homem na sua vocação dentro da sociedade[124]. O homem não deve abandonar o seu *Stand* (estado) quando lhe vem o *ruff des Evangelii* (chamado do evangelho). Ele deve permanecer no seu ofício, *im Beruf* (na vocação), como diz Lutero. Quando, porém, chega o chamado do evangelho, ele é um chamado para ser membro de um reino acima de todos os estados e ofícios. A pessoa é chamada para a "fé e o amor". Fé e amor estão acima de todos os estados. Fé e amor são necessários enquanto os estados são opcionais já que uma pessoa pode ocupar uma posição e

---

[123] *WA* 26, 505 (*Vom Abendmahl Christi Bekenntnis*, 1528).

[124] *WA* 12,132 (*Exposition of I Corinthians 7*).

uma outra pessoa uma posição bem diferente[125]. Mas fé e amor, todos os cristãos os têm.

É como se a liberdade de fé carregasse consigo um afrouxamento de todos os padrões externos definidos da vocação. A fé e o amor do novo homem estão na sua plenitude não só face a Deus como perante o homem.

Tão logo eu penso no meu próximo, as vocações não permanecem mais num plano comum, pois uma certa vocação adianta-se como sendo a minha. Um fato importante na providência de Deus é ter eu o próximo que tenho. Dessa forma não há uma ligação apenas entre o amor de Deus e a sua providência mas também entre a lei e a sua providência[126].

O caráter pesado e legalístico da vocação – a cruz – parece existir apenas em relação ao velho homem. Para ele, essas mesmas relações externas, livres e neutras com respeito à fé, são portadoras da lei, estão cheias de coação e carregadas da ira de lei. Os vários pensamentos de Lutero parecem estar ligados de uma forma totalmente mecânica. Os intérpretes de Lutero caem freqüentemente na tentação de fazer da obediência ao mandamento e do amor espontâneo pelo próximo pontos de vista opostos atribuídos a diferentes épocas da autoria de Lutero. É isso o que Eger fez na sua obra com respeito à visão de Lutero sobre a vocação em 1900. Ernst Troeltsch, que não constrói a sua exposição de Lutero sobre suas próprias análises

---

[125] *WA* 12, 132. O monge assenta a salvação dele sobre um *status* certo e fixo. Cf. *WA* 10 I, 2, 176: apenas a fé e o amor são ordenados, tudo o mais é livre (*Adventspostille*, 1522); e *WA* 11, 272-273: se o príncipe quer saber como cumprir corretamente a sua vocação, precisa viver em oração perante Deus, "agarrar-se a Deus, gritar em seus ouvidos e implorar" bem como dar constante atenção àquilo que é melhor para seus súditos, isso é, viver em fé e amor. Ver *WA* 34 II, 313 e s., onde o amor a Deus e aos outros, uma espécie de *status* especial, é colocado acima de todos os outros ofícios e é declarado a única coisa neles requerida (*Sermons*, 1531; Rörer).

[126] Com respeito ao próximo, ver *WA* 12, 132 e s.: "Aqui tu não podes pecar contra Deus, mas contra o próximo teu" (*Exposition of I Corinthians* 7, 1523).

ULBRA - Canoas

das fontes, mas sobre escritos alheios, supõe tratar a questão apenas de idéias e não da ação real de Deus. Mas, na crença de Lutero, tudo se volta para simplicidade e consistência.

Quando Deus, através das ordens que ele estabeleceu, trata com o homem, visa a salvar o homem no céu, desejando que o homem sirva ao próximo. Na lei, que fala das vocações dos homens, Deus coage o homem a servir aos outros sem a concordância do seu coração. Com isso, o velho homem é crucificado, o próximo é socorrido e, através da cruz, o próprio homem é precipitado no caminho para o céu e a salvação – e tudo isso mediante uma concreta ação de Deus. No evangelho, porém, o portão do céu é aberto, e acontece um milagre. Aquele que entra no céu logo desce em amor, em "livre servidão". Ele se entrega em atenção ao próximo, preocupando-se com o seu bem-estar. Dessa maneira, Deus desenvolve seu duplo trabalho em uma nova ação concreta, não, agora, sem o consentimento do coração do homem, mas com o coração através da palavra e do Espírito[127]. A liberdade da fé não desmancha a vocação. Pelo contrário, ela a mantém e lhe dá vida nova.

Ao diferenciar entre o ofício e o seu detentor afirmando que o homem não tem nenhum ofício perante Deus, mas que o mantém perante aos homens, indica Lutero uma clara diferença entre os dois reinos, uma justaposição da terra ao céu. Tem a pessoa enquanto pessoa o mandamento sobre si, o Sermão do Monte, por exemplo, como norma ética pertencente ao relacionamento que ela tem com o próximo[128]. Nessa obediência a Deus, que emerge do querer do coração agir em harmonia com o divino mandamento, entra alguma coisa nova que vai além do ofício e da ordem nua e crua.

No que tange à vocação, a obra de Deus é, em primeiro lugar, ética. Ele muda a natureza dela quando a pessoa a ocupar o ofício,

---

[127] Cf. *WA* 56, 458 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

[128] *WA* 32, 382 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

tendo sido "carne", se torna "espírito". Face a Deus, o homem é carne, ou é espírito. O que ele é, ele o é como um todo, e sua relação com o próximo se altera com a mudança de sua relação com Deus. A pessoa que deseja obedecer a Deus recebe em razão disso mais cruzes e dores na sua vocação que o homem que, perante Deus, é frio embora honesto. Os sofrimentos esses, em vez de serem auto-impostos, são impostos por Deus; não, porém, no sentido de que os envie sobre ele de fora, através de uma divina direção de fatos e revelações. São enviados sobre ele de dentro, mediante o governo de Deus no seu coração[129]. Acredita-se que esse conselho sobre jejuns e vigílias, Lutero o tenha mais tarde condenado como imposição de uma cruz auto-escolhida. No entanto, em 1525, em *Wider den Himmlischen Propheten* (*Contra os Profetas Celestiais*), em que o ataque aos sofrimentos engendrados pelos fanáticos está em plena atividade, Lutero reconhece a cruz tomada voluntariamente em favor do próximo e dita medidas no interesse da autodisciplina (*WA* 18, 65-66).

Sendo o cristão simultaneamente velho e novo homem, assim também, simultaneamente, agem as obras de Deus, lei e evangelho. No dia-a-dia é impossível distinguir quais são, respectivamente, as ações do velho homem e quais são as do novo. Estão má vontade e alegria, antagonismo e amor tão geminados que só Deus vê qual é qual. Por esse motivo, seus julgamentos são para os homens sempre surpreendentes. Ser tanto velho homem quanto novo significa ser uma pessoa doente na qual a doença e a saúde contendem. É impossível identificar mecanicamente o que é o que nas ações de um convalescente. No momento em que Deus se aproxima do homem, tanto a lei quanto o evangelho estão agindo. A vida exterior do homem é cheia de exigências, e as muitas responsabilidades são apavorantes. A fé, contudo, ao mesmo tempo, o eleva em liberdade

[129] É possível interpretar assim o que é dito em *WA* 6, 244 e s. (*Treatise om Good Works*, 1520).

acima do próximo e da vocação; e nessa mesma liberdade em relação à lei encontra alegria no curvar-se para servir ao próximo. O cristão experimenta ao mesmo tempo o medo e a alegria.

"Embora sejam esses dois em extremo diferentes, estão o mais intimamente ligados no mesmo coração. Nada se une mais um ao outro que medo e confiança, lei e evangelho, pecado e graça. Acham-se tão unidos que um é tragado pelo outro. Por conseguinte, não há conjunção matemática igual a essa"[130].

Deus é tanto ira quanto amor; e tudo nesse profundo recíproco de sentimentos e pensamentos contraditórios manifesta o fato de que Deus, que é ao mesmo tempo amor e ira, aproximou-se do homem.

Em razão desse agir de Deus, é impróprio levantar o problema quanto a se a vocação deriva do quarto mandamento ("Honrarás a teu pai e a tua mãe"), da "moralidade cristã", ou se ela se apóia sobre a "lei natural", independentemente da fé cristã. Essa é uma falsa alternativa. Como Deus age no governo terreno, através do quarto mandamento, ele ordena às pessoas que lhe são fiéis levar em consideração pais e governantes. A obediência que a fé presta a esse mandamento é, por natureza, uma coisa bem diversa da relutante sujeição do homem natural àqueles que exercem autoridade sobre ele. Agora, Deus age de fato mediante o governante, embora não haja nenhum homem, como cristão, que lhe dê obediência espontaneamente. Estas duas atividades existem lado a lado: a coerção de Deus pelas ordens externas, sem a renovação do coração humano, e a renovação de Deus do coração humano, do qual flui agora a livre e abundante observância da regra divina. Com isso, é a ordem, em si própria, mudada significativamente: perde a sua marca de força e o poder para acusar.

É quase impossível concordar com o julgamento de Einar Billing de que há uma contínua remanência do dualismo medieval no tra-

---

[130] *WA* 40 I, 527 (*Commentary on Galatians*, 1535). Cf. p.523.

tamento de Lutero de "terreno" e do "espiritual". Com certeza, não achamos na visão de Billing sobre a vocação em Lutero "nossa própria pequena história", da qual temos de escavar o ouro escondido, a mensagem da graça da mesma forma que os profetas de Israel encontraram os atos e a palavra de Deus na história do seu povo escolhido. Segundo Lutero, o perdão dos pecados nos é declarado na clara palavra do evangelho, não, porém, na vocação, que, antes, nos abre nossas responsabilidades com a terra e com o próximo. Os dois reinos são diferenciados por Lutero de modo bastante sutil.

A escatologia é trazida à história por Billing como a divina borda na urdidura da vida humana; ele conceitua o perdão como a achar-se dentro em nossa vocação e a ser trazido a nós através dela. Dessa maneira, a vocação é concebida como sendo uma abordagem peculiarmente bilateral à igreja. Para Lutero é a igreja que, através da palavra e do sacramento, nos oferece o perdão dos pecados, o evangelho. Vocação é, primeiramente, lei. Mas, como vimos nas duas seções precedentes, a barreira entre os dois reinos é rompida em ambas as direções. Com isso, todas as relações e questões do homem com o homem estão envolvidos na sua relação com Deus. No segundo uso da lei é a lei corporal que se eleva até a consciência. Não podemos diferençar entre a justiça civil, a justiça na vocação e a justiça que nos é outorgada, o perdão dos pecados. Estamos bloqueados pela tentação de ver a justiça de nossas obras como condição para salvar-nos. Todas as nossas tribulações externas, nas áreas pública e privada, contribuem para essa tentação[131]. Mas quando a fé surge, quando Cristo vem (o que é a mesma coisa), o evangelho toma o lugar da lei na consciência. E o novo homem se curva para a sua vocação, na qual tudo serve de testemunho para a satisfação de Deus, e agora nada apavora nem mete medo. Para aquele que crê, todas as coisas são proveitosas e nenhuma danosa; mas para aquele que não crê, todas as coisas são nocivas e nenhuma

[131] *WA* 32, 490 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

salutar. No seu uso civil, a lei aplica-se à carne; mas quando a fé se encontra ausente, a pessoa inteira é carne e não espírito perante Deus; assim, a lei concerne a toda a pessoa. E nesse caso, os dois empregos da lei acabam coincidindo[132].

Quando a fé leva à ação nas questões externas, o que sucede é "espiritual" no meio do carnal. "Tudo o que os nossos corpos fazem, no aspecto externo e carnal, é chamado de comportamento espiritual se a palavra de Deus é acrescentada a esse comportamento e é ele feito em fé. Por conseguinte, não há nenhuma coisa tão corporal, carnal e externa que não se torne espiritual quando feita na palavra de Deus e na fé"[133]. E é só na fé e no Espírito que é efetuado aquilo que Deus quer. Dessa forma é somente na fé que a vocação é cumprida como Deus quer – com espontaneidade de coração[134]. Apenas aquele que na fé está seguro é capaz de obedecer ao mandamento de Deus sem motivos ocultos.

Tal fé, sobre a qual a paz e a certeza na vocação podem repousar, é a confiança não só no perdão dos pecados (o reino celestial) mas também na providência, proteção e direção divina em questões materiais (o reino terreno). Em reposta à inquietante pergunta no que respeita à vocação: acho-me eu naquela que Deus queria para mim? – Lutero cita as palavras de Cristo de que nem mesmo um pardal cai ao chão sem a vontade do nosso Pai celeste e de que todos os cabelos da nossa cabeça estão contados[135]. Todos os eventos externos, diários que formam o curso da vida humana, são guiados por Deus e provêm da sua vontade. Na *Exposition of Psalm 127*, que

---

[132] *WA* 2, 723 e s. (*Treatise on the Sacrament of Penance*, 1519).

[133] *WA* 23, 189 (*Dass diese Wort... fest stehen* = Que estas palavras... se mantenham firmes, 1527); cf. *WA* 12, 105-108 (*Exposition of I Corinthians 7*, 1523). Tudo sendo espírito, não mais se aplica a lei. As obras do novo homem são espírito.

[134] *WA* 46, 614-619 (*Exposition of John 1 and 2*, 1537-1538, editado por Aurifaber).

[135] *WA* 10 I, 1, 316-317 (*Kirchenpostille*, 1522).

Lutero enviou em 1524 para "os cristãos em Riga, na Livônia", o tema principal é a providência divina; e ele é continuamente retomado. Para os pobres e jovens que não têm coragem de casar-se, Lutero quer especialmente afirmar o fato de que Deus se preocupa com todo aquele que nele crê e ainda cuidará dele[136]. O amor de Deus expressa-se na direção de Deus em questões exteriores. "Deus instilou o perdão dos pecados em todas as suas criaturas".

Apesar de esse divino cuidado revelar reflexos do mesmo amor de Deus como é declarado claramente no evangelho, ele também introduz sua lei e ira nos eventos da vida. Se uma pessoa vem a ser nosso inimigo e oponente, isso é um teste para nossa paciência e uma oportunidade para a obediência cristã ao mandamento do amor[137]. Essas experiências amargas revelam quão fortemente o velho homem ainda vive em nós e nos instigam a sufocá-lo.

O mais incomparavelmente claro sinal da providência divina é termos o próximo que temos agora. Nesse fato repousa a lei, evidência de uma definida vocação. A incerteza quanto a se alguém é chamado se deve, na maioria das vezes, a considerar-se ele um indivíduo isolado cujo "chamado" precisa vir de uma forma interior. Mas, na realidade, estamos sempre amarrados às relações com as outras pessoas; e essas relações com o próximo realmente afetam a nossa vocação porque esses laços externos são feitos pelas mãos de Deus. A oficina de um artesão é como a Bíblia, na qual está escrita a maneira de ele conduzir-se em relação ao próximo. Ferramentas e alimentos, agulha e dedal – não excetuando-se nem mesmo o "teu barril de cerveja" – clamam em alta voz: "Usa-nos para o bem-estar do teu próximo". As coisas são o veículo da palavra de Deus para nós.

---

[136] *WA* 15, 364 e s.

[137] *WA* 6, 266-267 (*Treatise on Good Works*, 1520).

> Para empregar um exemplo grosseiro: se tu és um artesão acharás a Bíblia colocada em tua oficina, em tuas mãos, em teu coração; ela te ensina e prega de que forma deves tratar o próximo. Apenas olha para as tuas ferramentas, agulhas, dedais, barril de cerveja, artigos de comércio, réguas, instrumentos de medida e encontrarás essa palavra escrita nelas. Não serás capaz de olhar para nenhum lugar sem que isso não atinja teus olhos. Nenhuma dessas coisas com as quais lidas no dia-a-dia é tão insignificante a ponto de não dizer-te incessantemente essa verdade a não ser que não estejas disposto a ouvi-la; e não há carência dessa pregação, pois contas com tantas pregações quantas são as transações, mercadorias, ferramentas e outros implementos na tua casa e estado; e elas gritam na tua face: 'Meu Caro, usa-me em favor do teu próximo da mesma forma como gostarias de que ele agisse em relação a ti com aquilo que é seu"[138].

Dessa maneira, um cristão se vê chamado para tarefas sem graça e humildes, que parecem menos dignas de nota que a vida monástica, penitências e outras perturbações das nossas vocações. Para aquele que observa a sua vocação, a santificação se acha oculta nas tarefas ofensivamente comuns tendo como resultado que dificilmente são elas mencionadas como sendo próprias de um cristão[139]. Mas a fé olha para os simples deveres como tarefas para as quais a vocação convoca o homem; e pelo Espírito ele se conscientiza de que todas essas "pobres, obscuras e desprezadas obras" são adornadas pelo favor de Deus "como se o fossem com o ouro o mais caro e as pedras as mais preciosas"[140]. O monge está sempre insegu-

---

[138] *WA* 32, 495-496 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[139] *WA* 10 II, 1, 138 (*Kirchenpostille*, 1522).

[140] *WA* 10 II, 295-296 (*Vom Ehelichen Leben*, 1522). Esse dever a que ele se referiu é, dando um exemplo comum, embalar o berço do bebê ou lavar as suas roupas. Lutero aqui discute a vocação parental.

ro de suas obras; mas na obra que realmente contribui para o bem-estar do próximo e é ordenada por Deus são achadas a paz e a certeza. As obras da vocação da pessoa são libertadoras como o são também as obras do evangelho. O *insight* que o evangelho dá (nenhuma obra deve ser feita para Deus com o objetivo de reconciliar-se com ele) pode ser mediado para nós através do mandamento para trabalhar em favor do próximo, ou seja, através do mandamento da nossa vocação. Tão insignificantes são as obras da nossa vocação que a certeza do favor de Deus, mesmo sem essas obras, resulta na observância daqueles mandamentos. O mandamento da vocação de uma pessoa pode tornar-se o suporte do evangelho.

Aquele que se pergunta efetivamente pelo bem-estar real do próximo já tem fé e é um filho de Deus. É precisamente isto que é ordenado: preocupar-se com o próximo. O evangelho (fé em Deus) e o mandamento (servir ao próximo) estão na mesma linha. São ambos partes de uma única realidade. Psicologicamente, um ou outro pode ser o primeiro a emergir na consciência. Pode, por exemplo, ser o mandamento. Observa o papel do primeiro mandamento em provocar o arrependimento.

A fé em Deus e a prontidão para servir ao próximo constituem uma unidade orgânica. Psicologicamente, a primeira pode ser uma simples disposição de receber sinceramente o mandamento para servir o próximo. A fé se esconde por debaixo da obediência ao mandamento; no entanto, ela é ativa e pratica a obediência. A unidade espiritual, a fé e o amor caracterizam o Cristo vivo ou o Espírito que toma posse do homem. Guardar o mandamento sem, contudo, saber se a pessoa tem fé é a mesma coisa da ocultação da divindade de Cristo na sua humanidade.

Mesmo que o evangelho possa apresentar-se na forma do mandamento, não temos o direito de afirmar sejam idênticos o mandamento e o evangelho. A vocação é uma convocatória para trabalhar em favor do próximo; ela não é o evangelho. Uma forma peculiar de vocação que se seguiu ao livro de Billing em 1909, tornou-se

comum na teologia sueca (desempenhou um certo papel na de Gustav Ljunggren e um enorme, talvez até funesto, na de Arvid Runestam). A vocação era imaginada como o perdão dos pecados, o que não é uma correta apresentação do ponto de vista de Lutero.

Obviamente, ninguém admitia que o fosse. O livro *Var kallelse* (*A Nossa Vocação*) não foi apresentado como exposição de Lutero, mas como ensaio independente a expressar as próprias reflexões do autor sobre a vocação. Que os pensamentos trazidos à luz por Billing não são de Lutero pode-se ver pelo fato de ele apresentar a vocação como realmente contendo o evangelho e o perdão dos pecados. O mesmo autor, na sua dissertação doutoral nove anos antes, na única referência à ética social de Lutero, observa em duas diferentes passagens que, do ponto de vista religioso, a obra da vocação de uma pessoa tem, para Lutero, apenas um papel "negativo". Na sua obra de 1909, Billing corrige o defeito que, em 1900, achara em Lutero. A vocação, que, segundo Lutero, pertence à terra, ao próximo e às obras dos mandamentos, tornou-se o evangelho a outorgar o perdão dos pecados. O que eram dois reinos para Lutero, tornou-se um para Billing. O que era para Lutero escatologia, encontra-se, para Billing, entrelaçado na história. Ainda na concepção desse último, a história é a vocação para o indivíduo, a história que, na perspectiva de um profético *insight*, abarca a mensagem da graça. Billing nos mostra Lutero com a remoção da escatologia e a adição da visão romântica da vocação do homem civil. A vocação terrena é apresentada em cores mais brilhantes que Lutero o faz porque ela nos dá o céu.

Mesmo que Billing não esteja oferecendo o seu conceito sobre vocação como o ponto de vista de Lutero e, sim, como algo um pouco diferente, seu conceito, no entanto, foi construído na maioria das vezes como se fosse o de Lutero. Em conseqüência, a visão própria de Lutero ficou de lado e só a atrativa mas vulnerável noção de Billing é ouvida. Runestam procura descobrir um evangelho na vocação: detecta-se uma visão por demais otimista sobre a vocação como pano

de fundo para a sua declaração de guerra contra uma petrificada concepção de vocação, como ele o diz em *Kärlek, tro, efterföljd* (1931). Runestam procura o evangelho, mas realmente acha a lei, a qualidade na vocação que sufoca a personalidade. Essa qualidade, Lutero a conhece muito bem. Ele a chamou de "crucificação do velho homem", mas ele não acredita que a vocação deva ser abandonada por causa do lado escuro que ela mostra. Para Lutero, o significado da vida é escatológico. A luz está além da morte. Para Runestam, igualmente, parece que os dois reinos de Lutero se tornam um. Mais uma vez se está a exigir da lei que ela nos dê o evangelho, que aquilo que é em si mesmo sem consolo deva dar-nos o conforto. Para Lutero, a fortaleza é o evangelho, Cristo, a igreja, não a lei, nem as obras, nem a vocação. Que possa o mandamento ou a vocação, numa situação concreta, serem suportes do evangelho, não é nenhuma contradição. Mas a fortaleza é o céu, não a terra.

Lutero mesmo distinguia entre a certeza que provém de conhecermos a obra para a qual somos chamados pela nossa vocação, e a que o evangelho nos dá. A consciência não encontra paz através de nenhuma obra. É apenas o evangelho que é plenamente efetivo. Como acréscimo é também necessário saber que as obras da pessoa são aquelas que Deus ordenou[141]. A vocação dá firmeza e força perante os homens porque a justiça na vocação, de acordo com as regras terrenas, é uma justiça real, que não podemos desprezar perante os homens nem carimbar como pecado. Mas face a Deus, por outro lado, até a obra mais justa é um sério pecado que tem carência do perdão, visto originar-se de um coração corrompido. Desse coração mau não têm os outros homens direito algum de reclamar, desde que seu comportamento seja honesto e não dirigido pelo mal do coração. Deus, porém, profere seu julgamento contra o mal interior, recalcado, invisível. Só o evangelho, não a vocação, pode re-

[141] *WA* 40 II, 154 (*Commentary on Galatians*, 1535). A vocação especial que Lutero discute aqui é a do ofício do ministério.

mover esse julgamento contra o coração pecaminoso e dar paz de consciência. A. D. Müller faz uma distinção entre *Berufseros* (*Beruf* = vocação; *éros* = amor humano) e *Berufsagape* (*agápe* = amor divino). *Berufseros* procura sua força na própria vocação; fora da vocação procura algo para si mesmo e, em assim fazendo, reduz-se a um ídolo que destrói os seus adeptos. *Berufsagape* procura sua força em Deus, não espera libertação através da vocação e considera-se radicalmente à parte da vocação ao mesmo tempo em que, em liberdade interior, se curva para a sua vocação. A definição de *Berufsagape* de Müller combina perfeitamente com a posição de Lutero. Essa visão fundamental da relação do cristão com Deus, por um lado, e com as suas responsabilidades de trabalho, por outro, servem muito bem para resumir esta seção em que discutimos a relação com Deus e a vocação. A alma deve estar "aberta e livre" enquanto o corpo trabalha. O homem interior deve estar sem confiança na obra de suas mãos, elevado receptivamente para Deus e orando. "Enquanto o homem exterior trabalha, o coração do novo homem faz suas súplicas à medida que suas preocupações o pressionam. Ele diz: 'Senhor, eu sigo a tua vocação; por isso, faço todas as coisas em teu nome. Cumpre a tua lei, etc.'"[142].

O amor de Deus certamente reveste as coisas externas e os insistentes mandamentos; a fé, porém, não se apega a essas coisas, mas ao evangelho ou a Deus mesmo. Para dizer a verdade, a fé não pode conservar a sua independência relativamente à vocação no momento em que se é tentado para a dúvida, no momento em que a justiça

---

[142] *WA* 40 III, 234 (*Exposition of Psalm* 127, 1532-33). Cf. 253: "O crente "dorme" durante a sua vida toda; seu coração está calmo e tranqüilo em meio às suas responsabilidades. Essa calma é a conseqüência da confiança em Deus e profunda desconfiança de suas próprias obras, que podem, no entanto, por esse motivo, ser feitas cuidadosa e perfeitamente. Cf. *WA* 15, 732: "Guardarmos e cumprir aquilo que é o nosso ofício, com uma fé livre e sincera, nem nos preocuparmos quando estamos pobres nem nos vangloriarmos quando ricos – isso apenas um coração confiante pode fazer" (*Exposition of Psalm 127*, 1524).

terrena e a celeste não são diferenciadas. Mas o objetivo da tentação é a dependência da fé tão-somente no evangelho. A consciência não pode ficar segura por nenhuma obra nem mesmo por aquela que pertence inequivocadamente à vocação do homem. A consciência é a noiva de Cristo, e ninguém, senão o próprio noivo, tem o direito de prender a noiva a si mesmo[143].

[143] *WA* 40 I, 595 e s. (*Commentary on Galatians*, 1530; Rörer). "Não se deve inquietar a sua consciência. Pode o corpo sofrer essas coisas; a consciência, porém, deve ser a noiva (de Cristo) e ficar em liberdade com o Noivo no reino desse relacionamento".

II
DEUS E O DIABO

1 A Noção de Governo

A noção de povo ou *Volkstum* encarnando uma norma prevalece de forma especial na teologia alemã. A norma da política "consiste na necessidade de vida genuína de um *Volk* (povo) especial no meio dos outros". Segundo essa visão é responsabilidade do governo dar expressão a algo inerente no povo e que, por assim dizer, estabelece a norma governamental de baixo. *Volkstum* é a contrapartida coletiva daquilo que a centelha imortal do divino pretendia para uma primitiva e individualística forma de pensamento. Isso não é alguma coisa que deve ser governado; pelo contrário, deve governar e conquistar. Sob esses dois pontos de vista repousa o pressuposto comum sobre a natureza humana de que o homem ou o caráter do povo não é pecaminoso.

Segue-se da visão de Lutero quanto ao pecado que ele está em oposição a ambas essas espécies de religião da humanidade. O homem que procura rejeitar a Palavra de Deus e seguir o seu próprio coração não se torna um homem livre mas um em sujeição ao diabo. Há apenas duas alternativas: sujeição a Deus e sujeição ao diabo. "Entre essas duas se encontra o homem tal e qual um animal a ser montado. Se Deus é o cavaleiro, a criatura vai para onde quer Deus... Se o cavaleiro é Satã, vai ela para onde Satã a leva. O homem não pode livremente escolher um ou outro desses cavaleiros

nem rejeitar um deles. São os próprios cavaleiros que lutam para conquistar e possuir o homem"[1]. O conjunto de pessoas que deve o governo dirigir não difere dos indivíduos isolados nem é melhor que eles. O povo está sujeito igualmente a um cavaleiro. O bom governo, que executa seu dever de ofício, dirige o povo em oposição a uma força contrária que poderia controlá-lo. A autoridade do governo não deriva do fato de que ele dá expressão ao gênio do povo, mas do fato de que Deus o estabeleceu para opor-se ao diabo. O governo é de Deus, criado por ele. Naturalmente, como as outras pessoas, aquelas cuja vocação é o governo também estão expostas ao ataque e às perversões do diabo. Elas próprias estão sob o domínio de um governo mais alto. Mas, acima de todos os governos, dos menores aos maiores, deve reinar a Palavra de Deus. Como lei expõe ela o pecado e impele o homem a batalhar contra o pecado; como evangelho, afasta o pecado e prepara a vinda do reino eterno.

Tal concepção de governo, pela sua própria natureza, implica a fé na existência do diabo. Dirigisse Deus sua ação para um mundo cujos habitantes tão-só o ignorassem, mas não fossem hostis a ele, não teria a ação divina o caráter de governo, mas, sim, de uma delicada iluminação intelectual. Em vez disso, porém, Deus lida com o mundo mediante um governo mundano inflexível, mediante a espada e a lei, e através de uma igreja concreta, na qual é pregada a Palavra e os sacramentos, administrados. A lei usa a coerção contra a carne, em que age o diabo, e o evangelho opera com toda a força do Espírito contra as acusações da consciência, na qual o diabo também está em ação. A lei e o evangelho não são proferidas para uma neutralidade passiva e irresistível. Tanto a lei quanto o evangelho avançam contra uma rajada ininterrupta e persistente.

É em benefício do homem que a batalha entre Deus e o diabo continua, em favor de cada uma única pessoa. Quer Deus seja o homem salvo do poder do pecado, e o diabo quer o homem preso

[1] *WA* 18, 365 (*The Bondage of the Will*, 1525).

nele. Do interior desse invisível combate, que prossegue mesmo quando o homem sequer pensa nele, vem toda a agonia e angústia que penetram na vida humana. A criatura deve conhecer o sofrimento no momento em que os dois poderes tomam posse dela, combatendo para "vencer e possuí-la". Por causa da própria natureza dessa luta não pode o homem, num caso particular qualquer, afirmar qual dos contendores tenha colocado uma tribulação específica sobre ele. Ambos estão, ao mesmo tempo, lutando pelo homem. Por isso, diz Lutero que provém a cruz do homem não só de Deus mas também do diabo. No seu *Commentary on Romans*, de 1515-1516, Lutero afirma enfaticamente que as nossas misérias vêm a ser a disciplina de Deus. Dois anos após, no seu *Commentary on Hebrews*, considerou os sofrimentos serem devidos ao fato de a vida cristã ser ação de Deus e nossa paixão ser *operatio Dei* e *passio nostra*. "Ninguém é purificado senão pelas angústias e inquietações. Quanto mais aflição e dor, melhor o cristão. Toda a existência do cristão repousa na fé, ou seja, na cruz e nas dores"[2].

No seu *Treatise on Good Works*, de 1520, Lutero declara expressamente ser Deus quem manda o enfado, sofrimento, ignomínia, problemas e morte. Isso é tudo "obra estranha" de Deus, feita para que possa chegar "à obra sua própria"[3]. Mas, na *Exposition of the Sermon on the Mount* de 1532, afirma repetidamente que todas as provações têm sua origem no diabo, que faz contra os filhos de Deus seus mais pesados ataques. O diabo não se preocupa com pecadores grosseiros porque já estão sob seu domínio sem muito esforço[4]. E, em 1540, afirmou Lutero, por exemplo, que o diabo sem-

---

[2] *WA* 57, 61 e s.

[3] *WA* 6, 248; cf. 266 e s. A "obra própria" de Deus é o evangelho, que estabelece a paz e dá a alegria.

[4] *WA* 32, 335 e s. e 502 e s. Com respeito à tentação espiritual na vocação, ver 519. A soberania de Deus sobre o diabo e os seus ataques é sempre clara para Lutero: cf. 520.

pre achará um pedaço de madeira para com ele fazer uma cruz para nós[5].

A pesquisa provavelmente mostraria que, desde a época na qual rejeita Lutero a idéia das cruzes auto-infligidas, as declarações de ser a cruz originária do diabo se tornam mais comuns. Em certo grau, seus primeiros escritos revelam a dominância da visão de a cruz provir de Deus não havendo, assim, nenhuma impropriedade em o homem procurar a cruz. Contudo, não estamos seguros de que o exame das fontes venha a provar esse ponto. Com muita clareza, Ragnar Bring mostrou conexão íntima entre a obra do diabo e a lei e a ira de Deus na reformatória teologia de Lutero. Para este é claramente nenhum problema que o desespero possa vir ao mesmo tempo de Deus e de Satã. No seu *Commentary on Hebrews* apresenta Lutero a afirmativa de que a obra "estranha" de Deus é a obra do diabo, com a qual imagina o diabo tornar efetiva a sua obra contra Deus enquanto em verdade ele está ajudando a arruinar os seus próprios esforços.

"Pois, dessa forma, faz Deus progredir o seu propósito mediante a sua obra estranha e com sabedoria maravilhosa ele sabe que, através da morte, pode provocar o diabo nada mais que a vida de modo que, fazendo o máximo possível contra a ação de Deus, ele está pelo seu empenho específico trabalhando na realidade pela causa divina, contra a sua própria"[6].

Naturalmente, não há problema algum em dizer que o infortúnio da vida cristã vem não só de Deus como também do poder do mal. Essa é a angústia que surge quando Deus arranca uma pessoa da mão do diabo. É através do sofrimento que se liberta alguém das garras de Satã ("a cruz originária de Deus"). O amor de Deus é o

---

[5] *WA* 51, 412 (*An die Pfahrrherrn wider den Wucher zu predigen* = Aos pastores para pregar contra a Usura).

[6] *WA* 57, 128 (1517-18). Ver também a seção 3 (*A Confusão dos Reinos*), nota 79.

amor dedicado a uma pessoa que deve se livrar do perigo da morte. É preciso, pois, com toda a firmeza, agarrá-lo, e isso pode machucar.

A *Vermahnung zum Gebet wider den Türken* (*Admoestação à Oração contra os Turcos*) de 1541 lança uma luz especial no que tange à fé sobre o diabo. Aqueles que são ameaçados pelos turcos e pelo diabo reconhecem que pecaram contra Deus, merecendo ser punidos. Mas eles não cometeram ofensa contra Satã, pois não viveram uma vida cristã sem reparos. Dessa forma, não é de Satã mas do próprio Deus que merecem punição. Quando os turcos hostilizam os cristãos, o que lhes sucede é a punição de Deus, punição que o próprio Deus permite aos seus adversários efetuar. "Tu, ó Poderoso Deus e Pai, sabes que de forma alguma pecamos contra o diabo, o papa ou os turcos, não tendo eles nem o direito nem o poder de nos punir. Podes, porém, usá-los como teu bárbaro açoite contra nós, que pecamos contra ti, merecendo, assim, todo infortúnio"[7].

Os cristãos, no entanto, sitiados pelo turco e pelo diabo, confessam o nome do trino Deus. No perigo, eles crêem nele e lhe dirigem orações. Isso é "pecar" em relação ao diabo. Pela oração, penitência e confissão passam para o lado de Deus. Estão, agora, a favor de Deus e contra o diabo; e Lutero está convencido de que seriam deixados em paz se desistissem da confissão deles e negassem a fé[8]. Trataremos agora de modo mais pleno dessa visão da oração como objetiva mudança em todo o relacionamento entre Deus e o homem. Orar é sair do poder do diabo, poder no qual se coloca o homem em oposição a Deus, e entrar no poder de Deus, poder em que se encontra o homem contra Satã.

O diabo, como pode ser então percebido, não é mais o instrumento do castigo divino, mas o inimigo de Deus. Por isso, o perigo da aproximação dos turcos deixa de ser a punição divina, punição

---

[7] *WA* 51, 608.

[8] *WA* 51, 609 e s.

que teria o diabo como o próprio emissário de Deus; na verdade, é o próprio ataque de Satã contra os cristãos e, por isso, contra o próprio Deus. "Olha para nós, ó Tu, que és para nós Pai misericordioso e juiz severo para nossos inimigos, pois eles são mais inimigos teus que nossos. Quando nos perseguem e afligem, perseguem e afligem a ti, pois a Palavra que pregamos, cremos e confessamos é tua e não nossa, pois ela é obra exclusiva do teu Espírito em nós. Isso o diabo não quer permitir, pois quer ele ser nosso deus em teu lugar"[9]. Conseqüentemente, quem ora procura convencer a Deus de que o diabo é inimigo de Deus e não deve ser aceito como servo de Deus.

A oração é uma prece pela renovada e vigorosa atitude contra o turco e o diabo. "Ó Deus, levanta e santifica o teu nome que eles desonram. Fortalece o teu reino. Cumpre a tua vontade, que eles sufocam em nós. Não lhes permitas pisar-te sob seus pés só porque deve o nosso pecado ser punido; pois o que os turcos e o diabo querem não é que pequemos contra ti, e, sim, reduzir a nada a obra tua em nós, ó Deus"[10]. Se aqueles que estão cercados pelos turcos oram dessa forma e se voltam para Deus, seu infortúnio alcançará melhora: o diabo se opõe a Deus, mas só o que ele consegue é levar os crentes em Deus à oração, tornando-os filhos de Deus[11]. Dessa maneira, o resultado final é a supremacia de Deus sobre o diabo.

Algumas vezes, Lutero parece brincar com o seu pensamento sobre o diabo: sua representação é tão variável. Outras, ele mistura uma certa gaiatice com a sua seriedade, não, porém, nos seus escritos contra os turcos. A prece é uma ação humana mediante a qual toda a situação do homem é alterada. Quando o homem fica longe

---

[9] *WA* 51, 609-610.

[10] *WA* 51, 610.

[11] Isso aparece mais claramente em outro escrito de Lutero sobre os turcos (*On War against the Turks*, 1529 = Sobre a Guerra contra os Turcos). *WA* 3 II, 116. Cf. também *WA* 30 II, 176-177 (*Heerpredigt wider den Türken*, 1529 = Pregação militar contra os Turcos).

de Deus, confere este a Satã a permissão de causar mal ao homem. O homem, contudo, ora no seu desespero, então se arrepende e novamente se aproxima de Deus. Aí perde Satã o seu poder e se põe igualmente como inimigo de Deus e do homem. A relação entre Deus e o diabo, no seu mútuo combate pelo indivíduo, é revertida e mudada quando o homem ora. No capítulo III trataremos de novo da questão da prece, pois ela tem grande significância no tema da vocação. É a prece uma porta pela qual Deus entra na vocação fazendo a ação voltar-se contra o diabo. Mas, por agora, devemos retornar à justaposição geral entre Deus e o diabo.

Os reinos da igreja e da ordem social são governos porque, de uma forma especial, estão envolvidos na resistência ao pecado. São dois governos, e não um único, porque lutam contra o pecado de modos em essências diferentes. O governo secular compele na terra a uma justiça externa sem remover o mal do coração. Ela apenas reprime o pecado, encerrando-o em razoáveis limites externos. O governo espiritual aponta para o céu, prometendo não só a completa eliminação do pecado após a morte mas também, na terra, a sua eliminação da consciência ainda que a lei, estupidamente, contenda com o corpo e nos confronte na forma de ordens mundanas como a vocação. "O cosmo fixo da vocação, no pensamento lutérico, é posto num processo dinâmico de formidáveis dimensões a abarcar o céu e o inferno. É o conflito metafísico entre Deus e o diabo que surge sobre o cosmo, ativando-se através deste".

Algumas vezes, Lutero diz que esses dois manejadores de poder, Deus e o diabo, reinam cada qual sobre o seu próprio reino (*regnum*). "Afirmo saberem os cristãos haver dois reinos (*regna*) no mundo engajados em feroz combate. Num desses reina Satã... No outro, que sempre se opõe e luta contra o reino de Satã, Cristo reina"[12]. É claro que *regnum* é aqui usado com uma diferente significação daquela que é pretendida quando as palavras *terra* (*terra*) e *céu* (*coelum*) são pro-

[12] *WA* 18, 782-783 (*The Bondage of the Will*, 1525 = A Servidão da Vontade).

nunciadas como sendo reinos. O governo espiritual e o terreno formam dois reinos; ambos, no entanto, pertencem a Deus. Não se acham em oposição um contra o outro, mas, lado a lado, ambos contendem contra o diabo: um guiado pelo evangelho; o outro, pela lei. Os reinos de Deus e Satã atravessam todas as ordens do ser. Contra Satã, usa Deus ambos os governos como armas, e o diabo se esforça por destruir essas armas do seu inimigo. O diabo corrompe o governo espiritual mediante papas e missas, e o governo terreno pela revolta campesina, pelos fanáticos e pelos mosteiros.

A guerra entre Deus e Satã é lutada em função das pessoas. Estão os ofícios no lado de Deus, mas as pessoas que exercem os ofícios podem pertencer a Deus ou ao diabo, o que faz uma enorme diferença na forma em que os deveres são observados. "Os ofícios, não só dos governantes como também dos funcionários, são divinos e corretos. Aqueles, porém, que os ocupam e executam são, via de regra, de Satã"[13]. Maus funcionários públicos querem tornar-se Deus em vez de servos dele; querem mandar e não servir arrogando a si mesmos o poder e a justiça que pertencem ao ofício, a Deus, e não ao homem.

A ordem é e continua boa e divina, assim como o sol é ainda uma criação pura de Deus embora algumas pessoas usem a luz do dia para cometer assassinatos e outros crimes. Quem poderia praticar um crime se o sol não lhe desse a luz, se a terra não o mantivesse e o sustentasse e se o ar não lhe permitisse respirar – a saber, se Deus não cuidasse dele? Está a criação disponível para o uso ou o abuso do homem[14]. O abuso, porém, não deriva de nenhuma coisa

---

[13] *WA* 51, 254 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

[14] *WA* 30 II, 572-573 (*Sermon on Keeping Children in School*, 1530 = Sermão sobre a Manutenção das Crianças na Escola). Sobre o ofício do soldado, ele diz: "Embora alguns abusem desse ofício, destruam e matem sem necessidade, por pura maldade, isso não é culpa do ofício, mas da pessoa". *WA* 19, 627 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526 = Se também os Soldados podem ser Salvos).

má em si mesma; ele tem sua raiz no coração humano corrompido. O mal é a obra diabólica mediante o coração humano. A batalha entre Deus e o demônio por todas as vocações e ordens sucede no interior de cada ser humano individual. Se Deus é vencedor, então uma parte de existência externa que está ao alcance do homem é transformada para servir a Deus. Se o diabo vence, a criação de Deus é usada de forma contrária. Mas o ofício como tal é bom, mesmo quando se faz dele um mau uso. Nem mesmo a lança que perfurou o lado de Jesus deixou, por essa razão, de ser uma boa criação de Deus.

"Não se conclui, pois, que, por lutarem os reinos do mundo contra o reino de Cristo, sejam eles maus em si mesmos; como também não se deduz que a lança, com a qual o lado do Senhor foi aberto na cruz, não tenha sido uma boa criação. Devemos diferençar entre uma criação ou coisa e o abuso dela. A criação é boa, mesmo quando mal usada. O abuso não surge da coisa mas da mente corrompida. Da mesma forma, a justiça civil, as leis, o comércio e todas as iniciativas humanas são coisas que, por natureza, são boas; é o abuso, porém, que é mau porque o mundo abusa desses dons contra Deus... O abuso não inere à substância. É na coisa boa que o diabo ativa o abuso"[15].

O diabo é a força ativa por trás do mau uso. O abuso envolve uma ação diretamente oposta à obra de Deus. O ganancioso, por exemplo, interrompe a divina expansão dos dons e oculta o cuidado de Deus por aquele que tem a desventura de ser o próximo desse ganancioso.

A única exceção à tese de que o ofício é puro em si mesmo é o reino dos turcos. A perseguição a cristãos levantou-se em muitos reinos terrenos, sob um governante ou outro aqui e ali, mas os seus governos não foram instituídos com o objetivo de desonrar a Deus. Eles até podem fazer isso mediante o mau uso; mas o governo é de

---

[15] *WA*, 40 II, 203 (*Exposition of Psalm 2*, 1546).

Deus. A espada e o reino de Maomé, no entanto, são o próprio governo de Satanás, "dirigido imediatamente contra Cristo"[16]. Nesse caso, o ofício é mau em si mesmo, e o ponto de vista do diabo se desenvolve de forma excepcional.

Por outro lado, os ataques do diabo consistem em tentações para fazer mau uso de um ofício bom e divino, para administrar incorretamente a vocação. O cristão sempre vive nessas tentações. O ataque de Satã sobre a ordem externa da vida se torna, como Franz Lau o expressa, "real pela primeira vez em que se duvida do meu ofício". Eu perco minha certeza de que Deus me fala através do meu superior e quer atuar através da minha pessoa "no exercício do meu ofício naqueles abaixo de mim". Na sua *Kirchenpostille*, Lutero desenvolve esse tema entusiasticamente. O espírito mau torna a vocação muito aborrecida para todos os crentes. Mas, se o inimigo pode levar o homem tão longe "de modo que este esqueça a própria vocação e a abandone, ele não mais ataca o homem tão severamente", pois, com isso, já tirou sua vítima da estrada principal. Por esse motivo, acha fácil extraviar o homem conduzindo-o a um esforço especialmente refinado e religioso. A partir daí, o homem continua afastando-se sem se alarmar, e cada passo o leva mais longe do mandamento de Deus[17]. Um pouco depois, no mesmo sermão, Lutero declara que a dúvida e o desespero relacionados à vocação são diretas evidências de que a pessoa está no seu posicionamento próprio, no qual a fé deve ser confirmada e a batalha contra a escuridão continuada. "Toma isto como um sinal seguro de que estás num estado correto agradável a Deus se tu sentes aversão e antipatia por ele. Deus com certeza está perto. Ele, às vezes, permite que o espírito mau te ataque e tente para ver

---

[16] *WA* 30 II, 172 (*Heerpredigt wider den Türken*, 1529). Cf. 116 e s.: "Ele é a vara de Deus e servo do diabo; disso não há dúvida" (*Vom Kriege wider den Türken*, 1529). A soberania de Deus é afirmada; notar "vara de Deus".

[17] *WA* 10 I, 1, 309-310 (1522).

se és volúvel ou firme; às vezes, não. Ele providencia uma oportunidade para tua fé lutar e crescer"[18].

O próprio Lutero sentia sempre essa espécie de indecisão no seu ofício de pregador. "O demônio, perverso, torna a vocação de cada um tão pesada e de tal forma confunde a compreensão que as pessoas ficam incapazes de reconhecer o ofício e a obra que Deus põe sobre elas"[19].

Por trás do desvio do homem do seu caminho da sua vocação está sempre o diabo como força impulsora. Particularmente sérias são as conseqüências da infidelidade contra o mandamento de Deus, se essa infidelidade e incapacidade para colocar-se contra a tentação é achada em qualquer dos dois governos, lei política ou ofício do ministério. Na área do governo terreno, a corrupção toma lugar através do levantamento da tirania e da disseminação da anarquia na sociedade. A primeira significa: no seu orgulho e prazer de mandar, o governante propaga seu poder por onde ele não tinha o direito de assim o fazer. A última significa a indecisão do governante na sua responsabilidade de manter a ordem de sorte que as transgressões da lei não são punidas com rigor e o seu poder não é usado. A tirania é a presunção do governante; a anarquia, o seu desespero[20].

Da perturbação do reino espiritual, o papado e os fanáticos são exemplos. Os monges e os fanáticos trilham a mesma estrada; pois

---

[18] *WA* 10 I, 317. Cf. *WA* 12, 11: "Deves estar preparado e considerar com muita confiança que tudo que tu fazes, se é feito sob a orientação de Deus, será provado seriamente, pois o maldito diabo não descansa nem fica parado" (*Ordnung eines gemeinen Kasten*, 1523 = Organização de uma Caixa Comum).

[19] *WA* 32, 519 (*The Sermon on the Mount*, 1530-1532 = O Sermão do Monte). Cf. *WA* 34 II, 313 (*Sermons*, 1531; Rörer): "A razão é a noiva do diabo. Ela imagina uma conduta particular porque não sabe o que pode agradar a Deus, mas pensa: 'Se eu escolher uma obra que me agrade, essa obra também agradará a Deus'... O melhor e mais elevado estado na vida é amar a Deus e o próximo. Na verdade, esse estado está ocupado por simples servos e servas que limpam as mais ordinárias panelas".

[20] *WA* 40 III, 211-213 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33).

todos os que se consideram a si mesmos acima das vocações regulares e mais elevados que a fé são e continuam monges mesmo que nem todos ajam de modo semelhante na observância das horas. Os antigos monges enclausurados do papado eram realmente mais fáceis de entender. Os monges mais recentes são mais difíceis de rejeitar. "Eles não usam capuzes, mas adotam outros comportamentos, aparentam grande devoção e santidade mediante faces sérias, vestimentas cinza e severidade de vida"[21].

Contra essa hipocrisia não há nenhuma arma exceto o mandamento de Deus e o evangelho, que nos dão a certeza de que perante Deus as obras são desnecessárias e que, por isso, ajudar o próximo é o seu único objetivo. Se o estado de uma pessoa é corretamente usado sem nenhum mau uso, o próximo será servido justamente pela fidelidade mostrada por essa pessoa na sua vocação. Para sermos corretos, tal fidelidade sempre envolve comunhão com pessoas más, a quem encontramos em todas as posições, "abusadoras" de seus estados. Isso, porém, não nos dá direito algum de abandonar nosso *Stand* (estado, ofício), que mantém seu caráter divino em meio a todo abuso. "Se tens a Cristo mediante a fé, então sê obediente às autoridades e sujeita-te a elas e pratica o amor entre vós em todos os estados... Levanta-se contra isso o espírito de divisão dizendo: 'Oh, mas isso é uma coisa comum, e há muitas pessoas más em todos os caminhos da vida. Tudo isso parece muito profano. Ah, devemos procurar algo melhor'. Então ele vai e realiza alguma coisa especial e estranha. Entretanto, se estás possuído pela Palavra de Deus, serás capaz de julgar rapidamente e questionar: 'Quando foi que Deus mandou que se estabelecessem tais estados especiais acima e contra os procedimentos comuns da vida, que ele ordenou?' Sei muito bem que há muitos vilões como também pessoas devotas em todas as situações. Mas o que me importa se outras pessoas

[21] *WA* 32, 514 (*The Sermon of the Mount*, 1530-1532).

abusam das situações e estados? Eu permaneço com a palavra, que me ensina que todos esses estados são bons mesmo havendo neles muitas pessoas más"[22].

Romper relações com outras pessoas, considerando-as inferiores em santidade, é uma coisa que Lutero, no seu *Commentary on Romans*, rejeita como satânica perversão[23]. Quando isso é ensinado como santidade e verdadeira vida cristã, o exercício do ofício do ministério cai em erro e o governo espiritual se corrompe da mesma forma que um governo secular pode ser distorcido por um tirânico príncipe.

O diabo faz severos ataques contra a pessoa que exerce o ministério segundo a Palavra de Deus. Pois, através da correta pregação, o diabo é desmascarado de modo as pessoas compreenderem ser obra do diabo aquilo que é considerado santo e ser obra de Deus (pela qual o mal é contido) aquilo que se julga terreno. Por isso, quem prega a Palavra de Deus com fidelidade ameaça destruir o próprio centro da ação demoníaca, a saber, as obras religiosas. Por essa razão, o diabo faz um ataque poderoso contra esse porta-voz da verdade. Tão logo prega a verdade, dissensão e luta surgem ao seu lado; mas, tão logo abandona a sua responsabilidade e prega falsidades que agradam aos homens, uma calma tranqüila e amena se faz presente no meio de seus ouvintes. Se permanece fiel à palavra de Deus, a conseqüência é discórdia, mas se ele se entrega ao diabo, o resultado é paz. Deus aparece na roupagem de Satanás ao passo que o diabo se apresenta com o traje de Deus. A fé reconhece tanto a Deus quanto ao diabo apesar do fato de ambos estarem disfarçados. Essa é a realização positiva da fé.

"Dessa forma, Paulo sustenta ser este o sinal mais seguro de quando o evangelho não é o evangelho: ele ser pregado numa paz

---

[22] *WA* 32, 516 (*The Sermon on the Mount*, 1530-1532).

[23] *WA* 56, 266 (1515-16).

imperturbável. Por outro lado, o mundo considera como um sinal indiscutível de ser o evangelho uma doutrina herética e sediciosa por ele notar que a sua pregação é seguida por grandes tumultos, distúrbios, escândalos, divisões, etc. Dessa maneira aparece Deus com a máscara do diabo, e o diabo veste a máscara de Deus; e Deus quer ser percebido por trás da máscara do diabo, e deseja que o diabo, usando a máscara de Deus, seja rejeitado"[24].

Numa seção anterior, procuramos estabelecer a conexão entre a relação de Deus com a vocação. O ofício do homem oferece uma direção tangível com respeito às obras, mas "fé e amor" transformam a obra feita no ofício. Fora da relação com Deus tem o homem um ofício, mas não uma vocação.

Os comentários, no que tangem aos abusos do ofício de uma pessoa, ajustam-se à nossa familiar declaração do problema em foco. O ofício constitui uma realidade permanente. O uso correto, ou não, do ofício constitui uma tangível realidade. O uso e o abuso variam de acordo com a mudança em nosso relacionamento com Deus, com o pecado ou com a oposição ao pecado: a saber, o diabo e Deus se acham envolvidos na concreta imagem da execução do ofício. A vocação é o ponto focal da decisão na batalha entre Deus e o diabo. Nesse combate, a Palavra é a lança de Deus. O governo espiritual modifica a forma da vocação sob o governo terreno.

Os governantes são postos em xeque por governantes ainda mais elevados. Mas o governante supremo, que não tem nenhum outro mais alto que ele, tem sobre si apenas a Palavra de Deus e não um outro poder aparelhado com a força. Sob a tirânica soberania pode um cristão apenas sofrer; a revolta é pecado. Dentro da ordem de Deus não há nenhum poder que legitimamente possa punir um soberano tirânico. O próprio Deus fica de prontidão e o coloca fora da ordem.

---

[24] *WA* 40 II, 54 (*Commentary on Galatians*, 1535 = Comentário sobre Gálatas).

Haveria uma brecha no sistema que Lutero concebe como devendo ser levantado para checar o mal se ele pensasse que o soberano é controlado apenas pelos seus próprios pensamentos. Mas Deus mesmo está em ação no mundo concreto: "Se o governante é mau, ora: Deus está perto. Ele tem o fogo, a água, o ferro, a pedra e os modos incontáveis de provocar a morte. Quão repentinamente pode ele tirar a vida de um tirano"[25].

Deus, além do mais, pode incitar uma revolta usando aquilo que é, da parte dos homens, claramente pecado para punir o pecado do governante e levantar um soberano estrangeiro para fazer guerra contra o tirano[26]. Entra em cena uma realidade não-calculada e revolucionária, que se acha exclusivamente nas mãos de Deus e que não se coloca sob nenhuma ordem. Esse fato aponta para o pensamento, típico em Lutero, dos super-homens (*viri heroici*), que, mediante força violenta, modificam o mundo inteiro.

2 O Conceito de Liberdade

Antes nós tocamos na questão da liberdade em relação a nosso debate sobre os dois reinos, o terreno e o celestial. O homem não tem liberdade no que está "acima" dele, no reino celestial, face a Deus. Ele não apresenta nenhuma obra: aceita apenas aquilo que Deus realiza, é passivo perante Deus. Olhando para cima, o homem só pode crer e orar. Aí a vontade serva continua. Mas naquelas coisas que estão "abaixo" do homem, este é livre, porque perante o homem ele não deve ser meramente passivo ou paciente mas ativo e atuante. Em relação àquilo que está abaixo dele deve realizar obras, pois a terra é a arena da sua vocação. No céu reina o evangelho; por

---

[25] *WA* 19, 637 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526).

[26] *WA* 19, 638.

isso, a vontade serva. Na terra, governa a lei; por isso, a liberdade da vontade[27].

Aparentemente, uma linha de pensamento bem diferente é apresentada pelas afirmações de Lutero sobre o homem interior (consciência) como oposto contra o homem externo (corpo). Nelas, a consciência expressa a relação com Deus; e o corpo, a relação com o estado terreno, a vocação, o próximo, o mundo. Lutero diz em outra parte que o homem está com a sua vontade limitada perante Deus nas coisas que estão "acima" e livre perante as externas, ou seja, nas coisas que estão "abaixo". Agora ele diz estar a consciência livre mediante o evangelho, e o corpo cativo através da lei.

"A lei subsiste fora do céu, ou seja, fora do coração, fora da consciência. Por outro lado, a liberdade do evangelho permanece além do terreno, isso é, fora do corpo e dos membros seus. Por isso, tão logo a lei e o pecado penetram no céu, a saber, na consciência, devem ser daí logo expulsos. Pois não existe nada de que necessite a consciência para aprender da lei mas tão-só de Cristo. Pelo contrário, quando a graça, a liberdade, etc. entram no que é terreno, isto é, no corpo, deve então ser dito: Não deves ocupar-te com o chiqueiro e com a impureza da vida corporal. Tu pertences ao céu, etc."[28].

No céu (na consciência), o evangelho reina; por isso, a liberdade. Mas na terra governa a lei; por esse motivo, a servidão. "Pois o batismo liberta não a vida e os bens, mas a alma"[29].

Contudo, essas diferentes expressões podem ser acopladas. Liberdade na consciência ou na fé significa liberdade da lei, liberdade

---

[27] Ver o capítulo I, seção 2, acima.

[28] *WA* 40 I, 208 (*Commentary on Galatians*, 1535). Observar a constante identificação de consciência e céu, por um lado, e, por outro, de corpo e terra.

[29] *WA* 18, 359 (*Against the Robbing and Murdering Hordes of Peasants*, 1525 = Contra as Hordas Roubadoras e Assassinas de Camponeses).

em relação à exigência das obras. O evangelho é uma coisa que o homem ouve e recebe, não alguma coisa que ele faça. Mas esse ouvir e receber, essa "liberdade", é idêntico ao desamparo face a Deus, idêntico à vontade serva. O homem tem liberdade em questões exteriores, pois aí deve realizar alguma coisa, aí se encontra o seu estado na vida com as múltiplas obras. Mas assim que esse estado o confronta, a sua "liberdade em coisas externas" é transformada em servidão da lei; e ele está "livre" para obedecer à lei. A liberdade da consciência é liberdade em relação à lei, para dentro das mãos vazias da fé, para a servidão perante Deus. A liberdade em coisas externas é a liberdade para a lei, para as mãos cheias das obras da vocação pessoal, para a servidão perante o próximo.

A visão de Lutero sobre a liberdade complica um pouco mais quando ele introduz a noção de "liberdade para fazer ou não fazer". Para os judeus, Paulo era um judeu segundo a lei; para os gentios, um gentio sem a lei. Em ambos os casos, estava motivado pela fé e amor, os quais conferem o direito de formular decálogos inteiramente novos segundo a necessidade e situação dos outros. "Somente a fé e o amor são necessários. Em tudo o mais, a pessoa é livre para omitir ou fazer".

O ponto de partida de Lutero é 1Co 9.20-22: Paulo "comia, bebia e vivia com os judeus segundo a lei – mesmo não sendo isso necessário para ele. Com os gentios comia, bebia e vivia sem a lei, assim como eles o faziam. Pois apenas duas coisas são necessárias: fé e amor. Em tudo o mais estás livre para fazer ou deixar. Por isso, deves fazer tudo para o bem de uma pessoa e por causa de outra abster-te de tudo e, assim, tratar imparcialmente a elas todas. Se aparecesse uma pessoa convencida e cega insistindo que uma coisa deve, ou não, ser feita, como era o caso de alguns judeus, que as questões devem ser como ela exige, que os outros devem atender a ela enquanto ela mesma acha não ser preciso atender a ninguém, seria isso não só uma violação da igualdade como também da liberdade cristã e uma distorção da fé. A tal pessoa não se deve ceder,

como São Paulo não o fez, pois a liberdade e a verdade devem ser mantidas"[30].

A pessoa não pode se ligar a uma ação externa fixa sem ao mesmo tempo destruir a fé e a "liberdade cristã", isso é, a liberdade de consciência que consiste na confiança da fé no evangelho fora da servidão das obras. Dessa forma, a "liberdade de fazer ou não fazer" é parte integral da "liberdade cristã"; mais precisamente, é a parte mais notável da "liberdade cristã".

Runestam disse algumas vezes que essa "liberdade para fazer ou omitir" é uma inserção desnecessária na visão de Lutero. Mas, ao mesmo tempo, é surpreendente que o próprio Runestam tenha um olho extremamente crítico quanto a uma qualidade morta e endurecida na vocação. É suficiente afirmar que, se a vocação não é uma coisa congelada e sem vida para Lutero, é justamente porque "a liberdade para fazer ou deixar de fazer" deve funcionar. Há liberdade para fazer se o amor ao outro o exige, e liberdade para não fazer se é isso o que o amor ao próximo requer. Através dessa liberdade de agir têm a fé e o relacionamento com Deus real significado no contorno da vocação. A vida segundo a vocação nunca se torna fixa ou rígida. Sempre e sempre encontramos em Lutero conceitos que mantêm seu sistema aberto para novas ações, portas através das quais Deus entra criativamente nas ordens da criação. "Liberdade para fazer ou não fazer" é um desses conceitos.

A mesma porta que abre essas ordens para Deus as abre igualmente para o diabo. Numa vocação imutável poderia funcionar somente um robô. Na verdade, o uso que se faz do ofício desempenha um papel vital, pois, através do seu uso próprio, a vocação é transformada mediante a fé e o amor na comunhão de Deus. Deus torna tudo novo.

Derivado da concepção de uso é o conceito de abuso, uma satânica transformação, a entrada do diabo no mundo das ordens. Devemos

---

[30] *WA* 10 I, 2, 175 (*Adventspostille*, 1522).

reconhecer o fato de que a "liberdade para fazer ou ficar sem fazer" será usada pelo velho homem para a sua própria satisfação e conveniência ou pelo diabo que produz esse pecado no coração. Devemos esperar que, em certas situações concretas, Lutero condenará a liberdade para fazer ou deixar de fazer como pecado ou abuso da liberdade pelo relaxamento humano. E é isso justamente o que Lutero faz.

Na sua *Kirchenpostille*, ele aconselha o abandono da clausura, se a consciência estiver presa ao voto monástico, pois a consciência deve estar livre desse tal voto. A liberdade cristã, a liberdade real da consciência, encontra a sua expressão exterior quando o monástico voto é quebrado e a porta do mosteiro arrebentada. Mas, no mesmo fôlego, adverte a cada um a tomar cuidado para que não seja o velho Adão a impelir a pessoa a deixar o mosteiro em função da "vida livre" no mundo. É para tornar a consciência livre que se deve quebrar o voto monástico, não para libertar a carne a fim de seguir os seus desejos. É como filho de Deus, não como filho do diabo, que a pessoa tem liberdade para quebrar o monástico voto. No último caso, a liberdade é a mesma coisa que o pecado. No primeiro, é a mesma coisa que a fé e o amor. "Toma cuidado para que não seja o patife dentro de ti a fazer a escolha de modo que abandones a ordem por causa de um falso motivo. Pois o velho Adão ama disfarçar-se e, quando é oferecido a ele um dedo, ele toma toda a mão. Podes ser capaz de enganar as pessoas, mas não enganarás a Deus. Caso tenhas teu estado nesta consideração: que possas escapar da ordem e viver como quiseres e não que a consciência possa ser libertada, tu não me seguiste e eu não te aconselhei. Isso deves saber! Podes permanecer bem na tua ordem e ainda assim ter uma consciência livre, de acordo com essa doutrina. Mas, se tu és tão fraco a ponto de seres incapaz de conservar livre tua consciência, então é melhor fugir desse estado"[31].

---

[31] *WA* 10 I, 1, 494 (*Kirchenpostille*, 1522). Devemos também comparar duas passagens em *De Votis Monasticis* (A Respeito dos Votos Monásticos): *WA* 8, 615-616 (contra a liberdade de fazer ou de não fazer) com 664-665 (o amor se eleva acima de todas as leis) (1521).

Em *On War Against the Turk* (1529), dirige Lutero, conseqüentemente, ataques severos contra os governantes que vêem a defesa contra os turcos como alguma coisa que se poderia levar adiante, ou não, conforme a vontade de cada um. É obrigatório ajudar o imperador nessa guerra tanto com a vida quanto com as posses. Falhar aqui é resistir ao mandamento de Deus. Aqui não se tem "a liberdade de fazer ou não fazer".

"Os príncipes não observam nem reconhecem que face a Deus é dever supremo deles e obrigação aconselhar e ajudar o imperador nesse quesito mesmo com a vida e as posses. Cada qual deixa as coisas caminhar como elas querem como se não fossem da conta dele ou como se ele não tivesse nem a lei nem a necessidade a obrigá-lo, como se as coisas o deixassem à vontade para agir, ou não"[32]. Contra essa indiferença em relação ao bem-estar dos súditos (o bem-estar dos seus "próximos"), Lutero afirma que o mandamento de Deus torna imperativo para o príncipe agir em favor dos seus súditos; a responsabilidade está envolvida na vocação do príncipe.

Essa é apenas uma ilustração relacionada com o príncipe, numa dada situação, para afirmar que o velho homem está sob a lei e não tem liberdade para fazer o que bem entende. Essa liberdade só os filhos de Deus a têm. Eles não abusam da sua liberdade, pois de coração pretendem servir aos outros e alegram-se fazendo assim. Da mesma forma que uma árvore não é solicitada a florescer, que 3 e 7 não são requisitados a serem iguais a 10 e que o sol não é ordenado a brilhar, assim também o novo homem não é solicitado a servir ao próximo[33]. Se um homem é realmente avarento, não precisamos dizer a ele as formas de cuidar do dinheiro; ele próprio achará mil diferentes maneiras de empilhar seu capital. De modo igual se deve dar aos filhos de Deus o crédito da liberdade. O resul-

---

[32] *WA* 30 II, 132 e s.

[33] *WA Tischreden* VI, 153.

tado será o serviço aos outros. Mas limites são necessários ao homem nas garras do mal.

"Liberdade para fazer e para abster-se" é um atributo da liberdade cristã em relação à lei na terra. Como já dissemos repetidas vezes, a lei toma forma na ordem, na moral e nas exigências externas do ambiente natural do homem, "vocação" no seu mais amplo sentido.

"Embora o evangelho possa não nos sujeitar à lei de Moisés, ele, contudo, não nos livra totalmente da obediência a todas as leis da sociedade; até pelo contrário, nesta vida corporal, ele nos sujeita às leis do regime em que vivemos"[34].

A liberdade cristã de consciência, indissoluvelmente unida ao amor pelos outros, vem a ser isto: em questões externas a pessoa deve "fazer" de acordo com a lei, seguir a regra costumeira, ou "romper", quebrar a regra tradicional. O amor cristão faz essa ruptura porquanto alguma outra coisa poderia ser melhor para os outros, pois o amor vive no coração daquele que "abandona" a ordem habitual e o impele preferencialmente para uma nova ação em prejuízo de uma prática velha. Assim, o elemento mutável na vocação é representado no amor nascido da fé (liberdade de consciência). Esse amor age inteiramente como quer à medida que discerne a vontade de Deus[35]. O elemento imutável na vocação reside no próprio ofício, que se estende feito uma barreira contra o velho homem visto que o velho homem não é livre para "fazer e abster-se"; ele é simplesmente obrigado a obedecer. Pois, se o velho homem se desvia das exigências e as substitui por alguma coisa nova, essa nova será pior e mais prejudicial aos outros que a antiga. Aquele

---

[34] *WA* 40 I, 673 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[35] Para concretos exemplos de liberdade em relação aos pais e à lei, ver *WA* 30 III, 239-247 (*Von Ehesachen*, 1530). Mesmo a razão natural e a moderação devem transcender a lei escrita. Teremos algo a mais para falar sobre isso mais tarde, na seção "A Nova Criação".

que deseja seguir o seu próprio rumo deve pedir permissão e se examinar se tem ou não amor pelos outros, se é o velho ou o novo homem que o motiva. A permissão (isso é, a liberdade de fazer ou não fazer) é garantida ao novo homem mas não ao velho. Para aquele que tem um amor não-fingido pelo próximo e seu trabalho, a vocação se torna flexível e adaptável. Para aquele que na verdade ama apenas a si mesmo, a vocação se torna rígida, inexorável e coerciva[36].

Apesar de o velho homem não ter permissão de fazer o que deseja, não obstante o faz. Que esteja Deus oculto significa, entre outras coisas, que o homem pode opor-se a Deus, levantar-se contra Deus ou, em outras palavras, que o demônio pode existir. Quem se encontra no poder de Satanás também leva o próprio Satanás para a ordem de Deus e realiza uma obra que é diametralmente contrária a Deus. A obra hostil a Deus pode tomar a forma de negligência na vocação, indiferença e preguiça, todas elas barreiras no caminho da contínua criação de Deus e do seu cuidado pelos seres humanos, o divino cuidado que deseja se ater ao seu propósito através do uso apropriado de cada ofício.

Acima de tudo, o diabo faz uso da religião à medida que espalha a falsa idéia da salvação por obras em lugar da salvação pelo evangelho. Tal fé, como representada pelo papa e os demais escravos da lei, é a principal investida contra a ordem de Deus tanto no céu como na terra. Iludido por essa pervertida religião, o homem faz da liberdade uma servidão e vice-versa. Ele se vê preso quando está livre e se considera livre onde se acha preso. Devemos examinar algumas passagens nas quais Lutero considera a questão.

Cristo liberta a consciência das obras da lei face a Deus, onde é o evangelho que reina, não a lei, não a obrigação relacionada ao com-

---

[36] Essa rigidez na vocação não é de modo nenhum uma ausência da vontade de Deus mas uma expressão dela. O egoísmo deve ser guardado sob controle pela pressão da lei, e o velho homem deve ser crucificado por compulsão para ser fiel na vocação e no serviço aos outros.

portamento exterior. Em direta contradição com a obra de Cristo, a vida monástica prende a consciência a uma forma de vida fixa e externa. A vida monástica é lei e obras diante de Deus. Ao mesmo tempo, o mosteiro tira o homem da sua vocação terrena, na qual, pelo querer divino, está comprometido mediante a lei a servir ao seu próximo. O monge não serve ao seu próximo, a obra que Deus lhe deu, mas assume a liberdade de renunciar a ela. Dessa maneira, o mosteiro prende o homem a obras "face a Deus", onde ele deveria estar livre, e o livra das obras e do amor "perante o homem", onde ele deveria estar obrigado.

> Disso podes aprender mais uma vez que o monasticismo e o clericalismo estão errados para o nosso tempo, pois eles se prendem perante Deus em questões externas que Deus lhes deixa livres; dessa forma, resistem à liberdade da fé e à ordem de Deus. Por outro lado, onde eles devem estar obrigados, a saber, diante dos homens, para servir a todos pelo amor, eles se declaram livres. Nem servem, nem são de utilidade para ninguém, exceto para si mesmos. Assim, eles se põem contra o amor. Por essa causa, eles são um povo pervertido que perverte todas as leis de Deus. Querem ser livres onde deveriam estar obrigados e obrigados onde deveriam estar livres. Além disso, esperam receber tronos mais altos no céu do que os cristãos comuns. Não, eles se sentarão no abismo do inferno, eles que pervertem a liberdade celestial nessa infernal prisão e a servidão amorosa numa liberdade hostil (*WA* 12, 133).

Dessa maneira, Lutero se expressa na sua *Exposition of I Corinthians 7* (1523). No seu *Large Commentary on Galatians* (1535) afirma que a "razão e a natureza humana" invertem a liberdade e a servidão tanto quanto a religião monástica distorce a verdade. É difícil deixar a graça iluminar a consciência enquanto a lei disciplina o corpo. O homem, diz Lutero, prefere "ser livre no corpo e atado na consciência". "Por conseguinte, deixemos que a consciência carregada não pense nada, não saiba nada e encontre a ira e o jul-

gamento de Deus com nada mais senão a Palavra de Cristo, que é a palavra da graça, da remissão dos pecados, da salvação e da vida eterna. Aceitar isso, porém, é a tarefa mais difícil e árdua. Pois a razão e a natureza humanas não se agarram a Cristo num firme abraço, mas logo em seguida escorregam de volta para pensamentos sobre a lei e o pecado. Desse modo procuram sempre estar livres na carne mas presos e cativos na consciência"[37].

O homem quer liberar-se da servidão em relação ao próximo, livrar-se da lei ou do amor e escapar das obras que são apenas para ajudar os outros. Prefere fazer obras que Deus recompensará, obras que satisfazem a sua própria necessidade de considerar-se como bom, santo e religioso[38]. Essas obras apagam a fé perante Deus, privam o homem de sua liberdade infantil face a toda a vida natural e terrena e lhe dá a consciência medrosa e covarde do escravo da lei.

Lembramos que Lutero usava as palavras "livre" e "sujeito, cativo" de uma forma que parecia contradição. Em lugar de "livre perante Deus" e "sujeito em relação ao próximo", Lutero podia falar "sujeito face a Deus" e "livre em assuntos exteriores"[39]. Visto que o homem não pode realizar obras em favor de Deus, mas apenas crer e receber, ele está cativo "para cima" em relação a Deus. E desde que, na terra, deve ele fazer obras em favor do seu próximo, está livre "para baixo" em relação à ação externa, isso é, livre em relação à lei e ao amor. A religião pervertida e satânica destorce a

---

[37] *WA* 40 I, 214.

[38] No tratado *On the Freedom of the Christian Man* = Sobre a Liberdade do Homem Cristão (1520), Lutero diz freqüentemente que uma pessoa é livre pela fé e cativa mediante o amor; no seu *Commentary on Galatians* de 1535, afirma que uma pessoa está presa em matérias externas pela lei, apesar da sua liberdade interna. A relação entre os dois, amor e lei, é expressa na sentença que aparece várias vezes: submete-se o amor espontaneamente às leis e carrega fardos sobre si mesmo para o bem dos outros. Ele entra por esse caminho num "cativeiro voluntário". Esse último ponto é uma idéia fundamental no *Treatise on Secular Authority*. Ver, por exemplo, *WA* 11, 253 e s.

[39] Ver o começo desta seção.

liberdade e a servidão num desses propósitos. Em lugar do serviço ao próximo, a razão e o monaquismo o substituem por uma liberdade sem amor que viola a sociedade natural. Em lugar da liberdade de consciência perante Deus, substituem-na pela servidão a algumas obras fixas e auto-impostas. Rigorosamente analisado, conclui-se nesse ponto que a razão e o monasticismo, as principais formas da religião satânica, distorcem a liberdade e a servidão igualmente no segundo sentido. Em lugar da liberdade em matérias externas, há uma substituição pela servidão legalística a regras exatas ou escravidão a coisas idólatras, e no lugar da servidão da vontade face a Deus, a liberdade da vontade "para cima" é substituída no fato de que o homem não crê em Deus e nem recebe dele, mas vem perante ele apresentando obras. Separado de Deus, o homem realiza obras que têm como foco a Deus e não o próximo. Elas são dirigidas para o céu, não para a terra. Que essa falsa religião altera e inverte a liberdade e a servidão no segundo uso é exatamente o que Lutero afirma de modo específico no seu tratado contra Erasmo.

Numa passagem de *The Bondage of the Will* (A Servidão da Vontade), Lutero coloca o evangelho num lado e Moisés e o papa contra ele, no outro. O evangelho deixa o homem sujeito naquelas coisas que estão "acima dele" e ao mesmo tempo lhe dá liberdade nas relações externas quanto às coisas criadas. Ao contrário disso, Moisés e o papa privam o homem da liberdade em questões exteriores e o sujeitam às coisas criadas. "O evangelho deixa-nos ao nosso próprio arbítrio de modo que possamos decidir e agir nos assuntos como queremos. No entanto, Moisés e o papa não deixaram para nós essa escolha; eles nos coagiram através de leis e nos sujeitaram preferencialmente à sua vontade[40]. Com isso, torna-se o homem escravo da lei e escravo do pecado, isso é, cativo dos poderes do mal. Implica esse fato que perante Deus ele tem um livre arbítrio que é mau e que deve, por íntima necessidade, ser do mal.

---

[40] *WA* 18, 672 (1525). O contexto fala dos dois reinos, o celeste e o terreno.

Bring chama-nos a atenção para o peculiar dualismo em *The Bondage of the Will*. Por um lado, Lutero nega absolutamente que tenha o homem liberdade na sua vontade; mas, por outro lado, fala do livre arbítrio face a Deus como realidade positiva embora má no caráter. Livre arbítrio, assim, representa hostilidade contra Deus, "o diabo", como Runestam o expressa no seu resumo do curso do desenvolvimento de Lutero até 1525. O livre arbítrio realiza alguma coisa perante Deus, mas o que ele faz é puro mal. Sempre responde à ação da lei; e, desde que o homem, sob o domínio de um livre arbítrio mau, permite que a lei determine a sua relação, ele está na verdade, e não só de modo aparente, ativo contra Deus. Pois, conforme o desejo divino, a lei deve ser operante, não em relação a Deus, no céu, mas apenas sobre a terra. Na consciência ou perante Deus, a lei é um tirano e uma obra do diabo, que deve ser reduzida a seu lugar próprio, o corpo e a terra, pelo evangelho de Cristo[41]. Na consciência, a lei e o livre arbítrio são maus em sua ação; tudo isso é ação do diabo contra Deus[42].

O dualismo entre Deus e o diabo pode ser o elemento no pensamento de Lutero que torna significativo a dualidade terminológica apontada por Bring. Por um lado, quando o homem está sujeito, por Deus, na fé, ele não tem nenhum livre arbítrio face a Deus. Ele só tem liberdade em questões externas para fazer o bem na terra, contra o diabo. Por outro lado, quando, em falsa fé, o homem está preso pelo diabo, ele abandona a sua liberdade em assuntos externos e, então, nesse aspecto, escravo do diabo, dirige seu livre arbítrio para cima, perante Deus, tornando mau seu livre arbítrio, fazendo dele uma

---

[41] A outra face da questão, porém, permanece verdadeira. No segundo uso da lei pode ser dito que o próprio Deus força a lei para dentro da consciência. A cruz e a inquietação espiritual podem ser representadas como vindas de Deus bem como do diabo. O objetivo de Deus num desvio da sua própria ordem tal como o segundo uso da lei é a vitória sobre o diabo, a salvação do homem do poder do mal.

[42] Entre os lugares nos quais Lutero fala do livre arbítrio como mau e ativamente contrário a Deus, deve ser mencionado o seguinte: *WA* 18, 670, 750, 751, 759 e 760.

ferramenta na mão do diabo, contra Deus. O homem é colocado entre Deus e o diabo. Quando ele está submetido por Deus, acha-se livre em relação ao diabo. Quando está sujeito ao diabo, encontra-se livre contra Deus. No primeiro caso, o livre arbítrio opera em questões externas, na vocação, dirigido para baixo, seguro por Deus; isso é bom. No último, o livre arbítrio opera perante Deus, no céu, dirigido para cima, controlado pelo diabo e, em razão disso, torna-se mau. Dessas posições, uma ou outra o homem deve tomar.

Mas como esse livre arbítrio real pode ser reconciliado com a noção da servidão da vontade, que Lutero demonstrou no seu escrito contra Erasmo? A esse tema duas respostas complementares podem ser dadas.

Face a Deus, o homem pode ser livre apenas enquanto mau. Não pode ficar separado de Deus e continuar independente dele sem ficar preso ao adversário e inimigo de Deus, como escravo do diabo. Assim como ele não pode ser livre em questões externas a não ser confiando-se ao poder de Deus, de forma semelhante ele só pode ter liberdade em relação a Deus submetendo sua vontade ao diabo. Sendo assim, a vontade do homem está presa, ou em relação a Deus, ou em relação ao diabo. Essa dupla significação do termo "livre arbítrio" não constitui um mero expediente para tornar Lutero inteligível; ela corresponde à própria definição de Lutero na introdução de *The Bondage of the Will*, onde ele usa a ilustração da montaria e daquele que monta; ou Deus "monta" na vontade, ou o diabo o faz. Em ambos os casos, a vontade do homem está cativa. O homem seria livre da servidão da vontade tão-somente se a vontade fosse livre e descompromissada, sendo capaz de escolher o seu cavaleiro ou prosseguir a sua vida sem nenhum deles. Mas isso é impossível porque Deus e o diabo não estão longe da vontade mas próximos a ela, e nunca há uma pausa na sua luta, nas suas garras que se revezam sobre a vontade, a besta de carga[43].

---

[43] *WA* 18, 634-635.

É o que basta para a primeira resposta. Até esse ponto, os dois contendores, Deus e o diabo, parecem estar no mesmo pé de igualdade. Mas quando Lutero considera o momento da luta em que Deus prevalece contra o diabo e conquista a vontade para seu lado, ele afirma que também aqui, igual a quando a vontade estava sob a posse do diabo, os homens são escravos e prisioneiros de Deus; mas, ele observa, "essa é, não obstante, uma liberdade real[44]. Nada como isso é dito ao pintar o cativeiro da vontade em relação ao diabo. Ao contrário, Satã é chamado de tirano. Deus, ao submeter a si a vontade humana, livra-a das forças do tirano. Sob o domínio divino, toda a situação humana é definida como liberdade; sob o satânico, servidão. Esse é o uso possível mais amplo da noção de liberdade e escravidão. E aqui os dois contendores parecem não estar no mesmo pé de igualdade. Deus criou o homem, e o homem foi destinado para Deus. Quando o homem volta a ser de Deus, ele se torna aquilo para o que foi concebido. Por esse motivo, esta é a liberdade para ser conquistada por ele: escapar desse alienígena, desse poder maligno, que usurpou o que é de Deus. Essa é libertação para tornar-se aquilo para o que foi criado o homem. Os dois litigantes não estão colocados em situação idêntica. Mas, como Deus é Senhor e Criador, implica uma absoluta culpa diante dele se o homem de coração voluntário luta contra a sua vontade, e é exatamente isso que ele faz nas mãos de Satanás. Quando ele volta a sua má liberdade para cima em direção a Deus, ele fica inevitavelmente sob o julgamento de Deus, sem a possibilidade de escapar dele. Essa é a segunda resposta. Na fé, ele está preso pelo amor de Deus. Na descrença, pela ira de Deus. Dessa forma, em ambos os casos, a sua vontade está cativa na sua relação com Deus, isto é, o homem não tem nenhuma escolha. Deve aceitar a Deus assim como ele é e sujeitar-se a ele.

---

[44] *WA* 18, 635.

3 A Confusão dos Reinos

Devemos dar mais atenção à confusão há pouco mencionada quanto ao correto lugar para a liberdade e para a servidão. Em lugar de reforçar a liberdade de consciência e a servidão do corpo, como o queria a ordem de Deus, Satanás engana o homem, por um lado, em relação à servidão da lei na consciência (o papa) e, por outro, à liberdade da lei em questões corporais (exemplo: a revolta dos camponeses). Essas duas formas de confusão, que parecem tão diferentes, fazem violência à mesma e única ordem dos dois reinos, com o evangelho num e a lei no outro. No reino espiritual, o evangelho deve reinar, o qual evangelho é contra a tirania do papa sobre as consciências. No reino mundano, a lei deve reinar com a sua demanda por obediência; e isso é contra a sedição dos camponeses. Observando mais de perto essas duas formas de confusão, temos ocasião de aqui interpor o que foi dito na seção precedente sobre o conceito de vocação.

A lei é destinada a legislar na sociedade e a mostrar aos homens as exigências das suas vocações na terra. Pega o papa essa lei e a coloca no céu como o caminho no qual a obediência (à lei) conduz o homem para o céu e a salvação. Em assim fazendo, o papa destrói o evangelho embora continue a lei, estabelecida como entrada para o céu, a ser a própria lei boa de Deus, ordenando o verdadeiro cumprimento da vocação de uma pessoa.

"Se o servo cumpre o seu ofício, obedece ao mestre seu e, além do mais, o serve com a máxima diligência; se aquele que é livre, exerce autoridade e governa o reino e dirige sua família de forma digna de louvor; se o homem faz aquilo que lhe cabe como homem casando-se, dirigindo os negócios da sua família, obedecendo ao magistrado, agindo honesta e decentemente em relação a todos; se a mulher vive castamente, é obediente a seu marido, toma conta de sua casa com muito cuidado, educa bem seus filhos (que, na verdade, são dons sublimes e honradas obras) – se e ainda que tudo isso

aconteça, nenhuma dessas coisas não significa nada como justiça perante Deus"[45].

Lutero também acusa o papa de modificar o teor da lei. Ele prega cerimônias e coisas semelhantes, que levam os homens para longe da sua vocação na terra. "Mas o papa não apenas misturou a lei com o evangelho, mas do evangelho fez simples leis, por sinal, leis cerimoniais. Mesclou a lei política e civil com a eclesiástica, o que, em verdade, é uma confusão demoníaca e infernal"[46].

Ambas as distorções, transferir a lei da terra para o céu e corromper o seu conteúdo, estão associadas, como Lutero explica na sua exegese do texto sobre os dez leprosos[47].

Quando o homem crê, não há lei na consciência mas Cristo. Por isso, as obras não objetivam a auxiliar a fé ou a vida religiosa. A fé já está completa e não precisa de nenhum apoio da vida cristã, pois Cristo é perfeito. As obras têm um significado profundamente oposto. O próximo não possui tudo aquilo de que necessita; está em precisão de uma coisa ou outra, de conselho e fortalecimento. Há uma tarefa para as boas obras: descer à situação terrena. O próximo é o objeto procurado e, além dele, não há nada, feito o caminho que leva a uma choupana insignificante e pára por aí mesmo. Essa obra está em acordo com o mandamento de Deus.

Mas o papa e os líderes cegos fazem das obras um poder para a salvação e uma fortaleza para a fé. Com isso, o homem perde a legítima, pura e cordial preocupação com o seu próximo. Tudo é feito para a salvação do próprio homem, para beneficiar a si mesmo; tudo se vira para Deus e o céu.

Coisas materiais devem ser dadas ao próximo, não a Deus. "Mas, nessa mais trágica era, a insistência é posta sobre elas, como se essas

---

[45] *WA* 40 I, 543 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[46] *WA* 40 I, 209 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[47] *WA* 8, 362-363 (1521).

coisas fossem necessárias (para a salvação) e apenas elas dissessem respeito à adoração de Deus apesar de elas serem dadas para o conforto e bem-estar humano. Embora não seja Deus, mas os homens que tenham necessidade delas, não são dadas aos homens e, sim, a Deus mediante uma cegueira espantosa. Há algumas pessoas que dizem: 'Sabemos que Deus não precisa delas' – mas não respondem se lhes perguntas: 'Por que dás essas coisas a Deus, que não deseja e as roubas do teu necessitado irmão, o que é contrário à vontade de Deus?'"[48].

Essa é uma moralidade que sempre vê atrás do próximo alguma coisa além da mesma pessoa. Incapaz de permitir alguma coisa ser puramente humana e terrena, ela deve permitir que a sua falsificada religião pingue sobre tudo. Para essa moralidade, o teor das obras necessariamente se torna alguma coisa diferente, "mais cristã" que o ordenado por Deus. Nesse ponto, a consciência doente e enuviada precisa levantar construções eclesiásticas, proferir preces verborrágicas e fazer jejuns em lugar do amor sem afetação voltado para o próximo.

"Afastando as obras de si mesma, a fé as dirige para os outros em amor. Esses mestres cegos, porém, as tomam do seu próximo e as transferem para si mesmos sufocando e extinguindo, assim, tanto o amor quanto a fé. Incentivam o homem a só amar a si mesmo e o levam a se esforçar apenas para a sua própria salvação e a confiar nas suas próprias obras. A conseqüência disso deve ser uma consciência terrivelmente perturbada, resultando em muita ansiedade sobre a sua própria salvação, a construção de igrejas, muitas orações, jejuns para os santos e obras desse jaez, que não são de nenhuma utilidade. Todas as espécies de miséria e infortúnio são obrigadas a seguir, como podem agora ser vistas nos mosteiros de monges e nos de freiras e nas universidades"[49].

---

[48] *WA* 1, 460, onde Mt 15.5 é exposto (*Decem Praecepta*, 1518).

[49] *WA* 8, 363 (*Exposition of the Pericope about the Ten Lepers*, 1521). Ver também 362.

É das obras da vocação que essa moralidade eclesiástica arranca o ser humano[50]. Quando as obras são transformadas na condição para o homem salvar-se, elas facilmente se tornam alguma outra coisa que não as da vocação. Quando a lei se torna o caminho da salvação, ela vai contra o mandamento e a ordem de Deus.

A outra forma de confundir as coisas, que foi a revolta dos camponeses, do ponto-de-vista da vocação, tem a mesma conseqüência, apesar do fato de essa confusão mover-se em direção oposta. A liberdade de consciência quanto à lei na sua totalidade foi levada a efeito por Cristo e é possuída na fé até que seja plenamente realizada no céu após a morte. Essa liberdade, os camponeses a transformaram numa liberdade em questões exteriores aqui na terra: sacudir o poder dos seus governantes, tomar as suas armas e iniciar uma revolta sangrenta.

Um escravo tem liberdade cristã, liberdade de consciência, sustenta Lutero, e ainda permanecer escravo. Um prisioneiro ou um inválido não cessa de ter a liberdade de um filho de Deus simplesmente por estar confinado à prisão ou ao leito. Insistir em que as diferenças em posição externa devam ser abolidas seria transformar o reino mundano no reino espiritual de Cristo, no qual os governantes e os servos indubitavelmente estão no mesmo nível. Isso é não só impossível como ainda contrário à vontade de Deus. Pois, o governo secular não pode ser conservado sem essas diferenças, isso é, sem autoridade e obediência[51].

Devemos diferenciar entre terra e céu, lei e evangelho, vida aqui e vida que haverá de vir na ressurreição. Durante a existência na

---

[50] *The Smalcald Articles* e *WA* 6, 448 (*Address to the Christian Nobility* = Mensagem à Nobreza Cristã, 1520). Um traço característico do ataque às peregrinações: a pessoa deixa para trás o lar, a igreja e o próximo.

[51] Cf. *WA* 18, 326-327, com referência a 1Co 7.20 e s. Esse é o ponto de partida para o uso de Lutero do termo vocação (*Admonition to Peace: a Reply to the Twelve Articles of the Peasants in Swabia*, 1525 = Admoestação à Paz: uma Resposta aos Doze Artigos dos Camponeses da Suábia).

terra, a lei deve dominar. Isso quer dizer, entre outras coisas, que devemos esperar cruz, tribulações e pesados fardos. "O evangelho não leva em conta matérias seculares e faz que a vida externa consista apenas de sofrimento, injustiça, cruz, paciência e desprezo pela riqueza e pela vida temporal"[52].

Tomar as questões em nossas próprias mãos e rejeitar o jugo, recusar-se a obedecer e a sofrer, significa deixar a comunhão de Cristo; pois, quando Cristo se encontrava sobre a terra, estava sujeito à lei e foi crucificado. Por causa disso, ele sobe aos céus e promete a vida eterna no céu a cada um que crê e toma a cruz de Cristo na terra.

Um homem não pode, como cristão, atacar o governante mesmo sendo esse governante injusto. Deve, como cristão, aceitar a circunstância e preparar-se para sofrer injustiça. Caso insista em atacá-lo, que o faça; mas deve devolver, então, o nome de cristão[53]. A espada não tem lugar no reino espiritual. Até mesmo a guerra necessária e justa contra o turco é, segundo Lutero, uma necessidade terrena. Essa é uma guerra na qual a pessoa participa como súdito e não como cristão[54]. Seria mais perverso, então, que o levante camponês, feito em nome do evangelho. A guerra contra os turcos foi fiel à vocação terrena da pessoa, mas o levante camponês foi uma violação da vocação e uma suspensão dessa mesma vocação.

Lembramos a exortação de Lutero à oração quando o perigo do turco se aproximava[55]. Para os camponeses oprimidos, a exortação é exatamente a oração. Só havia uma coisa para eles fazerem: orar, implorar a Deus para ajudar a agüentar a ordem que ele mesmo instituiu sobre a terra.

---

[52] *WA* 18, 321.

[53] *WA* 18, 322.

[54] Não há nenhuma espécie de guerra que Lutero consideraria uma "cruzada", uma palavra que em si mesma implica uma confusão dos dois reinos.

[55] Ver seção 1 deste capítulo.

"Ouviste acima que o evangelho ensina devem os cristãos suportar e sofrer injustiça e orar a Deus em todas as suas necessidades, ainda que não estejas disposto a sofrer, mas, como o pagão, forces os governantes a conformar-se com a tua impaciente vontade. Tu citas os filhos de Israel como exemplo, dizendo que Deus ouviu o seu clamor e os livrou. Por que tu não segues o exemplo que tu mesmo evocas? Pede a Deus e espera até que ele te mande um Moisés, que provará por sinais e maravilhas que ele é mandado por Deus. Os filhos de Israel não se amotinaram contra faraó nem tentaram ajudar-se como tu propões que se faça. Essa ilustração, por isso, é inerte contra ti e te condena. Tu te gabas dela e, no entanto, fazes o oposto"[56].

O orar é uma ação positiva, através da qual novas e revolucionárias sendas são abertas, pois ela traz à terra o Deus que é livre de todas as ordens externas. O fim da oração perseverante é convocar a Deus, que vira o mundo de cabeça para baixo[57]. Para esse importante aspecto da visão de Lutero, vamos dedicar posteriormente uma seção especial em nosso estudo. Agora devemos ater-nos à espécie de confusão que observamos.

A confusão dos dois reinos, terra e céu, ou dos dois estados, terreno e espiritual, é a conseqüência de se confundir liberdade e servidão nas duas formas como observamos (pelo papa e, de mesma forma, pelos camponeses). Essas perversões do mundo de Deus são obra do diabo, *opus diaboli*, uma ação hostil contra Deus, através do mal no coração dos homens[58].

---

[56] *WA* 18, 320 e s.

[57] A subversão pode ocorrer através do envio de um homem-milagre, um *vir heroicus*, que rompe a ordem estabelecida e com enorme poder gera novas circunstâncias. Na ilustração que Lutero usa aqui, Moisés é apresentado como um *vir heroicus* (ver a citação acima da nota precedente).

[58] Essa confusão é um abuso cuja responsabilidade recai sobre o homem.

Lutero usa uma linguagem forte para descrever como os homens se tornam prisioneiros de Satanás e são levados à traição da vocação, à desobediência e à violência. Quanto aos camponeses em revolta, ele diz que o diabo deixou o inferno e fez entre eles a sua habitação[59]. É o diabo que leva o papa e os anabatistas a substituir a espada, confiada aos governantes seculares, pela arma do estado espiritual, a saber, a Palavra.

Mas acrescenta imediatamente ser também o diabo que leva as autoridades mundanas (príncipes, reis, nobres e juízes) a intervir no exercício da "espada oral", o ofício da pregação. Quando os governantes seculares querem dizer aos ministros da Palavra como pregar, eles se tornam culpados de abandonar sua vocação e ultrapassar os limites do governo terreno. A tal ação, o ministro da Palavra deveria dizer: "Tu, simplório estúpido e ímpio, cuida da tua própria vocação; não queiras pregar, mas deixa que o teu pastor o faça"[60].

É vital para cada um limitar-se à sua própria vocação e permanecer nela. Ele não deve renunciar a ela como o fazem tanto os súditos revoltosos como os príncipes tirânicos. Mesmo aqueles que são os mais poderosos sobre a terra devem, conforme o querer divino, deter-se perante a Palavra.

Por sua parte, um homem de igreja deve abster-se de todas as armas terrenas, de toda coerção e desejo por poder mundano, pois a Palavra não deve usar nenhuma força externa. O pregador que vai adiante confiando simplesmente no poder interno e invisível da Palavra pregada, é assim alguém fiel à sua vocação. "Por isso, temos de distinguir entre duas varas ou espadas de modo que nenhuma interfira na outra. Estão todos pegando a espada. Os anabatistas,

---

[59] *WA* 18, 359 (*Against the Robbing and Murdering Hordes of Peasants*, 1525).

[60] *WA* 46, 735 e s. (*Exposition of John 1 and 2*, 1538). Cf. 734 e 735: "o diabo é o autor de tudo isso, que não descansa até confundir essas duas espadas. Não é nada novo o diabo misturar todas as coisas".

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martinho Lutero

Müntzer, o papa e todos os bispos querem ter o comando e o governo mesmo que tal coisa não pertença à sua vocação. Isso é o diabo maldito[61]. A igreja ou o evangelho é Cristo, e Cristo não teve poder secular. Ele estava sem defesa perante aqueles que o crucificaram.

Em geral, o diabo mistura os dois reinos mediante um desvio da vocação e uma violação da vocação da pessoa, isso é, através do abuso dos seus próprios ofícios. Satanás tenta os homens nesse sentido. Isto é vocação: o cuidado correto pelo ofício, o qual é traído quando a confusão toma conta. Contra isso, contra o *opus diaboli*, Deus salienta a sua oposição tanto pelo evangelho como pela lei. O evangelho deve dominar no reino do céu, e a lei no reino terreno.

Nessa dupla forma, a Palavra de Deus recoloca os dois reinos na sua relação própria e desfaz a confusão demoníaca deles. Pois a lei diz que os homens devem sujeitar-se às ordens terrenas. Ao mesmo tempo, o evangelho diz que essa obediência na terra, obediência à vocação, não beneficia em nada perante Deus, nem precisa fazer isso, pois no céu é dada gratuitamente a misericórdia, que aí detém a primazia. Ambas as formas de confusão, conseqüentemente, são eliminadas: a confusão do papa, pela qual a lei é estabelecida no céu; e a confusão dos camponeses, pela qual o evangelho é visto como lei em assuntos seculares.

No uso espiritual da lei, Deus mesmo faz a lei agir na consciência. A ansiedade que Deus provoca é a escalada da lei para o céu[62]. Mais outra coisa, no amor do novo homem, Deus permite que o evangelho conceda uma liberdade exterior em relação à lei terrena porque o amor se levanta acima de todas as leis[63]. Poderia ser, então, que Deus mistura os dois reinos e apaga os limites entre eles? Tal é a verdade num certo sentido, embora Lutero jamais fale dessa

---

[61] *WA* 46, 735 (*Exposition of John 1 and 2*, 1538).

[62] Ver o capítulo I, seções 5 e 6.

[63] Ver o capítulo I, seções 4 e 6; capítulo II, seção 2.

ação de Deus como confusão ou mistura dos reinos. Mas a batalha entre Deus e o diabo é vista como sendo uma batalha real no próprio fato de que as ações dos dois contendores são muito parecidas, e as posições de ambos são móveis e mutáveis.

Com respeito ao desespero do homem e ao amor cristão como soberano sobre a lei na terra, reconhecemos que a vocação exerce um proeminente papel em ambos. Há pouco, declaramos que ambas as formas da confusão demoníaca – a do papa e a dos camponeses – surgem de um abandono, de uma renúncia à vocação. Na ruptura dos limites que Deus provoca entre os dois reinos, as duas formas de ruptura (a perturbação de consciência e o amor do novo homem) aparecem na leal continuação do homem na vocação. É a própria vocação que sujeita o homem, e, à medida que o homem lhe resiste, ele se atormenta. O homem novo, livre, não se desvia na sua ação; mesmo sem a lei, ele se entrega em íntima alegria à sua vocação, transformando-a em harmonia com a divina vontade criativa do amor, que vive no novo homem através de Cristo. Seu objetivo é servir ao próximo.

Olhemos primeiro o desespero do homem. Na sua exposição de Jn 2.4, Lutero coloca bastante ênfase na afirmação de que foi Deus, não simplesmente a tripulação, que lançou o profeta ao mar; não foram simplesmente as ondas do mar, mas ondas de Deus, que o envolveram[64]. Assim a consciência atribulada observa tudo ao seu redor – natureza, coisas e todas as criaturas. Todas elas são instrumentos com os quais a ira de Deus aterroriza a consciência. Para Jonas, que tomou em suas próprias mãos escapar de Deus e sua vontade, a tripulação, a tormenta e as ondas foram expressão divina, ação de Deus e instrumentos no perturbar a consciência.

---

[64] O versículo está incluído no salmo que Jn 2 põe na boca do profeta: "Pois me lançaste no profundo... todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim". A exposição de Lutero se acha em *WA* 19, 226-227 (1526).

> Então ele esquece as pessoas que o atiraram ao mar e diz que Deus fez isso. 'Tu', ele diz, 'tu me lançaste, etc.' Pois assim parece à consciência que todo infortúnio que se abate sobre nós é a ira de Deus; e todas as coisas criadas parecem a nós ser Deus mesmo e a ira de Deus embora não seja mais que uma folha sussurrante... Assim, ele não diz: 'As ondas e as vagas passaram sobre mim' – mas: 'Todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim' – porque sente na sua consciência que o mar, com as suas ondas e vagas, serve a Deus e a sua ira, que pune o pecado. Ele diz: 'Todas as ondas e vagas passaram sobre mim' – pois sente como se todas as águas no céu e na terra passaram sobre ele, como se ninguém mais a não ser ele fosse oprimido pela ira de Deus e como se todas as coisas criadas estivessem com Deus e contra ele[65].

Está implicado que todas as coisas e relacionamentos externos em que vive o homem representam Deus para ele; eles são "máscaras de Deus", *larvae Dei*. Esse aspecto da visão de Lutero é da máxima importância. Nós logo daremos total atenção a ele. Deus não vem ao homem em pensamentos e sentimentos que brotam nele quando se isola do mundo, mas, sim, naquilo que sucede ao homem nos eventos externos e tangíveis que se dão ao seu redor.

À luz disso podemos entender um importante desenvolvimento de pensamento no *Treatise on Good Works* (1520), onde é explicado como a fé pode ser todo o conteúdo da vida de um cristão de modo que, além da fé, não há de modo algum uma ação peculiar a ser requerida. Lutero explica dessa forma: a vida jamais é inativa. A todo momento, o homem está fazendo alguma coisa ou rejeitando algo, sofrendo algo ou fugindo de alguma coisa. Se um homem se conscientiza de que todo minuto em sua vida deve passar em indubitável confiança em Deus e certeza da graça de Deus, "ele des-

[65] *WA* 19, 226-227.

cobrirá o quanto há para ele fazer e que tudo se acha enraizado na fé de modo que nunca fique parado a não ser que a própria ociosidade contribua para o exercício e operosidade da fé"[66].

Seu ponto de vista é não que as obras fluam da fé, e, sim, que as obras, de fora, sejam instiladas no homem mediante o próprio movimento da vida. A fé exige que todo momento e ação sejam aceitos em fé e conduzidos na fé; as obras devem ser feitas na fé. A fé é severamente testada quando, em circunstâncias externas, Deus nos traz sofrimentos e problemas tais como ódio e calúnia da parte de nossos inimigos, doença e outros amargos infortúnios[67]. Algumas vezes é impossível aceitar confiantemente aquilo que sucede, e o desespero aparece. Então, a disciplina de Deus vem sobre nós com força. Deus põe a cruz sobre o velho homem, a quem ele mata e levanta de entre os mortos. Em tais épocas de cruz e desespero, o homem deve orar e clamar. Através da prece e do louvor, a fé cresce e "volta-se para si mesma" de sorte que, em poder, ela possa avançar em novas obras.

> Tão logo o mau espírito encontra essa fé e honra e serviço a Deus, ele se enfurece e principia a sua perseguição. Ataca o nosso corpo, bens, honra e vida. Traz sobre nós doença, pobreza, vergonha e morte, que Deus inflige sobre nós e prescreve para nós dessa forma. Assim, a fé é tentada severamente tal como o ouro no fogo. É uma grande coisa conservar a confiança em Deus tão firmemente olhando para ele como o mais gracioso Pai embora ele apareça num tão terrível semblante de ira ao infligir sobre nós morte, vergonha, saúde precária e pobreza... Nesse ponto, o sofrimento obriga a fé a clamar pelo nome de Deus e a louvá-lo em tal sofrimento... A fé cresce precisamente mediante essa oração e louvor a Deus e, com isso, ela se restabelece e se fortifica. Dessa maneira, a fé se escoa

[66] *WA* 6, 212-213.

[67] *WA* 6, 266-267 (*Treatise on Good Works*, 1520).

> em obras, retornando a si mesma através dessas mesmas obras enquanto o sol nasce e deita e volta mais uma vez a nascer[68].

Eis a idéia, típica de Lutero, de que a oração é o ponto crítico no qual o sofrimento posto sobre nós pára de ser uma pesada cruz e se torna fácil de suportar porque na oração Deus mesmo vem ao homem e o ajuda a viver e a agir.

Para o cristão, o desespero e a liberdade interior se alternam, e entre eles está a oração, que transforma todas as coisas porque nela se acha Deus criativamente presente. Cruz e desespero vêm juntos na vocação e dirigem o homem para a oração. A fé renascida e fortalecida por Deus na oração capacita o homem a "descer do céu como uma chuva que frutifica a terra"; pois o homem "cumpre sua vocação com sincera alegria" e submete-se a leis injustas[69]. A luta entre o velho homem e o novo é, de fato, oração. É o velho homem que suporta a cruz do chamado; é o novo homem que se alegra na vocação e de dentro lhe dá um novo caráter assim como um homem que transforma e enfeita a prisão na qual vive espontaneamente e aí prospera. Entre a noite de desespero e o tranqüilo dia de trabalho pairam a fé, a oração e a luta.

Continuando a longa citação acima encontrada no *Treatise on Good Works*, Lutero afirma: "Por esse motivo, nas Escrituras, o dia está associado com a vida calma do trabalho duma pessoa e a noite com os sofrimentos e as adversidades da vida. A fé está viva e ativa em ambos, entrando e saindo por eles como Cristo fala em Jo 9"[70]. Com isso, já estamos tocando no segundo ponto, o amor no novo homem. Nesse amor vivem a alegria e a liberdade, pois, se uma

---

[68] *WA* 6, 249.

[69] *WA* 40 I, 51 (*Commentary on Galatians*, 1535). Cf. *WA* 34 I, 511 (*Sermons*, 1531; Rörer).

[70] *WA* 6, 249.

pessoa alegremente ajuda as outras e com espontâneo coração recebe as tarefas diárias, ela é interiormente libertada, ficando livre da lei. O que se faz na liberdade da lei está em consonância com a lei como o divino imperativo; e vai além de toda a obediência exigida pela lei[71]. O que promove o bem-estar dos outros e lhes traz a paz não pode ser antecipadamente posto em regras.

"Aquilo que o amor é deve mostrar-se em relação ao tempo e lugar"[72]. O amor almeja o que é bom para os outros e, por esse motivo, se eleva acima de todas as leis (cujo verdadeiro objetivo é impor alguma coisa boa para os outros). E já que a vocação implica minha relação com os outros, o amor pelos outros é *eo ipso* (por isso mesmo) o cumprimento da minha vocação. É o próprio vocabulário da vocação, os termos "estado" e "ofício", que Lutero usa quando fala do amor espontâneo voltado para os outros. "Se te encontras numa obra através da qual realizas alguma coisa boa para Deus, ou para o santo, ou para ti mesmo, mas não para teu próximo somente, deverias, então, saber que tal obra não é uma boa obra. Pois cada qual deveria viver, falar, agir, ouvir, sofrer e morrer em amor e serviço pelo outro, mesmo pelos seus inimigos, o marido pela sua esposa e filhos, a mulher pelo seu marido, os filhos pelos pais, os servos pelos senhores, os senhores pelos servos, os governantes pelos súditos e os súditos pelos governantes de modo que a mão, a boca, o olho, o pé, o coração e o desejo duma pessoa seja para os outros; tais são as obras cristãs, boas por natureza"[73].

---

[71] *WA* 10 I, 2, 178 (*Adventspostille*, 1522), *WA* 17 II, 95 (*Fastenpostille*, 1525); cf. capítulo II, seção 2.

[72] *WA* 56, 511 (*Commentary on Romans*, 1515-16).

[73] *WA* 10 I, 2, 41 (*Adventspostille*, 1522). Aí esse trabalho do amor na vocação é posto em contraste com "o trabalho dos papistas, que não têm consideração pelos outros, mas é direcionado para Deus e para a própria salvação daqueles que trabalham. Por exemplo, várias ações litúrgicas, peregrinações e jejuns são nomeados. Mas, se um homem negligencia seu próximo, abandona a sua vocação. Inversamente, se o homem foge da sua vocação, ele foge do seu próximo.

Mesmo no mais simples dever em casa, por exemplo, o casamento se mostra como um estado espiritual, cheio de fé e amor, ao passo que as assim chamadas ordens espirituais são mundanas, faltando-lhes a fé e o amor, porque separam o homem do seu próximo e do seu trabalho diário; em conseqüência, pois, o separam do desespero da vida e da comunhão com Deus. No mosteiro, é retirada a pessoa não só das ansiedades da vocação como também da transformação da vocação[74]. A "mescla" dos dois reinos feita por Deus, contra o diabo, toma lugar fora no mundo, na vida natural como Deus a fez. Deus se torna real, como ira e como amor, para aquele que mantém ininterrupto contato com a sua vocação e se conserva nela. Real confusão e mistura dos dois reinos, fora da vocação, é a mescla diabólica dos dois reinos.

A luta entre Deus e o diabo reaparece aqui e ali através de todo o mundo e em todo coração. Onde a fé vitoriosa domina, tudo é evangelho e liberdade, e nada provoca desespero ou se prostra. Onde não há fé, tudo no céu e na terra é lei e aterrorizante escuridão, que alimenta o nosso desespero. Tanto a fé como a descrença transformam todas as coisas, cada qual fazendo uso de todas as coisas na luta de uma contra a outra. A tentação na vocação é a procura de Satanás para tirar o homem da sua vocação. Se isso acontece, a tentação foi uma boa ferramenta para o diabo e lhe trouxe a vitória. Mas se a fé resiste à prova, a tentação tão-somente serviu para fortalecer a posse do homem por Deus; como boa ferramenta, confirmou a fé o domínio de Deus sobre o diabólico poderio.

Segundo Lutero, deve-se falar não só do Deus vivo mas também do diabo vivo. Deus está presente em todo lugar, e assim também o

---

[74] *WA* 12, 105-108 (*Exposition of 1Co* 7, 1523). Lutero não só enfatiza o fato de que a obra do chefe de família acontece na fé e, por isso, no Espírito, mas também o de que todos os problemas surgidos a sobrecarregar toda e qualquer família dirigem as pessoas a uma angustiada oração.

diabo[75]. Por isso, a luta do homem deve continuar incessantemente, e ele deve orar sem cessar. "Quem é o senhor no seu coração? Quem pode resistir ao diabo e à carne? É impossível para nós defender-nos até mesmo do menor pecado. A Escritura diz que somos prisioneiros do diabo, nosso príncipe e deus. Somos forçados a fazer o que ele quer e nos instiga a fazer... mas deveria, por isso, tal condição ficar impune e ser considerada correta? De jeito nenhum! Devemos clamar a Deus para nos ajudar e resistir ao pecado e àquilo que é errado." A certeza da presença ativa do diabo leva-nos a oração"[76].

Deus está em todas as coisas, "na pedra, no fogo, na água e no ar, mas ele deseja que o procuremos somente na Palavra, que é clara e evidente[77]. O diabo esconde-se atrás de todas as coisas de modo a enganar o homem, mas a Palavra desvela o diabo em todos os seus disfarces e o desmascara. "Tão-somente a Palavra o descobre de modo que não pode esconder-se de novo"[78].

Dessa forma a Palavra, junto com a vocação, permanece de pé como o firme apoio do homem, colocado entre Deus, o Criador, e o diabo, o usurpador.

O evangelho e o estado da pessoa são postos lado a lado consti-

---

[75] Já falamos da vontade como um animal de montaria que dois cavaleiros, Deus e o diabo, disputam: *WA* 18, 635 (*The Bondage of the Will*). Nenhum dos contendores está longe da vontade. Ambos estão colados com ela, como dois homens encostados num cavalo tentando ambos montá-lo.

[76] *WA* 18, 395 (*An Open Letter Concerning the Hard Book against the Peasants* = Carta Aberta com respeito ao Severo Livro contra os Camponeses, 1525).

[77] *WA* 18, 492 (*Sermon von dem Sakrament* = Sermão do Sacramento, 1526).

[78] *WA* 32, 36 (*Sermon von Leiden und Kreuz* = Sermão do Sofrimento e da Cruz, 1530). Nós encontramos uma discussão fundamental com respeito a se a cruz e o sofrimento vêm de Deus, ou vêm do diabo. Em primeiro, ele diz que o sofrimento vem de Deus: "ele nos quer transformar na semelhança do seu querido Filho, Cristo, de modo que possamos ser iguais a ele, em sofrimento, nesta vida e, em glória e honra, na próxima vida". Mesmo que não pretendesse Deus sobrecarregar e atribular-nos, (esta é a segunda resposta) o diabo ainda o faria por causa do mal. Cf. 36 e s., mesmo sendo este ensaio pouco fidedigno.

tuindo, assim, uma segura defesa contra qualquer dúvida, aconteça o que acontecer.

"À medida que ele (por exemplo, o sapateiro, o ferreiro ou o ferrador) se apega a estas duas realidades: à Palavra da fé voltada para Deus, pela qual se faz puro o coração, e à palavra da compreensão, que o ensina como agir em relação ao próximo em sua situação de vida – tudo é puro para si ainda que trate, com suas mãos e com todo o seu corpo, com nada mais senão sujeira"[79].

Sendo a palavra ou o evangelho a marca peculiar da igreja, essa posição pode ser também expressa lado a lado com a seguinte: o cristão vive na vocação e na igreja. A vocação é a forma concreta da lei, e a igreja é a forma concreta do evangelho[80].

Quando o céu e a terra são diferenciados em dois reinos, poder-se-ia ter a impressão de dois mundos estáticos, um mundo da idéia e um mundo material. Mas, quando os limites desses reinos ficam enuviados na batalha entre Deus e Satã, torna-se claro que essa divisão entre "acima" e "abaixo" não é uma descrição cabal da visão de Lutero sobre o mundo, apesar do fato de incessantemente o próprio Lutero usar esses termos e outros similares. Deus está acima de tudo não só como ira mas também como amor, na lei e no evangelho. Deus mora no céu, mas vive e opera na terra. Na sua obra sobre a terra quer os homens como seus colaboradores.

4 Cooperação

A noção do homem como cooperador com Deus implica ser o homem um sujeito ético independente, capaz de alguma atividade livre e sem empecilhos. Na verdade, o fato é que a idéia de cooperação surge direta e simultaneamente da fé de Lutero na servidão da

---

[79] *WA*, 32, 326.

[80] Ver, acima, capítulo I, seção 5; leia também a seção 3.

vontade face a Deus. Para entendermos Lutero, imaginemos um senhor terreno em relação ao escravo. O escravo é livre, por exemplo, para movimentar suas mãos e pés; o senhor não decide os movimentos dele em detalhes. No entanto, essa liberdade dos seus membros, o escravo tem de usá-las a serviço do seu senhor. Estar o servo livre para trabalhar apenas intensifica a servidão ao seu senhor. Por causa dessa capacidade que tem o escravo de se mover, o senhor pode fazer dele um uso muito mais efetivo do que de uma coisa inanimada. Quando o escravo, ao usar toda a sua força e entendimento que tem, faz o que é ordenado nas plantações e nos campos, ele é "cooperador" do seu senhor. Esse é o modo como Lutero concebe o homem como "cooperador" de Deus.

A cooperação acontece na vocação, que pertence à terra, não ao céu; ela é dirigida ao próximo, não a Deus. Os atos e as obras humanos têm uma função real a cumprir nos relacionamentos civis e sociais apesar do fato de as obras feitas pelo homem não poderem arrancar-lhe a condenação que sobre ele está perante Deus. Somente a ação e a obra de Cristo, não as do homem, são efetivos diante de Deus[81]. O perdão dos pecados é a única justiça que o homem pode apresentar perante Deus ou na qual pode morrer.

"A lei não terá poder lá em cima... Isto é o que deve ser pregado: a lei não é mais nada. Em lugar da lei, da obediência, do trabalho assenta-se Cristo, Rei da graça e do perdão dos pecados, que não faz nada a não ser dar, ajudar e confortar. Não é nada que eu tenha feito nem as minhas obras que eu contemplo. Eu tenho uma visão para cima observando o que um Outro fez, como ele viveu. É com as suas obras que estou preocupado"[82].

Mas, enquanto a vida sobre a terra continua, e vivemos entre

---

[81] *WA* 40 I, 392-395, 411 e 542 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[82] *WA* 34 II, 27 (*Sermons*, 1531; Rörer). Cf. também *WA* 19, 661 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526). O perdão dos pecados é a única justiça que pode se manter de pé no julgamento, à qual recorre o homem quando morre.

homens, nossa justiça consiste em nossas obras; e nosso ofício ou estado, isto é, nossa vocação, é simplesmente nosso encargo referente às obras que o homem deve realizar no reino terreno de Deus enquanto aguarda a morte. Deus constituiu essa vocação de tal modo que, fora da devoção e do amor do homem, outros são servidos pela vocação quando ela é cumprida[83]. A pessoa casada, nas suas relações externas (corporais), serve a uma outra pessoa além de si mesma, e um governante secular, de modo similar, deve estar a serviço dos súditos. Meninos, meninas e todos os servos devem ajudar e servir aos outros[84].

Que o monasticismo é uma pura invenção humana, não sendo, pois, instituído por Deus, se observa pelo fato, entre vários, de que o monge não entrega seu corpo a serviço do bem-estar alheio, mas corta relações com os outros de modo que possa ocupar-se com a sua própria alma e as coisas espirituais. Com tal procedimento, nenhuma das vocações instituídas por Deus é cumprida. Um "estado" instituído por Deus é um canal para o amor de Deus pelo mundo e para o seu cuidado pelos seres humanos.

A forma de Lutero usar termos espaciais quando fala da obra da vocação é surpreendente. Fazer a obra da vocação é realizar obra "abaixo", "para baixo", aqui embaixo. Se alguém ouve o evangelho com fé e é fiel à sua vocação, "ele é puro completamente, não só internamente no seu coração face a Deus como também externamente em relação a tudo que está embaixo na terra"[85]. No seu *Commentary to the Romans*, ao analisar Rm 12.8 (o que preside, com

---

[83] *WA* 27, 514: "Quando a obra da vocação é exercida, é beneficiado o próximo. Ver, por exemplo, a idéia da cruz acoplada, sem nenhuma folga, à idéia da vocação, 515, 3: "a santa cruz que ali está" (*Sermons*, 1528; Rörer). Ver também *WA* 32, 459: quem está preocupado com a fidelidade à sua vocação, está preocupado igualmente com o seu próximo; cf. 472 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[84] *WA* 10 I, 1, 656 (*Kirchenpostille*, 1522).

[85] *WA* 32, 326 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

diligência), ele diz que "subir" é tornar-se um governante, receber um ofício; mas servir com diligência é "descer". "Pois, subir exalta a pessoa; mas descer a torna um que ama"[86]; assim como os anjos no sonho da escada, de Jacó, subiam apenas para descer, assim também o cristão é posto numa posição eminente apenas para que seja servo dos servos (Gn 28.12).

É claro que "descer" é a mesma coisa que servir ou amar o próximo.

Na sua *Kirchenpostille* encontramos o conceito do cristão como um cano ou canal, que recebe de cima, de Deus, através da fé, "e distribui, então, para baixo" em favor das outras pessoas, mediante o amor. Lutero deixa claro que o próprio amor de Deus alcança os outros através dos cristãos como canais. Deus está presente na terra com a sua bondade quando o cristão dirige seu serviço, para baixo, aos outros. Deus habita nos céus, mas agora ele está perto e ativo na terra com o homem como seu cooperador. No *Large Catechism* é dito que todas as criaturas (mencionam-se em especial "os pais e todos em autoridade") são mãos de Deus, canais e meios através dos quais ele nos outorga todas as coisas[87]. Toda a noção do homem como canal é colocada em íntimo relacionamento com a doutrina da vocação. E, para completar, é acrescentada uma advertência contra o afastar-se do mandato de Deus e da ordem criada.

Muito coerente com o pensamento de Lutero é a sua constante afirmação de que o príncipe, exatamente porque tantas pessoas ele tem sob seu poder, é o servo de todos. Novamente vemos o caráter para baixo da obra na vocação, a qual não deixa para a pessoa que tem um alto cargo nenhum espaço para pretensões pessoais mesmo sendo seu ofício o mais elevado até porque ele é mais significa-

---

[86] *WA* 56, 458 (1515-1516).

[87] *WA* 30 I, 136 (1529). Se dessa forma eu recebo os dons de Deus mediante a fidelidade dos outros nas suas vocações, o mesmo é verdadeiro sobre a minha vocação em relação aos outros. "A mesma relação com Deus deve expressar-se no meu ofício." Cf. também *WA* 28, 618 (*Sermons on Deuteronomy*, 1529; Rörer).

tivo como oportunidade de servir[88]. Deus se faz de fato presente quando o príncipe exerce seu ofício porque Deus é ativo na direção de todas as coisas. "Aquele que está no trono da autoridade é, como se fosse, um Deus encarnado"[89].

A afirmativa de que as obras são dirigidas para baixo está em harmonia com a terminologia de Lutero concernente à servidão e liberdade, no seu tratado em oposição a Erasmo, em 1525. A pessoa está presa com respeito àquilo que está "acima" dela, mas livre no que está "abaixo". Em *The Bondage of the Will*, como assinalamos há pouco, os termos "superior" e "inferior" referem-se respectivamente ao reino celeste e terreno[90]. Por isso, a direção da vocação para baixo significa isto: a *cooperatio* acontece no reino terreno, onde somos livres para dirigir nossas obras aos outros, como Deus mandou. Entre os homens, na área da *libertas in externis* (liberdade nas coisas externas), o homem é um cooperador com Deus. Face a Deus, porém, o homem é apenas passivo e receptivo; pois a servidão da vontade prevalece, e Cristo reina sozinho com a sua graça e evangelho, sem a lei, isso é, sem obras da parte do homem. A fé ascendente recebe o que Deus faz; *operatio Dei* (operação de Deus) e *passio nostra* (paixão nossa); não é cooperação. Vemos, dessa forma, o papel da cooperação relacionada a ambos os reinos: a cooperação é barrada no céu e relevante na terra.

---

[88] *WA* 11, 273 (*Treatise on Secular Authority* = Tratado sobre a Autoridade Secular, 1523).

[89] *WA* 43, 514 (*Commentary on Genesis*, 1535-45). É muito importante que, precisamente por ser de natureza divina o ofício do príncipe, defenda Lutero que o príncipe deve ser um indivíduo que ore à medida que desempenha a sua vocação. "É absolutamente certo que sem oração não farás nada em tempo algum porquanto é o governo um poder de incontestável caráter divino". Quem se precipita para a igreja, governo ou comércio esquecendo a oração, exclui a Deus das ordens que o próprio Deus estabeleceu, pois tal pessoa não procura na prece o conselho divino (514-9-19). Numa seção posterior apresentaremos algumas afirmativas sobre oração ao apresentarmos a idéia de "cooperação" com Deus. Por agora, vamos deixá-las de lado.

[90] Ver acima, capítulo I, seção 2.

Querer ser exaltado ao invés de servir, considerar o ofício como possibilidade de poder pessoal ao invés de serviço – é uma ofensa contra a vocação. Mediante essa ofensa, afasta-se o homem da cooperação com Deus e vem, ao contrário, trabalhar contra Deus. Dessa forma, torna-se um empecilho e um inimigo no caminho do amor autodoador do Criador. Essa ambição que se exalta, essa falta de amor, esse desejo de poder é orgulho, *superbia*; é comprometer-se com o poder do pecado e Satanás.

> O fato é que temos uma verdadeira e cristã ciência da mente de Cristo; e a graça de Cristo me fez um pregador dessa verdade. Sou proibido de ser orgulhoso por causa desse dom. No curso da minha caminhada é meu dever servir tanto a meu próximo como a ele. Príncipes, nobres, letrados, sábios e cavaleiros são geralmente culpados quanto a isso, e, da mesma forma, burgueses e fazendeiros também se inflam. Deverias, antes, pensar desse modo: 'Tens um dom de Deus e és um professor. Se estás inflado, o aldeão no seu vilarejo, que não é teu igual, é melhor. Assim, ele vai para o céu, mas tu para o inferno. Se príncipes, cavaleiros, camponeses e citadinos querem exaltar-se, lembrem-se disso: Deus não criou apenas príncipes, nobres, homens. Por que estais tão orgulhosos?'" (*WA* 49, 606-607)[91].

A regra comum é esta: "Deus te concede um ofício de modo que possas servir"[92]. A ação de Deus é determinada pelo seu amor doador, que procura os perdidos e caídos. Pois o próprio Deus, para Lutero, quando se descreve como Criador, se torna completamente igual ao ser humano fiel à sua vocação entregando-se aos humildes. Deus cria do nada, isso é, dá atenção aos desprezados e

---

[91] *Sermons*, 1544; Rörer.

[92] *WA* 49, 610 (*Sermons*, 1544). O orgulho no estado de uma pessoa e o não querer servir são vistos como expressões de perversão demoníaca": Ó nobre homem, tu te arvoras em grande coisa a ti mesmo te exaltando? Isso vem do diabo".

desprotegidos, que estão à porta da morte[93]. Por ocasião da crucifixão de Cristo no Gólgota, ele, que era desprezado pelo mundo, mostrou-se um verdadeiro Criador, um que faz a sua mais preciosa obra daquilo que não é nada. Um cristão é, por isso, uma pessoa que também está sempre em desespero, necessidade e fraqueza porque ele é aquele nada do qual Deus cria[94].

O homem natural está sempre aspirando a levantar-se da sua inferioridade às alturas; segue sua má propensão para afastar-se do servir. Através da própria ação de querer elevar-se em direção à honra e ao autocomplacente esplendor, separa-se ele do Deus vivo, que, em amor sacrificial, curva-se para as coisas criadas e se aproxima de todos os que estão nas profundezas. Esse homem nega o seu próximo; dessa maneira, ele vive não com Deus mas com o diabo, que o afasta do caminho da sua vocação.

> Diariamente experimentamos como todo mundo procura levantar-se acima do seu próprio nível, esforçando-se por honra, poder, riqueza, arte, vida confortável e por todas as coisas e posições grandes e elevadas. Onde quer que seja que essas pessoas se encontrem, aí todo mundo se achega a elas, segue-as e prontamente as serve. Todo mundo quer estar ali para compartilhar da sua alta posição. Por outro lado, ninguém aprecia olhar para o lugar em que a pobreza, vergonha, necessidade, miséria e medo habitam. As pessoas desviam os olhos dessas coisas. Onde encontras seres humanos em tais condições, todo mundo corre delas, foge, evita, abandona. Ninguém pensa em ajudá-las e estar com elas para ajudá-las a ser alguém... Não há nenhum criador no meio dos homens que faça alguma coisa do nada embora S. Paulo, em Rm 12, ensine e diga: 'Caros Irmãos, não considereis as coisas elevadas, mas entregai-vos às que estão embaixo'[95] (*WA* 7, 547-548).

---

[93] *WA* 7, 547-548 (*The Magnificat*, 1521).

[94] *WA* 56, 303 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

[95] *The Magnificat*, 1521.

A criação, a obra de Deus, é desenvolvida mediante a pessoa que, sendo fiel na sua vocação, é uma cooperadora contra o diabo. Ela resiste à tentação e vive humildemente no seu trabalho pesado, comum, rasteiro e discreto, mediante o qual Deus sustenta o seu reino terrestre contra os ataques de Satanás. A vocação e o homem que a cumpre são usados como ferramentas e meios para a contínua criação de Deus, que se dá a partir "do nada", isso é, sob a cruz da vocação. Quando a cruz da vocação é carregada, essa vocação aparece como coisa humilde. "Ninguém é pobre entre cristãos. Se não possuis tanto quanto o prefeito, não tens, em compensação, a Deus, o Criador do céu e da terra, a Cristo e a oração? Com toda a certeza, o imperador não tem mais. Permanece em teu estado na vida, seja alto, seja baixo, e continua na tua vocação. Não queiras sobressair-te... Pelo contrário, diz: "Ó Deus, defende-me do orgulho'"[96].

Vistos de fora, certos ofícios parecem aureolados por um brilho agradável. Vistos, porém, de dentro, é evidente que tais ofícios também exigem sacrifícios, serviço humilde, o que é uma cruz para o velho homem. Se uma pessoa se entrega a essa demanda para servir mesmo que ela disso esteja inconsciente, é uma cooperadora de Deus. Deus continua sua obra criativa na terra onde se encontra a vocação do homem.

Em *The Bondage of the Will*, Lutero distingue entre o "próprio poder e eficácia" do livre arbítrio e a sua "cooperação". O primeiro é condenado, e o último afirmado.

O homem não tem nenhuma capacidade própria, independente de Deus, com a qual pode agir perante Deus. Esse poder proviria do diabo; não significaria liberdade. Por outro lado, Paulo coopera com Deus ao instruir os coríntios ou falar no Espírito de Deus[97]. Mesmo

---

[96] *WA* 49, 609 (*Sermons*, 1544; Rörer). Cf. *WA* 10 I, 1, 313-315 (*Kirchenpostille*, 1522). Através de conclusivas sentenças nessa citação é introduzido o conceito de cooperação humana no dualismo entre Deus e Satanás.

[97] *WA* 18, 753 (1525).

os ímpios cooperam com Deus, pois Deus sozinho fez todas as coisas e as colocou em movimento. Quando, porém, Deus opera através dos ímpios, ele o faz sem o seu Espírito[98].

Os justos são movidos pelo Espírito de Deus e cooperam com Deus porque através deles faz o fruto do Espírito crescer. "Pelo Espírito da graça age naqueles a quem justificou, isso é, no seu reino; age, assim, naqueles que são novas criaturas. Eles o seguem e cooperam com ele, ou melhor, como Paulo diz, são impelidos"[99].

Num sermão latino de 1519, afirma que a nossa justiça própria, cooperando com a justiça que não é a de nós mesmos, e, sim, com aquela que nos é dada por Deus sem as obras da nossa parte, consiste em três coisas: mortificação da carne, amor aos outros e humildade face a Deus[100]. Deus não está operando fora de nós, pois a regeneração já aconteceu "de modo que ele pode trabalhar em nós e nós trabalharmos com ele; através de nós ele prega, apiada-se dos pobres e conforta os abatidos"[101].

Lutero afirma freqüentemente que Deus nos outorga dons preciosos até mesmo através de pessoas más[102]. No *Babylonian Captivity* (1520) é discutido esse ponto numa forma incisiva que é extremamente instrutiva em nosso debate sobre a cooperação. Na passagem referida, Lutero ataca o sacrifício da missa, explicando que o sacra-

---

[98] *WA* 18, 753 e s.: "sem a graça do Espírito". Cf. *WA* 30 III, 213 e s.: "sem a sua palavra" (*Von Ehesachen*, 1530). Em *The Bondage of the Will*, o termo "cooperação" é expressamente usado nesse contexto geral: "Assim todas as coisas más cooperam com Ele" (753 e s.).

[99] *WA* 18, 753.

[100] *WA* 2, 146 (*Sermo de duplici iustitia* = Sermão sobre a Dupla Justiça). A referência é a Gl 5.22 e s.

[101] *WA* 18, 754 (*The Bondage of the Will*, 1525). Cf. *WA* 56, 398-399: dirige Deus a vontade humana de tal maneira que ela se torna instrumento seu (*Commentary on Romans*, 1515-16).

[102] Ver, por exemplo, *WA* 10 I, 617 (*Kirchenpostille*, 1522). Recusar-se a receber coisas boas de pessoas más é tentar a Deus.

mento vem de Deus, mediante o sacerdote, ao comungante. O sacramento não é oferecido a Deus; ele "desce" (*descendit*), como Lutero o expressa[103]. O sacramento é sempre o mesmo dom, seja ele entregue a nós por um bom ministro, seja por um mau. A prece, porém, "sobe" (*ascendit*); é dirigida para Deus, e ele não atende a um ministro ímpio, que não crê. Quando uma pessoa indigna é instada a orar, ou seja, quando o sacrifício da missa é oferecido, o juiz, Deus, é tão-só movido a uma ira maior. A diferença entre o que "sobe" e o que "desce" é declarada por Lutero como auto-evidente.

"Não podemos confundir as duas, a missa e a oração, o sacramento e a obra, o testamento e o sacrifício; pois, a primeira vem de Deus mediante a administração do sacerdote e exige nossa fé, mas a segunda sai da nossa fé em direção a Deus, através do sacerdote, e suplica a sua resposta. Uma desce, a outra sobe. A primeira não requer necessariamente um digno e devotado ministro, mas a última realmente o faz porque Deus não ouve a pecadores. Ele sabe como conceder bênçãos mediante homens indignos, mas ele não aceita a obra de nenhum malfeitor como demonstrou em Caim, afirmando em Provérbios 15: "O sacrifício dos maus é uma abominação para o Senhor" e em Romanos 14: "O que não provém da fé, é pecado""[104].

A noção de Lutero de que o dom que desce de Deus para os homens, não importando se ele é dado mediante um homem bom ou mediante um mau, não se restringe ao sacramento. Ela é verdadeira no que toca a todas as funções humanas, pelas quais Deus efetua alguma coisa boa, quer temporal, quer espiritual. Quanto à cooperação no ofício, não precisamos decidir em que medida o cooperador que Deus usa é ou não renovado no coração pelo espírito. A cooperação é limitada ao reino terreno, onde conta a retitude exterior. O problema da pureza ou impureza do coração é relevante

---

[103] *WA* 6, 526. Cf. *WA* 18, 775 (*The Bondage of the Will*, 1525).

[104] *WA* 6, 526 (*The Babylonian Captivity* = O Cativeiro Babilônico, 1520).

no céu, e a solução dele se encontra em Cristo, com o perdão dos pecados unicamente mediante a graça. Na terra, a principal consideração é que nossas obras façam o bem aos outros, quer elas venham de um coração espontâneo, quer não.

A clara justaposição dos dois reinos provavelmente não é mantida ao se usar o termo "polaridade" para caracterizar a cooperação. O homem ouve o evangelho; mas ele faz obras de acordo com a lei. É passivo e receptivo perante Deus e no céu, e na terra ele é ativo em amor. Esse não é um pensamento como o de um paradoxo ou de alguma coisa difícil de conceber na realidade. Ele pode ser ilustrado por uma dona de casa que fica sentada quietinha na igreja e ouve – enquanto em casa ela é ativa e realiza a tarefa dela (passiva no reino espiritual e ativa no terreno). O escravo é silencioso e receptivo diante do seu senhor mas imperativo e ativo em relação aos animais domésticos. Na própria condição do escravo, afastando-se do seu senhor rumo à criação, o cuidado do senhor pelos animais é assegurado mediante o escravo. Dessa maneira, Deus cuida das pessoas através de outras como cooperadoras.

"O pai é o instrumento da procriação, mas Deus é a fonte e o autor da vida. Assim também o magistrado, ele é tão-só um instrumento mediante o qual Deus preserva a paz e a lei. No lar, o marido e a esposa são instrumentos através dos quais o Senhor aumenta a raça humana"[105].

A bondade ou maldade daquele que coopera é uma coisa de menor importância por causa da relativa independência do ofício em relação à pessoa incumbida. Opera Deus mediante o estado ou ofício, o qual, a exemplo da sua criação, é bom sob quaisquer circunstâncias, independentemente do caráter daquele que é incumbido.

Por essa razão, implícita no que é dito sobre cooperação, está a

---

[105] *WA* 40 III, 210-211 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33). Ver. capítulo I, seção 1.

constante exigência por humildade e por ajuda à nossa compreensão da pequenez humana face a Deus e à obra criativa divina. "Este salmo (Sl 127) aparece como se fosse um compêndio e comentário ao livro (Eclesiastes), onde ensina tanto a causa eficiente, no estado e na sociedade, na economia pública ou na doméstica quanto a que fim o governo deve ser dirigido. Em tal medida, com certeza, devemos ser instrumentos e cooperadores de Deus. Não podemos ser a causa eficiente, mas somente a causa instrumental mediante a qual Deus age e efetua essas coisas – tal como Eclesiastes afirma: 'É através de mim que o rei governa'"[106]. As citadas palavras de Eclesiastes são aquelas que falam da vanidade universal das coisas sob o sol, isso é, sobre a terra (4.7) e da modesta alegria que o homem deve sentir na presença dos dons externos que outorga Deus (5.18). O constante erro do homem é achar ele que está fazendo alguma coisa por conta própria[107].

A cooperação acontece quando fazemos uso das coisas criadas. "Mesmo que estejamos seguros da providência e atenção divina por nós, devemos saber que os meios e as coisas que Deus colocou à nossa disposição devem ser usados, que não devemos tentar a Deus (*ne tentemus Deum*)." Aquele que se volta para Deus pedindo por auxílio do alto sem fazer tudo o que ele pode com o auxílio dos dons externos que Deus concedeu, está pondo Deus à prova e não pode esperar seja ouvida sua oração. Revelando-se inútil o trabalho, não sendo mais suficiente o esforço da pessoa, então chega a hora da prece. Pela oração apresenta-se um novo poder onde se mostram insuficientes os poderes comuns da criação[108]. A participação de Deus como resposta para a prece é, em tal momento, absolutamente certa. Quando a necessidade é legítima, é

---

[106] *WA* 40 III, 210.

[107] Cf. *WA* 51, 254 (*Exposition of Psalm* 101, 1534-35) e *WA* 47, 857 (*Sermons*, 1539; Rörer).

[108] *WA* 44, 648 (*Commentary on Genesis*, 1535-45).

impossível pôr Deus à prova[109]. Quando em necessidade, são a oração e a fé simplesmente as coisas mais agradáveis a Deus não importando o quanto sejam elas ousadas e o quanto pareçam as questões sem esperança do ponto-de-vista mundano. O homem nunca pode saber o que Deus faz em resposta à oração na hora da necessidade; mas é certo que, de fato, vem ele à terra numa forma tangível e concretamente realiza nela alguma coisa nova. Estar em necessidade significa todas as possibilidades da criação haverem sido experimentadas e achadas incapazes de prestar auxílio. Em tal circunstância, desce Deus e complementa a sua criação. A porta pela qual Deus entra para efetuar o novo é, freqüentemente, a oração de uma pessoa em necessidade[110].

O trabalho do homem com as coisas externas, como instrumentos, nas várias vocações e estados é, na verdade, a sua cooperação com Deus. Na igreja, o homem usa a Palavra e os sacramentos[111]. No governo, a espada e outras armas. No campo econômico, os infantes são alimentados e educados mediante meios externos. Tais bens criados, projetados para servir à vida, são a razão, a mente, os sentidos e todas as forças do corpo e da alma. Quando há algo para ser feito, seja ele qual for, deve o homem fazer uso de todos esses poderes as-

---

[109] *WA* 44, 648: "Depois de havermos feito aquilo que nos é possível, deixemos o resto para Deus, lançando sobre ele toda a nossa ansiedade, pois ele agirá". Cf. *WA* 10 I, 1, 616: "Em relação a isso fica bem claro que, estando o homem em necessidade, não pode ele tentar a Deus; pois todas as suas palavras e promessas se aplicam ao tempo de necessidade, quando nenhum homem se pode ajudar" (*Kirchenpostille*, 1522) Lutero refere-se ao Sl 50.15.

[110] *Cooperatio* envolve a mesma dupla qualidade do fixo e do mutável, que achamos em toda parte na visão de Lutero. A cooperação mais comum sucede no trabalho diário, quando as coisas se movem no devido curso. Todavia, ao usar Deus como cooperador alguém passando por necessidade e, orando, clama a ele, então o inesperado e maravilhoso acontece. A oração é uma verdade de poder revolucionário na sociedade, no lar e na igreja.

[111] *WA* 44, 648 (*Commentary on Genesis*, 1535-45): "Desta forma, Paulo chama os apóstolos de cooperadores com Deus. É o próprio Deus que sozinho faz a obra, mas a faz através deles".

sim como ele usa o machado e a serra para cortar uma árvore e não tenta botá-la abaixo com seu nariz ou uma palha[112]. Voltando-se para Deus em oração por ajuda sem usar os meios que Deus lhe deu, está ele tentando a Deus; isso é *presumptio*, atrevimento. Mas não voltar-se a Deus em prece para auxílio na vocação após todas as possibilidades válidas haverem sido exauridas, é blasfemar a Deus e considerar suas promessas como falsidades. Isso é *desperatio*, descrença. Entre ambas – ousadia e descrença – move-se a fé; a mão trabalha, mas o coração é passivo e descansa em Deus. "Essas coisas deveriam sempre ser discutidas e levadas à frente na igreja de modo que possamos caminhar no caminho real sem nos voltarmos nem para a direita nem para a esquerda. Não devemos nem duvidar da sua promessa nem tentar a Deus considerando superficialmente ou negligenciando os meios que Deus ordenou"[113].

Dessa forma, a oração e a obra se pertencem. Quem faz seu trabalho completamente pode orar com poder, pois, assim, tem ele uma boa consciência. Se, por exemplo, no problema da prontidão contra os turcos, alguém deixa as questões caminhar ao seu belprazer, descobrirá que não será suficiente invocar a Deus em alta voz, pois os recursos externos não foram colocados em seu uso pleno. Assim diz Lutero que não sabe se a oração, em tal circunstância, será ouvida[114]. Vemos como as obras ordinárias do homens e as extraordinárias de Deus, as novas obras, se acham interligadas.

---

[112] *WA* 44, 648: "É como se ele dissesse: 'Agora eu os farei livres mediante a sua cooperação'. Assim é em todas as ações da vida comum. Eu não devo cortar uma árvore com o nariz dum ser humano; devo pegar um machado ou uma serra. Uma árvore não pode ser deitada abaixo com uma palha ou com o talo duma plantinha, mas, sim, com um machado. Por esse motivo, Deus concede aos homens a razão, os sentidos e as faculdades. Por isso, usa-os como dons e meios de Deus".

[113] *WA* 44, 649 (*Commentary on Genesis*, 1535-45). Cf. também *WA* 40 III, 234 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33).

[114] *WA* 30 II, 146-47 (*Vom Kriege wider den Türken*, 1529).

As noções de cooperação e máscaras de Deus estão relacionadas. Ocorrências naturais como tempestades e trovões, ou o sol, ou colheitas ricas são também máscaras de Deus por trás das quais a sua ira e o seu amor estão escondidos. Mas, para o que nos interessa, é mais importante notar que o homem, na sua cooperação na vocação, torna-se máscara de Deus sobre a terra onde quer que ele, o homem, esteja atuando. A máscara de Deus é, por isso, achada somente no reino terreno, onde o homem trabalha e faz sua obra em favor dos outros. No seu labor é ele um instrumento na mão de Deus, limitado e preso perante ele, isso é, receptivo e passivo em relação a Deus, mas ativo externamente de modo que Deus se revela aos outros através das ações humanas.

"Toda a nossa obra no campo, no jardim, na cidade, no lar, na batalha, no governo – o que significa isso face a Deus senão uma brincadeira de criança por meio da qual Deus se agrada em conceder seus dons no campo, no lar e em toda parte? São essas as máscaras do nosso Senhor Deus, por trás da qual ele deseja ocultar-se e fazer todas as coisas... Deus oferece tudo o que é bom para nós, mas tu precisas estender as tuas mãos e agarrar os chifres do touro, isso é, deves trabalhar e consentir em ser para Deus um meio e uma máscara"[115].

Em vez de vir na sua majestade encoberta ao entregar um dom para o homem, Deus coloca uma máscara perante sua face. Ele se veste na forma dum homem comum a realizar sua obra na terra. Os seres humanos devem trabalhar, "cada qual segundo sua vocação e ofício"; através disso, eles servem como máscaras para Deus, atrás das quais pode ocultar-se quando espalha seus presentes[116]. Deus seria capaz de criar filhos sem fazer uso dos seres humanos; agrada-

---

[115] *WA* 31 I, 436 (*Exposition of Psalm 147*, 1532).

[116] Cf. *WA* 30 I, 205-206 (*Large Catechism*), lugar em que os dons concedidos por Deus mediante as pessoas são apresentados com o nosso "pão diário", que o diabo quer tomar de nós; também *WA* 31 I, 437 (*Exposition of Psalm 147*, 1532).

lhe, no entanto, ocultar-se no casamento, no qual permite que homens e mulheres pensem que estão gerando filhos para o mundo, pois "é ele que realmente o faz, escondido sob essas máscaras"[117].

Por isso, o homem deve cuidar para não colocar sua fé e confiança em coisas externas, que são apenas um vestuário para Deus e não o próprio Deus. Toda a nossa equipagem é apenas um "traje" para Deus, atrás do qual se esconde para ajudar-nos; mas ele espera que demos nossos corações a ele, não ao seu "traje"; não devemos orar para isso[118]. Toda a criação é boa, mas ela se torna má se é adorada e substitui a Deus. A fé em Deus como o Criador de tudo o que é bom tem a função própria de tornar sabido que o homem não pode fazer nenhuma exigência perante ele[119].

É só em relação a meu próximo que posso considerar alguma coisa como sendo minha, dada a mim de modo que possa com ela servir o próximo, razão pela qual essa coisa lhe é uma máscara da bondade de Deus. Considerando a "máscara", voltamos novamente ao aspecto básico do pensamento de Lutero que já encontramos em nossa análise do estado e ofício, cruz e sofrimento, obras e cooperação. Todos eles foram instituídos por Deus, sendo relevantes na terra em nossa relação com os outros; eles, porém, são excluídos do céu e não devem estar presentes perante Deus, onde o homem está nu, de mãos vazias e orando, isso é, onde ele só tem a sua fé.

Face a Deus são todos iguais porque perante ele não temos ofícios ocupados em relação aos nossos próximos na terra, não ha-

---

[117] *WA* 31 I, 436.

[118] *WA* 15, 373 (*Exposition of Psalm* 127, 1524). Cf. *WA* 16, 263: "Desta maneira, está o Senhor a agir em todas as coisas. O homem deve arar, plantar, colher; contudo, é ele uma máscara de Deus" (*Sermons on Exodus*, 1525; Rörer).

[119] *WA* 7, 573 (*The Magnificat*, 1521). A fé de Lutero sobre a criação toca a idéia da justificação: a justiça é de Deus porque é dada por ele; por isso, nenhuma reivindicação perante Deus pode ser baseada em cima dela. A justiça é o perdão dos pecados.

vendo lá a mesma base de distinção e diferença[120]. As obras dos nossos ofícios são dirigidas para baixo, sobre a terra, e vêm a ser, por essa mesma causa, as condutoras da própria ação criativa de Deus. Por isso, o ofício ou estado não tem nenhuma função a cumprir para cima, em direção a Deus, a não ser que pelo diabo lhe seja dada uma obra para apagar a fé, roubar a nossa receptividade e fazer-nos rejeitar a nossa servidão face a Deus, na qual a cooperação deve descer para os outros[121].

Deus dá os ofícios e estados de modo que eles possam alcançar os que estão embaixo, mas abole-os todos perante si próprio. O homem na sua vocação é uma máscara de Deus na terra, mas no céu a máscara é suprimida e arrancada; pois ali a palavra do evangelho domina à medida que revela a atitude de Deus. A revelação no verdadeiro sentido é esta: o desvendamento de Deus e o fim de todo ocultamento[122].

A pessoa que não tem o evangelho não pode notar a diferença entre Deus e a sua máscara.

A isso o homem do mundo, em seu estado natural, não pode ver. Somente o espiritual distingue a Pessoa pela Palavra; a máscara de Deus, de Deus mesmo e da obra de Deus. Agora, nós encontramos o Deus velado, pois nesta vida não é possível a nós tratarmos com Deus face a face. Aqui, toda criatura é face e máscara de Deus.

---

[120] *WA* 51, 240 (*Exposition of Psalm* 101, 1534-35), *WA* 41, 484-485. Lutero afirma que todas as diferenças de estado cessam perante a morte e perante a criança na manjedoura, isso é, perante Deus (*Exposition of Matthew* 18-24, 1537-40; Aurifaber).

[121] Face a Deus é o ofício abolido; ver *WA* 19, 652-653 (*Whether Soldiers Can Too Be Saved*, 1526). O diabo, todavia, desarranja a ordem de Deus.

[122] Mediante a cooperação, a ordem existente, isso é, a sociedade, pode tornar-se uma expressão da lei. Através das suas máscaras, Deus vem ao nosso encontro com as suas demandas nas relações externas. O conceito da lei necessariamente sempre traz consigo a noção de ocultamento (o Deus velado). Como Deus *revelatus*, Deus se apresenta na Escritura ou em Cristo. O verbo "revelar" retém sempre alguma coisa da sua original e abundante significação de "descobrir".

Sabedoria, porém, é necessária para distinguir a Deus de sua máscara. A sabedoria essa, o mundo não a tem; por isso, não é capaz de fazer a distinção entre Deus e a sua máscara[123].

Aquele que não tem fé e, através da fé, acesso ao reino celestial, conhece apenas máscaras diferentes. Conhece apenas a terra, em que Deus aparece unicamente oculto por trás de suas múltiplas máscaras: pais, governantes, próximos, esposas, filhos, etc. Sem fé, o homem não consegue distinguir entre Deus e suas máscaras. Para aqueles que desempenham certos ofícios, o homem sem fé admite uma glória própria deles, independente de Deus, como se a máscara não fosse máscara ou véu, mas o próprio Deus. Esse homem sem fé não pode ver, nas relações que eles têm entre si, os príncipes, parentes e semelhantes; deles, ele faz ídolos[124]. Similarmente, não pode ver sua própria relativa situação como uma impotente ferramenta numa mão mais forte. Tem inevitavelmente ele idéias por demais elevadas sobre si mesmo e se imagina ser a causa eficiente quando não passa da instrumental[125].

Não ser capaz de diferençar entre Deus e sua máscara é o mesmo que não ser capaz de distinguir entre os dois reinos da terra e do céu. Os estados e ofícios que são excluídos do reino celeste permanecem inescapavelmente no reino terreno. Fidelidade a eles beneficia o próximo, que é o objetivo das obras requeridas do homem na terra. Mas é em direção a Deus que a fé é dirigida; volta-se a fé da terra para o céu[126].

O cristão não despreza nada; ele conserva uma perspectiva apro-

---

[123] *WA* 40 I, 173-174 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[124] Cf. *WA* 30 I, 181 (*Large Catechism*, 1529).

[125] Ver a esclarecedora passagem em *WA* 40 III, 236-237 (*Exposition of Psalm* 127, 1532-33).

[126] Ver *WA* 40 I, 175-179 (*Commentary on Galatias*, 1535). Nesse lugar, Lutero usa o termo "pessoa" como equivalente a ofício ou máscara.

priada com respeito a qualquer terrena glória ao colocar tudo no seu devido lugar. Na sua resposta afirmativa a essa vocação, o cristão afirma um mundo cujo totalmente relativo caráter face a Deus ele já reconheceu. À medida que observa o contexto da sua vocação terrena, seu pensamento é que este não é um mundo em que o homem possa colocar a sua confiança, mas um no qual ele pode servir.

Torna-se claro que a cooperação direcionada para baixo, para os humildes, está relacionada ao fato de que Deus está engajado no combate a Satã e a vocação tem seu lugar num mundo mau. Seu trabalho está cheio de perigo e tentação. Para Lutero, a alegria afirmativa do mundo como se manifesta na cultura é algo deveras estranho. Para o homem, entrar na vocação é assumir a cruz e o sofrimento, é empenhar-se por alguma coisa cujo significado não pode ele discernir.

Ao concluir Billing que a vocação tem apenas "uma significação negativa para a vida religiosa" e rejeitar a assimétrica visão de vida que Lutero defende, perguntamo-nos se ele, de fato, não está reagindo contra as afirmativas de Lutero sobre "o amor perdido". Lutero realmente pensa que o amor e a fidelidade à vocação constituem coisas perdidas, coisas que, segundo sua visão de mundo, são jogadas fora. Então, sua visão de vida se revela, dilacerada pela sua fé em um diabo real, que domina na escuridão. Essa ruptura não é superada no estabelecimento do reino terreno. A escatologia é o primeiro campo a restaurar a harmonia e o significado para o que sucede na vida terrena. Por essa razão, a fé anseia pela morte e pelo céu.

A cruz de Cristo no Gólgota não teria nenhum significado se não houvesse ressurreição, pois a ressurreição é a transição da terra para o céu. No reino terreno, o amor de Deus, o amor de Cristo e o amor dos discípulos de Cristo é rejeitado, desprezado e crucificado[127]. Os

[127] É claro que a fé em Cristo é igualmente a fé naquilo que é pobre – o bebê na manjedoura, o homem na cruz... Crer em Cristo, na sua humilhação, e entregar-se à vocação – ambos envolvem a mesma espécie de dificuldade para o homem natural. Assim como Deus, em Cristo, se curva sob a cruz, assim também, através da fé e do amor aos homens, Deus se curva sob a monotonia das voca-

poderes do mal ainda governam e retêm o seu domínio à medida que a terra permanece; no céu, porém, o poder do diabo é rompido.

Essa qualidade dualística na visão de Lutero está entranhada na sua escatologia[128]. A vocação implica na terra a cruz como conseqüência da inimizade incessante do mal contra qualquer obra de Deus; essa cruz, no entanto, aponta para um outro reino após a morte, um reino sem Satã. Na terra, as forças da pessoa devem ser gastas no serviço aos outros, uma perspectiva desagradável da qual o diabo quer afastar-nos; no céu, porém, fica evidente que o próximo desvalido a quem nós servimos era o próprio Cristo, o Rei (Mt 25.31-46).

5 Regeneração

Para Lutero, a lei não é uma grandeza que não é codificada nem na Bíblia nem em nenhum outro livro. Quando alguém em posição de poder desempenha o seu ofício como cooperador de Deus, através dele é feita a exigência daqueles que lhe estão sujeitos. Cada máscara de Deus não passa duma lei incorporada: pais, vizinhos, etc. A lei é a soma de pontos vivos. Conseqüentemente, requer a lei constantemente algo novo e inesperado. Ninguém está quite em relação a ela. Sempre tem ela um atributo que põe o homem à prova.

Quando o amor do novo homem desce ao mundo da lei, desce para um já caracterizado pela liberdade, um mundo no qual já há

ções humanas. Em ambos os casos, Deus cria "do nada"; ele se mostra nos "abismos", nos desprezados. A criação, a encarnação e a vocação estão em uma sintonia mútua. Cf. também *WA* 7, 546-549 e 575 (*The Magnificat*, 1521).

[128] O serviço aos outros, que é o julgamento final a ser considerado acima de tudo o mais, é desprezado na terra por causa do mal. Tanto os trabalhos pesados como as ocupações mais simples são estimados baixamente na terra, mas são altamente considerados no céu. *WA* 34 II, 313 (*Sermons*, 1531; Rörer) e *WA* 14, 171 (*Sermons on Genesis*, 1523-24; Rörer): "Agora podes notar como o mundo pode ser: aquilo que é do diabo é exaltado, mas é considerado mínimo aquilo que é de Deus".

espaço para a iniciativa pessoal. Esse é o mundo da lei; mas nem por isso é o covil dos meticulosos e burocratas, que têm de olhar no livro antes que se aventurem em alguma coisa. Ao contrário, esse é um mundo no qual a lei toma a sua forma a partir das pessoas reais que agem sob a direção do seu discernimento, impelidas pelas suas próprias qualidades e virtudes. Naturalmente, a lei escrita e as ordens estabelecidas são necessárias porque as boas coisas dadas pela criação, talentos e habilidades, são muito suscetíveis ao uso com más finalidades. Mas, com respeito à vida na terra, Deus pode usar a razão do homem natural como meio para cuidar dos seres humanos da mesma forma como ele o faz com o amor do cristão. Não é a exigência de Deus apenas que incessantemente se apresenta em nova forma mas também os seus dons. A bondade de Deus vem a nós, entre várias maneiras, através das outras pessoas, que são as "máscaras" de Deus, tenham elas, ou não, fé.

Nesta seção, discutiremos o caráter flexível e mutante da vida externa, como Lutero a vê, e a consideraremos em conexão com a nova criação de Deus, que, na terra, continua sem parar. Por isso é da máxima importância logo tornar claro que nenhuma distinção é feita entre o homem natural e o cristão. A primeira coisa que deve ser dita sobre o cristão é que ele, através da promessa do evangelho, vive no céu e que essa vida é o mesmo que a recepção da graça; ele adota um outro reino em lugar do mundo.

Essa vida no céu também tem seus efeitos na terra, mas não se acha em Lutero a mania moderna de destacar o avanço ético do cristão e, assim, colocá-lo à parte dos outros como o mais bem qualificado para resolver todos os problemas terrenos. É difícil evitar a suspeita de que o enorme interesse presente na boa moral e nas conseqüências sociais da fé cristã não tenha surgido simultaneamente com a perda da simples fé na vida real após a morte.

Lutero toma isto como certo: ser cristão implica a renovação do reino terreno, onde o cristão se encontra. O mesmo, contudo, é verdadeiro de cada pessoa capaz e inteligente que é fiel à sua posi-

ção. Lutero não compara o cristão e o não-cristão nas suas obras na terra nem contenciosamente afirma ser o cristão o melhor. Seria uma declaração como essa um golpe na natureza do cristianismo como graça pura e uma violação da alegria espontânea do filho de Deus. Lutero reconhece dois reinos, não apenas um. Não há nele nenhuma tendência apologética de argumentar em favor do cristianismo que as suas "contribuições" em assuntos seculares sejam indispensáveis.

Dessa maneira, tratamos juntos, sem nenhuma diferenciação fundamental, o amor do novo homem, a obra do homem comum e a do gigante, o amor cristão e a justiça natural. A unidade desses diferentes fatores se acha em Deus, que em todos eles age. Conseqüentemente, a unidade não reside em nenhuma bondade humana psicologicamente observável, considerada comum tanto para o homem natural como para o cristão e capaz de proporcionar a base para uma visão unificada do homem em geral. Deus opera não só através do cristão como também mediante um Alexandre Magno; ambos são instrumentos seus, e é nisso que se acha a singular unidade que eles têm. Por esse motivo, "Regeneração" é o título apropriado para essa parte. Estamos tratando com diferentes formas da atividade de Deus como Criador.

Por ser Deus impenetrável, a centralização da unidade em Deus manifestamente implica a incompetência do homem para ver através das obras de Deus no mundo. Ao nos confrontarmos com uma concreta mudança na terra, alguma coisa nova e revolucionária, isso poderia muito bem ser obra do diabo em vez de Deus. O homem deve arcar com o risco de tomar uma posição concernente a esses eventos.

Ao exigirmos de Lutero claridade de princípio nesse tema de sorte que possamos diferençar antecipadamente quais as boas e quais as más entre as várias mudanças concebíveis, é o mesmo que exigir a remoção, da sua perspectiva, destes aspectos como a sua convicção quanto ao ocultamento de Deus e à inevitabilidade do desespero. O

homem não controla a Deus e ao diabo; encontra-se entre ambos, exposto ao conflito. Não pode elevar-se ele acima das suas circunstâncias. Deve ter a coragem de arriscar-se, em oração e fé, a tomar uma posição decisiva apesar do fato de achar-se preso aos limites da "hora" e ser incapaz de avaliar alguma coisa completamente.

Quanto ao cristão, suas ações como novo homem surgem da presença do Espírito dentro nele, e nenhuma regra pode ser prescrita para as obras do Espírito[129]. Sua ação não provém de necessidade, pois, no Espírito, o amor de Deus habita no homem. Em conseqüência, o que a lei e as regras vão realizar é já livremente presente; flui de Deus para nós e continua nos outros. Qualquer diferença entre as obras já está no fim, todos os mandamentos são anulados, não há mais compulsão nem coerção, mas só a pura vontade alegre e o zelo para fazer o bem, seja a obra de pouco valor, seja de muito; seja pequena, seja grande; seja curta, seja longa[130].

Ações que são desempenhadas em relações externas variam grandemente em situações diferentes[131]. No momento em que a lei cessa de ser o princípio diretivo da ação do novo homem, também se torna impossível qualquer uniformidade cristã. Olsson enfatizou essa qualidade natural e vital na ética social de Lutero. Ele contrastou a visão de Lutero com a teoria da ortodoxia luterana sobre o terceiro uso da lei, segundo a qual a conduta do cristão pode ser definida e esquematizada num modo que é inteiramente diferente da visão de Lutero. É concebível ter sido o conservadorismo político a conseqüência da visão da ortodoxia ao passo que Lutero, qualquer um pode notar isto, não pode ser encaixado em nenhuma categoria política.

---

[129] *WA* 56, 363 e 511 (*Commentary on Romans*, 1515-16), *WA* 23, 189 (*Dass dieses Wort* = Que esta Palavra, 1527), *WA Tischreden* VI, 153 (N. 6728, de 1536).

[130] *WA* 10 I, 1, 102 (*Kirchenpostille*, 1522). Cf. *WA* 10 I, 2, 41 e 178 (*Adventspostille*, 1522).

[131] *WA* 57, 87 (*Commentary on Hebrew*, 1517-18), *WA* 8, 588 (*De Votis Monasticis*, 1521) e *WA* 31 II, 543-544 (*Lectures on Isaiah*, 1527-30; Lauterbach).

Na explicação da flexibilidade da vocação que se torna possível através da fé e do amor do novo homem, as palavras de Lutero de que o amor "se alteia acima de toda lei" são naturalmente úteis. Típica é a sua afirmação no Sermão de Quaresma de 1525:

> Dessa maneira, esse mandamento do amor é um pequeno mandamento e um grande mandamento, um único mandamento e muitos mandamentos. É nenhum mandamento e todos os mandamentos. Em si mesmo é pequeno e um só e fácil de captar com o pensamento. Mas no seu cumprimento é um longo mandamento e muitos mandamentos; pois ele abarca todos os mandamentos e se eleva acima deles. Se alguém pensa nas obras, não há nenhum mandamento. Não há nenhuma obra especial, que possa, por sua própria natureza, ser nomeada; contudo, o amor é todos os mandamentos porque as obras de todos os vários e diferentes mandamentos são suas obras e assim deve ser. Dessa maneira, o mandamento do amor tanto remove todos os mandamentos como os afirma. Tudo isso deve levar-nos a saber e a entender que não devemos guardar nem observar nenhum mandamento nem obra que o amor não exija. Como estamos vivendo na terra, não podemos nem devemos viver sem obras. Por isso precisamos de vários mandamentos para estabelecer as obras corretas. Deve ser isso feito, porém, de forma tal que o amor não perca o seu poder e soberania por causa dessas regras. O amor nos permite fazer ou deixar de fazer, e seu propósito pode ser assim melhor servido; e nenhuma obra será feita a não ser por instigação do amor (*WA* 17 II, 95)[132].

A soberania do amor perante a lei implica uem m fator criativo cuja expressão é impossível prever porque pode se tornar acessível a cada momento a novas e insuspeitas perspectivas para a atividade da vida. Nós devemos, nesse aspecto, lembrar as freqüentes afir-

[132] *Fastenpostille*, 1525.

mativas de Lutero sobre a liberdade do cristão de "fazer e omitir"[133]. Mediante essa liberdade, a fé e a relação com Deus alcançam real significado para a vocação, e a vocação é moldada exclusivamente segundo a necessidade alheia. Eu posso "fazer" caso o amor por uma determinada pessoa o exige e "omitir" se uma outra é melhor servida pela abstenção do costumeiramente feito. Vivendo no meu ambiente, as pessoas se tornam meus próximos, uma a uma, conforme a providência de Deus, através da variedade de suas carências, tendo a função de servir como imprevistas moderadoras das minhas ações à medida que as amo realmente, preocupando-me com as suas necessidades.

O conceito do "uso do ofício" é parecido na atitude e relacionado positivamente à noção de "fazer e deixar de fazer". Todo aquele que exerce um bom ofício instituído por Deus, acha-se debaixo do poder de Deus ou do diabo. Com respeito ao ofício como tal é assim ele sujeito a um uso apropriado ou a um abuso falso e egoísta. Com isso, a obra de Deus, mediante o ofício, é alterada. Lutero, em se referindo aos amantes autônomos e egoísticos da liberdade, condena "a liberdade para fazer e deixar de fazer", insistindo, simplesmente na obrigação de fazer. Ao discutir o "uso do ofício", ele faz declarações correspondentes[134].

Quando Lutero se volta do estado e ofício "em si mesmo" (isso é, estado como boa criação independente da pessoa que o ocupa ou exerce) para "a pessoa e uso do ofício", enfatiza, em primeiro lugar, que as afirmativas quanto ao uso apropriado não devem ser por demais definidas e detalhadas[135]. Possibilidades para novos começos na vocação abrem-se porque seu "uso" não é rigidamente fixo. Mas na página seguinte escreve que o homem, confronta-

---

[133] Por exemplo, *WA* 10 I, 2, 175-176 (*Adventspostille*, 1522).

[134] Ver capítulo II, seção 2.

[135] *WA* 19, 630-631 (*Whether Soldiers Can Be Saved*, 1526).

do com tal possibilidade, se empenha em direção a um único fim, a saber, realizar seu próprio desejo sem querer saber nem do próximo nem do direito[136].

Que o "uso" deve ter uma certa liberdade de ação e não ser regulado com um rigor demasiado, é freqüentemente expresso ao dizer que os ofícios devem ser servidos com "eqüidade" e não de acordo com a "dura lei"; mas Lutero vê claramente que essa "eqüidade" pode abrir a porta não só para a solução melhor de uma situação de confronto mas também para o desejo egoísta.

"Um dos vícios que moram dentro de nós, seres humanos, é chamado *fraus*, isso é, astúcia ou manha. Se a alma astuciosa aprende que a eqüidade se encontra acima da justiça, como se fala, então, é ela uma inimiga da justiça. Dia e noite procura e estuda como entrar no mercado sob o semblante e nome da eqüidade." Satanás está pronto, por via de tal eqüidade, a suplantar a Deus. Contra isso, as responsabilidades inerentes ao ofício devem ser fixadas por leis rigorosas[137].

Assim como Deus pode vir e vir através de boas obras, da mesma forma pode Satã chegar e chegar através de más obras. Enfrentamos não só a possibilidade duma transformação divina do mundo mas também a duma satânica metamorfose.

Em face dessas corrupções do ofício, a "lei inflexível" ou "lei escrita" conserva seu valor. "A lei comum do livro" é limitada em comparação com a ilimitada lei criativa, que decide cada caso por si e permite várias ações arbitrárias. Contra as corrupções do ofício, sempre se mantém aquilo que é fixo: a vocação como lei contra a liberdade requerida pelo mal. "A justiça e a sabedoria do nosso governo terreno tem de ser estudada e controlada. Seria uma coisa boa se o imperador, o príncipe ou um senhor fossem, por natureza,

---

[136] *WA* 19, 632-633.

[137] *WA* 19, 633.

sábios e capazes de julgar o direito pelo coração... Mas porque tais são aves raras e o exemplo deles perigoso como, igualmente, pelo bem daqueles que são incapazes de fazer essas coisas por natureza, é melhor que o governo se apóie nas leis comuns que estão escritas de modo que possa haver a maior estima e respeito e não sejam necessários nem milagres nem dons especiais"[138].

O elemento variável é o amor, que livremente percorre o seu caminho porque ele é Deus. O amor do novo homem, que modela o "uso" do seu ofício, é a forma da nova criação de Deus no mundo.

Pelo que vimos antes, já estamos a par da visão de Lutero sobre as obras do cristão, as quais, como "fruto do Espírito", são num sentido peculiar "máscaras" de Deus e conseqüência da "cooperação" do amor com Deus, mediante o que Deus entra dia a dia na vida sobre a terra com variado semblante. Mas, através de outras pessoas que não aceitaram o evangelho, Deus opera sem o seu Espírito. Elas têm, por exemplo, os ofícios que foram criados por Deus.

A atividade terrena do homem natural também implica um fator variável, servindo como órgão da nova e inesperada ação de Deus. Fora da ordem estabelecida, Deus pode incitar crítica e revolta contra um governo tirânico que ele deseja punir; isso é, ele usa o pecado como punição para outro pecado[139].

Em tudo por tudo, ele tem sob seu comando possibilidades de ação das quais a Palavra de Deus, pela qual estamos presos, nada nos diz. Mediante sua atividade no mundo natural, Deus pode igualmente iniciar um novo caminho e mudar a situação em que se encontra o ser humano. Na sua perspectiva sobre direções divinas do mundo, nota-se que Lutero está ansioso para enfatizar constantemente os aspectos que mantêm a porta aberta para novos

---

[138] *WA* 30 II, 558 (*Sermon on Keeping Children in School*, 1530).

[139] O pensamento de que Deus usa o pecado para punir o pecado é muito comum em Lutero. Ver *WA* 19, 637-638 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526).

começos de Deus e dar conteúdo real à sua repetida afirmação da "liberdade de Deus". Deus é livre e não está sujeito a nenhuma lei nem está confinado dentro de nenhum limite. A nova criação de Deus na terra pode ser também realizada mediante o homem natural.

Devemos incluir a noção de Lutero sobre "eqüidade". É, naturalmente, incerto se o termo é aplicado unicamente para a ética do homem natural. Holl procurou sempre defender a tese de que Lutero, de nenhum modo, nunca reconhece uma lei natural, de que todas as expressões parecendo implicar alguma coisa desse tipo deve ser interpretada como se referindo à "moralidade cristã". Holl, concordemente, sustentava que para Lutero o real teor de "eqüidade" é um "sentimento nutrido pelo pensamento do amor cristão".

Franz Lau opõe-se a tal idéia. Segundo ele, "eqüidade" pertence ao campo da razão e aplica-se à administração das questões civis, dos negócios dentro do reino terreno. A posição de Lutero de que as leis e ofícios devem ser conduzidos com "eqüidade" é relevante em nível natural e puramente racional.

De fato, é impossível riscar uma linha bem distinta. Eqüidade é uma coisa que Deus requer e a que se deve dar espaço na vida sobre a terra; Deus, porém, a exige de cristãos e não-cristãos igualmente, pois na terra não há diferença decisiva entre cristãos e não-cristãos. Devem todos falar a verdade. Devem todos obedecer à lei civil. Devem todos mostrar fineza e respeito. Onde as obras e o comportamento visível estão em foco não é só difícil fazer uma demarcação radical entre cristãos e não-cristãos; é errôneo.

Numa postila de advento Lutero expõe em Fp 4.5: "Seja a vossa moderação (brandura, benevolência no julgamento) conhecida de todos os homens"[140]. Lutero traduz assim: "Vossa benignidade seja

---

[140] O termo *epieikeia*, que Lutero freqüentemente emprega, tem relação direta com o Novo Testamento. Fp 4.5 diz: "Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens".

conhecida por todos os homens"; e na sua interpretação introduz uma distinção entre "justiça dura e benigna"[141]. O julgamento moderado não é cego nem abstrato, mas se preocupa com a situação particular e os atos no caso concreto. Em ligação com essa linha de pensamento, Lutero exige moderação ou brandura porque em toda nossa ação temos de tratar com os outros nas suas particulares situações. O caráter vivo e sempre mutável da circunstância, à luz da qual deve o comportamento ser julgado, modera toda a lei. Os problemas dos homens se modificam, e as próprias pessoas mudam; nosso próximo é uma pessoa num momento, uma pessoa diferente num outro e freqüentemente várias pessoas de uma só vez[142].

Esse tipo de julgamento, de especial importância para quem de autoridade investido, Lutero considera uma arte, para a qual são convenientes alguns talentos naturais de liderança. A arte consiste em unir a firmeza com a habilidade de fazer exceção onde a exceção é realmente exigida. A razão deve governar sobre toda a justiça e todas as leis[143]. Quando essa razão natural é insuficiente, não há outra ajuda senão a oração. "O que deve um príncipe fazer se ele não é suficientemente sábio, necessitando ser guiado por advogados e livros de leis? Resposta: Por essa razão, eu disse que o estado do príncipe é muito perigoso... (Por esse motivo, Salomão pediu a Deus um coração sábio)... um soberano deve seguir seu exemplo... para apegar-se apenas a Deus, gritar em seus ouvidos e orar por

---

[141] *WA* 10 I, 2, 174 (1521): "Essa é a significação da palavra que o Apóstolo usa aqui – *epieikeia*, *clementia*, *comoditas* – que de outra forma não posso traduzir para o alemão a não ser por gelindigkeyt... Pela mesma razão distingue a lei entra uma justiça dura e uma moderada; o que é áspero demais é amenizado. Isso é 'eqüidade', 'moderação', 'clemência da justiça'".

[142] *WA* 10 I, 2, 175-190. Em conclusão, essa moderação e razoabilidade é apresentada como o "fruto do Espírito", isso é, como sendo uma coisa cristã (180). Encontramos este pensamento, o de que o próximo é a base para a variação ao se administrar a justiça, quando a mesma passagem em Lutero foi discutida em conexão com a liberdade de fazer ou deixar de fazer.

[143] *WA* 11, 272 (*Treatise on Secular Authority*, 1523).

discernimento a fim de governar sabiamente, o que vai além de todos os livros e mestres"[144].

Quanta coisa é possível mediante a razão nas pessoas de grande talento e mediante a oração depois que todos os recursos humanos falham! Ora, a justiça natural e o amor cristão são iguais em valor com respeito ao labor terreno, que lida com os assuntos mundanos daqui de baixo; pois o julgamento do homem face a Deus é irrelevante. (Face a Deus, no céu, tudo vai depender se a fé está ou não presente.) Na administração moderada da lei, o amor cristão (*Liebe*) e a justiça natural (*natürlich Recht*) são prontamente colocados lado a lado na visão de Lutero[145]. Deus, o Criador, age tanto pelo talento natural dado ao nascer quanto pelo amor do novo homem dado pelo nascer novamente mediante a Palavra.

Um exemplo de moderação está num livro de Lutero, *Von Ehesachen* (*Sobre as Questões Matrimoniais*), onde ele cita a expressão popular, como freqüentemente o faz: "A maior justiça é a maior injustiça". Ele não tem a menor consideração nem respeito pela exatidão moralística amarrada à letra, exigindo cumprimento da lei em cada minúcia. Essa precisão moral não está preocupada com realidades, pois está interessada, não com o próximo, mas tão-só com uma falsa irreprochabilidade porque não há vida sem pecado, e tal irrepreensibilidade não deve ser estabelecida como padrão[146]. O objetivo da ação deve ser este: no meio de um mundo pecaminoso do qual inescapavelmente participamos, devemos viver para ajudar o nosso próximo e promover seu bem-estar. Isso é impossível de nenhum outro modo a não ser tomando nosso lugar entre Deus e o

---

[144] *WA* 11, 272-273 (ibidem).

[145] *WA* 11, 279 (ib.).

[146] *WA* 30 III, 222-223 (1530). Cf. o conselho dado a comerciantes que tinham uma consciência sensível, em *WA* 15, 297 (*Von Kaufshandlung und Wucher* = Sobre o Comércio e a Usura, 1524). Por mais cuidadosa que seja uma pessoa, ela sempre falha em um ponto. "Que isto entre no teu Pai-Nosso, onde oras: 'Perdoa-nos as nossas dívidas'. Pois a vida de nenhuma pessoa é uma vida sem pecado".

próximo e fazendo "o que for necessário". Em nossa relação real com Deus, uma ação é exigida numa hora e outra numa outra, quando o cenário exterior estiver mudado.

Uma lei rígida não leva em conta as épocas e as complexidades das situações humanas. A moderação ajusta a lei às circunstâncias particulares. A administração requerida pela moderação é modificável de acordo com o "tempo" e a "hora"[147]. O modo pelo qual Lutero trata, em *Von Ehesachen*, das questões do noivado contra os desejos dos pais, noivado sob coerção, divórcio, etc., é marcado de ponta a ponta com o sentimento de "eqüidade", interesse no concreto e ceticismo quanto a princípios sem vida; isso é, com "brandura" ou "moderação"[148].

Para Lutero, a justiça verdadeira não é simplesmente para ser achada no livro da lei, numa suma estática, escrita e fixada antes que surjam as ocasiões. A justiça genuína é o produto conjunto da cooperação do livro da lei e do juiz no estabelecimento do contínuo procedimento legal em que está sendo a justiça administrada[149]. E não é só o juiz que dá forma à lei dessa maneira e a coloca em operação em cada caso, dia após dia. A cabeça da casa tem, ao tratar os seus membros, também a missão de dispensá-la e adaptá-la sempre que necessário. Na sua casa, o senhor é "a lei viva", segundo a expressão de Lutero. "Assim ele (o senhor da casa) toma a sua posição: 'Eu sou a lei viva em meu lar e na minha mão eu tenho a *epieikeia*, o direito de mitigar e moderar a lei'. A brandura irrompe através da lei porque o ato foi súbito e não-planejado"[150].

---

[147] *WA* 51, 372-373 (*An die Pfarrherrn wider den Wucher zu predigen*, 1540). A concepção de *epieikeia* é debatida. A declaração final é típica: "Tu não podes pôr todas as coisas no papel".

[148] *WA* 30 III, 236-248 (1530).

[149] Ver *WA*, 19, 632 (*Whether Soldiers Too Can Be Saved*, 1526) para a definição de "moderação". A passagem entra na consideração do que se quer dizer com o "uso" do ofício em oposição ao ofício em si.

[150] *WA* 44, 704 (*Commentary on Genesis*, 1535-1545).

Dos super-homens de Deus no governo terreno, isso é, dos autênticos estadistas, ele, da mesma forma, diz que eles "próprios determinam a lei", e acrescenta que, "tais pessoas", na verdade, "são os senhores e a própria lei". O imperador é "a lei viva sobre a terra"[151]. Por isso podemos falar, de maneira oportuna, da personificação da lei, que se aplica nas relações externas, segundo a visão de Lutero. Em certa medida, a lei é individualizada quando juízes, cabeças de família ou príncipes desempenham as suas vocações, quando a lei diz respeito à situação e é corretamente aplicada a pessoas dentro da esfera da vocação de cada oficial. A vocação é também, manifestamente, uma individualização da lei para os oficiais. Eles devem agir com moderação. A vocação exige deles alguma coisa que dê qualidade particular à sua ação; eles não podem apenas seguir os velhos padrões mecanicamente. Cada vocação tem seu emprego num lugar específico e trata com pessoas individuais num tempo definido. Os problemas que surgem num determinado quadro de referência são de certa forma diferentes daqueles que ocorrem em qualquer outra vocação. A moderação, que requer o exame de situações particulares, torna a minha vocação tão-somente minha. Nas suas grandes decisões, o homem está sozinho, sem um padrão, sem um protótipo[152].

Nós colocamos no seu lugar a concepção do "homem heróico" (*vir heroicus*) conforme a visão de Lutero sobre a fé. Esse "homem heróico" encarna a lei e a razão natural num dado momento. Empiricamente, é evidente que a maioria das pessoas é incapaz de discernir o que exige a razão natural[153]. A capacidade para aplicar a

---

[151] *WA* 51, 212 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-1535).

[152] A vocação opõe-se à imitação, que copia certos santos como modelos, como um tipo de separação aberta. Retornaremos a esse ponto na seção "Vocação-Imitação". Na solitude sua, o homem está em oração e deve proceder e agir segundo as exigências da lei.

[153] *WA* 51, 361-362 (*An die Pfarrherrn wider den Wucher zu predigen*, 1540).

justiça natural numa situação particular é dada a poucos líderes criativos que, poderia ser dito, encarnam o direito natural no seu agir. "Essa jóia preciosa chamada justiça natural e razão é uma coisa muito rara entre os filhos dos homens"[154].

Temos outra variável da visão de Lutero sobre a sociedade ao conservar aberto o sistema para novos começos e acentuar a liberdade de Deus na sua obra criativa sobre a terra. É impossível para qualquer um saber, de antemão, quando esse talento aparecerá. A distribuição desigual de talentos entre as pessoas é uma evidência do fato de que Deus "quer permanecer livre e independente como é próprio de Deus; ele não quer ficar sujeito à sua criação mesmo sendo a criação bela e formosa"[155]. Deus estabeleceu príncipes, nobres, cidadãos, etc., numa graduada escala de cima para baixo; e essa ordem lhe agrada. Mas, ao outorgar talento e caráter, pode ele dar a um cidadão tanto quanto a meia dúzia de nobres e a um nobre tanto quanto a três príncipes; pois, como senhor da sua ordem criada, é Deus "livre e independente". Muito mais difícil de calcular do que esses talentos comuns inesperados é a repentina aparição *do vir heroicus*.

Tal super-homem pode fazer o que os outros não podem. Ou melhor, ele o faz. No caso do "homem heróico" não podemos dizer o que ele pode, ou não, fazer. A norma geral estabelece a assunção de que não há pessoas excepcionais. Mas, se em algum lugar existe um "homem heróico", ele faz o seu próprio caminho e nessa trilha deve ir adiante porque, de outro modo, não é um "homem heróico". Um verdadeiro super-homem é guiado pelo próprio Deus, que dirige certos pensamentos para dentro de sua mente. "Tudo o que eles tocam, dá resultado, e, mesmo que todo o mundo fosse contra

---

[154] *WA* 51, 212 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

[155] *WA* 51, 255-256 (ibidem). Cf. *WA* 30 II, 575-576 (*Sermon on Keeping Children in School*, 1530). No momento em que, de um simples filho do homem faz Deus um importante oficial, quer no reino secular, quer no espiritual, ele o cria "do nada".

a sua iniciativa, ela, contudo, se moveria sem impedimento. Pois o mesmo Deus que plantou essas idéias nos seus corações, que estimula as suas idéias e a sua coragem, também guia suas mãos para agir e realizar todo o seu plano"[156].

Assim, pôs Moisés mãos à obra para libertar o povo de faraó, o que parecia uma revolta, não devendo ser tomado como um padrão para as pessoas comuns. Os camponeses revoltosos podem orar a Deus por tal super-homem para restaurar as boas condições sociais e aguardar com paciência até que tal pessoa apareça[157]. Quando essas incorrigíveis circunstâncias prevalecem, Deus manda o seu homem. A tarefa desse "homem heróico" é exatamente a de fazer um reinado correto e razoável. Essa tarefa simples exige um herói e é tão difícil realizá-la porque o mundo se acha no poder de Satã. Fora desse dualístico *background*, a luta entre Deus e o diabo, os pensamentos de Lutero sobre o "homem heróico" são incompreensíveis.

Dois pontos subordinados precisam ser observados no que tange à oposição entre Deus e o diabo.

O primeiro é que o diabo tem igualmente os seus "super-homens", que Deus não enviou, mas que tentam imitar os revolucionários divinamente favorecidos. Como conseqüência é difícil perceber um "homem heróico". É possível que seja uma pessoa diabólica aquela com a qual nos defrontamos[158]. Quando um fator flexível aparece na visão de Lutero sobre a sociedade, como vimos, abre-se a porta para uma transformação não só divina como também satânica. Por essa razão, a fé deve sempre lutar contra a incerteza e sempre conservar-se fé, fé que não tem como se tornar conhecimento e pura clareza antes que venha o tempo quando, finalmente,

---

[156] *WA* 51, 207 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35): exemplos: Sansão, Ciro, Temístocles, Alexandre Magno, etc.

[157] *WA* 18, 321 (*Admonition to Peace*, 1525).

[158] *WA* 51, 212 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-1535).

viveremos no mundo da ressurreição. Como tal céu vem após a morte, não podemos distinguir entre o divino e o satânico simplesmente perguntando se uma transformação realizada provoca, ou não, sofrimento no tempo atual. A dor é, por assim dizer, normal neste mundo, o mundo da cruz.

O segundo ponto é que até os próprios homens heróicos de Deus, no fim, trazem destruição sobre si mesmos. Como vão adiante "sem a Palavra de Deus", não entendem que sua obra é realmente a obra de Deus através de si mesmos e, de acordo com seu ponto-de-vista, não dão a honra a Deus. "Antes que lhes ensines como fazer, já o fizeram sem que sentissem nenhuma precisão da Palavra de Deus para ensiná-los a atribuir tal fortuna e grandes feitos a Deus e dar-lhe a honra ao invés de se louvarem e a si mesmos se exaltar". Isso não podem saber sem a palavra de Deus de modo que, via de regra, têm um fim terrível, como a história mostra[159].

Como resultado, para muitos deles, chega o tempo em que Deus "recolhe a sua mão" e eles, então, caem por terra. "Quando chega a hora em que Deus lhes retira a sua mão por serem ingratos e arrogantes, eles todos cairão, e nenhum conselho nem argumento os ajudará. Seu destino é perecer como aconteceu com Aníbal"[160]. Mesmo no coração dos super-homens de Deus, irrompe a luta entre Deus e Satã, e qualquer resultado dessa luta é possível.

Tanto a moderação na vida diária como o "homem heróico" são pontos em que o amor criativo de Deus surge para a vida. A moderação escava uma fenda na lei e deixa a misericórdia escorrer por ela. A moderação é vista expressamente como "a porção da graça" que deve ter lugar no reino terreno[161]. O próprio Lutero apresenta, nesse caso, a idéia dos *viri heroici* (homens heróicos). São essas pes-

---

[159] *WA* 51, 207-208.

[160] *WA* 51, 212-213.

[161] *WA* 44, 706 (*Commentary on Genesis*, 1535-15450).

soas excepcionais que se põem acima da lei e servem o amor de Deus pelo mesmo fato de exercerem a moderação da lei à medida que as circunstâncias mudam. "Que o amor, então, seja o rei e senhor para regular as leis e direcioná-las para a moderação. Requer-se tal moderação de homens de estatura heróica e excepcional"[162].

São tais erupções e refrescantes recomeços característicos da fé de Lutero na criação, pois o fato de que Deus cria implica para Lutero uma coisa que incessantemente continua, "criar é sempre fazer algo novo" (*creare est semper novum facere*)[163]. O traço unificador nessa contínua criação de Deus é o seu amor. É, naturalmente, o amor de Deus que irrompe na vida do novo homem, que nasce do evangelho. "Assim, através da fé, o cristão se torna um criador"[164]. É o amor de Deus que, mediante a moderação, abre fendas na lei e realiza novas relações no lar, nos locais de trabalho e nas cortes, lugar em que as decisões acontecem. É o amor de Deus que dirige o "homem heróico" pela trilha em chamas, no empreendimento arriscado, pelo qual são formadas novas relações dentro da sociedade. Lutero nunca renuncia à tese, desenvolvida no *Magnificat* de 1521, de que é justamente nas necessidades humanas, em tempos e ocasiões que parecem não conter nenhuma esperança, que Deus, desse desamparo, desse "nada", cria alguma coisa nova[165].

Na sua visão da sociedade, Lutero enfatiza fortemente o fator significativo da mudança na obra criativa de Deus sobre a terra, que parece puro esteticismo, exceto pelo fato de que a batalha ente Deus e o diabo oferece o *background* e a razão pela qual se vê como necessário um novo ato criativo.

---

[162] *WA* 42, 503-504 (ib.).

[163] *WA* 1, 563 (*Resolutiones disputationum de indulgentiarum virtute* = Resoluções das Controvérsias sobre a Virtude das Indulgências, 1518).

[164] *WA* 27, 399 (*Sermons*, 1528; Rörer).

[165] *WA* 7, 547-549. Aqui está a base de toda a visão de Lutero sobre a história.

Deus, por si mesmo, é capaz de deixar o mundo ir como ele é, pronto, imutável e sem novos inícios; mas o diabo não o permite. Vivemos num mundo em contínua destruição e incessante renovação. A nova criação acontece a todo momento *contra diabolum*, contra o diabo. As novas medidas no mundo externo constituem ações combativas e, como tais, inesperadas e repentinas, a jorrar da *Gottes Freiheit*, da liberdade de Deus, que não está limitada por nenhuma cerca de antemão posta aqui embaixo[166].

A divina liberdade quer dizer que nenhuma regra ou lei pode ser estabelecida como norma para a sua ação; e que essa liberdade é exercida para dentro da nova obra criativa de Deus em e através dos seres humanos. A liberdade de Deus se concretiza tanto na moderação natural quanto no amor cristão, e ambos se elevam em soberania acima de todas as regras e leis. Dessa maneira, é manifestada a liberdade de Deus através dos "homens heróicos", os quais agem contrariamente a tudo o que é convencional[167]. Todas essas obras divinas têm sua mútua unidade em todas elas fluírem do ser de Deus, "simples, inexprimível amor", e não porque poderiam ser deduzidas de uma lei ou regra. Segue-se disso que nenhum homem tem acesso a medidores pelo qual possa julgar as ações de Deus[168]. Ele dá acesso a si mesmo a todos que vêm a ele em fé, que não inquirem nem investigam a Deus, mas que o aceitam e se dirigem a ele em oração.

Por causa da prontidão em receber a Deus em tudo o que ele faz, essa fé aberta, apesar de ela não ter visto, aceita como verdadeiro que Deus é sempre amor. Deus entra em comunhão com a pessoa que tem uma fé como essa, que, assim, coopera com Deus.

---

[166] *WA* 10 I, 1, 618-619 (*Kirchenpostille*, 1522), *WA* 18, 712 (*The Bondage of the Will*, 1525), *WA* 51, 255 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

[167] *WA* 51, 209 (ib.).

[168] Cf. *WA* 18, 784 (*The Bondage of the Will*, 1525). Sobre Deus como amor no seu agir exterior na criação, ver *WA* 36, 426 (*Sermons*, 1532; Cruciger).

Ao começar ele a agir nessa pessoa, dirige assim tudo o que sucede, inclusive o que é penoso, porque tudo é expressão do seu amor. Além do mais, através desse homem, Deus consola outros homens, pois o homem não pode fechar o seu coração para o próximo sem, ao mesmo tempo, fechar o seu coração para aquilo que Deus faz com esse mesmo homem. Dessa forma, acontece que novas ações constantemente são trazidas à luz. Aquele que, pela fé, está aberto para Deus, está, pelo amor, aberto para o próximo. Como Deus encaminha tudo o que está acontecendo, meu próximo se torna um instrumento na mão de Deus para aquilo que ele está fazendo comigo. Eu não posso afastar-me do próximo, sem com isso, afastar-me de Deus – e isso é cair na descrença.

Mediante a pessoa receptiva àquilo que é posto sobre ela, e ora, as ações de Deus são efetuadas na vocação. O próximo capítulo será sobre o ser humano individual, o homem como ele vive na terra enquanto espera pela morte, que se encontra a si mesmo no seu trabalho diário no meio do conflito entre Deus e o diabo.

III
O HOMEM

1 A Sua Situação

A concepção de Lutero sobre o mundo e a sua visão de vida caracterizam-se pelo dualismo entre Deus e Satã, por um lado, e, por outro, escatologia ou tensão entre céu e terra[1]. Nosso primeiro capítulo, "Terra e Céu", discutiu a escatologia. O homem vive na terra por um pequeno tempo na sua vocação, com o seu próximo, até que a morte venha. Tudo na terra é transitório. O que é duradouro e eterno é o reino após a morte, o céu. O segundo capítulo, "Deus e o Diabo", discutiu o dualismo. O homem é criado por Deus e recebeu a Palavra de Deus, que é tanto promessa de vida no céu (evangelho) quanto mandamento concernente à vida na terra (lei). O diabo quer desencaminhar o homem na terra para fora da sua vocação, na qual se encontra a lei encarnada, e arrancar-lhe a salvação destruindo sua fé no evangelho. De Satã vem a morte e a destruição; com Deus há vida e salvamento.

Aqui está o ponto a que chegamos em nossa apresentação. O terceiro capítulo é intitulado "O Homem". O céu não é para gansos, animais ou madeira; o mundo da ressurreição é especificamente para seres humanos, para o homem[2]. Dentre todos os seres terres-

---

[1] Lutero esperava que o juízo final viesse logo, baseando sua expectativa na observação da atividade satânica e da ação do Anticristo em seus dias.

[2] *WA* 18, 636 (*The Bondage of the Will*, 1525).

tres é apenas o homem que tem como objetivo o céu. E, dentre todas as criaturas terrestres, é só o homem que é objeto da luta entre Deus e Satã.

Quando o mal prende o homem, nenhum animal pode competir com ele em maldade satânica; ele fica totalmente corrompido com Satã[3]. Mas o ser humano é também a única criatura na qual pode acontecer o milagre de nascer novamente ou ser feito novo. Todo animal é criado por Deus; mas ele não faz do animal uma nova criatura. O novo homem é uma nova criação com nenhuma contrapartida na natureza. Ele é uma nova criatura em conflito com os poderes de pecado e morte, em conflito contra Satanás.

Nas páginas precedentes, a situação do homem foi apresentada. Ela é caracterizada pelo duplo fato de ele estar entre o céu e a terra, entre Deus e o diabo. O primeiro caso implica o seguinte: em qualquer idade, o homem, na terra, tem os mais importantes eventos da sua vida sempre à sua frente, a saber, a morte e o que vem após ela. O segundo implica estar posto num campo de batalha, nunca ser autônomo ou achar-se ele só, mas estar incessantemente no meio de um conflito invisível.

Uma antropologia que primeiro descreva o homem e depois se ocupe com a sua relação com Deus, é, para Lutero, um absurdo. Não há essa coisa de um ser humano que subsista por si mesmo, que não esteja suspenso entre Deus e o diabo. Do ponto-de-vista de Lutero, antropologia no senso teológico pode significar tão-só a obra de Deus em relação ao homem olhada da perspectiva do homem, de baixo, com os olhos de um homem concreto, de alguém que sempre está sozinho na sua tentação espiritual.

Não apresentaremos essa discussão abrangente sobre o homem em relação a Deus. Ela iria requerer uma profunda e meticulosa pesquisa de Lutero, e essa é uma tarefa deveras difícil. Neste capítulo sobre o homem, apenas tocaremos nos aspectos relacionados com

---

[3] *WA* 5, 38 (*Operationes in Psalmos*).

a vocação. Em nosso primeiro capítulo, tratamos a vocação no seu relacionamento com os dois reinos: o reino das obras da lei sobre a terra, onde a vocação está colocada, e o reino do evangelho da graça, no céu, onde o homem não confia na fidelidade à sua vocação ou em obras em geral. No segundo capítulo, vimos a vocação em relação aos dois poderes: Deus, cuja arma é a vocação, e o diabo, que ataca a existência do homem na vocação. Em ambos os capítulos, a vocação foi vista sob perspectivas cósmicas, e devem essas visões totais ser complementadas por caracterizações subordinadas numa consideração mais íntima e conscientemente mais limitada, numa escala mais restrita.

Esses aspectos podem parecer escolhidos ao acaso, mas eles estão juntos porque, tanto quanto possível, o problema, nós o visualizamos do lugar de uma pessoa particular ocupando o seu lugar na vocação. Como introdução ao complexo de detalhes a ser estudado neste capítulo, deve ser útil se distinguirmos em linhas gerais a situação do homem entre a terra e o céu, e entre Deus e o diabo.

A posição do homem entre o céu e a terra implica em não esperar ele apenas boa fortuna sobre a terra mas também antecipadamente estar preparado para sofrer a "cruz" e as tribulações deste mundo.

Alguns se abstêm do casamento e vivem em prostituição assumindo, assim, menos responsabilidade. "Isto é bem verdade. Pois aquele que assume não haver nenhuma outra vida após esta, como fazem alguns, age de modo coerente procurando satisfação na prostituição promíscua ao invés de tomar sobre si preocupações do estado de casado". Mas o cristão fica feliz em tomar uma esposa. "Pois, como o cristão espera uma outra vida após esta, é para ele bastante razoável aceitar aqui dias que são menos bons e ter, com isso, o bem mais puro dos dias que deverão existir na vida que há de vir. O próprio Deus reconhece tal fato quando fez o homem e a mulher e os uniu"[4].

---

[4] *WA* 12, 93 (*Exposition of I Corinthians 7*, 1523). Cf. *WA* 2, 734 (*Treatise on the Sacrament of Baptism*, 1519) e *WA* 30 II, 175-180 (*Heerpredigt wider den Türken*, 1529).

A promessa do céu é dada pela palavra de Cristo; mas o caminho para esse reino após a morte é através da serenidade na vocação, através da paciente fidelidade à responsabilidade nos dias maus e bons; "esse é o caminho reto que... leva para o céu"[5]. Característica desse aspecto é a significação dada ao corpo.

Diz Lutero freqüentemente que – assinalamos isto – a consciência já está no céu ou está iluminada pelo evangelho enquanto, por outro lado, o corpo está na terra e deve ser disciplinado pela lei. A liberdade relativa à lei, que pertence à consciência, é um sinal da participação do crente na ressurreição de Cristo enquanto o cativeiro do corpo à lei (estado, ofício) está ligado ao caso de o corpo não ter sido ainda ressuscitado. Por agora, o corpo está preso por vários laços e é obrigado a viver uma existência trabalhosa, cheia de sofrimentos e cruzes. A convicção do cristão de que ele está "em Cristo" está ligada a essa visão específica da cruz, e essa convicção não pode se separar da simples fé na ressurreição real após a morte. Essa fé está unida ao anelo pela morte e à prontidão para ela. Por esse motivo anseia o homem passar das cruzes para a ressurreição, da terra para o céu.

Desse modo, a fé na criação e a escatologia acabam formando um conjunto. O homem foi criado por Deus com corpo e alma, e após a morte ele ressuscitará com o corpo e com a alma. Entre a criação e a ressurreição estão a vida na terra e a vocação. A vocação testemunha a fé de que o corpo deve ser ressuscitado porque a vocação estende a lei e a cruz sobre o corpo enquanto o corpo está na terra, na qual esteve a cruz de Cristo. Para essa visão de vida é concebível que a vocação possa aparecer na forma do que venha a ser um pesado e sofrido engajamento no estado ou ofício de uma pessoa. Não se pede que a obra seja "interessante" antes que se a aceite como vocação. Para essa visão de vida, os sacramentos são também compreensíveis. Entre a criação e a ressurreição encontra-

[5] *WA* 6, 264 (*Treatise on Good Works*, 1520).

se o recebimento, pelo homem, do batismo e da comunhão; e na visibilidade e exterioridade dos sacramentos se acha o mesmo testemunho da vocação: o testemunho de que também o corpo deve nascer para a vida eterna. Através da vocação, a lei testemunha a ressurreição; através dos sacramentos, o evangelho testemunha a mesma coisa.

Em outros contextos afirmou Lutero que o velho homem, o homem do pecado, é para ser disciplinado ao passo que o novo homem é justo e livre da lei. Essa é uma outra nuance. A diferenciação de Lutero entre o corpo e a consciência é uma expressão do conceito dos dois reinos; a consciência pertence ao reino celeste, e o corpo ao reino terreno. Segundo a concepção do velho homem, pecaminoso, em justaposição ao novo, numa referência ao caso de os dois se acharem em mútuo conflito, começa a emergir a oposição entre Deus e o diabo. O velho homem não é corporal mas pecaminoso. Sua pecaminosidade se expressa tanto na alma quanto no corpo, totalmente. "O velho homem, nascido de Adão, não está de acordo com a natureza mas de acordo com a corrupção da natureza. Ele é chamado de "velho homem" não só enquanto faz as obras da carne mas também quando faz o que é certo, age em sabedoria e pratica toda espécie de bem espiritual"[6].

De maneira semelhante, a justiça do novo homem é concebida como realidade completa a manifestar-se também em ações externas, corporais, livre da lei, que de outra forma dirigiria o corpo, de acordo com a dualidade enraizada na concepção dos dois reinos.

Ambas as idéias se encontram juntas: a contínua dualidade do corpo e da consciência, derivada da concepção dos dois reinos, e a divisão derivada do dualismo entre Deus e Satã, que tende incessantemente para uma visão total do homem. O homem está por inteiro preso ao pecado, por causa da queda, mas a obra redentora, pela qual Deus liberta o homem do pecado, é dual: é tanto lei quan-

---

[6] *WA* 56, 325-326 (*Commentary on Romans*, 1515-16). Ver também *WA* 6, 246 (*Treatise on Good Works*, 1520).

to evangelho. O evangelho certifica o homem do perdão de Deus, do *favor Dei* (favor de Deus), e com isso remove o temor do juízo final. Ele tem uma consciência livre, que não teme o derradeiro julgamento, mas confia na promessa divina. O seu corpo, no entanto, continua cativo. O pecado permanece ainda nos seus membros, isso é, na existência externa, empírica; sabe simplesmente a consciência que essa vontade não resulta na rejeição da pessoa por Deus. A responsabilidade de mandar embora o pecado dos membros da pessoa também continua; tal coisa, porém, é realizada vagarosamente e jamais se torna perfeita em alguém antes da morte do corpo. Ao corpo, que por si mesmo não quer o bem, se aplica o ofício, o estado, criado por Deus e capaz de compelir o homem a render serviço útil sobre a terra. Ele experimenta as suas "cruzes", testemunhas da morte e ao mesmo tempo do céu, à medida que a sua obra dada por Deus se move tenaz e vitoriosamente contra o pecado, contra o diabo, no decurso da sociedade humana[7].

Algumas vezes, a visão reguladora para Lutero é a dos dois reinos, ambos os quais são de Deus embora a terra seja transitória e o céu, eterno. Então, ele diz que o estado e a vocação terminam após a morte porque o transitório desvanece no céu.

"Por isso, deves aprender bem a diferença entre essas duas naturezas que tem um cristão de carregar dentro em si neste mundo. Ele vive entre outras pessoas e, tal qual os gentios, têm de usar os bens do mundo e do imperador. Pois ele é feito da mesma carne e sangue, e essa carne e sangue, ele deve sustentá-los. Tal coisa ele faz, não por meio do reino espiritual, mas do campo e da terra que

---

[7] Todas as coisas, sem exceção, estão colocadas neste mundo de responsabilidades. O homem é incapaz de rejeitá-las completamente, mesmo entrando na vida monacal. "Pois tu és filho, ou servo, ou tens vizinhos, ou estás livre ou cativo, ou te encontras em qualquer outro *status* no lar ou na sociedade humana" (*WA* 40 III, 210). Nisso reside o fato de haver uma vocação para cada ser humano. Cf. *WA* 40 III, 207-208 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33). Na mesma ação, tanto o serviço aos outros quanto a subjugação do corpo da pessoa acabam sendo realizados (*WA* 8, 607 (*De Votis Monasticis*, 1521)).

pertence ao imperador, etc., até partir corporalmente desta vida e entrar na próxima"[8].

Algumas vezes, a idéia dominante é a da oposição, na verdade mesmo, da guerra entre Deus e o pecado. Ele diz que cessam o estado e o ofício após a morte porque o pecado, o corpo do pecado, é vencido e destruído[9].

Essas duas formas de pensamento estão tão entrelaçadas que ninguém pode analisar a posição do homem entre o céu e a terra sem, ao mesmo tempo, considerar sua posição na linha de batalha entre Deus e Satã. Notamos repetidamente que não só Deus como também o diabo quebram a linha divisória entre ambos os reinos. O diabo tenta empurrar a lei e as obras para dentro do céu de modo que possa o homem se gabar da sua própria justiça ou requerer direitos face a Deus. Por sua vez, Deus pode permitir que a lei inquiete a consciência humana de modo a levar o homem à ansiedade e humilhação, e repelir a maldade e o orgulho (diabo). A lei deixa seu lugar próprio nas relações externas do homem e engolfa a pessoa inteira, a qual, face a Deus, é totalmente carnal e condenável.

O evangelho, porém, que Deus endereça a toda consciência atribulada, pode ser recebido em fé e, pelo Espírito, produzir amor pelos outros e inclinação para o que requer o ofício da pessoa cumprindo-o na liberdade em relação à lei. Também a lei se retira do seu papel específico, que são as questões externas, corporais. O que se descreveu como a totalidade concernente ao homem, o que é tão característico de Lutero, parece estar em relação com o dualismo entre Deus e o diabo da mesma forma que a dualidade corpo-consciência está relacionada com a doutrina lutérica dos dois reinos. O limite entre os dois reinos é constantemente quebrado pelo conflito entre Deus e o diabo. Da mesma forma, a dualidade no homem

---

[8] *WA* 32, 391 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[9] Essa é a mais comum. Aqui é enfatizada a necessidade de luta contra o "homem exterior". Ver, por exemplo, *WA* 17 II, 62 (*Fastenpostille*, 1525) e *WA* 12, 108 (*Exposition of I Corinthians 7*, 1523).

perpassa o aspecto da totalidade. O homem é uma unidade, mesmo que ele esteja entre o céu e a terra, e a unidade viva, a totalidade que ele é, não pode escapar do conflito entre Deus e o diabo ou tomar uma terceira posição, a neutralidade, nem espírito nem carne, nem fé nem descrença. O homem é uma besta de carga, montado ou por um cavaleiro ou por outro.

Em nossa análise da cooperação assinalamos que o rumo da obra da vocação, para baixo, para a necessidade, e o serviço no qual ninguém se gloria, está correlacionado ao caso de que nossa obra caminha num mundo em que o diabo executa a sua devastação[10]. O amor cristão é espalhado e perdido no mundo. É conveniente terminar a pintura de *die verlorene Liebe* (o amor perdido) porque esse aspecto da visão de Lutero está intimamente ligado com a situação do cristão entre Deus e o diabo, agora sob análise. O diabo impele sua vítima ao abuso dos bens externos, ao *abusus* do seu ofício, da força, da riqueza e de toda a criação de Deus[11]. A bondade e a espontaneidade cristã é um bem oferecido livremente que chega mesmo a convidar o egoísta a abusar dele. Como essa espontaneidade cristã pertence à vocação da pessoa no meio de um mundo assolado pela mesquinharia, ele está sujeito e sem defesa contra o ser explorado e pisado em qualquer circunstância.

Na sua exposição de Rm 8. 20 e s., sobre a "expectativa" da criação, Lutero começa da afirmação: "a criação está sujeita à vaidade" – e pergunta: o que é essa perecibilidade, essa "vaidade"? Ele mesmo reponde que ela é o homem que está na vaidade, o homem pecador. Tudo o que é bom é mal usado pelos seres humanos, e toda a criação visível suspira sob seu jugo, ansiando ficar livre do abuso do homem. A natureza deseja que o homem se torne bom novamente; ela aguarda a revelação dos filhos de Deus e sua gloriosa

[10] Ver capítulo II, seção 4.

[11] Ver, por exemplo, o capítulo II, seção 1. Cf. *WA* 30 II, 572-573 (*Sermons on Keeping Children in School*, 1530).

liberdade no que diz respeito ao correto uso dos dons oferecidos na criação[12]. Como exemplos dessas benéficas dádivas tão cruelmente mal-usadas, Lutero menciona o sol, que brilha até sobre o mau, e a chuva que também alegra o injusto[13]. Apesar do seu lamento, o sol e a chuva, contudo, obedecem a Deus, que é irrestrito amor e, sobre um mundo ingrato, espalha seus dons. O Criador é atendido igualmente pelas flores, árvores, grãos e pássaros canoros; eles entregam seus dons a quaisquer passantes mesmo sendo eles os piores patifes e trapaceiros do mundo. "Está escrito em todas as folhas das árvores e em cada folha de capim; nenhum pássaro, nenhum fruto, nenhuma semente é tão pequena que não mostre isso e não diga: 'Para quem eu produzo meu delicioso fruto ou grão? Para os piores canalhas e velhacos da terra!'"[14]. Esse é o padrão para o amor cristão, que está pronto a ser mal usado e tornar-se, desse modo, um "amor perdido". Assim como Deus espalha outros dons, assim também dissipa essa criação dele, pois o amor cristão é, em si mesmo, criação do Espírito de Deus.

Esse aspecto da obra da vocação de uma pessoa (o trabalho é produzido e perdido) é muito importante. Na verdade, ele constitui uma grande tentação para o indivíduo à medida que este se confronta com sua vocação. Ele é tentado a fazer qualquer outra coisa desde que não seja a sua vocação, qualquer outra coisa que tenha mais significado e receba do mundo uma certa medida de reconhecimento. Mas o conflito entre Deus e o diabo exige que a obra de Deus se manifeste contra a obra de Satã numa terra transtornada pelo pecado; e todos os falsos atalhos se colocam em favor deles. Deve isso envolver uma batalha interna para quem se aplica à sua vocação. Freqüentemente se encontra sozinho com a sua tarefa diária, sem orientação do povo de Deus, com a direção de Deus como

---

[12] *WA* 56, 372-373 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

[13] *WA* 56, 80-81 (ibidem).

[14] *WA* 32, 404 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

seu único apoio e a oração como seu único recurso. Tendo esboçado, num claro esquema, o significado da vida na vocação, discutiremos alguns dos seus aspectos em mais detalhes na seção que segue. Iniciaremos com a oposição traçada por Lutero entre a vida na vocação e a monástica imitação dos santos.

2 Vocação – Imitação

Lutero coloca o chamado em um agudo contraste com o arremedo. Sua, por exemplo, forte ênfase na moderação, à base de ser cada circunstância uma circunstância única, já insinua tal contraste. Esse reparo individualiza o agir e, num certo grau, o recria em cada oportunidade. Nas decisões de um grande e importante momento, constitui a ação uma empresa arriscada à qual tem a pessoa de entregar-se em fé. Não é um acaso serem as cartas de Lutero uma tão importante fonte para a sua visão da sociedade como o são os seus tratados. As cartas foram escritas em situações definidas e contêm conselhos para o manejo de dadas situações cujos elementos são conhecidos e objeto de estudo. O alto apreço pela capacidade que têm algumas pessoas em dar conselhos em qualquer espécie de situação tem um caráter profundamente luterano. O caráter local da vocação mostra que a mesma contrasta com a imitação. Aquele cuja conduta copia algum padrão procura agir independentemente não apenas da época mas também do lugar.

A vocação mostra que as pessoas que se encontram mais perto de nós – família e companheiros de trabalho – são as entregues por Deus: é o próximo a quem se deve amar. Com isso, a vocação aponta um mundo que não é o mesmo para todas as pessoas. O mesmo procedimento não combina com todas as circunstâncias. Cada um dos fatores sociais que surgem das ações vocacionais das várias e diferentes pessoas tem o seu próprio caráter; e, assim, a vida na sociedade se desenvolve numa variedade opulenta. Quanto às rela-

ções exteriores na terra, Lutero pessoalmente, com toda a certeza, tinha prazer em muitas. Ele próprio tinha um claro senso de vocação no que respeita à sua obra como reformador; e para esse fim encontrou um apoio especial no juramento que fez quando se tornou doutor em teologia. Cada qual deve realizar a sua própria obra sem olhar os outros nem tentar copiá-los. Cristo não deve ser imitado por nós, mas, antes, ser aceito em fé porque ele também teve o seu ofício especial, o da salvação do homem, ofício que nenhuma outra pessoa tem. "Se um estado ou ofício não fosse bom em razão de Cristo não havê-lo desempenhado, o que seria feito de todos os ofícios e estados exceto o ofício da pregação, o único a ter sido praticado por ele? Ele desempenhou o seu próprio ofício e estado, mas nem por isso rejeitou o ofício de nenhuma outra pessoa.... Cada qual deve guardar a sua própria vocação e trabalho[15].

"É a firme intenção de Deus", lemos numa famosa passagem de Lutero em *De Votis Monasticis*, "que devem todos os santos viver na mesma fé e ser movidos e guiados pelo mesmo Espírito, mas que devem, em matérias externas, desempenhar trabalhos diferentes". Deus não faz as mesmas obras através de todas as pessoas nem as realiza "ao mesmo tempo ou no mesmo lugar ou perante as mesmas pessoas; mas, sempre as dirigindo pelo mesmo Espírito e, pela mesma fé, ele é ativo em tempos, lugares, obras e pessoas diferentes". Os caminhos de Deus são ocultos, e os homens não têm como achar de novo as suas pegadas. A cada qual dá a sua função "com uma obra diferente, num lugar diferente, num tempo diferente e perante pessoas diferentes – em relação àquilo que se viu e ouviu sobre outros santos". Assim o homem é forçado a "seguir a Deus, que dirige e guia através das obras, tempos, lugares, situações e pessoas que previamente lhe são desconhecidos. Essa é a instrução da fé, na qual devem todos os santos ser instruídos, cada um de

[15] *WA* 11, 258 (*Treatise on Secular Authority*, 1523).

acordo com a sua vocação particular". Essa afirmativa é parte da crítica genérica ao ideal da imitação[16].

É evidente que o *background* dessas afirmativas é a doutrina dos dois reinos. É na fé que todos são iguais face a Deus ou no céu, onde não se encontra o homem na dependência de nenhuma obra de sua própria feitura. Mas há enormes diferenças nas obras voltadas para o próximo na terra. Aí, os ofícios e estados, que não contam nada no céu, têm o seu lugar[17]. Lutero se utiliza do sol para ilustrar como Deus apaga as diferenças todas no reino do céu. Brilha o sol da mesma forma para todos: o camponês e o rei, o espinho e a rosa, o porco enlameado e a formosa menina. Todos recebem de modo igual a luz e o calor do sol. As obras e ações, no entanto, que essas várias criaturas efetuam sob a luz do sol, terminam por ser em extremo diferentes, e assim devem ser elas. Todos recebem o corpo e o sangue de Cristo na Santa Ceia e todos ouvem o mesmo evangelho. Quanto à realidade que nos torna cristãos, não existe a mínima diferença entre o homem e a mulher, o velho e o novo, o ignorante e o instruído, o grande santo e o que tem caráter fraco. As diferenças entre as pessoas acham-se todas nas coisas que elas podem fazer em suas múltiplas formas, na capacidade ou no trabalho. Ora, essas atividades são dirigidas "para baixo", em serviço aos outros. Face a Deus no céu não há diferenças: são todos simplesmente seres humanos e pecadores, aos quais é dado o Cristo da mesma forma que o é o sol, que derrama sua luz sem discriminação[18]. A grande ênfase de Lutero sobre a fé torna-se incompreensível sem esse *background*. A fé é a receptividade, a abertura para a doação de Deus, presente unicamente quando o homem não sabe de mais nada median-

---

[16] *WA* 8, 588 (1521).

[17] *WA* 40 I, 544-545 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[18] *WA* 32, 536-537(*The Sermon on the Mount*, 1532).

te o que poderia elevar-se até Deus, acima de qualquer outro ser humano. Conseqüentemente, o homem só pode receber quando vê o seu pecado[19].

Nas ações terrenas, as diferenças continuam, com dissimilitudes no que tange à autoridade e subordinação, pois nas relações mundanas, fora da fé e da receptividade, o homem deve agir e prestar serviço. Pelo fato de o cristão sempre querer servir, ele aceita essas terrenas diferenças com uma alegria simples sem reclamar do seu estado, caso ele seja baixo, ou, pelo contrário, sem ficar soberbo no caso de seu estado ser eminente[20].

Por não existirem diferenças absolutas, face a Deus, entre os homens, pode o cristão concordar com as diferenças que surgem das relações entre os homens neste universo de gradações sociais sem fazer delas um problema no seu coração. Ele não idolatra o poder e a riqueza quando os vê. Por outro lado, não imagina consigo mesmo que a pobreza, a vida ascética e o semblante cheio de rugas tenham o monopólio da relação filial com Deus; ele não é tentado nem pela postura do monge nem pela posição do fanático ao se encontrar com elas. Na sua fé em Cristo, ele já perdeu o respeito por todas as espécies de fachadas e máscaras.

"Se me acontece ver um homem ou uma mulher, um senhor ou um servo, uma pessoa instruída ou uma leiga, vestidos de cinza ou vermelho, comendo ou jejuando, triste ou sorrindo, qual a diferença que isso tem para mim? Numa palavra, essas diferenças que meus olhos acolhem são para mim tudo a mesma coisa. Pois eu assim o entendo: uma moça no seu casaco vermelho ou um prínci-

---

[19] *WA* 32, 540 (ibidem).

[20] Ver, por exemplo, *WA* 49, 606-610 (*Sermons*, 1544; Rörer). Lutero não aconselha ninguém a abdicar de um ofício elevado para ensinar humildade a si mesmo. Pelo contrário, aconselha todo mundo a cumprir o ofício que recebeu servindo aos outros assim. Se tem um homem um alto cargo, significa isso ter ele mais pessoas para servir que o outro que tem um ofício inferior. Se uma pessoa quer ser humilde, cumpra o ofício que Deus lhe deu enquanto ela tiver poder para tanto.

pe com a sua vestimenta de ouro pode ser um cristão tanto quanto um mendigo nas suas vestes cinzentas ou um monge vestindo um hábito feito de lã ou de pêlos. Por esse entendimento, eu me acho bem protegido contra qualquer espécie de máscaras externas"[21].

A terra é um lugar instável e variável, e a humanidade não pode abolir sua profusão de mudanças[22]. Consideraremos a significação dessas diferenças em circunstâncias externas, mas, antes que o façamos, devemos deixar claro que não têm elas nenhum significado no céu, face a Deus. Na recepção da graça divina, somos todos iguais[23].

Se, no entanto, é procurada a salvação pelo caminho das boas obras, o resultado é que a diferenciação estabelecida por Deus em relações exteriores necessariamente se torna divisiva corrompendo a sociedade. Se o fundamento, a justificação pela fé, é removido, então a justificação deve ser procurada mediante alguma coisa que o homem venha a fazer; mas, por uma inevitável necessidade, os homens fazem coisas diferentes. Cada qual olha para seu próprio caminho como condição para o correto relacionamento com Deus. Aqueles que são justificados pelas suas obras não podem pensar de maneira diversa a não ser esta: por causa de suas esplêndidas obras, eles são salvos; e os outros, cuja forma de vida é, de modo expresso, bem diferente, não o são. "Paulo ensina que devem ser evitadas essas ocasiões de discórdia e mostra como elas podem ser. Este, ele diz, é o caminho para a concórdia: cada qual permaneça na sua forma de vida e ocupe o ofício para o qual Deus o chamou. Que ele não se exalte sobre os outros, não ache defeitos nas obras dos outros homens nem aprove as suas próprias lá nas alturas. Que todos sirvam uns aos

---

[21] *WA* 32, 510 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[22] *WA* 51, 214 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-1535).

[23] *WA* 32, 476 (*The Sermon on the Mount*, 1532). Ver também a passagem imediatamente precedente.

outros em amor. Essa é a verdadeira e simples doutrina com respeito às boas obras"[24].

Como os homens desenvolvem novos hábitos e maneiras de viver, com isso intensificam as divisões; uma peculiaridade religiosa é colocada sobre a outra. Na sua *Kirchenpostille*, Lutero desenvolve essa divisão no seu comentário sobre o nome de Judas Iscariotes, que, é dito, significa "seguidor por causa do proveito", em contraste com "o discípulo que Jesus amava". O nome do último não é dado, e Lutero atribui grande peso a esse fato. "Observa agora por que São João não dá o seu nome; a fé não cria nenhuma seita, nenhuma diferença, como o fazem as obras. Por essa razão não se requer da fé nenhuma obra distinta que possa pelo nome ser apontada; pois a fé realiza toda espécie de obras apropriadas à situação. Para a fé, uma boa obra é tão aceitável quanto a outra. Mas é da natureza de Judas Iscariotes despedaçar-se em obras sem fé. Alguém é chamado de bispo em razão da sua mitra e báculo, não por causa da sua fé. Um outro é conhecido como um frei descalço por causa do seu hábito e tamancos. Mais um outro é conhecido como frade agostiniano pelas suas vestes pretas, e assim por diante. Um toma seu nome disso, e outro, daquilo. Mas a fé não é reconhecida por ações externas ou estados; e por essa mesma razão é a fé que produz discípulos aos quais ama Jesus"[25].

Se uma pessoa crê na salvação por obras, focaliza ela a santidade em alguma conduta exterior e exige que as outras a imitem. Com isso é rachada a sociedade em grupos, cada qual seguindo algum padrão de santidade. Sua preocupação não é o bem-estar geral nem mesmo o do próximo, cuja vida continua sob condições externas mui diversas em relação às dessas balizas de santidade específicas e estreitas. Os homens escolheram alguma coisa externa e fa-

---

[24] *WA* 40 II, 75-77 (*Commentary on Galatians*, 1535). Ver também a passagem seguinte após esta; e também a 114.

[25] *WA* 10 I, 1, 322-323 (1522). Cf. também 132.

zem que seu comportamento terreno sirva como justiça no céu, onde nenhuma obra humana pode ser eficaz. Dessa forma, eles puseram a terrena sociedade fora do seu encargo e serviço. O que um faz é para seu proveito próprio, não pelo bem dos outros.

O evangelho altera tudo isso. A salvação é por graça, não por obras. As obras não contam no céu; sua esfera está na terra. O que o homem faz é dirigido "para baixo", para servir os outros na terra. Nenhuma forma particular de conduta é determinada previamente como santa. A pessoa tem de esperar e ver o de que os outros precisam e fazê-lo exatamente numa situação particular. Numa outra ocasião, algo bem diferente pode ser necessário.

Conseqüentemente, o homem olha agora para as relações sociais em transformação de uma forma bem diversa da mencionada acima. Diferenças na ação permanecem, isso é inevitável. Mas elas não parecem mais uma confusão de atividades e formas de vida em mútua contradição. Acham-se as várias ações totalmente em acordo. Quando o objetivo dos esforços humanos é servir os outros, servir todas as pessoas, segue-se naturalmente que suas obras diferirão em larga escala[26]. São as diferenciações desejadas pelo próprio Deus, como a riqueza dos dons, que são espalhadas mundo afora através do sistema das vocações terrenas. Para expressar isso, tem Lutero uma especial predileção pela figura paulina do corpo e seus membros (Rm 12 e 1Co 12).

Na terra, as ações variam em glória e importância. "Mas os olhos de Deus consideram não as obras e, sim, nossa obediência nelas. Por isso, é a sua vontade que nós também tenhamos respeito pelo seu mandamento e vocação". Em relação a isso, Lutero, como de costume, se refere a 1Co 7.20. Por levar em consideração os de-

---

[26] *WA* 49, 610 e s. (Sermons, 1544; Rörer). A diferença é necessária para que o serviço mútuo seja totalmente abrangente. A diferenciação em ocupações externas que reside só no desejo de ser santo numa forma especial (por exemplo, as particularidades dos monges na vestimenta, forma de viver e coisas assim) não surge do amor ao próximo nem da vontade de Deus.

veres impostos pela vocação, torna-se a pessoa um membro útil do corpo todo. Seus diferentes membros servem diferentes funções; mas nem por isso a unidade e coordenação deles são corrompidas. "Que situação maravilhosa não seria se tal coisa deste modo acontecesse: todo mundo observasse as próprias responsabilidades e, com isso, ainda servisse ao próximo de modo que juntos caminhassem no caminho correto para o céu. São Paulo escreve em Rm 12 e 1Co 12: O corpo tem muitos membros, mas os membros não fazem todos o mesmo trabalho. Somos, assim, muitos membros de uma só congregação cristã, mas não temos todos a mesma obra. Cada qual deve olhar o seu próprio trabalho e não o do outro; assim, devemos viver na simples obediência, em harmonia com as várias tarefas e as muitas obras"[27].

Pelo contrário, a vida unificada e saudável do corpo é sustentada em razão de cada membro desempenhar a sua própria função, que não é a mesma dos outros. Todas as funções se extinguiriam se um único membro exigisse que os demais realizassem a mesma função que ele. Se um membro, sob a alegação da sua própria santidade, se desligasse dos outros, ele mesmo estaria a desligar-se da vida e a prejudicar todo o resto; pois o corpo necessita de cada membro.

Na exposição lutérica dessa figura, é de particular importância que nenhum membro do corpo dirija seu esforço no senso de se tornar um membro ou de participar do corpo. Eu já sou um membro! Isso é feito mediante a obra de Cristo; conseqüentemente, meu esforço pode agora ser dirigido na sua totalidade para servir o corpo e seus membros, "meus queridos irmãos e companheiros", ou seja, meus próximos[28]. Uma ênfase especial é colocada no fato de o

---

[27] *WA* 10 I, 1, 310-311 (*Kirchenpostille*, 1522). Nesse contexto imediato, a vocação é posta em contraste com a imitação dos santos.

[28] *WA* 17 II, 37 (*Fastenpostille*, 1525). A vida do corpo é de Deus e simultaneamente o é também a vida de toda a sociedade humana. Os seres humanos, companheiros de seus próximos, são executores da ação de Deus. Comunhão com Deus não pode ser separada da comunhão com os homens.

cristão não selecionar aquilo que ele vai fazer, nem começar nenhuma divisão[29]. Contenta-se ele com sua vocação ainda que seja ela humilde e vista como de baixa estima. Na fé, todos são iguais, pois é a fé simplesmente o fato de uma pessoa pertencer ao corpo e de pertencer um membro a esse corpo tanto quanto o outro membro. Dessa forma, todos são iguais mesmo que sejam diferentes as suas funções.

Em conseqüência, as diferenças no reino do mundo não implicam partidarismos, pois todas as ordens e vocações se acham, de cima!, unidas. Por trás delas se encontra o ponto comum do qual elas brotam – Deus – sendo, assim, todas elas "máscaras" dele. Desse eixo comum, dirigem-se as suas funções para fora. A cooperação do homem com Deus não é dirigida para Deus mas para fora, para o próximo.

A ação do homem é instrumento para o amor de Deus atingir as outras pessoas. A vida do corpo como um todo está envolvida na atuação de cada membro. No exercício da sua vocação, o homem se torna uma máscara para Deus. É digno de nota que o juízo de Lutero sobre a *imitatio* é negativo; ninguém deve colocar a sua confiança em algo externo, mas agir imparcialmente face a todas as aparências humanas[30]. A vocação do homem, no entanto, ele a apresenta como algo positivo ao dizer que o homem, pelo trabalho e oração, pode servir como máscara de Deus, ser o seu cooperador, mediante o que Deus pode efetuar sua vontade em matérias externas. Vista pela perspectiva terrena, a ação do homem não é objeto nunca da sua confiança de modo que não há nenhum perigo em lhe conceder significado positivo.

Se uma pessoa cônscia da sua vocação olha para o céu, vê apenas o evangelho entre si mesma e Deus e não as suas boas obras. Suas obras, sua vocação, envolvem a sua relação com o próximo. A

---

[29] *WA* 17 II, 37 (ibidem).

[30] *WA* 32, 510 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

sua consciência repousa na fé no evangelho enquanto o seu amor, com o poder e o corpo, está comprometido com a sua vocação. À medida que seu trabalho se dirige para fora, é ele uma máscara de Deus; mas, ao mesmo tempo, nenhum valor é atribuído a esse trabalho devido à confiança da consciência no evangelho, e o servidor se recusa a confiar em qualquer das suas boas obras. Não parece ao cristão que devam todos os outros cristãos fazer exatamente como ele faz, dar exatamente como ele dá, sofrer como ele sofre. Cada qual tem de prestar o seu próprio serviço.

A ética do amor carece do caráter patético e severo que marca enfaticamente todas as outras éticas, caráter que deriva do fato de imporem a todos a mesma conduta. Ao olhar para as pessoas comuns, o cristão fiel à sua vocação crê de imediato que elas também carregam os pesos das suas vocações mesmo que isso não seja tão evidente assim. Um cristão luterano se dispõe decisivamente a acreditar haver seriedade ainda que as aparências não a mostrem e a enxergar um comportamento ético por trás das ações do dia-a-dia. O sinal de uma ética reta não se acha num comportamento fixo externo mas na destreza de encontrar, em moderação e fé, aquilo que convém.

"Deus concedeu a cada santo uma graça especial para viver de acordo com o seu batismo. Mas o batismo e o seu significado, ele o pôs como padrão comum para todos os homens de sorte que todo homem deve examinar-se de acordo com o seu estado na vida para descobrir qual o melhor caminho para cumprir o objetivo e a obra do seu batismo, a saber, destruir o pecado e morrer[31].

Esse é o *background* do ataque de Lutero contra a imitação. Ele a considera uma determinação ética deficiente. O motivo da imitação

---

[31] *WA* 2, 735 (*Treatise on the Sacrament of Baptism*, 1519). Ver também *WA* 56, 276-277 e 417, onde a vocação é, direta e expressamente, posta em contraste com a imitação (*Commentary on Romans*, 1515-16), *WA* 57, 87 (*Commentary on Hebrews*, 1517-18). Quando Lutero recomenda a leitura do saltério em lugar do estudo das lendas sobre os santos, é essa uma outra expressão do mesmo pensamento subjacente.

não é servir os outros e perder-se, mas tornar-se tão santo quanto uma pessoa que se conheça. Na imitação, o objetivo do homem é constantemente centrado sobre si mesmo. Com isso, o objeto procurado é a própria realização da personalidade; e a condição espiritual não tem como fonte a ação do ser humano, mas tem a ação dele como propósito alcançar a condição espiritual.

Mas, para quem se entrega à sua vocação, o evangelho é a fonte; seu agir flui do fato de ele ter sido salvo. Diz o evangelho expressamente que a alma da pessoa é salva no reino eterno após a morte ainda que ela se consuma e não tenha como "salvar-se" na vocação humana por devotar-se completamente ao serviço e aos deveres com o próximo. É, portanto, o próximo, e não a santificação individual, que está no coração da ética da vocação. Por esse motivo, toda imitação é excluída. O único santo que poderia ser em algum sentido o objeto apropriado da minha imitação seria aquele que tivesse precisamente o mesmo próximo que eu tenho e estivesse com ele na mesma relação como aquela na qual estou eu com ele. Mas nenhum santo jamais esteve onde eu estou. Tão-somente eu mesmo estou aqui. Os santos são padrão para nós tão-só naquilo em que devemos nos assemelhar a eles, ou seja, na fidelidade às suas tarefas, e não no senso de que devemos tornar nossas as tarefas deles. O dever que nos cabe é mostrar nossa fidelidade em nossas próprias tarefas[32].

Ficamos impedidos, assim, de julgar os outros. As provas em minha vida são minhas e, em última análise, inaplicáveis aos outros; conseqüentemente, é impossível para mim ver através das vidas alheias e suas tentações. O julgamento final é de Deus, e todos ficaremos surpresos nesse julgamento. A santificação está oculta e é desconhecida para o mundo; ela ocorre nas vocações dos homens,

---

[32] Na sua *Kirchenpostille*, 1522, há muitas passagens esclarecedoras quanto a isso. Ver, por exemplo, *WA* 10 I, 306-308 ou 311-312 e, ainda mais claramente, 412-414. Essa última citada é uma referência fundamental sobre a vocação. Ver também *WA* 56, 418 (*Commentary on Romans*, 1515-16).

que são múltiplas e diferentes. Ninguém possui uma trena pela qual possa medir o outro e, dessa maneira, selecionar uma companhia visível e segura de verdadeiros cristãos na terra.

Seremos, primeiro, capazes de ver a santa igreja no reino da ressurreição, após o julgamento final. Na terra, a palavra do Credo é válida: "Creio na santa igreja". A fé está convencida de haver cristãos santificados mesmo sabendo que eles cuidam de suas vocações "em meio à multidão comum"[33]. Apenas o Senhor conhece aqueles que são dele; e, de acordo com as Escrituras, acontece, com muita freqüência, que os escolhidos e amigos de Deus estão escondidos em vocações que são comuns e pouco apreciadas pelos humanos. Os pastores de Belém retornaram aos seus rebanhos embora tivessem eles sido os primeiros a ver o Salvador; e, segundo Lutero, a Virgem Maria, fez, sem dúvida nenhuma, após a anunciação, o seu normal trabalho doméstico não deixando que os vizinhos sobre aquele fato nada soubessem. "Vede quão puramente ela sofre todas as coisas em Deus não alegando nenhuma obra, nem honra, nem renome. Age como fazia antes, quando não tinha nada. Não pede por mais honra do que tinha. Não se empluma nem se exalta, nem proclama haver-se tornado a própria Mãe de Deus. Não exige nenhuma glória, mas continua trabalhando em casa como sempre o fez. Ordenha as vacas, prepara a comida, lava a louça, limpa a casa cumprindo a missão de uma dona de casa ou esposa em tarefas humildes e pouco apreciadas... Não é estimada num grau mais grandioso entre as outras mulheres e vizinhas do que antes, nem deseja sê-lo. Continuou uma pobre cidadã no meio da humilde multidão"[34].

Lutero gostava de pensar que os assuntos mais comezinhos no mundo humano normalmente contêm segredos invisíveis e ocultos onde justamente menos se espera. Deus habita nas profundezas e

---

[33] *WA* 40 II, 104–106 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[34] Com respeito à mãe de Jesus, ver *WA* 7, 575 (*The Magnificat*, 1521). Cf. *WA* 10 I, 1, 323 (*Kirchenpostille*, 1522).

fabrica suas mais nobres jóias do "nada", a saber, daquilo que é pobre e rejeitado.

Visto, porém, que a vocação impede a imitação, ela implica solidão e aflição para aquele que enfrenta sua tarefa sem um único modelo a seguir. "Pois as ocasiões da fé são, naturalmente, sem padrão, sejam lá os modelos tantos quantos te agradem; pois na fé há sempre novas ocasiões, novas situações, novas pessoas... Resumindo, nós estamos sujeitos a tentações variadas. Variadas ocasiões, às quais estamos abertos, constantemente surgem, e elas são ocasiões que não podem ser antecipadas nem pela razão, nem pelo sentido humano. As coisas, então, podem ser vistas a surgir do invisível; e as que são visíveis, das coisas que não aparecem... Essa é a natureza da fé: criar do nada a coisa mais alta"[35].

Deus é Criador e ele sempre traz à luz novas criações dando formas novas ao exercício das vocações dos homens. Por isso, deve o homem sempre deixar a porta aberta para Deus à medida que, na hesitação e desespero, procura conselho de Deus mediante a prece. "Nota que a fé sempre se obriga a orar. Ela deve andar em desespero e muitos lamentos até fechar os olhos e dizer: 'Senhor, tu queres fazer aquilo que é bom'"[36]. Ao invés de procurar auxílio de outras pessoas, que sugerem repetição e imitação de obras que são passadas e mortas, a pessoa deve dirigir-se em oração a Deus, que pode realizar novas obras e vivas mesmo em situações difíceis.

3 Oração

Normalmente, o homem coopera com Deus usando, com toda a sua força e entendimento, as coisas que Deus criou. Isso acontece

[35] *WA* 31 II, 543-544 (*Lectures on Isaiah*, 1527-30; Lauterbach). Cf. *WA* 8, 588 (*De Votis Monasticis*, 1521).

[36] *WA* 31 II, 543 (*Lectures on Isaiah*, 1527-30; Lauterbach). Cf. *WA* 12, 106-107 (*Exposition of 1 Corinthians*, 1523)

em casa, no campo, na oficina e também no governo. Quem não se utiliza de todas as possibilidades postas à disposição para conseguir um resultado bom, "tenta a Deus"[37]. Na exposição sobre as instruções de Israel concernentes à guerra (Dt 20), as preparações específicas para a batalha são vistas como uma máscara, por trás da qual Deus se esconde de modo que ele mesmo possa dar a vitória. Se o homem não se prepara bem antes da luta, ele tenta a Deus; ele é culpado de "pôr Deus à prova deixando de usar as coisas que Deus ofereceu para o uso na batalha"[38].

Essa negligência nas preparações, Lutero a viu no seu próprio país, quando os turcos se aproximaram pelo final do ano de 1520. Lutero tinha consciência de que não podia orar com poder para que Deus fizesse prosperar a ação contra o turco. Os príncipes alemães haviam tentado a Deus havendo, assim, o perigo de que Deus não mais ouvisse a prece deles. "Será essa uma prece fraca, e eu não posso crer seja ela ouvida. Como essas pesadas matérias estão sendo levadas assim de forma tão infantil, presunçosa e despreocupada, eu sei que Deus está sendo posto, por esse agir irresponsável, em tentação, e ele não ficará satisfeito com isso"[39]. Aquele que não faz o que pode com os dons da criação, também não tem a firme fé, que pode encarar a Deus e pedir mais. Em resposta a essas preguiçosas petições, Deus só aponta para os dons já dados na criação e afirma: "Deves trabalhar".

Aquele que trabalha sabe que há tempos em que todos os caminhos humanos ficam fechados. Num sentido especial, esse é o tempo da oração. Só para esclarecer: Lutero defende as devoções regulares,

---

[37] Cf. *WA* 44, 648 (*Commentary on Genesis*, 1535-45).

[38] *WA* 14, 691-692 (*Exposition of Deuteronomy*, 1525).

[39] *WA* 30 II, 147 (*Vom Kriege wider den Türken*, 1529). Cf. *WA Tischreden* II, 217: "Eu queria que o imperador Carlos (V) vencesse o turco. Para tanto, eu oro a Deus com profundos sentimentos. Mas se o faço, minha prece volta para trás porque nossos pecados são demasiadamente grandes" (no 1797, 1532). Ver também *WA* 30 II, 585-586 (*Sermon on Keeping Children in School*, 1530).

as orações pela manhã e pela noite, e não só as orações em manifesta necessidade. Mas temos um bom motivo para observar as palavras de Lutero sobre a oração em conjunturas anormais, pois ele dá um lugar especial a esse tipo de prece e continuamente volta ao assunto em vários escritos seus. Por exemplo, na exegese da perícope dos três magos, Lutero explica por que Deus lhes apareceu através de um sonho revelando que não deveriam voltar para Herodes após sua visita a Belém. Deus poderia ter protegido o menino Jesus mesmo que Herodes soubesse onde se achava a criança, será que não? Isso foi feito para aprendermos a não pôr Deus à prova. O que o homem pode fazer "mediante os meios criados", não deve deixar de fazer. "Qual o objetivo das coisas criadas se te recusas a usá-las?" Enquanto o homem pode conduzir-se com o auxílio das coisas ao seu redor, não há nenhuma palavra ou promessa à qual pode apelar a fim de livrá-lo de pensar ou se esforçar ou que lhe permita, numa fé cega ou numa total passividade, colocar tudo sobre Deus. Quando nenhum auxílio pode ser achado sobre a terra, tem a necessidade a sua hora, "o tempo da necessidade"; há para isso uma palavra e promessa[40].

A exposição do Evangelho de Epifania expressa o ponto essencial: "Mas, quando vem o tempo e a situação, nas quais as coisas criadas não podem mais dar um auxílio adequado e todo esforço logo em seguida falha, então entra em cena a Palavra de Deus..." Aqui se refere Lutero ao primeiro mandamento, que exige absoluta fé em Deus, fé que se faz conhecida severamente acima de tudo na aflição; nesse ponto, ele cita o Sl 50.15: "Invoca-me no dia da angústia, e eu te livrarei"[41]. Aquele que, na sua necessidade, expressa dúvidas sobre o auxílio de Deus, considera-o mentiroso na Palavra que ele entregou. Atirar todas as preocupações incondicionalmente sobre Deus não é tentar a Deus; é tão-somente levar em consideração o seu mandamento claro e manifesto.

---

[40] *WA* 10 I, 1, 615-616 (*Kirchenpostille*, 1522).

[41] Ibidem, 616.

Relacionado a isso, devemos observar certas afirmativas em *The Magnificat* de 1521. Está explicado, entre várias coisas, o que Lc 1.51 fala das poderosas obras que Deus realizou "com seu braço". Na verdade, o que é o "braço de Deus"? Na Escritura, o "braço de Deus" significa o próprio poder de Deus mediante o que ele age sem os meios criados. A ação de Deus, quieta e secretamente, avança de modo que ninguém se conscientiza dela antes que ela aconteça. Ao agir, "mediante os meios criados", a ação de Deus não é secreta: todos podem ver onde se encontram a força e a fraqueza. O príncipe, só para dar um exemplo, que se arma de modo mais adequado, conquista a vitória sobre o seu inimigo inferior. Essa também é uma obra de Deus, efetuada pela força que é uma máscara de Deus. Nesse caso, porém, Deus não está agindo "com o seu braço". Ao agir "com seu braço", aquele que é fraco e desprezado ganha a vitória e triunfa na hora em que a situação parece mais duvidosa e desesperada. É assim, por exemplo, que Deus age no Cristo sobre a cruz e nos mártires. Assim age ele também hoje em todos os que sofrem dor e opressão desde apenas que tenham fé e não caiam dela. "Pois onde o poder humano falha, entra aí a força divina caso a fé se encontre aí com tal expectativa"[42].

É aí que aparece a realidade da oração. Prece e fé se tornam idênticas. Pois estar uma pessoa em necessidade e humildade de espírito para esperar, aguardar, ser receptiva ao que Deus efetua enquanto suporta injustiça sem resistência – essa é a obra de fé, e tal fé, em si mesma, é oração. Se um homem tem essa fé, Deus realiza nele "poderosas obras" "com o seu braço". Novas e inesperadas soluções surgem para as tribulações do ser humano. Podem ocorrer novos e notáveis atos de Deus.

Onde falta a fé que ora, não faz Deus nada "com seu braço". Ele age "abertamente mediante as criaturas". Atua normalmente ele através do poder humano de sorte que a força na terra triun-

---

[42] *WA* 7, 585-586 (The *Magnificat*).

fa sobre a fraqueza. Em tal caso é aos homens possível, com bastante freqüência, perceber antecipadamente o que está para acontecer. Em geral não há milagre numa situação como essa. Nela não há uma fé orante a abrir a porta para o que Deus faz "com seu braço". "Onde não há fé, não realiza Deus essas obras; ele retira seu braço e atua abertamente por meio das criaturas, como foi dito acima. Mas essas não são as obras que lhe são próprias, pelas quais ele quer ser conhecido, pois os poderes das criaturas estão nelas mesclados. Essas não são as obras que lhe são próprias num sentido puro, como no caso em que nenhuma pessoa coopera com ele, fazendo ele sozinho o trabalho. Isso ele faz quando ficamos fracos e se esmagam nossos direitos ou existência. Então é que deixamos o poder de Deus agir em nós. Essas obras são preciosas"[43].

Idêntico pensamento subjaz, com toda a certeza, à explicação de Lutero sobre a Oração do Senhor: "O reino de Deus vem, na verdade, por si mesmo, sem a nossa prece; mas suplicamos nesta petição que venha também a nós"[44]. Em e através da oração, Deus realiza algo diverso do que seria feito sem ela. Naquele que ora, uma obra especial de Deus acontece, uma obra que tem, subseqüentemente, sua expressão externa.

Particularmente importante é Lutero apontar que uma oração como essa, poderosa e transformadora, dificilmente pode ser feita por uma pessoa que não esteja em profunda carência e desespero. "Pois que tipo de prece ela seria se a necessidade não estivesse presente e não nos oprimisse... de modo que seja, assim, mais forte a

---

[43] *WA* 7, 588 (ibidem). Cf. 553-554, onde é afirmado que a obra do Criador encontra seu caminho na fé dos seres humanos e age através da fé: pois a ação divina afasta-se do homem que não se eleva a Deus em firme fé. Pela descrença, o homem se priva das obras de Deus.

[44] A explicação da terceira petição poderia eventualmente ser uma melhor ilustração: a vontade de Deus na verdade é feita... mas, pedimos que ela seja feita "em nós também".

oração?"[45]. Da mesma forma, é significativo existirem duas condições para uma oração eficaz: a primeira é a certeza quanto a Cristo ou ao evangelho; a segunda é a certeza de se estar no "estado correto da vida"[46]. Na vocação da pessoa, o desespero vem e ele continua e é de tal maneira constante na vocação que Deus ouve a súplica. Esperar auxílio do Senhor significa não se desviar das adversidades e não abandonar o próprio chamado mas, sim, permanecer em prece e fé. A exigência que a vocação faz pode ser irresistível para o homem de modo que, em seu chamado, a lei o oprima e lhe aflija a consciência (o segundo uso da lei); e a liberdade e a alegria interior, que é o fruto de Espírito, brote no seu próprio trabalho diário e na sua relação com os outros – uma transformação inesperada e cheia de frescor das velhas e tentadoras responsabilidades do seu estado (o amor que se mostra no homem novo). A oração vital situa-se entre essas duas possibilidades[47].

A oração está em relação direta com o desespero e o segundo uso da lei, cuja conseqüência deve ser a humildade e o anseio pelo divino evangelho[48]. As necessidades humanas, incluindo as condições externas como a guerra, a doença e a crueldade própria aos tiranos, têm na vida cristã a função fundamental de trazer à penitência e oração o coração tentado ao orgulho e à complacência[49].

---

[45] Ver *WA* 32, 492. Pouco antes, fora discutido o problema do desespero da fé, inclusive o peso da vocação. Cf. 489 e, particularmente, 490 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[46] *WA* 32, 493 (ib.). É especificamente sobre gente com tal certeza que sobrevêm os diabólicos ataques; por essa razão, tais pessoas precisam viver em oração, dia após dia. Cf. 491-492.

[47] *WA* 6, 249 (*Treatise on Good Works*, 1520).

[48] A relação claramente aparece em *WA* 19, 223-224 (*Exposition of Jonah*, 1526).

[49] *WA* 18, 317-321 (*Admonition to Peace*, 1525); *WA* 30 II, 116-120 (*Vom Kriege wider den Türken*, 1529); a extraordinária passagem em *WA* 40 I, 579-585 (*Commentary on Galatians*, 1535), onde o clamor de Israel por causa da sua aflição junto ao mar Vermelho é discutido; também *WA* 51, 597-610 (*Vermahnung zum Gebet wider den Türken* = Admoestação à Oração contra os Turcos, 1541).

Com uma consciência inquieta, o homem está sob o jugo da lei, mas a lei de Deus ultrapassa a própria a lei a fim de alcançar o homem, isso é, Deus ordena que o homem se desvie de toda a confiança em si mesmo e, em lugar disso, tema a Deus e ore. Lutero atribui o papel dessa aflição da alma ao primeiro mandamento; acha-se aí a exortação a orar[50]. Na obra sobre o *Small Catechism* (Catecismo Menor) de Lutero, Nathan Söderblom defende corretamente que Lutero baseia a oração no mandamento divino à medida que Deus nos convida com tantas palavras a orar em toda hora de necessidade. Isso está relacionado intimamente à visão de Lutero com respeito ao papel da lei nas inquietações da alma do ser humano; pois, em sua visão, o primeiro mandamento é um aspecto do amor de Deus como podemos ver dos pensamentos de Lutero sobre a oração. No terror e inquietação que os apuros do homem provocam, procura o homem caminhos de salvação; então se torna evidente o que os seus falsos deuses são. O mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim" – contém uma ordem para que o homem se volte para Deus, ou seja, que ore. A oração é considerada uma força adequadamente operante pela qual a relação do homem com Deus se transforma de desespero em liberdade.

Na exposição de Jonas, Lutero desenvolve esse ponto muito claramente: "Tão logo Jonas chegou ao ponto em que ele clamou ao Senhor (Jn 2.3), alcançou a vitória. Reconhece tal fato e faze igual. Não te curves nem fujas. Olha para Deus! ... Para o Senhor, para o Senhor, e para nenhum outro a não ser para ele, que está irado e pronto a punir; não para nenhum outro! A tua resposta será que todas as questões ficarão melhores e que, de agora em diante, saberás que a ira foi suavizada e a punição, amenizada. Ele não te deixará sem resposta se clamares para ele; tudo o que tens a fazer é gritar para ele; ele não pergunta pelos teus méritos. Com certeza, ele sabe que és um pecador e que tudo o que mereces é ira... A

[50] *WA* 51, 204 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

natureza do homem não se alegra em chegar a esse ponto; o homem sempre quer aparecer com algo de seu que possa reconciliar a Deus. Nada, porém, dessa espécie, ele o tem. Sequer pode crer e compreender que apelar para Deus seja suficiente para desviar a ira de Deus como nos ensina Jonas[51].

A oração não é possível pelo nosso poder pessoal; é o Espírito Santo que geme dentro em nós. Por essa mesma causa, o homem nem sempre está cônscio de que está em oração. Pode acontecer que ele apenas perceba as adversidades pululando em cima dele; e saiba que tem vivido uma vida a merecer essas mesmas adversidades. Ainda assim, ousa esperar o auxílio de Deus, mas tão-só porque Deus prometeu ser misericordioso e não por nenhum motivo outro. Um suspiro desse tipo não recebe muita atenção na terra por aquele que ora nem por nenhum outro qualquer. No céu, porém, o Pai afirma: "Eu não ouço nada mais no mundo exceto esse gemido. Em meus ouvidos é um clamor tão sincero que enche céus e terra e se levanta sobre os muitos pedidos que surgem de todas as outras situações"[52].

O fato é que tudo em nosso ambiente se acha incluído em nossa relação com Deus: tudo o que nós tratamos, cada serviço, cada pessoa, pode ser um instrumento para a ira de Deus e uma ocasião para desespero. Isso tudo é vocação. O que olha para trás acaba descobrindo quantas coisas diferentes foram um fardo e uma "cruz" e, com isso, uma ocasião para a prece. Posteriormente, o problema é resolvido, mas novos problemas aparecem ocupando o seu lugar. Sempre há espaços na vocação da pessoa onde surgem distúrbios, onde vem a prece a tornar-se necessária. A vocação, por isso, que envolve todo o complexo das relações da pessoa na situação em que

---

[51] *WA* 19, 223 (1526). Por esse motivo não pode a natureza compor essa portentosa oração; ela vem através do auxílio do Espírito Santo. A prece implica a mesma dialética da fé.

[52] *WA* 40 I, 585 (*Commentary on Galatians*, 1535).

ela vive, só pode ser propriamente cumprida por uma oração constantemente renovada. A isso é dada uma distinta ênfase na exposição latina do Sl 127. Alguém pode sempre, no seu interior, ser passivo e estar pronto a orar enquanto o corpo trabalha. A oração no trabalho da pessoa é vocação conforme esta suma de Lutero: "Enquanto o homem exterior está ocupado com o trabalho, o coração do novo homem faz suas petições no lugar dos seus cuidados afirmando: 'Senhor, eu sigo o teu chamado. Permite-me, por isso, tudo fazer em teu nome e cumprir a tua norma, etc.'"[53]. Devemos trabalhar e perder-nos de modo que não coloquemos a Deus em prova. Em nossa obra, a alma deve estar "vazia e livre" não confiando na obra de nossas mãos.

O desespero surge em nossa vocação, estimulando a prece. Mas a divina resposta à súplica aparece também na vocação de cada um; e a divina interferência que responde à prece, relaciona-se intimamente com a metamorfose do trabalho em nosso chamado. Numa monografia sobre o conceito lutérico de oração, a resposta a ela em várias outras formas (paz interior, luz sobre a significância da Escritura e dons materiais sem relação direta com o trabalho do ofício de uma pessoa) deve necessariamente receber muito cuidado. Mas agora devemos limitar nossa análise à resposta à prece que diretamente afeta o cumprir do nosso chamado. O conceito mais característico de Lutero é que, através da oração, as ordens, nas quais se estabelece a vida, são renovadas por Deus.

Lutero usa expressões pitorescas para descrever o que sucede quando os seres humanos se precipitam para suas tarefas terrenas sem o recurso à oração. "Impede-se" a Deus, com isso, do seu trabalho. "É a coisa mais certa que, sem oração, tu não realizas nada porquanto o governo é algo divino em seu poder; e, por isso, Deus

---

[53] *WA* 40 III, 206, 233-234. Cf. 206 e 216. Cf. também 228 (1532-33). Quanto à oração em caso de pressão externa, ver *WA* 38, 361 e 368 (*Eine einfaeltige Weise zu beten fuer einen guten Freund* = Uma forma simples de orar por um bom amigo, 1535).

é o Magistrado que chama e nomeia todos os magistrados não por tê-los criado, mas porque lhes dá o poder, que só a Deus pertence. Por esse motivo quem está no lugar de autoridade é como se fosse o Deus encarnado. Caso, porém, insensatamente e, por assim dizer, com as mãos por lavar, eles se apoderassem do governo seja da igreja, seja do estado, seja da família, impedissem que Deus entrasse e não orassem nem considerassem a Deus, mas quisessem governar todas as coisas pelas suas próprias idéias e habilidades, então, finalmente, o resultado seria que, na sua administração, eles fariam duma honesta e casta esposa a pior das prostitutas. Na esfera política, o estado seria perturbado. Haveria na igreja heresias. Por quê? Porque tal cabeça de família, príncipe ou pastor não conhece a Deus, o Autor de todo conselho e regra"[54].

Na exposição de Lutero sobre o Sl 101, o isolamento de Deus no céu é pintado num vigoroso antropomorfismo. O príncipe e seus sábios conselheiros deliberam na terra; mas Deus não tem nenhuma parte nisso, pois entre esses poderosos não existe um só que invoque a Deus para procurar conselho e auxílio da parte dele. "Por isso, nosso Senhor Deus, como suas deliberações continuam, deve sentar-se lá em cima sem nada para fazer. Ele não ousa botar a mão nas resoluções dessa gente sábia. Enquanto isso, ele bate papo com o seu anjo Gabriel e diz: 'O que é que tu achas que essas inteligentes pessoas estão fazendo nas suas câmaras conciliares visto não considerarem apropriado nos incluir em suas deliberações? Parece como se quisessem mais uma vez construir uma torre de Babel. Caro Gabriel, desce lá e lê um trecho de Isaías, que podes levar contigo até eles, através da janela. Lê isto: com olhos videntes não vereis e com ouvidos ouvintes não ouvireis, etc. Fazei projetos, e eles serão frustrados. Fazei acordos, mas nada acontecerá. Pois ambos me pertencem, o pensar e o fazer'"[55].

---

[54] *WA* 43, 514 (*Commentary on Genesis*, 1535-1545).

[55] *WA* 51, 203-204 (1534-35). As referências a Isaías estão em 6.10 e 8.10.

A prece é a porta pela qual Deus, Criador e Senhor, entra criativamente em casa, na comunidade e no trabalho. Ao mesmo tempo, dirige o homem o seu esforço para baixo e a sua fé para cima, tornando-se, dessa maneira, um cooperador com Deus e uma máscara para ele. "Trabalha e deixa-o dar os frutos! Administra e deixa-o fazer prosperar! Batalha e deixa-o dar a vitória! Prega e deixa-o tornar devotos os corações! Casa e deixa-o dar-te filhos! Come e bebe, e deixa-o oferecer-te saúde e força! Seguir-se-á, então, que, tudo o que fizermos, ele o fará através de nós; e dele apenas será a glória"[56]. Depois de uma pessoa ter gasto a sua força no trabalho e não poder fazer mais, ela deixa nas mãos de Deus o empreendimento em que estava engajado, e Deus entra e concede ao caso o avanço e resultado que é o melhor e o mais necessário[57]. Deus penetra na situação de modo imediato, sem o uso da força humana. Devemos analisar essa idéia lutérica mais de perto. Algumas afirmativas da exposição latina do Sl 127 são, por sinal, muito instrutivas. É feita uma distinção cuidadosa entre os infortúnios contingenciais na vocação de uma pessoa e os reveses nos empreendimentos situados fora do nosso chamado. Se alguém se depara com vicissitudes num assunto que não tem nada a ver com a sua vocação, não lhe valerá de nada a súplica sua; pois Deus não o ajuda nisso nem lhe prometeu assim fazê-lo.

"Se alguém vive no casamento nesse estilo de vida, ele tem a sua vocação. Quando esse estado sofre um estorvo – por iniciativa de Satã, vizinhos, família, ou mesmo por causa da fraqueza psicológica dos cônjuges – ele não deveria ser abandonado ou quebrado em espírito. Pelo contrário, se alguma dificuldade se torna impedimento, que se invoque ao Senhor, e sejam Davi e eu mentirosos se Deus,

---

[56] *WA* 31 I, 436-437. Cf. 436 e 437 (*Exposition of Psalm 147*, 1532). "Devemos trabalhar fiel e zelosamente, cada qual na sua vocação e ofício; então ele dará sua bênção e bom sucesso a todo nosso empenho".

[57] *WA* 44, 648 (*Commentary on Genesis*, 1535-45).

no tempo certo, não trouxer ajuda. É certo que, na fidelidade à vocação, Deus insiste na esperança e confiança no seu amparo. Pois, quando é escolhida uma obra fora do chamado, na qual é garantido que não serás capaz de agradar a Deus, não há nenhuma esperança mas atrevimento, pelo contrário, e tentação contra Deus; e nisso não podes ser feliz"[58].

Na verdade, é impossível neste caso orar efetivamente porque o homem não está numa base firme quando se move contra Deus. A oração repousa num firme fundamento apenas quando o homem se encontra no lugar em que Deus o colocou e lhe ordenou permanecer. Sabemos que o chamado nos foi dado simplesmente sem a nossa opção e, por isso, podemos pedir o auxílio de Deus quando nossas próprias habilidades chegam ao seu final. Então, segundo a palavra e promessa divina, sua ajuda é absolutamente certa. As narrativas de Pedro a afundar nas águas (Mt 14.29 e ss.) e de Jesus a acalmar a tempestade (Mt 8.23 e ss.) mostram que a libertação divina chega na hora dum evidente infortúnio[59].

Em todo o caso, porém, o homem deve utilizar todo o seu poder se é que pretende lhe seja dado o auxílio divino especial[60]. Antes que seja feito isso, a oração não tem a força dum genuíno apelo. Quanto mais tenha o homem trabalhado sem nenhum limite, com muito mais vigor pode ele orar, isso é, mais criativamente as miraculosas obras de Deus podem ser feitas para amparo do homem na sua

---

[58] *WA* 40 III, 155-156 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33). Cf. 157: "Assim pode ser visto que o artigo sobre a fé na misericórdia e auxílio divino não deve ser corrompido pela presunção ou pela tentação a Deus, como está presente no falso chamado, no qual é absolutamente certo que se cai e perece. Por outro lado, aquele que, obediente à sua vocação, espera e confia, habitará seguro no monte Sião, mesmo que Satanás ataque e assalte por todos os lados".

[59] *WA* 40 III, 157.

[60] *WA* 40 III, 157: "Enquanto parece que o perigo pode ser evitado por iniciativa nossa, não há precisão de auxílio divino". Cf. *WA* 30 II, 147 sobre orações débeis e carência de socorro divino por causa da negligência do homem em suas responsabilidades na vocação (*Vom Kriege wider den Türken*, 1529).

vocação. Há uma interação inimaginável entre a prece e o trabalho. A miraculosa obra de Deus e o instrumento cotidiano do ser humano se unem e se desenvolvem juntos numa unidade de "cooperação", no sentido próprio da palavra[61]. Torna-se a obra do nosso chamado uma máscara de Deus num sentido único.

Segundo Lutero, assim estabelece o ato criativo realizado por Deus um entranhado vínculo com a prece feita por nós. Toda a ação transformadora de Deus é surpreendente e imprevista porque surge, sem critério ou regra, da liberdade dele próprio. Em conseqüência, a oração não deve amarrar a Deus à resolução das dificuldades externas do homem. A prece deve sempre vir disposta a uma luta corpo a corpo com a "passividade" de Deus e gritar por socorro; mas nunca prescrever como tem ele de ajudar. Se o homem faz isso, na verdade não ora: "estabelece" para Deus "propósito, lugar, tempo e modo". Não vive em fé, nem sabe o que é fé. Se Deus não responde à prece como o suplicante espera, esvanece toda expectativa de auxílio divino. Fé é a inamovível confiança em Deus; é uma receptividade com os olhos para cima na certeza de que o socorro está chegando, mas sem uma opinião prefixada quanto à maneira de como deve ele agir. A fé deixa Deus livre para cumprir sua promessa de ajudar segundo a sua própria vontade e prazer "quando, como, a quem e através de quem ele quer"[62]. Encontra-se tal espécie de fé e prece inteiramente em harmonia com a natureza divina. Ele é eterna misericórdia; logo, é justo confiar sem nenhuma dúvida e orar aqui embaixo na terra para que seu amor desça a nós. E ele é o Deus abscôndito, para cujos segredos não dispõe o ser humano da chave, pelo que é certo o homem restringir-se ao orar não determinando um modo mediante o qual fica Deus obrigado a agir. A fé está segura de que Deus é amor.

---

[61] *WA* 5, 580 (*Operationes in Psalmos*, 1519-21), concernente ao intenso e apaixonado jorro de oração por aquele que sabe estar em cooperação com Deus.

[62] *WA* 10 I, 1, 618 (*Kirchenpostille*, 1522); cf. *WA* 17 II, 67-68 (*Fastenpostile*, 1525).

Deus mesmo deve decidir o que vai fazer; deve decidir o que tem de acontecer no correr da vida humana, e poderá a fé dizer algo sobre o fato só depois que ele tiver acontecido: "Isso foi, com certeza, o amor de Deus".

Aplicar, na situação concreta, a afirmação de que Deus é amor é o significado contínuo da batalha da fé. Como a oração deixa Deus livre, pode a fé realmente ver tudo o que acontece como, de alguma forma, resposta à oração. Por ser Deus um Deus abscôndito, o que sucede não se apresenta como evidente expressão do amor de Deus. A fé sempre tem de trabalhar quando crê. Essa admoestação contra condições impostas à resposta de Deus à oração, Lutero está constantemente a fazê-la sempre que fala especificamente sobre a oração apropriada[63].

A prece respondida não é apenas intervenção e mudança nas condições externas que circundam o homem. Em alguns aspectos é mais importante, para o nosso propósito, que se possa, pela oração, conquistar a clareza quanto ao modo como alguém deve agir numa dada circunstância. O ponto inicial da análise da oração estava no término da seção precedente; o caminho da imitação está fechado, e o homem, sem seguir fórmulas, precisa arriscar uma nova expressão que lhe seja própria[64]. É aí, quando se defronta com essa necessidade de expressão, que ele começa a orar procurando claras direções de Deus na circunstância que se coloca perante ele. Lutero dá uma boa ilustração desse tipo de prece em *On Secular Authority* (Sobre a Autoridade Secular). Ele apresenta categoricamente a sua costumeira afirmação de que o príncipe deve ter a habilidade de agarrar-se estritamente à lei e, ao mesmo tempo, fazer exceção a ela; deve ser ele o mestre da nobre arte da moderação e ser uma espécie de super-homem em questões meno-

---

[63] Ver, por exemplo, *WA* 6, 233 (*Treatise on Good Works*, 1520) e *WA* 51, 606 (*Vermahnung zum Gebet wider den Türkern*, 1541).

[64] Ver o fim da última seção e as passagens citadas em *WA* 31 II, 543 e s.

res se tudo precisa andar bem[65]. Mas, se o príncipe é só um homem comum, como pode ser isso? A oração, que procura o conselho de Deus, pode ser uma constante necessidade.

"Onde ele (ou seja, o príncipe) não é sábio que chega para governar à maneira das cortes legais e seus conselheiros, aí a palavra de Salomão se torna verdadeira: "Ai da terra cujo rei é uma criança". O rei Salomão reconheceu tal coisa pessoalmente. Por isso, ele se desesperou de toda lei, mesmo daquela que Moisés, pela mediação divina, havia prescrito para ele e todos os príncipes e conselheiros; ele próprio se voltou para Deus e pediu por um sábio coração para governar o povo. O príncipe deveria seguir esse exemplo, proceder com temor e confiar nem em livros mortos nem em cabeças vivas, mas apegar-se tão-só a Deus, gritar para os seus ouvidos e implorar por um entendimento correto, acima de todos os livros e mestres, para sabiamente reinar sobre os súditos. Por esse motivo, eu não conheço nenhuma lei para prescrever ao príncipe, mas apenas instruirei o seu coração em como ele precisa dispor-se e preparar-se no que tange às leis, causas, conselhos e julgamentos de modo que, se ele se governa com isso, Deus lhe garanta, com toda a certeza, a capacidade de administrar todas as leis, conselhos e ações numa forma própria e divina"[66].

Deus responde à oração dando ao homem a certeza quanto ao curso e uso correto do seu ofício e certeza da direção de Deus. Com isso, nós passamos para a próxima seção.

4 O Mandamento de Deus

A palavra "lei" tem para Lutero uma qualidade muito mais hostil que "instrução de Deus" e "mandamento de Deus". Tem essa úl-

---

[65] *WA* 11, 272, (*Treatise on Secular Authority*, 1523).

[66] *WA* 11, 272 (ibidem), cf. 278.

tima expressão, *mandatum Dei* (mandamento de Deus) ou *was uns befohlen ist* (o que nos foi ordenado), em particular, uma significação decididamente evangélica, sendo usada em referência à pessoa de fé e sua ação; mas, por outro lado, fala de uma pessoa legalista como tendo violado "os mandamentos de Deus". Mesmo a palavra "lei" é algumas vezes usada por Lutero num sentido favorável e positivo quando se refere ao governo temporal e a sua conseqüência em negócios externos sobre a terra ou no reino do "corporal": ordem e justiça, paz exterior, trabalho, política interna. No relacionamento, porém, entre Deus e o homem, a "lei" se torna, em geral, um mau poder que deixa erradamente suas limitadas funções na terra e se eleva até o céu.

Quando uma pessoa crê no evangelho, seu relacionamento com Deus repousa na ação de Deus e não em sua própria. Liberta-se ela de qualquer noção de que possa basear sua justiça perante Deus em sua religião ou em seu caráter. Ou seja, face a Deus ela está livre da lei. Só aí ela, de fato, vê o que Deus realmente manda. O mandamento não desaparece quando a legalística relação com Deus é deixada para trás. Pelo contrário, quando a consciência finalmente chega a repousar na confiança no evangelho de Deus, compreende o homem que até agora ele simplesmente não havia perguntado pelo que Deus quer e ordena; tinha sido levado constantemente de um ato vão para outro em seus esforços para tornar-se adequadamente religioso. Quando, porém, chega à fé, encontra-se aí um único mandamento perante ele.

O legalismo é uma contínua fuga do mandamento de Deus. Já a fé é o caminho rumo à compreensão desse mandamento. Essa luz no mandamento de Deus, recebida mediante a fé, é um subproduto da própria fé. O homem não crê tendo o propósito de se agarrar a esse ético *insight* e de alcançar, nesse caminho indireto, o antevisto objetivo de se tornar uma pessoa melhor. Se tal é a sua intenção, está ele ainda seguro pela lei. Tal homem se esforça para crer, mas não crê de coração.

A fé recebe um dom que não é para ser "usado" para alguma outra coisa; é tão-só um dom, a promessa de participação no reino eterno de Cristo. Fé é alegria por um presente que um homem recebeu sem tornar-se tão bom como ele mesmo esperava (o evangelho é para pecadores). Ao receber também o mandamento de Deus, presta nele atenção não para que possa, dessa forma, tornar-se uma pessoa melhor – isso ainda seria escravidão à lei – mas simplesmente porque Deus o ordena. Tal "única" obediência é obra do Espírito Santo.

A vida monástica é uma forma típica de servidão à lei. Um preciso modelo exterior de vida é estabelecido como especialmente aceitável a Deus. A ação é dirigida para Deus e o céu, não para a terra e o próximo. Essa forma de vida se acha sob uma quíntupla condenação: é contra a Palavra de Deus, contra a fé, contra a liberdade evangélica, contra a razão e contra o mandamento de Deus (contra o amor)[67]. A questão quanto ao que Deus realmente mandou, exerce o papel dominante na extensa obra de Lutero contra os votos monásticos; as primeiras linhas a estabelecem como seu tema especial[68]. Lutero confessa que na sua juventude nunca entendera claramente que Deus requeria uma obediência precisa; pensava que a religião era alguma coisa que a pessoa podia assumir e depois desenvolver com um maior rigor. Agora, ele discerne que todas as promessas de sacrifício são para o seu próprio bem e surgem do egoísmo. Estão surdos ao que ordena Deus e cegos à carência do próximo. Visto que o homem promete ser um monge permanentemente, isso não pode ser para o bem do outro[69]. O

---

[67] Ver as rubricas em *De Votis Monasticis*, 1521 (*WA* 8, 578, 591, 605, 617, 623, 629). O amor entra como um subtítulo sob o mandamento de Deus porque o amor é a suma do mandamento.

[68] Lutero dirige a introdução para seu pai porquanto foi particularmente o quarto mandamento que ele rejeitou quando fez o voto de se tornar monge apesar da paterna oposição. Ele diz: "Quero que saibas que teu filho chegou ao ponto em que ele agora é da mais forte convicção que nenhuma coisa deve ser considerada mais sagrada, mais importante ou mais religiosa que o divino mandamento", p.573.

[69] Se o monge não tivesse crido que a vida monástica lhe traria a felicidade eterna, ele não teria nunca feito seu voto. Ver *WA* 8, 620 e 595 (*De Votis Monasticis*, 1521).

que o amor ao próximo exigirá de mim no ano que vem, eu não tenho como saber este ano. Pelo bem do próximo, segundo Lutero, a pessoa não toma votos santos e obrigatórios. Exatamente pelo bem do outro, a pessoa deveria estar livre para fazer o que se torna preciso, livre dos votos (a lei) para obedecer ao mandamento.

A servidão à lei é contra a fé e a obediência, e a ambas ela perturba. Implica um simultâneo desvio do evangelho e do mandamento de Deus. Aquele que não tem fé não enfrenta realmente o futuro em paz. No sentido mais lato, ele deve sempre estar "ansioso pelo amanhã" e basear a sua segurança nos seus próprios esforços; e, por essa razão, nunca é senhor do presente[70]. Ele deve ser mandado de volta para o próximo. O homem de fé sabe que em Deus ele tem o suficiente para todo o sempre.

Por isso, pode ele desistir dos grandes e sistemáticos esforços para ficar santo. Pode, assim, atender aquilo que precisa de correção no relacionamento com a necessidade alheia, no contexto de sua vida. É-lhe irrelevante se tais ações parecem, ou não, espirituais[71], pois não age para fortalecer a sua vida religiosa mas para promover o bem do próximo. Tais ações constituem aquelas que são ordenadas.

Freqüentemente retornamos aos vários esforços de Lutero para deixar claro o seguinte: o comportamento exterior do homem não deve estar preso e fixo por nenhum esquema predeterminado. Tais conceitos como "liberdade em coisas externas", "liberdade para fazer ou deixar de fazer", "moderação", etc., podem ser todos compreendidos na idéia da incessante recriação divina dos relacionamentos na terra. Mediante esses conceitos, o sistema se conserva aberto para a sempre novos começos.

Não há para a conduta na vida nenhuma lei a ser aprendida

---

[70] *WA* 40 III, 241 (*Exposition of Psalm 127*, 1532-33). Cf. *WA* 6, 272 (*Treatise on Good Works*, 1520).

[71] *WA* 27, 380-382 (*Sermons*, 1428; Rörer).

como futura exigência ou como padrão de santidade pelo qual a existência ética do "convertido" pode ser dirigida como estando num trilho ou num rego de arado[72]. Na relação da fé, o Espírito age como força ativa produzindo novas obras que minam da postura do amor, livre da lei até mesmo em matérias externas. É da máxima importância que essa discussão com respeito ao mandamento de Deus não anula o que se disse antes sobre "a liberdade de fazer ou deixar de fazer", "moderação", etc. Pelo contrário, a verdade é que o *divinum mandatum* como exigência agora para o amor ao próximo demole a tirânica lei que me acorrenta com a sancionada preocupação pela minha própria santidade, enquanto me distancio das pequenas necessidades cotidianas do meu próximo por ajuda e apoio. O mandamento de Deus serve àquilo que é criativamente novo. Ele é uma arma com a qual nós quebramos a lei[73].

Para todo homem, o próximo constitui uma realidade móvel à qual se prende o mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Sem ter nenhuma escolha, o seu próximo é dado a ele[74].

Apesar do fato de o amor ao próximo ter o caráter de algo imposto a nós, isso não é uma questão de lei da qual poderíamos deduzir antecipadamente o que é certo. O que o mandamento significa depende de cada próximo existente e suas várias necessidades. Como é na minha situação na terra que eu encontro meu próximo, minha vocação compreende todas as minhas relações com os dife-

---

[72] Modos similares de pensamento, alheios a Lutero, subjazem a visões posteriores sobre o terceiro uso da lei.

[73] Lutero oferece típicos exemplos do que é assim requerido em *WA* 10 I, 2, 175-177; ao mesmo tempo, defende com vigor a "liberdade de fazer ou não fazer". Essa liberdade significa a liberdade para aquilo que o amor exige ou para obedecer aos mandamentos de Deus (*Adventspostille*, 1522). De valor nessa questão é o comentário de Rm 13.9, em *WA* 17 II, 100-103 (*Fastenpostille*, 1525). Ver também a seção 5.

[74] Pode ser claramente visto, por exemplo, em *WA* 10 I, 1, 256-257, como a exigência do amor ao próximo vem a constituir um fator perturbador para a legalística ética eclesiástica achada no romanismo.

rentes "próximos"; na verdade, pode-se dizer que a minha vocação consiste nessas relações. Assim como a expressão "mandamento de Deus" se acha imediatamente casada com o amor ao próximo, da mesma forma está essa expressão casada com a vocação: *Beruf und Befehl* (vocação e mandamento) é, para Lutero, uma combinação natural de termos.

"Não importando as vidas e exemplos de todos os santos, cada homem deve aprender pacientemente o que Deus lhe ordena e fielmente cumprir a sua vocação... Observa, tu encontras muitas pessoas que fazem toda espécie de coisas, mas não aquilo que lhes foi ordenado fazer. Uma ouve que certos santos saíram em peregrinação e foram louvados por isso. O tolo, então, segue em frente, abandona esposa e filho por quem Deus o fizera responsável, corre para Santiago, para lá, para cá, e não reconhece que a sua vocação e o mandamento são em extremo diferentes daquilo que é dado ao santo que ele está seguindo"[75].

O mandamento é uma ordem concernente ao "uso correto" do ofício da pessoa, pois o uso deve ser modificado pela moderação, isso é, pela atenção às diferentes pessoas, aos diferentes "próximos". À luz disso, devemos entender que toda ação tem sua hora, seu tempo – uma idéia da qual vamos tratar na próxima seção.

Quando o amor rompe através da lei, é tal fato uma ação espontânea, feita na liberdade da fé, realizada em pura alegria em favor do próximo. Como esse procedimento pode achar-se emparelhado sem nenhum problema com um mandamento e ser, ao mesmo tempo, caracterizado como obediência ao mandamento? Isso é devido ao fato de ser o homem tanto novo quanto velho homem. É o novo homem que é espontâneo, livre e ativo, pois é o novo homem uma divina realidade. Sua liberdade é a própria divina liber-

---

[75] *WA* 10 I, 1, 306, 307. Ver também a discussão que prossegue desse lugar em diante (*Kirchenpostille*). A vocação é dada, ordenada, confiada e só por esse motivo a obra duma vocação é também ordenada e exigida. Cf. *WA* 51, 615-616 (*Vermahnung zum Gebet wider den Türken*, 1541).

dade em relação às leis. Seu amor é Cristo a agir através dele. Sua alegria é o Espírito Santo a morar em seu coração.

O amor cristão não é uma tranqüila espontaneidade no sentido psicológico. O diabo sempre influencia o homem enquanto ele vive; e o divino amor tem de abrir seu caminho através de um meio pecaminoso no qual se defronta com obstáculos e resistência. Em cada ato sacrificial que o ser humano faz para seu próximo, o velho homem pergunta o que o seu eu está levando nisso. O velho homem empaca nas coisas que o novo realiza alegremente e ainda lhes é hostil. Segue-se que todo o bem, no sentido psicológico, aparece como ordenado. Na nova criatura, a quebra da lei toma lugar na divina liberdade. Não obstante, quando se olha da perspectiva humana, manifesta-se como simples obediência ao mandamento porque a ação livre e criativa abre seu caminho em linha reta contra a oposição do corpo do pecado. Ele está cônscio de que obedece alegremente apesar dos sinais de resistência.

Desse ponto de vista, tudo o que é expressão da vida em Deus e da vida que provém de Deus é ordenado. A fé é ordenada. A oração é ordenada. A gratidão a Deus é ordenada (o papel do primeiro mandamento no desespero do homem). E isso deve ser assim mesmo porque o homem está na linha de batalha entre Deus e Satanás. A idéia moderna da perda da espontaneidade assume uma visão não-dualística do mundo, em que a vida humana deixa de se caracterizar por tal batalha.

A liberdade em relação à lei não significa uma total ausência da categoria do esforço e cobrança na vida cristã. Essa liberdade significa: o homem agora pergunta pelo que Deus manda. Procurar saber qual a divina vontade e qual a necessidade alheia, estando, assim, livre da egocêntrica preocupação com a sua própria vida religiosa, pressupõe, naturalmente, um coração que achou paz e vive pela fé. Sua paz e equilíbrio interno aparecem na disposição de obedecer em questões menores, que são atendidas nem pelo desejo de glória nem pelo realce da santidade do praticante aos olhos dos

outros. "Nada absolutamente, quanto às coisas ordenadas, é para ser observado mais que a forma do mandamento e o querer daquele que manda; nem se deve levar em conta se as obras são pequenas ou grandes, humildes ou notáveis; muitas ou poucas, curtas ou longas, ou que forma ou nome elas tenham"[76]. Tal conduta é simultaneamente obediência ao mandamento e expressão da fé no perdão que Deus lhe concedeu.

Como pode o conteúdo daquilo que é ordenado ser sempre novo e mutante? Não é por haver no cristão alguma voz interior que sempre lhe mande procurar alguma coisa nova para fazer. É porque "a vida não pára". Deus é visto como ativo, mesmo nas questões externas da vida diária, na qual há constante mudança e o homem sempre enfrenta novas situações que não havia previsto. O grande e todo-inclusivo mandamento, que abrange todos os mandamentos concretos, é que tudo seja feito em fé. Toda coisa nova que surge deve ser posta em contato com a fé confirmada em Deus, isso é, a pessoa deve tratar com tudo que em Deus subsiste. Desse mandamento geral necessariamente provêm todos os mandamentos concretos.

"Como não podem a natureza e o ser humano ficar sem atividade ou sem abatimento, sem sofrer ou sem negar-se por um único momento (pois, a vida não pára, como já vimos), então, ao trabalho, se queres tornar-te uma pessoa devota e cheia de boas obras. Todo o tempo exercita-te em tudo o que é vivo e ativo na tua fé. Dessa perspectiva aprende a examinar todos os teus feitos continuamente. Descobrirás, então, quantas coisas há para fazeres e como todas as coisas têm seu centro na fé"[77]. Quando o homem obedece, continua na fé e permanece ainda no poder de Deus feito uma máscara de Deus na terra. Tal pessoa aplica a Palavra de Deus na situação em que está

---

[76] *WA* 8, 637 (*De Votis Monasticis*, 1521).

[77] *WA* 6, 212 (*Treatise on Good Works*, 1520); cf. 249.

[78] *WA* 31 II, 543-545 (*Lectures on Isaiah*, 1527-30); Lauterbach.

colocada e põe criativamente em prática essa divina Palavra[78].

Em tais caminhos como esses, novos passos decisivos podem ser tomados. Completa mudança de ocupação e trabalho podem vir como exigências das quais não há escapatória. Tudo isso, de fato, encontra-se na companhia da incerteza e do perigo porque Deus está velado. Em tal situação, deve-se rezar "atirando-se nos braços da divina majestade e orar". (Isso é verdadeiro na escolha da esposa ou na promulgação de novas leis, só para mencionar uma decisão importante em cada uma das "hierarquias" terrenas). Ao mesmo tempo, isso acontece através da vocação de Deus, *vocante Deo* (pelo Deus que chama), isso é, a ocorrência é tanto natural como dada ou ordenada. "Só o Espírito Santo é o Mestre que instrui e admoesta a que nos joguemos completamente nos braços da divina majestade e nela confiemos e em seu nome casemos, cuidemos da família, governemos o estado, promulguemos leis, etc. Se tais coisas se dão assim, tudo muito bem. Se não, tudo bem da mesma forma, pois é da sua vontade quando, havendo sido chamado por Deus, entrado no estado ou numa ordem da sociedade, continuas e perseveras aí de qualquer maneira e o invocas"[79].

A razão julga a situação externa com muito cuidado, e a prece pede orientação a Deus. Nessa dupla receptividade, em relação a Deus e à vocação, a pessoa fica segura de que uma coisa particular deve ser feita; e, através dessa receptividade em ambas as direções, o homem se torna "um meio que recebe de cima e passa para baixo – feito um vaso ou cano". A concepção do homem como um

---

[79] *WA* 40 III, 206 (*Exposition of Psalm* 127, 1532-33). No curso da vida, as vocações podem mudar, e as pessoas podem ser levadas de um estado para outro. Ver, por exemplo, *WA* 10 I, 1, 413-414 sobre Ana, em Lc 2.36 e s. (*Kirchenpostile*, 1522). Um assunto bem diferente, que também deve ser notado aqui, é o fato visível de que deve o cristão renunciar a uma profissão de cuja manifesta injustiça ele está consciente; ver *WA* 10 I, 1, 317 (*Kirchenpostille*, 1522) e *WA* 12, 132-133 (*Exposition of 1 Corinthians* 7, 1523).

[80] *WA* 10 I, 1, 100 (*Kirchenpostille*).

cooperador e máscara de Deus está em harmonia com isso[80].

Um bom exemplo disso é a descrição lutérica do príncipe no seu *Treatise on Secular Authority*: Ele é um príncipe que ora e trabalha, continuamente aberto à vontade de Deus que vem de cima e à necessidade dos seus súditos aqui embaixo, onde vivem. O que ele faz como governante emana dessa dupla responsabilidade frente às coisas em cima e às coisas embaixo. Isso é o mesmo que "fé e amor"[81]. Nas coisas que são ordenadas, Deus mesmo, por assim dizer, aproximado pela prece, está em ação como o Criador que volta para a vida na terra. Deus, ao conceder uma vocação, também dá a sua promessa àquele que suporta a cruz da vocação e apela para ele. "Deus estará lá com seu auxílio de modo que, pela divina graça e ajuda, podem ser consolados e alegrados os que em sua vocação têm de suportar todos os tipos de perigo e dificuldade"[82]. A idéia de ser o cristão livre da lei e poder quebrar a sua rigidez não está em conflito com o pensamento de que as obras do cristão são ordenadas. O mandamento de Deus serve a nova criação.

A liberdade concernente à lei é uma liberdade real, "a liberdade de fazer ou deixar de fazer". O cristão pode escolher o que é melhor em tudo o que lhe diz respeito. Como nova criatura, ele não é compelido a suspender a lei como um indivíduo que sempre exige ser a lei abrandada. Em si mesmo, seria isso uma nova servidão à lei, lei que nunca deveria ser dura e minuciosa para com a pessoa embora se possa perceber que a brandura poderia prejudicar a todos. A suavidade frouxa não é liberdade da mesma forma que a fanática justiça também não o é. Pode-se egocentricamente procurar a própria santidade sempre sentimentalmente abandonando e ignorando a justiça da mesma forma que se pode estar na pinça do egoísmo ao insistir no cumprimento meticuloso da letra da lei. Em nenhum

---

[81] *WA* 11, 272-274 (1523). Como sabemos, Lutero pensa que é bastante raro ser o príncipe um cristão assim.

[82] *WA* 16, 47 (*Sermons on Exodus*, 1524; Aurifaber).

caso é o homem interiormente livre e em ambos ele carece de interesse pelo próximo e pelo que é melhor para ele. O cristão é livre para insistir duramente na justiça ou para tratar complacentemente, segundo o que dita o amor, ou seja, de acordo com o que Deus ordena; pois discernir o que é exigido pelo amor ao próximo é o mesmo que ser mandado por Deus para fazê-lo. Tal cristão tem uma constância elástica em relação aos outros. Ele está na mão de Deus e faz a coisa certa no tempo certo.

Assim, mesmo as coisas duras e aparentemente sem misericórdia podem ser ordenadas por Deus e feitas alegremente[83]. Homens e mulheres, à medida que são capazes e não só os soldados, devem participar ativamente na defesa contra os turcos sem nenhuma leniência com o inimigo[84]. Os pais que, na gana pela sua própria autoridade, impedem seus filhos de casar ou que abertamente os prejudicam de outra forma, não devem ser atendidos; e é dever do ministro livrar os filhos da obrigação de nisso obedecer a seus pais[85]. Lutero está especialmente pronto a garantir uma boa consciência àqueles (juízes e soldados) cujos ofícios requerem deles constantemente resistir ao mal com a força. Tais ofícios foram criados por Deus para a manutenção da sociedade, e a exigência do ofício é a própria exigência de Deus. O rigor é necessário para a correta administração do governo terreno[86].

---

[83] *WA* 30 II, 184-185 (*Heerpredigt wider den Türken* = Pregação Militar contra os Turcos, 1529).

[84] *WA* 18, 358 (*Against the Murdering and Robbing Hordes of Peasants* = Contra as Hordas Assassinas e Roubadoras dos Camponeses, 1525) e *WA* 18, 397-399 (*An Open Letter Concerning the Hard Book Against the Peasants*, 1525).

[85] *WA* 30 III, 239 (*Von Ehesachen*, 1530). A liberdade em relação às autoridades recebe, de modo geral, tratamento freqüentemente incomum nessa pequena brochura sobre o casamento; ver, por exemplo, 245 e s.

[86] Ver *WA* 11, 278 (*Treatise on Secular Authority*, 1523), onde a característica de um bom príncipe é apresentada em quatro pontos: oração e fé, amor e serviço, bom senso e juízo, diligência e rigor. Tal príncipe é fiel à sua vocação e, por essa razão, pode ele estar seguro de que terá sua "cruz" para carregar: "Terá de suportar muita inveja e sofrimento por conta disso. A cruz logo estará sobre os ombros desse empreendimento".

Meio de passagem, mas, ainda assim, digno de nossa atenção, é a distinção de Lutero entre pecadores "na doutrina" e pecadores "na vida". O que decai no pecado por fraqueza e desejo peca "na vida". Tal pessoa deve ser tratada pelo cristão com amor, fineza e disposição para perdoar mesmo que ele se frustre muitas e muitas vezes. Mas quem no seu orgulho ataca a Deus e o evangelho enganando os outros e corrompendo a palavra de Deus, peca "na doutrina" e colide com a fé cristã, que é inflexível e a nada perdoa.

O amor é indulgente, mas a fé trava batalhas. O amor pode apenas abençoar, mas a fé tem o poder de amaldiçoar[87]. Lutero ficaria feliz se o mundo pudesse afirmar ter sido ele, contra o papa, o ser humano mais inflexível do mundo. Essa é a sua vocação e o mandamento de Deus entregue a ele como pregador. O amor opera com as coisas que Deus permite sejam administradas livremente e concedidas mesmo até aos homens maus. Mas, por outro lado, a fé trata de Deus e sua palavra, sobre a qual a fé não tem autoridade, mas à qual ela própria (a fé) está sujeita. A fé não pode ceder coisa nenhuma nem deixar o evangelho ser atacado; seria tal coisa uma violência contra a Majestade de Deus. Sendo o evangelho o portador da salvação, até essa dureza contra a falsa doutrina é uma obra de amor, pois ela é uma batalha para manter sem nenhuma diminuição a dádiva da graça para conforto e paz dos seres humanos.

Se o cristão é, por vezes, duro e, por outras, amável, está ele expressando a sua liberdade de fazer ou deixar de fazer; e essa liberdade é, por seu turno, um reflexo da "liberdade de Deus". Como Deus é tanto ira quanto amor, a concepção do homem como sendo máscara de Deus implica isto: o homem pode ser uma máscara para a ira de Deus e não só para seu amor. Toda ação tem o seu "tempo". Trataremos desse profundo conceito logo em seguida, na próxima parte, sobre os *Stündelein* (o tempo, a hora, a ocasião oportuna).

---

[87] Com respeito a isso, ver *WA* 17 II, 53-54 e 114 (*Fastenpostille*, 1525), *WA* 18, 651-652 (*The Bondage of the Will*, 1525) e as seguintes passagens no *Commentary on Galatians* (1535): *WA* 40 I, 181-182, *WA* 40 II, 48-52 e 139-140.

A ira de Deus é um instrumento do seu amor. Na verdade, nunca pode haver uma relação claramente evidente entre a ira e o amor divino, mas, quando a cruz e o sofrimento vêm sobre o homem, tem ele de acreditar que o amor de Deus está oculto na ira. Essa ligação, poderá ele vê-la somente após a morte. Como um oficial, ele está freqüentemente na situação em que é obrigado a impor a cruz e o sofrimento sobre os outros; isso é, ele tem de servir como um ponto por meio do qual irrompem a severa lei de Deus e sua ira punitiva. A reação é igual à que sucede quando um homem é golpeado pela ira de Deus; a razão não pode perceber como essa ira pode ser para o amor divino um útil instrumento. Por essa causa, o homem fica, via de regra, reticente em se entregar a um ofício no qual deve provocar sofrimento nos outros como, por exemplo, no serviço militar ou na ação judicial, no trabalho como soldado ou agente de justiça. A fé, no entanto, se dispõe a servir desse modo, pois aprendeu que o amor de Deus está escondido sob a lei. A fé confia em que o mandato vocacional do homem conduz a alguma coisa boa; por trás de todos os ofícios e estados se encontra o Criador, que é nenhum outro senão o Deus do evangelho. Assim, até uma severa ação pode ser algo desejado vivamente pelo cristão, seguro daquilo que Deus mandou.

Ainda que um homem pudesse deduzir de si próprio um julgamento correto sobre o que deveria ser feito, isso não seria necessariamente o mesmo que ter a autoridade e a direção de uma ordem real dada por Deus. A vocação à qual uma pessoa é chamada e o funcionário que serve à autoridade afirma sobre esse fato aquilo que o evangelho também diz: estamos num mundo obscuro; todavia, Deus não está muito longe mas perto. Por isso, é uma alegria para a ação do homem estar sob o mandamento. O homem não precisa andar às apalpadelas, pois tem a vocação. "Não deveria o coração pular e derreter-se de alegria, quando alguém se dirige para sua missão e faz o que é mandado?"[88]. Ao saber o homem, no desempenho da vocação,

[88] *WA* 30 I, 149 (*The Large Catechism* = Catecismo Maior, 1529).

estar ele sob o divino comando, uma inesperada força inunda o seu trabalho, força muito maior que a achada nas palavras dos oradores. "Esta é uma grande verdade que, estando a pessoa persuadida no que tange à vocação que Deus lhe determina (e essa determinação acontece pela Palavra, que lhe diz o que fazer), ela sente essa força e direção no divino mandato como não se poderia achar no discurso de nenhum orador, seja ele Demóstenes, seja ele o próprio Cícero"[89].

Essa face do mandamento, a face que olha para o evangelho, sempre deve ser enfatizada ao se apresentar o ensino de Lutero sobre a vocação. É importante, porém, enfatizar que o poder e alegria, dados pelo mandamento, é poder e alegria para este mundo. Sobre a vida após a morte não acho nenhuma certeza no "evangelho" da vocação terrena. O evangelho é, no sentido próprio, algo bem diverso da vocação do ser humano. O evangelho fala do reino eterno após a ressurreição, onde Cristo reina sem nenhuma lei[90]. Nesse reino, o velho homem, com sua resistência àquilo que Deus quer, não pode mais ser encontrado. Ali, está somente o novo homem, espiritual, ressuscitado. Cristo pode ser o Senhor sem nenhum mandamento.

5 *Stündelein*

As expressões de Lutero, "o tempo" e "a hora", integram a sua visão geral da soberania de Deus e do homem como cooperador de

---

[89] *WA* 43, 210 (*Commentary on Genesis*, 1535-1545).

[90] O evangelho, que traz a paz com Deus, é contrastado com o mandamento da vocação, que dá uma confiança de outra espécie. Ver *WA* 40 II, 155 (*Commentary on Galatians*, 1535). Até mais eloqüente é a referência terminologicamente característica em *WA* 29, 566, onde se diz que o "evangelho" nos dá uma certeza confiante em como devemos agir em nossa vocação: "Se, portanto, não fosse o evangelho nada mais, ele seria, contudo, o supremo dom que nos torna certos com a verdadeira certeza", cf. o contexto (*Sermons*, 1529; Poach). É mostrado que o teor específico do evangelho é completamente alguma outra coisa. A mensagem do evangelho é escatológica.

Deus. Em suma, elas dizem que o homem não tem como determinar o momento para o seu próprio agir porque tudo acontece de acordo com o divino querer (esse é um lado, uma expressão da escravatura humana face a Deus). Na hora divina, a ação tem de ser feita, e o homem recebe de Deus uma liberdade criativa para realizá-la através e contra qualquer oposição (esse é o outro lado, uma expressão da sua liberdade em negócios externos, a liberdade para baixo, na forma de doação, cooperadora de Deus). O homem é livre na ação externa quando, como um véu, está preso a Deus para a ação criativa de Deus, a qual, no momento em que chega a hora, irrompe de uma forma imprevisível. O que Lutero fala sobre "o tempo" está relacionado ao seu conceito sobre liberdade e cativeiro e lança mais luz para sua percepção de liberdade. Isso pode clarificar o papel desempenhado por aquele que é fiel à sua vocação até ao ponto em que irrompe a ação de Deus.

A primeira referência, nesse contexto, é o tratamento que Lutero dá a Eclesiastes, em 1532, especialmente a sua interpretação de Ec 3.1-7 e 9.11. Desde o começo, ao explanar Ec 3.1 (Para tudo, há uma estação; e para cada coisa debaixo do céu, um tempo), declara Lutero que essa afirmativa está em contradição direta com o presumido livre arbítrio. Todos os trabalhos e esforços humanos têm o seu tempo estabelecido para serem iniciados, realizados e concluídos. Esse tempo não pode ser previamente conhecido pelo homem. A hora de cada acontecimento se encontra na soberania divina. Por isso, todas as preocupações antecipadas e todo o planejamento minucioso para o futuro são infrutíferos e carecem de sentido. O homem não pode escapar daquilo que tem de ser. Na verdade, não há nenhum poder na terra que possa nos impedir na hora em que levamos adiante uma obra que Deus quer seja feita, isso é, na hora em que fazemos a obra da vez. "Aqui, já foi dito antes, Salomão está falando sobre as obras dos homens, isso é, obras começadas pelos desígnios humanos... Por essa razão, fica sabendo isso: todas as obras e esforços têm um tempo certo e preciso para a sua realiza-

ção, início e fim; e isso está além do poder humano, como foi dito contra o livre arbítrio, ou seja, não é para nós prescrevermos tempo, modo e coisas a serem feitas. Os nossos desejos e empenhos são totalmente frustrados porque Deus estabeleceu as coisas todas que devem ir ou vir (referência a Ec 3.2-8). Isso ele claramente mostra, por exemplo, dos tempos de obras humanas, tempos que estão além da escolha dos homens de sorte que ele assim conclui: é vão para os homens serem torturados por seus desejos e não realizar coisa alguma – ainda que se aniquilem por causa deles – a não ser que tenha chegado a hora e o tempo fixado por Deus... O divino poder abarca assim todos os tempos definidos não podendo ser impedido por nada"[91].

Quando o homem põe na sua cabeça fazer uma coisa tão simples como procurar divertimento, ele descobre que a alegria não é conseguida assim. A alegria tem a sua hora, que não está sob o comando humano: *habet ergo laetitia suam horam* (tem, pois, a alegria a sua hora). Desse fato podemos aprender que não podemos controlar situações e coisas pelas nossas próprias decisões. O homem não precisa afligir o cérebro quanto ao futuro, mas viver na hora que está aí[92]. Isso é o mesmo que viver em fé e ser receptivo para com Deus, que está presente agora e tem alguma coisa que ele deseja façamos agora. Essa concepção de "tempos" está muito próxima da do "homem heróico". Assim como o Poderoso tem suas pessoas especiais, da mesma forma ele tem seus tempos especiais. É típico de Lutero que na aparição das pessoas especiais, "os homens heróicos", ele ache uma evidência contra o livre arbítrio humano. Não é todo mundo que pode fazer o papel de herói; e aquele que

---

[91] *WA* 20, 58.

[92] *WA* 20, 61 (*Annotationes in Ecclesiasten*, 1532). Com relação ao tempo do infortúnio, ver *WA* 51, 212 e s. (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35); cf. *WA* 15, 300 (*On Trading and Usury*, 1524), onde é enfatizado o fato de que o homem precisa viver em constante incerteza quanto ao futuro, pedindo pelo seu pão diário, mas não se estendendo além desse tempo.

pode fazê-lo não o fez por seu próprio livre arbítrio – foi empurrado para ele[93]. Isso deve ser claramente compreendido para se entender o pensamento lutérico sobre "o tempo" e a ambivalência do seu conceito sobre liberdade. Exteriormente, um "super-homem" comporta-se não de acordo com um padrão mas livremente, não-preso a nenhuma tradição; no entanto, sua vontade continua presa, pois ele é dirigido por Deus. Similarmente, no "tempo" há uma luzente liberdade. Quando uma pessoa está fazendo algo para o qual o "tempo" chegou, tudo segue em marcha rápida e leve como se fosse ela todo-poderosa; e ela mesma fica surpresa quão bem tudo caminha, quão desimpedida e rapidamente a obra adiante avança.

Tudo isso expressa uma completa servidão, pois é por causa do "tempo", e não por causa da força do ser humano, que prospera essa obra. Talvez a pessoa que esteja sendo assim tão bem sucedida haja tentado por anos a fio desempenhar a mesma tarefa, mas com nenhum sucesso. Deus pode encher um breve espaço de tempo com bastante significado porque ele é soberano e faz tanto quanto quer e quando quer mediante um mínimo de esforço humano. Ao experimentar uma pessoa esse "tempo", situa-se ela perante o inacreditável. Deus pode igualmente, por outro lado, esvaziar de significado um longo período de tempo, um tempo que, talvez, apesar de abundante em esforço humano, é, porém, deixado vazio por Deus porquanto o Criador nunca está preso a nenhuma regra.

> Se Deus favorece alguma pessoa e lhe concede fortuna, ela freqüentemente pode realizar mais numa hora que uma outra com enorme trabalho e pena em quatro dias inteiros... Ninguém é capaz de fazer nada a não ser que venha a hora certa, que é dada por Deus sem a nossa procura dela. É inútil para ti procurares o sucesso antes do tempo e tentar alcançar o teu propósito mediante grandes sofrimentos e sábios (como tu pensas) planejamentos. Pois Deus conhece a arte de

[93] *WA* 51, 224 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

> apressar ou atrasar o tempo e a hora de modo que, para alguém, uma hora se torna uma quinzena; e, por outro lado, uma pessoa não realiza mais, através dum longo labor e muitas aflições, que uma outra com um trabalho curto e fácil... Deus assim manipula as coisas de modo que nossas dores não sejam necessariamente abençoadas; pois não queremos esperar até que tais bênçãos nos venham de Deus, mas queremos encontrá-las por nós mesmos antes que Deus no-las outorgue (*WA* 32, 471)[94].

Como exemplo, Lutero usa o instável sucesso do homem na mineração. Os tesouros da terra são distribuídos irregularmente; e, subjacente a esse fato, está a soberania de Deus, que nunca se permite sujeitar-se aos planos do homem.

Um notável exemplo dessa concepção de "tempo" é vista na exposição de Jo 7.30, nas *Wochenpredigten über John 6-8* (Pregações Semanais sobre João 6-8), apresentadas em 1530-1532. Com simples exemplos, estabelece ainda mais positivamente a tese de que a servidão de todas as ações ao tempo é um golpe de morte na liberdade do arbítrio. O relógio não pode bater uma hora antes que bata as doze; o verão não pode chegar antes que o inverno tenha passado, nem pode ser noite antes que o dia haja ido embora; uma pessoa não pode ser velha antes que tenha sido criança. "Tudo está preso a um tempo determinado... Não é o pensamento do homem que manda. Deus deve dar a tudo o seu tempo"[95]. Não podemos sair e colher os grãos durante o Natal; precisamos esperar até que eles estejam na estação apropriada[96]. Em conseqüência, é o tempo que dá o fruto e não tanto o campo ou o jardim; pois o campo está lá o ano inteiro, "mas se a estação não vem,

---

[94] *The Sermon on the Mount*, 1532.

[95] *WA* 33, 407 (manuscrito).

[96] *WA* 33, 404. O ministro na congregação também não pode correr mais que o tempo; deve esperar até que chegue o dia da colheita.

também não há colheita"[97]. Com especial ênfase, Lutero insiste que os pensamentos do homem são impotentes; face a Deus não há livre arbítrio. O homem não tem como fazer evoluir sua vida de dentro do seu próprio ego nem pensar nalguma espécie de elevação para a sua existência. Ele está à mercê de realidades sobre as quais não é senhor. Tem de aceitar a vida das mãos de Deus, pois é Deus, em definitivo, que manipula os diferentes tempos todos que o influenciam. O homem está à mercê desse poderoso Deus.

"Pois Deus organizou e distribuiu todas as coisas tão corretamente que é seu desejo conservar todos os pensamentos e obras em sua mão. Não haverá progresso a não ser que chegue a hora por ele determinada... e assim Deus conserva tudo em suas mãos; e desse modo ninguém na terra pode levar adiante seus próprios desígnios; na verdade, os planos da pessoa não se realizam de modo nenhum se ela primeiro não procura sua orientação"[98].

A sentença final, tomar conselho com Deus, refere-se naturalmente à oração, que é o sinal de estar o homem sob a servidão de Deus. Por outro lado, é através da oração que Deus entra no homem e faz dele um espontâneo instrumento para a tarefa da hora. Regeneração e prece estão ligadas uma à outra.

Existem afirmativas similares de Lutero em *Table Talk* (Conversas à Mesa), onde apresenta a noção da "ocasião oportuna", a latina *occasio* (ocasião, momento propício, oportunidade). A mesma argumentação do universo da natureza é o seu ponto inicial para demonstrar que o homem está preso e não livre[99].

Mas, então, chegamos ao outro lado, a liberdade humana em questões externas. Na sua exposição de Eclesiastes estão claras expressões sobre essa liberdade. Firmada a servidão humana, Lutero quer saber de que modo pode o homem exercer domínio sobre a

---

[97] WA 33, 405.

[98] *WA* 33, 403, 404 (o texto impresso; *Aurifaber*).

[99] *WA Tischreden* VI, 358 e s. (n. 7050).

criação como o relato bíblico afirma que ele o faz. Sua resposta é que podemos fazer uso das coisas no agora. Podemos apenas esperar pelo futuro; mas onde o futuro se torna presente, podemos agir. Como sempre, no mesmo fôlego introduz Lutero a palavra do mandamento, a lei na sua função própria sobre a terra, como complemento para a liberdade humana nas suas atividades relacionadas com as coisas daqui debaixo: o homem é livre para viver segundo a vontade de Deus como um cooperador de Deus na vocação, no interesse do serviço ao próximo.

"Tu, porém, dizes: 'De que modo foi o homem feito senhor das coisas (Gn 2) se ele não é capaz de governá-las de acordo com a sua vontade e usá-las como deseja?' Resposta: fomos feitos senhores das coisas no que somos capazes de usá-las no presente. Mas não somos capazes de governá-las pelos nossos esforços e desejos. Ninguém pode só por seus desejos realizar alguma coisa que está por vir ainda. Pois como pode uma pessoa, que não sabe o que está por vir, determinar o futuro? Por isso quer Deus que façamos livre uso das coisas criadas, mas à medida que ele as dá sem a nossa prescrição com respeito a medida, hora e tempo. Essas coisas encontram-se na mão de Deus; e não devemos pensar que está em nossas mãos usá-las quando queremos se ele não as dá a nós. Assim afirma o Eclesiástico: 'Deixou Deus o homem na mão dos seus próprios conselhos'; mas acrescenta os preceitos de acordo com os quais ele dirige as ações e os desígnios deles"[100]. O homem é um ativo instrumento na mão de Deus.

Sendo assim, a liberdade é achada no ato da cooperação. Essa liberdade, porém, é a liberdade do escravo para mover-se como bem entende no serviço do senhor, na atividade para a qual suas ordens o levam. Tal liberdade na possessão das coisas criadas, o homem a usa na carreira, a saber, no estado que Deus lhe dá e no qual Deus,

---

[100] *WA* 20, 58-59 (1532). A passagem citada está em Siraque (Eclesiástico) 15.14 – a mesma que desempenhou um papel muito importante no que respeita àquilo que Lutero escreveu contra Erasmo. Ver *WA* 18, 666 e s.

o Criador, se faz presente com o homem acrescentando à vida na terra constantemente coisas novas cheias de frescor. Não é apenas a vocação do agricultor que está sujeita a mudanças, cativa como está ao ritmo do ano. Todo labor humano está na dependência de milhares de modificações. Um tempo dá resultados bem diversos daqueles do outro. Para cada hora tem o Criador o seu propósito, e a sua direção é constante, pois jamais podemos nos livrar do nosso próximo e da nossa vocação. Ao se executar a ação dada e prescrita para determinado momento, há uma liberdade criativa que torna a ação irresistível, pois Deus é irresistível e estabelece um "tempo livre e oportuno" para tudo o que deve ocorrer[101]. O Deus cujos mandamentos se tornam concretos em diferentes leis é o mesmo Deus que segura o curso exterior dos eventos em suas mãos e, assim, prepara as ocasiões oportunas em que devem se ajustar as coisas ordenadas.

"Aquele que negligencia a oportunidade é atropelado por ela; pois é dito: 'Vigiai enquanto é tempo. Agora, enquanto é agora'... Quando nosso Senhor Deus convoca uma pessoa, ela deveria agradecer a ele. Tem sido afirmado com muita verdade que nosso Deus e Senhor dá o tempo favorável"[102]. Assim como é possível a alguém transgredir o divino mandamento e expressar dúvidas quanto à graça divina, é possível assim também fazer alguma outra coisa que não a que deveria ser feita na hora certa. A pessoa pode colocar-se fora do tempo de Deus e agir independentemente, numa total separação de Deus. Essa é uma postura infeliz e antinatural, fora da harmonia com aquilo que está a caminho como é o caso daquilo que se dá conforme o tempo de Deus.

---

[101] *WA* 33, 405 (*Sermons on John 6-8*, 1530-32, em manuscrito. O texto impresso baseia-se, provavelmente, na compreensão do manuscrito). Sobre a exigência de Deus por algo novo, conforme o tempo, e sobre a situação em si, ver carta a Wenzeslaus Link, datada em 18 de dezembro de 1521, *WA Briefwechel* II, 415.

[102] *WA Tischreden* VI, 359-360. Seguem-se ilustrações sobre a negligência de oportunidades.

Até pode acontecer que uma pessoa prospere e chegue a ter muita fortuna sem dar atenção a Deus, sem submeter-se às coisas que Deus poderia fazer através dela. Com isso, porém, se tornará inerte a sua existência: "Ela não reterá nada a não ser o vácuo". A riqueza escorrerá das suas mãos e não conseguirá nenhum ganho real.

Tanto a oração como o divino mandamento são mais claramente compreensíveis à luz da concepção do "tempo". Pode-se afirmar que esses três conceitos clarificam um ao outro. Na oração, o homem tudo confia a Deus, permitindo a ele dirigir todos os fatos; o próprio homem observa atentamente o seu mandamento, o mandamento que nessa hora dá a forma específica da direção divina. A obra de Deus com os fatores do ambiente humano e a obra de Deus através do homem, mediante o mandamento e o Espírito, coincidem, por assim dizer, no "tempo". Pode ser uma hora de revés para o homem, caso tenha de ser disciplinado e reduzido a zero. Pode ser uma hora de poder e liberdade, caso tenha ele de efetuar alguma coisa que de certo modo venha a ajudar as outras pessoas. Em todo caso, ele está no poder de Deus e se torna maleável ao divino querer no seu contato com aquilo que transpira em sua vida. Segundo Lutero, o homem precisa viver em fé e oração porque é dessa maneira que ele pode viver nas mãos do Criador. Por outro lado, ele está próximo do que Deus faz. Sendo assim, a oração de fato influi na ação divina e, de certa maneira, altera o que sucede passo a passo na situação do ser humano. A resposta à oração é concreta[103].

Que o homem deve deixar para Deus a ansiedade sobre o futuro, é por Lutero enfatizado freqüentemente nas *Annotationes* de 1532. Aparentemente, Lutero quer dizer que é mais fácil fazer a obra da oração em tranqüilidade e fé se a pessoa, ao mesmo tempo, também começa com outra mentalidade e parte com a obra e a obediência ao divino mandamento concernente à sua missão terrena. Lutero afir-

---

[103] Isso não significa uma pessoa prescrever a Deus como ele deve agir. A forma da participação de Deus é deixada à sua "liberdade" pelo crente orante. No entanto, essa participação é concreta. Ver a seção: "Oração".

ma que devemos entregar a Deus as inquietações quanto ao futuro de modo que o próprio homem não tenha mais essas inquietações, mas permita que Deus mesmo as tenha: "Por esse motivo, entregar simplesmente as questões para Deus e fazer uso das coisas indica o seguinte: a pessoa deve abster-se de cobiçar as coisas futuras"[104]. Em referência a Eclesiastes 3.13 diz ele que essa íntima segurança e liberdade em face da apreensão vem como um dom de Deus.

"Deus quer dizer que nada é melhor para o homem, em tais esforços trágicos, que usar as presentes coisas e com mente alegre e tranqüila ficar sem preocupações e cuidados no que diz respeito às coisas por virem. Tal coisa pode ser o dom de Deus. Posso eu ensinar aquilo que ele diz; mas não sou capaz de realizar ou dar aquilo que ele faz. Ele mostra ao mesmo tempo o que deve ser feito e ensina quando deve ser interrompido. Ensina que as nossas preocupações pesadamente caem sobre nós; mas admoesta-nos a clamar por ele, que pode levar as nossas preocupações e dar-nos bom êxito e paz de coração"[105].

Lutero acrescenta uma clara admoestação à prece embora não haja nenhuma base para ela no versículo sob exame. A própria visão de Lutero exige que a prece tenha um lugar. A oração da fé e a obediência ao mandamento estão juntas e, por sua vez, acham-se ambas ligadas à concepção do "tempo", à idéia de que toda hora traz consigo a sua exigência e qualquer tempo está pleno de Deus e das coisas que Deus quer[106]. A oração deixa o homem aberto para cima, em direção a Deus, e a prontidão para obedecer ao divino

---

[104] *WA* 20, 59 e s. A passagem começa com a apresentação de preceitos, isso é, com as instruções divinas sobre nosso agir em negócios externos.

[105] *WA* 20, 64 (*Annotationes in Ecclesiasten*).

[106] Quanto à orientação divina através da oração, ver *WA* 33, 403. Podemos citar Is 8.10 ("Forjai projetos, e eles serão frustrados", etc.), passagem que deve ser colocada perante os olhos do poderoso (em *The Exposition of Psalm 101*) que faz seus planos sem orar a ninguém, atrevendo-se a tomar a Deus como favas contadas em relação ao futuro. A mesma passagem é também usada em *Sermons of John 6-8* para apoiar a tese de que para tudo fixa Deus uma hora, cf. *WA* 33, 410-411 (1530-32) com *WA* 51, 203-204 (1534-35). Ver a seção 3.

mandamento o conserva alerta para seu próximo. A obra que Deus quer fazer no tempo em favor do próximo do ser humano progride mediante o homem. Quando se está em atividade nessa tarefa, quando se é apenas um instrumento para o trabalho de Deus, a prece é forte e "ardente". "É então que oramos do modo o mais intenso quando confiamos que o reino e as coisas são de Deus; pois, assim, não procuramos coisas que nos pertençam; e nos asseguramos de que não teremos de nos desviar daquilo que é dele e do reino que lhe pertence, especialmente porque nós o invocamos"[107].

O mandamento mencionado é o mandato da vocação. Com invariável regularidade estabelece Lutero a sua visão sobre "o tempo" ao longo do seu mais abrangente ensino com respeito à "vocação", "estado" e "ofício". Quatro ilustrações são esclarecedoras.

Em imediata ligação com o debate sobre o ser Deus capaz de "abreviar ou estender", Lutero sempre inclui uma admoestação à fidelidade (*Exposition of the Sermon on the Mount*), 1532. Deus enche alguns tempos com progresso e o mesmo progresso ele o nega a outros. Que proveito há em se esforçar para assegurar o progresso por seus intentos próprios? Tal ansiedade não adianta nada. Preocupações no que respeita a se alguém fez o seu dever são necessárias e criativas. Deus concederá seus dons, "mas não por causa da tua solicitude, mesmo que tenhas trabalhado. Pois tal solicitude não ganha nem realiza nada. A espécie de preocupação que é efetiva é a que pertence ao teu ofício e ao reino de Deus, quando fazes aquilo que és obrigado a fazer, pregas e insistes na Palavra de Deus, serves o teu próximo conforme o teu chamado e aceitas o que Deus envia a ti. Pois são as melhores bênçãos aquelas que não são procuradas, mas vêm ao indivíduo porque são dadas"[108].

---

[107] *WA* 5, 580 (*Operationes in Psalmos*, 1519-21).

[108] *WA* 32, 472. Um pouco antes, ele discutiu a questão sobre "tempo e hora", 471. À medida que prossegue, volta ao ponto, mais uma vez, de que Deus se recusa a outorgar seus dons para aquele que só olha para si, mas com alegria os concede ao que trabalha fielmente na sua vocação, entregando-se aos cuidados do Pai.

Deus concede seus dons àquele que trabalha com fidelidade no seu chamado e abdica de qualquer tentativa de fixar o curso da vida por si mesmo. Através dele, os dons são passados para os outros como um fato natural, mas aquele que não tem fé é sempre marcado pela tendência a guardar para si mesmo os dons que Deus lhe outorga e ficar ansioso pelo seu próprio futuro. Ele habita no futuro e se funde à exigência que o presente faz sobre sua ação e, dessa maneira, dispõe a si mesmo igualmente além dos divinos dons.

Na *Vermahnung zum Gebet wider den Türken* (Admoestação à Oração contra os Turcos), Lutero analisa a fé na predestinação. Afirma a idéia de que tudo é determinado e que há um "tempo" certo para tudo acontecer. De modo bem característico, ele continua: "Eu não sou obrigado a saber o que está pré-ordenado; pelo contrário, estou proibido de sabê-lo. Estou obrigado a saber o tenho de fazer". Para tanto, recebemos a Palavra de Deus. O que não foi comunicado a nós, sobre isso não devemos matutar, "mas devemos deixá-lo para Deus e cumprir nossos mandamentos, chamados e ofícios". O ponto – que o homem deve dirigir-se para o seu trabalho, ocupar-se com o que está sob seu poder e a sua vontade livre tem como decidir – se encontra na dependência desta afirmação de que Deus é um Deus oculto, cujas decisões não tem o homem como penetrar. Ao ponderador curioso ele responde: "Deus sabe o que está pré-ordenado e ele quer ser o único a ter esse conhecimento; esse, não deves tê-lo"[109].

Como evangelho, a Palavra de Deus impele o homem para a fé e não para uma piedosa pesquisa dos planos de Deus; e, como lei, a Palavra o impele para a obra do seu chamado. No decorrer do labor humano em sua vocação, o querer divino é cumprido passo a passo. Com isso, o que Deus pretendeu se torna bastante claro. O divino decreto vem à luz à medida que um "tempo" se segue ao outro; e pelo desempenho da sua vocação, o próprio homem entra na obra de Deus em seu tempo agindo como instrumento daquilo que deve ser. Nesse

[109] *WA* 51, 615 (1541).

caso, ele não está, como antes, em descrença face a Deus, arrancado com violência da servidão ao Criador e obedecendo à sua vontade própria de modo a torcer a garra do "tempo" enquanto procura saber com antecipação qual é o desejo de Deus. Esse indivíduo, que tem preocupações e idéias religiosas mas nenhuma fé, pela sua própria natureza está se empenhando em se tornar o senhor sobre Deus, procurando constantemente por um intemporal conhecimento sobre a divindade, um conhecimento sem a Palavra divina. Ele está sob o poder do diabo. No dualismo de Lutero, a pessoa que procura ter a Deus à sua disposição, deve estar nas mãos do inimigo do Criador. Só há liberdade face a Deus na forma da servidão a Satã. "Devemos nos dirigir aos nossos ofícios desta forma: não bisbilhotando a Providência, sobre a qual não temos nenhuma palavra, nenhuma luz e nenhum conhecimento; tendo retirado os nossos olhos dela e também os corações e todos os sentidos, devemos deixá-la permanecer enigmática e secreta. Faze o que tu sabes: o que Deus ordenou mediante a sua Palavra e a luz que ele próprio deu. Pode ser, então, que se tornará a Providência manifesta por si mesma sem a nossa bisbilhotice, pois ela, de nenhuma outra forma, é para ser achada. Devido a essa procura, tanto os epicureus como os turcos se tornam uma gente soberba, ignorante, boba, atrevida e, ao mesmo tempo, desesperada e frustrada. Satã convence tais pessoas a pensarem sobre si mesmas como inteligentes e sábias; assim elas não vêem que essa atitude é a maçã comida por Adão e Eva e toda a sua posteridade para sua própria morte eterna. Eles também queriam saber mais do que Deus havia deixado; tentaram penetrar nos divinos planos secretos e na Providência e dessa forma tentaram a Deus e transgrediram seu pio mandamento"[110].

A Palavra de Deus é lei e evangelho; e a lei inclui a ameaça do julgamento final, ante o que deve o homem estar sempre com medo, mas o evangelho é a promessa de que por causa de Cristo o homem

---

[110] *WA* 51, 616 (*Vermahnung zum Gebet wider den Türken*, 1541).

sobreviverá ao julgamento. A bilateralidade da Palavra de Deus não pode ser resolvida pela penetração humana através dessa dúplice Palavra até o próprio Deus; pois o homem não tem nada além da Palavra. Em razão dessa bilateralidade (lei e evangelho), nosso conhecimento, quando se apóia em cima da Palavra, nunca se torna intemporal. O desespero tem a sua "hora", e também o repouso no evangelho tem a sua "hora".

O terceiro exemplo de se combinar a concepção do "tempo" com a doutrina do chamado se acha na exposição de Eclesiastes 9.11, nas *Annotationnes* de 1532. Nesse versículo da Escritura, o autor promove a noção de que a vitória, o progresso e as riquezas não dependem apenas das qualificações da pessoa (diligência, força, perícia); "tudo", porém, "fica na dependência do tempo e da oportunidade". É um fato que os negócios vão bem com certas pessoas e com outras, não. Em sua exegese dessa passagem, Lutero logo introduz a bem conhecida mensagem de 1 Samuel 10:7, que ele usou tão freqüentemente ao discutir a vocação: Samuel diz para Saul: "Faze o que a ocasião te pedir". Segundo Lutero, a sabedoria de Salomão em Eclesiastes é exatamente a mesma que a de Samuel no seu conselho a Saul. Como o curso de nossa vida é moldado por fatores além de nossos planos e idéias, temos de nos voltar para a hora presente, para tudo o que a ocasião me pedir, para tudo o que está esperando por mim agora e pertence à minha vocação[111]. O que "a ocasião te pedir" não brotou, assim, por acaso.

Como Deus está em atividade no mundo por causa de nós, é Deus que nos dá o momento junto com os relacionamentos com os outros na situação nossa que o momento provoca; e, junto com esses relacionamentos, ele define também as nossas tarefas. Usar a hora e o tempo que Deus concede é assumir a sua própria vocação. É dessa forma que o ordenado por Deus para o "tempo" é realizado.

Esse é o mandamento de Deus. Nas suas *Annotationes*, Lutero

---

[111] *WA* 20, 163 e s.

coloca esse mandamento em claro contraste com a lei. "Por isso, não sigas os teus próprios conselhos e desejos, mas faze o que a tua mão acha à tua frente (= o que a ocasião te pedir). Ou seja, continua na obra que te foi determinada e ordenada por Deus evitando as coisas que te possam impedir. Samuel disse para Davi assim: 'Tu serás transformado num homem diferente e o que a ocasião achar para fazer, faze-o, etc.' Ele não lhe prescreveu uma lei, mas lhe disse que, tudo o que fosse apresentado a ele, deveria ser aceito, e estaria a obra a ser feita. Salomão fala assim: Dedica-te continuamente àquilo que está em tuas mãos e pertence à tua vocação. Se tu és um pregador ou um ministro da Palavra de Deus, permanece na leitura da Escritura e no ofício de ensinar sem querer ser levado para outra coisa mais a não ser que o Senhor o faça. Pois aquilo que o Senhor não falou nem ordenou não será de nenhum proveito"[112].

Aqui a lei não é concebida como se contivesse um conteúdo concreto e imediatamente acessível. Tem a lei a tendência de separar a pessoa do momento e divorciá-la não só do seu próximo como também das suas tarefas comuns. O objetivo da lei, à medida que ela prende a consciência, é uma aparente e óbvia santidade que se pretende efetiva perante a cadeira do juízo divino. Com isso, a "ética" se torna mais importante que o próximo, e o divino mandamento é removido. O homem acaba num esforço pelo auto-aperfeiçoamento. Determina, então, seu objetivo ético pessoal, que pretende alcançar num certo período. Como resultado, separa-se ele cada vez mais daquilo que "a ocasião lhe pede". Persegue seu alvo ético fora da sua tarefa diária. Em meio à sua esforçada ética, ele tem um coração que está morto para o próximo. Essa legalística vida é uma vida que perde "o tempo". Em contraste com isso, o mandamento de Deus na concreta forma da vocação leva o homem para o seu "tempo".

Esse último ponto é explicitado por Lutero na *Exposition of John 7:30*, à qual nos referimos várias vezes anteriormente. Ela nos pro-

---

[112] *WA* 20, 163 e s.

vê com o nosso quarto exemplo da forma como Lutero associa a concepção do tempo com a do chamado. Ele diz expressamente: os que velam pelas responsabilidades dos "estados" para os quais Deus os chamou, fazem as obras quando elas são programadas para serem feitas. A obra toma seu devido curso. De errado, pelo contrário, acontece tudo quando um homem decide por conta própria fazer uma obra para a qual não recebeu nenhuma ordem. Tais aventuras não avançam; elas se movem "à moda caranguejo".

"Parece que a vontade do mundo não é efetuada a não ser que Deus acrescente o seu mandamento e ordem. O que Deus ordenou seguirá seu comando e tomará seu curso como, por exemplo: que os pais eduquem seus filhos; para isso, eles têm seu tempo. Os príncipes devem governar e punir os transgressores; para tanto, ele têm seu tempo. Para o agricultor é o cultivo da terra. Tudo isso está contido na palavra "seu tempo" (*Stündelein*). Mas tudo que toma lugar fora da palavra e da obra de Deus brotando das nossas próprias idéias e não do seu comando, vai para trás"[113].

Num outro contexto, é certo, Lutero defende que é precisamente o cristão que acha a cruz e o revés – o que, na passagem citada, aparece como o destino de uma pessoa que entra numa aventura situada fora da sua vocação. O fato é que é a antinaturalidade das aventuras que Lutero quer enfatizar. A adversidade encontrada nesses empenhos são cruzes auto-escolhidas que o homem pôs sobre si mesmo pela seqüência do seu próprio intento, numa hora em que tais adversidades por direito não lhe pertencem. A cruz da vocação vem sem a ação do homem, na hora em que Deus a quer. A fé pode crescer debaixo da cruz da vocação; mas é enfraquecida naquele que trabalha sob adversidades auto-escolhidas.

Lutero menciona três estados em que as obras correlativas são naturalmente feitas no tempo correto; pais que educam seus filhos,

---

[113] *WA* 33, 406 (*Sermons on John 6-8*, 1530-32, manuscrito; o texto impresso não ajuda muito a esclarecer).

governantes que desempenham sua função protetora contra o crime e agricultores que desempenham seu trabalho na terra.

Nesses três exemplos, as ações de fato executadas são as que, nas suas respectivas áreas, são apropriadas para as várias vocações. A vocação (isso é, Deus) impele aquele que trabalha nesse tipo de chamado para certas reações em relação ao que está fazendo. As crianças crescem confrontadas com perigos; e os pais controlam a educação dos filhos de modo que esses possam caminhar pela vida como devem. As ações dos governantes voltam-se para as insalubres condições sob as quais vive o povo. O trabalho dos camponeses segue o ritmo da natureza na sucessão de dias e estações. Deve, naturalmente, haver uma compreensão geral concernente ao que é razoável e sábio nesses ofícios, apresentados como ilustrações. Em tal sentido, as obras do chamado são inteiramente naturais e sensatas, correspondentes às urgências do momento. Ao mesmo tempo, faltam a elas os distintivos que as delineiam com um aura visível de santidade passando, conseqüentemente, a entrar em conflito com o sentimento natural de religião[114]. Essas obras, que são aprovadas por uma razão saudável, estão em oposição ao racional no senso de que o racional é assumir uma religião negadora da fé. A impressão do homem natural, ao observar tais ações sob o chamado, seria, pelo menos se espera, a de que elas constituem exatamente a espécie de conduta necessária na terra. No entanto, uma pessoa religiosa tem, com certeza, de fazer alguma coisa a mais, não é verdade?

---

[114] Essa é, como sabemos, uma tese recorrente no ensino de Lutero sobre a vocação embora esse ponto especial em Jo 7.30 não seja apresentado na passagem citada de *WA* 33. O teor da vocação é natural, mas nem assim ele é tão fácil para uma pessoa pervertida na fé. Se esse fato não é mantido firmemente, chega-se a um conceito completamente falso quanto à obra da vocação apresentada na afirmativa de Lutero há pouco dada, como se a obra fosse livre de empecilhos até mesmo da perspectiva do velho homem. Com respeito a isso, ver *WA* 8, 629 e s., onde se desenvolve este ponto: a vida monástica vai de encontro à razão (*De Votis Monasticis*, 1521). A vida monástica, porém, expressa uma relação com Deus que se apóia em cima da razão e não em cima da fé.

O cristão, porém, sabe que aquilo que Deus quer é fé ao passo que pertencem as obras a este universo e devem ser feitas pelo bem do próximo. Essas obras são a expressão do amor que põe o bem-estar alheio acima da sua própria auto-realização. Já notamos como, segundo Lutero, Deus usa as obras de amor, que a pessoa dirige "para baixo" em favor do próximo, como um instrumento na criação de boas dádivas sobre a terra. Todos os conceitos lutéricos observados em nosso debate sobre a nova criação de Deus estão intimamente relacionados com a noção do "tempo". Uma sumária referência a tais questões vem a propósito.

A correlação entre as concepções de "super-homens" e dos "tempos" especiais é manifesta. Quando a situação externa como um todo precisa de renovação, Deus manda seu homem. Com respeito ao "tempo" e a esses "operadores de maravilhas", Lutero nos confronta com aquilo que não pode ser de forma apropriada nem deduzido nem induzido. Repentinamente, algo aparece e, por essa razão, testemunha prontamente para o fato de ser Deus o Criador e Senhor[115]. O mesmo é verdadeiro quanto às bem-conhecidas afirmativas de Lutero de que Deus pode conceder a vitória e o progresso para os fracos, para aqueles que não têm, ou seja, pode ele atuar "com seu braço" ou "criar do nada". Como Deus preenche cada tempo com o conteúdo que ele quer, a história tem de reconhecer o incalculável[116].

Mais importante mesmo é o fato de que está a moderação relacionada com a idéia de que os vários tempos exigem diferentes ações. Por trás, é claro, do conceito lutérico de moderação se acha a tese básica de que o próximo do homem é o objetivo próprio da sua ação. Quando ao próximo é dado esse lugar, a mudança é introduzida na ética como sendo um marco fundamental. Seu próximo é agora

---

[115] Cf. *WA* 51, 214-215 (*Exposition of Psalm 101*, 1534-35).

[116] Cf. *WA* 20, 163 (*Annotationes in Ecclesiasten*, 1532). A resposta específica da oração pode ser incluída aqui.

uma pessoa, depois outra. Agora está em precisão de alguma coisa; e, depois, de outra[117].

Essa linha de pensamento expressa a permanente ação criativa de Deus. Mas o aspecto mais importante nessa obra criadora é a vida humana em amor ou a obra do Espírito Santo por meio do homem. O Espírito revela exatamente o que Deus está para fazer num dado momento, pois o Espírito é o próprio Deus. Mediante o Espírito, o homem é atraído para a criatividade contínua de Deus. Espontânea e livremente, ele vive no "tempo" visto que foi renovado – ao passo que o velho homem se obriga a fazer aquilo que aparece vendo nisso, porém, uma "cruz".

O novo homem, cujo coração rejubila com o próximo, tem a liberdade quanto a "fazer ou deixar de fazer", liberdade que o velho homem, não tendo, só pode alegar. A liberdade em fazer ou não fazer se acha estreitamente ligada à concepção do "tempo". O homem está livre de uma lei que não reconhece as diferentes situações, livre "para fazer" se é isso o que amor requer num tempo e livre "para não fazer" se é tal coisa aquilo que amor decreta num tempo diferente. Ele está livre para seguir a lei ou para interpretar a lei de modo a servir uma nova obra. Em outras palavras: está livre da lei de sorte que possa atender o mandamento. "O mandamento de Deus" está, naturalmente, a serviço do criativamente novo. Esse é o mandamento "agora" concedido.

Essa curta análise mostra que, segundo Lutero, as várias expressões para a criatividade sempre nova de Deus, pela própria natureza delas, estão casadas com a noção "do tempo", cuja implicação é que o agir de Deus é uma coisa concreta que não pode ser deduzida das circunstâncias. Tal agir confronta o homem quando o próprio homem não o espera. Deus não seria Deus se pudesse o homem antecipadamente saber o que iria ocorrer a seguir.

---

[117] Quanto à "moderação" e ao "tempo", ver *WA* 51, 372-373 (*An die Pfarrherrn wider den Wucher zu predigen*), 1540).

Até mesmo severas e duras medidas podem ser ordenadas por Deus, pois o homem é uma "máscara de Deus". E Deus é tanto ira quanto amor; conseqüentemente pode o homem, na sua relação com os outros, apresentar-se ora como aquele que exige, ora como aquele que dá. Num tempo (numa hora) pode ser uma máscara para a bondade de Deus, num outro para a severidade[118]. Em todo caso, ele não está se esforçando para servir como uma máscara para Deus. Ele está apenas obedientemente fazendo o que está obrigado a fazer. Viver na vocação constitui-se de forma tal que tanto inclui a mansidão quanto a severidade. Por ter o cristão uma boa consciência para com Deus, a brandura complacente, irresponsável, e a dureza excessiva não têm lugar na sua pessoa – da mesma forma que não há lugar na ordem cristã de vida para a rigidez doutrinária de uma consciência cativa num fechado sistema ético. Essa tensão entre a necessária severidade, por um lado, e a clemência, por outro, está, é claro, estreitamente relacionada com o ponto de que "tempos" diferentes requerem ações diferentes[119]. Tanto o amor quanto a ira de Deus se apresentam numa forma visível sobre o mundo em razão de o exercício do chamado conter essa ambivalência[120].

Nossa exposição das idéias de Lutero sobre "o tempo" chega ao seu final. Do vantajoso ponto a que chegamos, devemos olhar retroativamente para o caminho pelo qual viemos. A segunda, tercei-

---

[118] Ver a seção 2. Sobre o cristão como expressão do amor divino, ver *WA* 36, 423-424; e sobre as mesmas ações de misericórdia da pessoa aparentemente cristã no empenho da sua vocação, ver *WA* 36, 427-428 (*Sermons*, 1533; Cruciger). É enfatizado que a punição é também um serviço ao amor de Deus.

[119] Um exemplo disso é dado em *Fastenpostille*, 1525, onde a mudança entre essas duas é afirmada como sendo obra do Espírito – "Por isso, deve estar o Espírito aqui"; a concepção de "tempo" se acha também incluída na apresentação (*WA* 17 II, 53).

[120] Ira e amor também se tornam evidentes no curso da natureza: nas catástrofes, doença, colheita, saúde, sol.

ra, quarta e quinta seção do Capítulo III constituem uma unidade. O título do capítulo é "O Homem", e, através desse tema central, os minuciosos exames das quatro seções mostram-se como partes de um todo.

Em "Vocação–Imitação" rejeitamos o fácil caminho de resolver o problema ético, o atalho de imitar um exemplo. Nenhum padrão particular pode ser adequado, pois na vocação que Deus concede, ele convoca para uma ação que é nova. Em lugar da vereda fixa da imitação, há o caminho da prece a conduzir para Deus, que faz novas todas as coisas. A seção posterior, assim, considerou a prece. Quem ora fica entre Deus e a vocação que ele enfrenta. Está pronto para agir como Deus quer e espera apenas para ter certeza de que é Deus quem manda. Na outra seção, na qual analisamos a expressão "mandamento de Deus", contrastamos o mandamento com a lei. O mandamento serve a nova criação e irrompe através da lei. A lei não considera as situações mutantes, mas o mandamento se dirige à necessidade presente.

De uma certa forma, a lei representa a situação imutável sem consideração pelo "tempo"; o mandamento, porém, convoca o homem para a sua vocação, que é dirigida por aquilo que é necessário no "tempo". Na imitação, a pessoa individual é só um número a mais; na vocação, contudo, mediante a prece e o divino mandamento, ela está no ponto em que surge algo mais, relevante para essa ocasião. É um instrumento vivo na mão do Criador.

A última das quatro seções referidas considerou "o tempo", quando um caminho particular originário de Deus, mediante uma dada pessoa, se revela como sua vocação, de Deus. No "tempo", o homem apreende o curso pretendido por Deus e dado ao homem através do seu divino comando. O homem o vê como um fato consumado, lançado no momento apropriado por Deus, que usa o homem como cooperador. O problema do chamado é resolvido sem o recurso da imitação.

6 Ocultação e Escatologia

Nas últimas quatro seções, a face livre e criativa do chamado foi a dominante. Por pouco nos esquecemos de que a vocação é também uma cruz, um peso, alguma coisa que não toma forma de dentro, que tem de ser aceita e suportada como um fato inevitável. O velho homem não pode escapar da lei; ele se encontra sempre debaixo dela. Ele tem de ser crucificado para fazer aquilo que não quer. Só dessa forma pode o corpo renascer para uma futura participação no reino eterno de Cristo após a morte. Nesta parte sobre a ocultação de Deus e do seu agir como algo sempre, em última análise, apenas preparatório para a morte e ressurreição, devemos, afinal, considerar a face dura e opressiva da vocação.

Há "tempos" em que, pela divina vontade, fracasso, derrota, obstáculos e coisas amargas sobrevêm sobre nós[121]. Na experiência cristã há tempos em que a lei é áspera e surge muita angústia, da mesma forma que têm igualmente os seus tempos a graça e a alegria[122]. Freqüentemente Lutero enfatiza que os problemas e tribulações são para aproximar-nos de Deus; eles nos beneficiam mais do que nos prejudicam. O homem pode afirmar que os duros tempos da vida lhe vêm como algo mau, mas a sua fé os pega na mão e os transforma em algo bom. Devemos lembrar-nos de que a fé, pela sua própria natureza, está apreendendo uma promessa, um futuro, a entrada no reino agora a nós oferecido no evangelho. O poder do reino será revelado só após a morte, no mundo próprio da ressurreição. A fé move, da terra para o céu, o centro da vida. Quando o centro é movido, o fardo que desaba sobre nós na terra se revela em uma luz diferente: apresenta-se agora como "cruz".

---

[121] Ver, por exemplo, *WA* 33, 406-407 e 409 e s., onde a expressão usada aponta para aquilo que diz Cristo à chusma que o estava agarrando no Getsêmani e exercia violência contra ele: "Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas (Lc 22. 53) (*Sermons on John 6-8*, 1530-32).

[122] *WA* 40 I, 524-526 (*Commentary on Galatians*, 1535).

A determinante e abrangente cristologia da fé luterana está implícita no concernente às fadigas mais reais e tangíveis da vocação da pessoa. Cristo veio à terra e a cruz, ele a sofreu. Adentrou-se num outro reino morrendo na cruz, ressuscitando e, então, subindo aos céus. No evangelho, que é, por natureza, a proclamação desse reino após a morte, a fé pode agora entrar e deslocar o eixo da vida para o céu, para o reino da ressurreição, que Jesus Cristo conquistou e estabeleceu através do seu triunfo. No evangelho, o homem possui a força da ressurreição de Cristo. A sua mera ocupação com o seu trabalho na terra deve continuar até a morte e ser na fé suportada. Assim, está a pessoa realmente "em Cristo". O que é duro e pesado é transformado em bem[123]. Isso não é uma racionalização do chamado; é uma mudança genuína e verdadeira. Se a fé não crê nesse fato, o amargor da vida é algo realmente ruim. Testifica a esse fato a ira de Deus, entregando o homem ao poder de Satã, pois ele é dado constantemente à impaciência, maus sentimentos e egocentrismo. Pelas tribulações é levado não para o céu mas para a destruição. A fé é um procedimento que transforma tudo. Assim como é a sua fé, assim é o homem.

"Essa fé cria o sossego, satisfação e paz e dissipa a fadiga. Onde, porém, falta a fé, e o homem julga segundo seus próprios sentimentos, idéias e percepção, cuidado, aí surge o tédio. Por sentir apenas a sua própria miséria e não a do próximo, não vê seus privilégios pessoais nem quão desafortunado é seu próximo. Tal sentimento insatisfeito resulta em aversão, problema e fatigante labor ao correr da vida. Torna-se o homem impaciente e passa a discutir com Deus. Este não é louvado, e para ele não há amor ou gratidão.

---

[123] Afirmativas que dão suporte a essa visão podem-se de novo aduzir das seguintes referências, até agora citadas: *WA* 9, 101-103 (notas marginais em Tauler, 1516), *WA* 57, 105, 122, 131, 132, 218, 232, (*Commentary on Hebrews*, 1517-1518), *WA* 12, 93 (*Exposition of 1 Corinthians 7*, 1523), *WA* 15, 372 (*Exposition of Psalm 127*, 1524), *WA* 30 II, 176-179 (*Heerpredigt wider den Türken*, 1529), *WA* 32, 31-36 (*Sermon vom Leiden und Kreuz*, 1530), *WA* 40 III, 206 e 234-235 (*Exposition of Psalm 127*, 1523-33).

O homem assim permanece por toda a vida um rosnador secreto contra o Criador feito, no deserto, os judeus. Com isso, porém, ele não ganha nada. Amarga a sua vida, e sua recompensa é o inferno. Vês como é a fé necessária em todas as coisas; como ela torna todas as coisas fáceis, boas e agradáveis mesmo na prisão e morte, como provam os mártires. Mas sem fé todas as coisas são difíceis, ruins e amargas mesmo que todos os prazeres e alegrias de todo o mundo sejam teus como é demonstrado por todos os ricos e poderosos, que vivem a vida a mais miserável todo o tempo"[124].

Poderíamos fazer afirmativas completamente contrárias. Poderíamos dizer que a fé não muda nada, que é apenas a aceitação dos fatos relatados de que Jesus morreu e ressuscitou, de que Deus é amor. São esses fatos objetivos, que não são produto da fé. Eles permanecem o que são, creia eu, ou não. A fé apreende alguma coisa que é verdadeira. Como podem essas duas visões da fé ser aceitas ao mesmo tempo? Como podemos harmonizar a visão de que a fé muda as coisas com a visão de que ela é meramente a aceitação do fato?

Lutero mesmo responde que a fé "aperfeiçoa o divino e é, por assim dizer, a criadora do divino, não na substância de Deus, mas em nós". "A razão não pode fazer isso, mas a fé o faz. É ela que torna concreta a divindade; e, como eu poderia dizer, é a criadora da divindade, não na substância de Deus, mas em nós[125]. A oração e a fé são possuídas por um único e mesmo poder; elas, na verdade, são a mesma coisa. Através da fé e da oração, a pessoa abre a porta para Deus e o deixa entrar. Mas ninguém pode crer ou orar sem o Espírito.

Deus é o que ele é. A fé reside num fato que é afirmado pela Palavra de Deus. Mas na fé algo novo aparece. Mediante a fé, Deus é o que é também no coração do homem. Tal é a significação da

---

[124] *WA* 10 I, 1, 315-316 (*Kirchenpostille*, 1522).

[125] *WA* 40 I, 360 (*Commentary on Galatians*, 1535).

repetida afirmativa de Lutero de que a total eficácia da fé repousa sobre o correto uso do pronome[126]. Quem, de modo geral, só acredita naquilo que o cristianismo diz nunca discerne seu poder. Quando, porém, aplico a Palavra para o pecado meu, para o sofrimento meu, para a morte minha, todo o poder da Palavra flui para dentro em mim e assume ela uma realidade que não tinha quando a fé não estava presente.

Tudo isso seria incompreensível se não o víssemos contra o pano de fundo do que foi dito mais atrás sobre o dualismo entre Deus e o diabo. Sem esse dualismo, poderíamos pensar o seguinte: quem não tem fé está, enquanto passa o tempo, numa posição neutra e investigadora, numa atitude pesquisadora sobre Deus. Na visão de Lutero, a carência de fé, em si mesma, é uma coisa ativa, pois não pode haver neutralismo entre fé e descrença, entre Deus e Satanás. O vácuo, onde não há fé, é preenchido pela descrença, e essa é uma ação contra Deus. Não só Deus como também o diabo são realidades objetivas fora do homem. São poderes em luta um contra o outro. A frente de batalha entre eles constantemente muda. Onde há descrença, a posição de Satã avança. Onde a fé se faz presente, toma Deus possessão de uma área que o diabo uma vez controlava. Não é a fé que gera a substância de Deus; Deus já era antes que a fé surgisse. Mas a fé permite que Deus esteja "em nós", presente num lugar onde uma vez ele não estava.

Sua ocultação está profundamente envolvida. O que foi dito implica não haver possibilidade de excluir a fé da relação do homem com Deus. A razão quer o conhecimento de Deus à parte da fé. Quer falar objetivamente sobre Deus, discutir o que ele é sem envolver o pronome pessoal. A razão imagina que há um Deus que o homem não conhece, mas que ele pode aprender a conhecer e que esse conhecimento seria correto não considerando se alguém o aceitaria, ou não. O fato é que o homem está envolvido numa constante luta, na qual a fé avança e recua conforme a posição dos contendores. Se

---

[126] *WA* 40 I, 85-86, 91, 299 (ibidem).

o homem não tem realmente sua própria fé pessoal, encontra-se ele sob o domínio do inimigo e passa ele mesmo a ser alvo da ira de Deus. Não pode afirmar que Deus é amor (isso é, em relação a si mesmo). Quando, porém, o homem tem fé, o diabo cede seu lugar; Deus avança e une-se ao crente; para esse, então, é verdade que Deus é amor. A fé está em ação. O conhecimento sobre Deus é compreendido no interior da fé, e sem fé não temos a Deus.

Ao mesmo tempo, deve ser afirmado que a fé é uma obra realizada por Deus. A afirmação feita acima pode ser transposta para declarar isto: no momento em que toma Deus posse do homem, o homem crê. Além do mais, tal fé não repousa em "segurança"; ela vive tão-somente em luta e arrependimento.

Antes que tomemos as palavras de Lutero que revelam a conexão entre as concepções de fé e ocultação de Deus, será útil levantarmos o seguinte quesito: em que senso está o diabo ativamente presente com o homem e de que forma se acha Deus ativamente presente com o homem em oposição ao diabo? Em resposta a essas questões, o que dissemos há pouco está relacionado ao ponto que abriu a seção deste capítulo, isso é, que o homem é um carregador de cruz que vive sob a lei. A resposta à metade primeira da questão recém afirmada é: o demônio, o pecado, o mal se fazem ativamente presentes na forma do velho homem. A resposta à segunda parte é: Deus se acha ativamente presente na sua dúplice obra, como Deus da lei e como Deus do evangelho. O evangelho age na consciência do homem e extingue o pecado; por conseguinte, o novo homem não tem nenhum pecado. A lei age no corpo, e ela não arrasa de uma só vez o pecado, mas o expulsa bem devagar. Assim o velho homem, até a morte corporal, retém o seu pecado e, nesse meio tempo, ele é disciplinado pela lei, pela cruz e pelo sofrimento. Lei e evangelho, os dois vêm de Deus e para Deus ambos são uma realidade única e singular. Para o homem, contudo, esses dois sequer pode parecerem estar em harmonia até o velho homem ser aniquilado, ou seja, em nenhum tempo desta sua vida mas só após a mor-

te do seu corpo. "A lei e a promessa devem estar amplamente separadas nos seus sentimentos embora, na realidade, se achem estreitamente unidas"[127].

Devemos olhar mais acuradamente a função da lei. A lei está primariamente preocupada com o corpo. Limita-se, na sua relevância, ao tempo; deve governar somente na vida mundana, corporal, à medida que a carne, o corpo do pecado, continua. Por isso, a lei pertence também ao reino terreno, que está sujeito ao governo mundano, sob a lei[128]. Manifesta-se, em terror de consciência, o segundo uso da lei: a lei ultrapassa o âmbito corporal e agarra a consciência. Como a consciência está em relação com a eternidade, significa isso que, ao mover a lei a consciência, tal ação penetra no futuro. Na tribulação da consciência, o homem não vê nenhum fim para a lei com a aproximação da morte corporal, mas vê a lei retendo seu poder além da morte e sendo peremptória na salvação, isso é, na eternidade[129].

No que tange a esse desespero, Lutero diz, no seu *Large Commentary on Galatians*, que ele deve "continuar por um tempo", conforme a divina vontade, mas não é para durar eternamente (*non debet esse perpetua*)[130]. Dessa maneira tem a ansiedade o seu "tempo" assim como o têm a confiança e a paz. Permanecesse tal estado contínuo e definitivo, estaria condenado o homem ao desespero. Deus, então, não teria triunfado; seu adversário, o diabo, teria vencido. Se tal estado é permanente, ele é mau e demoníaco; mas, se ele é só para seu "tempo", então ele é dado por Deus. No último caso,

---

[127] *WA* 40 I, 490 (*Commentary on Galatians*, 1535).

[128] Esse reino é o reino da morte e da transitoriedade, breve e condenado à destruição. Ver *WA* 10 I, 1, 199-200 (*Kirchenpostille*, 1522). O amor cristão, porém, relaciona-se com esse reino. Foi uma vez levantada a cruz de Cristo; e é também aí que o chamado mostra a sua relação com a "cruz".

[129] Lutero diz que a "ira" está presente como um constituinte necessário na ordem exterior desse mundo, cf. *WA* 40 I, 309 e s. (*Commentary on Galatians*, 1535).

[130] *WA* 40 I, 522; e, em quase as mesmas palavras, 528, cf. 528 (ibidem).

ele continua "até que venha a fé" ou, como diz Lutero, "até Cristo chegar". Entra a missão do evangelho e supera a da lei.

Devemos lembrar que o demônio pode reter a posse de uma pessoa. O homem pode chegar à eterna destruição. Concernente a isso pode ser dito apenas que esse destino é a obra da lei isolada em si mesma, pois a culminação da lei é a condenação final.

O evangelho é a proclamação do reino eterno que Deus, em pura misericórdia, permite a uma pessoa dele participar não excluindo nenhuma pessoa que tenha pecado contra a lei desde que ela aceite esse reino, isso é, desde que ela creia no evangelho. A fé é a antecipada apreensão do céu[131]. O evangelho é pregado pela igreja, que, assim, mostra o caminho para o céu e "gera filhos para a vida eterna"[132]. A obra do evangelho avança em dois estágios, por assim dizer. Primeiro, a fé é criada (enquanto a pessoa ainda se encontra na terra); segundo, vem a ressurreição (após o corpo ter morrido, a pessoa entra no céu).

Introduzimos o conceito relacionado à "ocultação". Sobre a terra sofremos nós muita coisa que é pesada e penosa de suportar. Essa é a obra da lei de Deus e da sua ira para a disciplina e crucificação do velho homem. Sobre isso diz Lutero (em *The Bondage of the Will*) que a tribulação é inexplicável "à luz da natureza", ou seja, à luz daquele que não tem fé, que não ouviu o evangelho. "À luz da graça", o mistério esse é resolvido: para a fé, tal sofrimento constitui a "cruz". A fé torna o amargo em bom, pois a fé troca o seu centro da terra para o céu. "Coloca três luzes para mim, a luz da natureza, a luz da graça e a luz da glória – segundo o figurino de uma distinção normal e boa. À luz da natureza este enigma é inso-

---

[131] Cf. *WA* 32, 468 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[132] *WA* 40 I, 662-665 (*Commentary on Galatians*, 1535). É só o evangelho que faz da igreja a igreja. A lei é uma coisa que ela tem em comum com o duplo domínio terreno, *oeconomia* e *politia*, mas a mensagem essencial da igreja é o evangelho, ou seja, a escatologia. Poder-se-ia esperar que a vigorosa visão escatológica de Lutero obstruísse o panorama natural dos relacionamentos exteriores. Na verdade, é exatamente o oposto. É por estar ancorado no escatológico evangelho que há liberdade na vida externa do homem.

lúvel: como pode justamente um homem bom ser afligido e um mau sair-se bem? A luz da graça, porém, o resolve"[133].

Em tal sentido, afirma Lutero, a fé diminui a ocultação de Deus, mas a fé é apenas o primeiro estágio da obra do evangelho. A ocultação ainda permanece nisto, que Deus pode condenar aquele que pelas suas próprias forças não pode fazer outra coisa a não ser pecar e degradar-se em culpa[134]. Uma vez mais reconhecemos o fato de que essa condenação é a obra da lei, que a fé apresenta à clara luz, no primeiro estágio do evangelho. A condenação eterna é também a obra da lei que ainda não foi clarificada porque o segundo estágio do evangelho ainda não foi alcançado. Sua culminação vem na ressurreição após a morte. "À luz da glória", até a condenação de Deus se tornará clara, quando o homem não mais viverá em fé, mas contemplará a face de Deus. Então, não haverá mais ocultamento. "A luz da glória" diz mais alguma coisa: Deus, que sozinho pode exercer um juízo com uma justiça incompreensível, mostra-se a si mesmo como sendo a justiça mais correta e evidente à medida que nesse ínterim nós o cremos, sendo admoestados e certificados pelo exemplo da luz da graça, que desempenha um milagre similar à luz da natureza"[135].

Como a condenação é a obra da lei, nossa conclusão é idêntica à proposição anteriormente feita. Lei e evangelho não podem parecer estar em harmonia para quem ainda vive na terra. A harmonia aparece apenas depois que a pessoa morre e é, de entre os mortos, ressuscitada[136].

---

[133] *WA* 18, 784 e s. (1525). Cf. *WA* 1, 208-209 (*Die Sieben Busspsalmen*, 1517): o ocultamento já é um pouco iluminado na terra pela fé, mas não tem como desvanecer inteiramente enquanto o homem vive na carne.

[134] *WA* 18, 785 (*The Bondage of the Will*): "À luz da graça é inexplicável como Deus condena uma pessoa que pelas suas próprias forças não pode fazer nada senão pecar e ser um malfeitor", cf. 685-686, 709 e 784.

[135] *WA* 18, 785 (ibidem).

[136] Ver a primeira parte desta seção.

A ocultação não é uma, no meio de outras tantas, característica de Deus. Deve-se ela ao fato de a pessoa ainda viver na carne e ainda não ter morrido e ressuscitado de entre os mortos. Por essa razão estamos discutindo essa fase do pensamento lutérico. A ocultação de Deus não é nada em si mesma. A veracidade desse fato é evidente. Se a matéria está escondida, isso não é uma qualidade inerente na matéria; é por causa da posição do observador. O fato subjacente à ocultação de Deus é este: o homem está sobre a terra, onde ele está preso ao pecado pelo contínuo ataque de Satanás. Ele não vê a Deus, mas acredita que um dia o verá. Após sua morte, ele verá a Deus. O observador, assim, passará para uma nova posição. Conseguirá ver o que antes não conseguia. O ocultamento chegará ao fim.

Até agora não estávamos prontos para nos dedicarmos ao ponto em relação ao qual primeiro levantamos o problema do ocultamento. No que toca a Deus não há jeito nenhum de escapar das alternativas da fé e descrença. Quem deseja estar numa relação positiva com Deus deve perseverar na constante batalha da fé jamais ocupando uma posição "mais segura" que a própria fé[137].

Uma face da incerteza humana quanto à fé é a hipótese de que possa o diabo atrair o homem para o seu poder. A eterna condenação pode ser, então, seu fim. É incompreensível como pode querer Deus que tal coisa aconteça; no entanto, como diz a Escritura que isso irá para algumas pessoas acontecer, deve Deus querê-lo. Em caso contrário, não aconteceria. Essa incompreensibilidade que atinge o querer divino é a mesma relacionada ao fato de não ser o diabo logo destruído por Deus, incompreensibilidade essa que faz a vida na terra ser vivida numa luta cheia de incertezas. Ficará claro na ressurreição por que deve ser assim, por que precisa a batalha entre Deus e Satanás permanecer indecidida por tão longo tempo.

O problema da predestinação não constitui algo à parte no pen-

---

[137] Ver a primeira parte desta seção.

samento lutérico; de modo algum pode situar-se além do problema da lei e do evangelho. Se recebemos somente a lei, devemos acabar, sem esperança, em eterna condenação. Se recebemos só o evangelho, devemos estar seguros do céu. Recebemos, porém, tanto a lei quanto o evangelho, e nesta vida essas duas verdades jamais podem ser uma mesma coisa. O homem precisa ouvir e receber ambas. Deve acreditar que o céu é dado pela graça gratuita; mesmo assim tem de batalhar contra seu pecado. Na sua resistência ao pecado, volta e meia terá dúvidas quanto ao evangelho sentindo que para ele o pecado é inarrancável, que nele ganhará a vitória o diabo, não Deus. Com isso, ele está no inferno e se desespera, fato que vem a ser o último estágio na guerra contra o diabo, o auge do sofrimento cristão sob a "cruz".

O lugar para alguém temer não estar entre os eleitos não é a especulação abstraída de sua vida na terra ao pensar na predestinação. O lugar para esse medo está no decorrer da sua vida com seus fracassos inevitáveis na batalha contra o pecado. O *background* da reflexão de Lutero sobre essa questão é a sua fundamental e magnífica tese de que a fé cristã sempre deve habitar (e a vida cristã sempre deve ser vivida) na fraqueza, no pecado, na vergonha e na cruz. "Por isso, confessamos corretamente em nosso Credo que nós cremos na Santa Igreja. Pois ela é invisível e habita no Espírito, num ponto que ninguém pode alcançar; por conseguinte, a sua santidade ninguém pode vê-la. Deus, pois, assim a esconde e a cobre com fraqueza, pecado, erros e várias formas de cruz de modo que em nenhum lugar possa ela estar sujeita à observação"[138].

O ponto vital é que mesmo esse horror da condenação eterna, a fé o percebe como cruz, isso é, como verdadeira unidade em Cristo. "Pois Cristo é condenado e renegado mais que todos os santos. Seu caminho, na verdade, não foi nada fácil, como tantos pensam. Ele,

---

[138] Cf. *WA* 40 I, 106 (*Commentary on Galatians*, 1535).

real e verdadeiramente, se ofereceu em eterna condenação a Deus, o Pai, em nosso favor. Na sua natureza humana, ele não se via como outra coisa a não ser como um homem condenado ao inferno"[139]. Quando Cristo morreu na sua cruz, na sua imaculada santidade sofreu o terror da condenação: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mt 27.46)

Como é furiosa a batalha entre Deus e o diabo! Cristo não escapou da cruz, e o cristão não escapa do desespero. Nestes fatos repousa o ocultamento: o próprio Filho de Deus sofreu a agonia da cruz, e nenhum homem escapa da morte, temendo e morrendo na incerteza. Tais são meros fatos, e neles se nota o ocultamento. Esse ocultamento é resolvido em clara luz tanto na ressurreição de Cristo, que é a sua vitória sobre o inferno e o diabo e a sua passagem da terra para o céu, quanto na ressurreição do homem, quando houver sido vencida a morte. Este reino, o "céu", existe após a morte por ter Cristo ressuscitado. Através dele, esse reino foi estabelecido, e só mediante a submissão à cruz e à condenação conquistou ele a sua vitória. A fé, da mesma forma, deve aceitar o sofrimento e a condenação, pois é assim que se tornam tais coisas "a cruz", isso é, o caminho para a ressurreição. Na fé e através da fé, a vitória de Cristo se torna também a vitória de crente[140].

Pode-se dizer que a fé une duas visões diferentes sobre a existência que se manifestam não levando em consideração a fé, mas que são reais em si mesmas. Uma é a obra de Cristo, seu sofrimento e sua tumba vencida, a obra ofertada ao homem através do evangelho. A outra realidade consiste em todos os fardos que desabam sobre o homem nesta vida. A fé une essas duas visões ou realidades e, ao assim fazê-lo, transforma os fardos em coisas boas, no caminho da ressurreição, ainda que para a descrença os mesmos fardos

---

[139] *WA* 56, 392 (*Commentary on Romans*, 1515-1516).

[140] *WA* 56, 391.

permaneçam como sendo o mal e o caminho para a condenação. Tudo se encontra na dependência da fé. Ela vacila quando é provada além da medida, podendo falhar; mas, se ela suporta, fica aberto o caminho para o céu. Ela descansa em realidades conhecidas, mas usa o "pronome" corretamente; as ditas realidades tomam forma para aquele que crê. Através da fé, elas se tornam uma coisa que não são caso a fé esteja em falta.

Por esse motivo, crer é sempre uma luta, e, exatamente por esse motivo, a posição do homem na fé nunca é tão segura que a ansiedade não possa retornar. A posição de segurança total não se alcançará antes da ressurreição. Antes dela tem o homem de morrer caminhando na incerteza e dependendo apenas da fé. Pode-se dizer: o ocultamento reside nesse fato.

A fé e o ocultamento encontram-se, dessa forma, numa relação positiva e direta. Como Deus está escondido, o homem tem de crer. Ele crê só à medida que tal ocultamento continua (a saber, até a morte). Quando acaba o ocultamento, o homem deixa de crer; ele vê (no reino dos ressuscitados). No entanto, Lutero pode mover-se na direção oposta. Do fato reconhecido de que o homem vive na fé em Deus, pode ele deduzir o outro fato, menos freqüentemente afirmado, de que Deus está escondido. "A fim de haver espaço para a fé, é necessário que todo objeto da fé esteja escondido", afirma ele em 1525 no tratado *The Bondage of the Will*. "Por isso, a fim de que possa haver lugar para a fé, é preciso que estejam ocultas as coisas todas que são acreditadas. No entanto, elas não estão escondidas mais profundamente que sob uma aparência, uma experiência e um sentido contrários"[141].

Desenvolve Lutero, nesse contexto, o pensamento de que Deus vela todas as suas ações. Ele se comporta como se estivesse a fazer o contrário do que realmente faz. Ao vivificar, ele o faz mortificando. Ao justificar, ele o faz tornando o homem culpado. Ao levar o ho-

---

[141] *WA* 18, 633.

mem para o céu, ele o faz carregando-o para o inferno[142]. Parece até que a obra da lei (colocar à morte, tornar culpado, mandar para o *infernum*) se acha acima e contra a obra do evangelho (vivificar, justificar, levar para o céu). O cúmulo da lei se revela no fato de que tantos são condenados. Se o homem pudesse ver a Deus em tal ação, a fé não seria necessária. Mas, "como não pode o homem compreender isso, torna-se necessário exercer a fé". Este, portanto, é o mais alto grau da fé: acreditar ser amoroso aquele que salva tão poucos e condena a tantos".

"Assim, ele esconde a sua eterna bondade e misericórdia debaixo da ira eterna, sua justiça debaixo da injustiça. O supremo passo da fé é acreditar como sendo bom aquele que salva tão poucos e condena a tantos... Se eu, por alguma razão, fosse capaz de compreender como esse Deus, que mostra a sua ira e injustiça, é misericordioso e justo, não haveria, então, lugar para a fé. Como isso não pode ser entendido, passa a haver lugar para o exercício da fé à medida que tais coisas são declaradas e proclamadas – o que é o mesmo que dizer: à medida que Deus mata, a fé da vida é ativa na morte"[143].

A fé, da mesma forma, é exercida no momento em que temos de acreditar que Deus nos concede a vida colocando-nos à morte e realizando o julgamento final mediante a ação corretora da lei[144].

Como Deus vela seu agir por trás de uma ação contrária, a realidade da vida cristã fica escondida por trás do que é oposto a ela. Todo o poder divino pertencia a Cristo; mas ele foi ridicularizado, escarnecido e atormentado na cruz. Cristo mostra que Deus está

---

[142] *WA* 18, 633.

[143] *WA* 18, 633. Comparar a sentença final com a passagem anterior.

[144] Ver o final da citação indicada pela nota precedente. Que Deus concede vida ao matar, fica evidente para a fé, mesmo aqui. Que Deus é amor, até no julgamento, não pode nunca tornar-se claro enquanto vivemos na terra. Em Deus mesmo não há nenhuma clivagem entre seu amor e sua ira. Em si próprio, Deus não está oculto.

oculto. De modo semelhante, possui o cristão a justiça, mesmo no pecado, na carência e na agonia[145]. O grito do espírito nunca está sozinho no coração. Há sempre com ele um outro grito presente, o grito do pecado que o chama de "Assassino!", grito que tenta superar o grito do Espírito. Tão-somente na trêmula consciência está Cristo agindo com sua obra[146].

A vocação do homem está envolvida nessa ocultação da vida cristã; na vocação do homem, a verdadeira "mortificação" deve ser desenvolvida pela divina vontade. Não há nada de santidade apreciada pelos homens na obra do chamado. Quando, porém, após a morte e ressurreição, terminar o ocultamento, acabará da mesma forma o peso do labor na vocação humana. O tempo da terra, então, estará no passado, o diabo terá sido vencido, e o velho homem, que deve ser entregue à morte, já terá expirado. Os "ofícios" não deverão mais existir; e a lei não reinará lá em cima[147].

Resumida em três pontos, a condição anterior à ressurreição consiste destes conceitos: vivemos na terra sob a lei mesmo crendo no evangelho; estamos sendo sempre confrontados com um diabo invicto mesmo crendo na vitória divina através de Cristo; e temos ainda o velho homem em nós mesmo crendo sermos filhos de Deus. Esses três são diferentes faces do mesmo fato, pois a lei domina o homem na terra porque o pecado se prolonga na sua carne, e o pecado que pertence ao velho homem é a presença do ainda invicto

---

[145] Cf. *WA* 32, 435-436 (*The Sermon on the Mount*, 1532).

[146] *WA* 10 I, 372-373 (*Kirchenpostille*, 1522).

[147] *WA* 34 II, 27 (Sermons, 1531; Rörer). Com Lutero, as palavras *Stand* (estado) e *Amt* (ofício) são mais comuns que "vocação". O termo "vocação" pode ser explicado, como um todo, pelo desenvolvimento social comum da sociedade caracterizada por tais '"estados". Isso implica certo perigo de uma "espiritualização" moderna do ensino de Lutero sobre o chamado; mas, de modo nenhum, é tal espiritualização necessária na própria natureza dele. Não há nada que impeça considerarmos um negócio ou trabalho na atual sociedade como vocação na concepção de Lutero.

Satanás. O velho homem não morre até a morte: "Quando me reduzir ao pó, meus pecados, então, serão esquecidos. Neste meio tempo, enquanto vivermos, o pecado original também viverá, como vemos constantemente, mesmo entre os santos, até o nosso último suspiro. Mas também dizemos que esse pecado nos é perdoado... Por isso, ele nos é cancelado exclusivamente por imputação; mas, quando morrermos, de fato será removido"[148]. Nosso Deus está oculto, e o homem suporta a sua vocação como se fosse ela uma cruz.

A consumação escatológica final pode ser resumida nos três pontos seguintes: o reino terreno e o domínio da lei são passado, pois o celeste reino de Cristo, que existira antes só na forma do evangelho, vem agora em poder; o diabo é conquistado, e a soberania de Cristo é revelada; o velho homem está completamente morto mediante a cruz, e o homem ressuscita na sua integridade como um corpo, sem pecado, espiritual. Esses três pontos correspondem com precisão aos três pontos que definem o *status* anterior à ressurreição e satisfazem ao objetivo deles. Esses últimos três, como os três primeiros, constituem uma unidade, uma verdade única. Pois a lei pára onde o velho homem acaba; e essa abolição do velho homem é o mesmo que a vitória sobre o diabo. Na divina hora em que isso ocorre, termina o ocultamento, e a fadiga da vocação chega a seu fim. Esse dia, no entanto, não pode ser apressado nem pelo esforço nem pela piedade humana. "Ele está verdadeiramente oculto e, ainda assim, não o está. Pois a carne está no caminho de sorte que somos um tanto incapazes de contemplá-lo. Pois o homem, na carne, murmura, resmunga, lamenta-se, queixa-se, ofende-se e clama: 'Eu sou o mais miserável, o mais abjeto, o mais desprezível'".

---

[148] *WA* 39 I, 95 (*Disputatio de iustificatione* = Debate sobre a justificação, 1536). Concernente à presença de Satã como algo real na vida humana sobre a terra, ver também *WA* 20, 565 (*Sermons*, 1526; Rörer). O seu enorme poder sobre a terra, contudo, é tão-somente um sinal de que cedo Cristo lhe tomará todo o poder: "Quando veio no seu primeiro advento Cristo, o Poderoso (até esse tempo, o diabo dominava todo o mundo), Satã foi debilitado como um falso príncipe. O mesmo acontecerá na sua vinda segunda" (*WA* 10 III, 353 (*Sermons*, 1522)).

Segue-se a descrição dos problemas do pastor para transmitir-lhe vida; e: "Parece que Deus nos renega e rejeita completamente; porque ele se escondeu de nós, e estamos nós escondidos com ele. Mas na fé, na Palavra, nos sacramentos, ele é revelado e percebido... Aí, então, a Palavra se aproxima feito uma pequena chama ardendo no meio da escuridão; e, à medida que ela espalha seus amáveis raios através do ensino e dos sacramentos, manda nosso Deus sejam eles apreendidos. Se os recebemos, Deus não fica mais oculto em Espírito mas só na carne"[149].

Nesses três pontos reconhecemos os cabeçalhos dos nossos três capítulos nesse estudo. A vocação está ligada à circunstância do homem anterior à ressurreição, onde há dois reinos, a terra e o céu, dois poderes em guerra, Deus e o diabo, e dois componentes antagônicos no homem, o velho e o novo homem, empenhados numa constante batalha pelo ser humano. O velho homem deve suportar a cruz da vocação enquanto se prolonga a vida na terra e continua a luta contra Satã. Enquanto continua na sua terrena vocação, nenhum fim pode haver para essa batalha. Após a morte vem um novo reino livre da cruz; o céu toma o lugar da terra, Deus vence o diabo e o homem ressuscita de entre os mortos. A luta humana chega ao seu final.

---

[149] *WA* 44, 110 (*Commentary on Genesis*, 1535-1545). O ocultamento "na carne" não terminará antes da ressurreição. Não há nada secreto em si mesmo. É só para nós que Deus se acha oculto enquanto vivemos num mundo pecaminoso. No mundo onde veremos, que vem depois da batalha da fé, Deus não está escondido.

Índice Remissivo

A

Adão 41, 111, 179, 235
Alexandre Magno 157, 169
Alma e espírito 54
Anabatistas 127
Anarquia 16, 103
Aníbal 170
Ansiedade 37, 65, 123, 128, 148, 181, 231, 233, 249, 255
Antropologia 38, 176
Antropomorfismo 205

B

Batismo 13, 37, 42, 43, 44, 45, 48, 69, 108, 179, 193
Belém 195, 198
Bernardo de Claraval 46
Berufsagape 90
Berufseros 90
Billing, Einar 5, 82
Braço de Deus 199

C

Caim 145
Camponeses, Revolta dos 121, 124
Cartas de Lutero importantes como fonte 184
Cícero 223

Claustro: *veja* Monasticismo
Clericalismo 115
Coação 79
Consciência 15, 27, 31, 41, 42, 50, 53, 65, 66, 73, 74, 75, 76, 77, 83, 87, 89, 90, 91, 94, 99, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 149, 165, 178, 179, 180, 181, 193, 197, 201, 202, 211, 220, 237, 242, 248, 249, 257
Cooperação (cooperatio) 32, 33, 136, 137, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 162, 166, 182, 192, 208, 229
Corruptio Naturae 66
Criação (Criador) 16, 22, 24, 25, 26, 32, 34, 43, 62, 64, 100, 101, 110, 113, 114, 120, 135, 141, 142, 143, 146, 148, 151, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 165, 168, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 196, 197, 200, 206, 219, 222, 226, 228, 230, 231, 235, 240, 243, 246

D

Davi 206, 237
Demóstenes 223
Desespero (ansiedade) 65, 66, 73, 76, 96, 99, 102, 129, 131, 132, 134, 142, 157, 196, 200, 201, 202, 203, 204, 216, 236, 249, 254
Diabo (Satã) 15, 16, 30, 32, 39, 40, 45, 48, 51, 52, 62, 69, 77, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 110, 111, 114, 118, 119, 120, 126, 127, 128, 129, 134, 135, 136, 141, 142, 143, 150, 152, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 206, 216, 235, 245, 247, 248, 249, 252, 253, 254, 257, 258, 259
Diferenciação 31, 33, 59, 157, 179, 188, 190

E

Eclesiastes 147, 224, 228, 232, 236
Eclesiástico 70, 229
Eger, K. 54, 55, 56, 57, 63, 64, 79
Elert, Werner 19
Ellwein, Eduard 68
Eqüidade (Epieikeia, clementia) 161, 163, 164, 166
Erasmo 33, 34, 117, 119, 140, 229
Espontaneidade 84, 182, 216
Estabilidade e mobilidade 16
Estado 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 47, 61, 78, 86, 102, 103, 104, 108, 109, 111, 127, 133, 134, 135, 138, 141, 143, 146, 147, 151, 152, 160, 164, 177, 178, 180, 181, 185, 187, 193, 201, 205, 206, 218, 229, 233, 249, 257
Ética 6, 16, 21, 57, 60, 64, 80, 88, 158, 163, 193, 194, 214, 237, 240

F

Favor Dei (gratia Dei): *veja* Perdão de Deus
Fé e amor (Glaube und Liebe); e obras; e razão 16, 18, 27, 29, 46, 47, 48, 51, 52, 54, 55, 62, 63, 68, 76, 78, 79, 87, 106, 109, 110, 111, 134, 219
Fidelidade, admoestação à 233
Fraus (astúcia, fraude) 161

G

Gabriel 205
Governantes: *veja* Príncipes
Governo 23, 24, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 61, 65, 70, 71, 74, 77, 81, 82, 93, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 124, 127, 128, 147, 148, 150, 161, 162, 167, 197, 204, 205, 211, 220, 249

H

Herodes 49, 198
Holl, Karl 13, 14
Hora, A (o tempo, Stündelein) 221, 223, 238

I

Imitação (imitatio) 5, 167, 184, 191, 192, 193, 194, 196, 209, 243
Impedimento 169, 206
Ira de Deus (ira Dei): *veja também* Perdão de Deus
Ira Dei 65

J

Jacó 49, 139
João 189, 227
João Batista 33
Jonas 129, 202
José 49
Judas Iscariotes 189
Julgamento: de juízes...; de Deus... 53, 70, 82, 89, 90, 115, 120, 137, 155, 163, 164, 165, 180, 194, 195, 222, 235, 236, 256
Justiça: cristã e civil (iustitia christiana et ci 36, 37, 74, 83, 101

L

Lau, Franz 59, 102, 163
Liberdade: para fazer ou não fazer 63, 109, 110, 111, 112, 113, 160, 213
Link, Wenzeslaus 230
Ljunggren, Gustav 88
Löwenich, Walther von 38, 68

M

Mandamentos: os Dez 19
Maomé 102
Máscaras de Deus (larvae Dei) 130, 150
Melanchthon, Philip 67
Membro do corpo 191
Misticismo germânico 14
Moderação 113, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 184, 193, 209, 213, 214, 215, 240, 241
Moisés 59, 113, 117, 126, 169, 210
Monasticismo (claustro, clericalismo, etc.) 20, 115, 117, 138
Morte 15, 28, 34, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 50, 52, 53, 55, 59, 60, 63, 66, 67, 70, 72, 89, 95, 96, 97, 99, 107, 124, 131, 138, 152, 154, 155, 156, 170, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 194, 222, 223, 227, 235, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 259
Mortificatio et vivificatio 52, 56, 71
Müller, A. D. 90
Müller, H. M. 59
Müntzer 128

O

O tempo: *veja* Hora, A
Ocasião oportuna (occasio) 221, 228
Ocultamento ou ocultação de Deus 157, 244, 248, 251, 252
ofício 22, 23
Ofício (Stand) 12, 13, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 35, 40, 43, 45, 68, 73, 77, 78, 80, 89, 90, 94, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 113, 114, 121, 127, 128, 133, 138, 139, 140, 141, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 161, 162, 166, 178, 180, 181, 182, 185, 187, 188, 204, 206, 210, 215, 220, 222, 233, 237, 257
Olsson, H. 158
Operatio Dei (ação de Deus) e passio nostra 95, 140

Opus proprium 75
Oração 6, 15, 18, 29, 33, 48, 50, 51, 76, 79, 97, 98, 125, 126, 131, 132, 134, 135, 143, 145, 147, 148, 149, 158, 164, 165, 167, 172, 184, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 216, 219, 220, 228, 231, 232, 234, 240, 246
Orgulho 69, 76, 77, 103, 141, 181, 201, 221

P

Passio nostra: *veja* Operatio Dei (ação de Deus) e passio nostra
Paulus, Nikolaus 14
Perdão de Deus (favor Dei, gratia Dei) 27, 180
Pilatos, Pôncio 49
Polaridade, Conceito de 146
Predestinação 234, 252, 253
Presunção 103, 207
Príncipes, Prelados e Papas 19, 28, 40, 42, 43, 44, 47, 70, 71, 79, 97, 100, 105, 112, 114, 117, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 135, 139, 140, 141, 153, 161, 164, 167, 168, 187, 197, 199, 205, 209, 210, 219, 220, 221, 258

R

Regeneração 144, 155, 157, 228
Reinos, os Dois (duo regna) 15, 60, 80, 83, 89, 107, 128, 129, 153, 177, 181
Revelação 37, 152, 182
Ritschl, Otto 67, 68
Runestam, Arvid 13, 73, 88, 89, 110, 118

S

Salomão 164, 210, 224, 236, 237
Samuel 236, 237
Satã 175: *veja* Diabo

Saul 236
Schifferdecker, P. H. 55, 56, 63, 64
Seeberg, Erich 68
Sociais, fatores 184
Söderblom, Nathan 202
Soldados: ordem e vida dos 19, 23, 32, 71, 100, 220
Solicitude (preocupação pelo futuro) 233
Stomps, M. A. H. 38
Super-homem: *veja* Viri heroici

T

Tauler, Johann 14, 245
Tentação: na vocação 79, 83, 91, 95, 103, 134, 143, 154, 176, 183, 197, 207
Theologia crucis 38, 67, 68
Thieme, Karl 57
Tirania 103, 121
Törnvall, Gustav 42
Transição, Conceito de 154
Troeltsch, Ernst 79
Turcos 17, 48, 49, 97, 98, 101, 112, 125, 149, 197, 201, 220, 234, 235

V

Vaidade, Conceito de 182
Virgem Maria 195
Viri heroici (super-homens, Wunderleute) 107, 170
Vivificatio: *veja* Mortificatio
Vocação (Vocatio, klesis, Beruf) 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 40, 54, 78, 90, 215
Vogelsang, Erich 68
Volkstum, Conceito de 93
Vontade: livre e cativa (liberum arbitrium e servu 31, 32, 234

Editora da ULBRA

Editora Concórdia

É a vocação um dos conceitos fundamentais no esquema teológico de Lutero, pois corresponde ao ensino da santificação, doutrina essa que ele sempre entende como a prática do amor numa relação com os outros e jamais em um aperfeiçoamento moralista, solitário, individual, fora do mundo e dos relacionamentos interpessoais. Por isso, rejeita a santificação monástica entre quatro paredes e a imitação dos santos, obras feitas não para o próximo, e, sim, para Deus, e, em última análise, para o indivíduo que as pratica por acreditar que elas ajudam na própria salvação. Também não aceita Lutero a santificação proposta pelos Schwärmer (fanáticos ou entusiastas), caracterizada por uma visão puramente negativa das coisas do mundo, constituindo-se, desse modo, numa recaída na ética monástica medieval.

ISBN 85-7528-158-5

9 788575 281581